
BROKEN
By A.E. Murphy



Disponibilização: *Eva*

Tradução: *Gilmara, Keira Ride*

Revisão: *Keira Ride*

Revisão Final: *Miss Mayple, Nala*

Leitura Final: *Miss Mayple*

Formatação: *Fanny*

Janeiro/2020

Caleb é perfeito em todos os sentidos, quase perfeito demais e **Gwen** nunca foi tão feliz. Ele é dela e ela é dele. A vida não poderia ser melhor e o amor deles não poderia ser mais forte. E assim foi, até que erros foram cometidos e o mundo deles desmoronou. Ela fica sozinha, sem dinheiro, sem casa e com um bebê a caminho. Como vai sobreviver?

Ela é forçada a deixar a faculdade de culinária, o trabalho que tanto precisa e a casa que os dois montaram juntos. No entanto, Gwen encontra um cavaleiro em quem menos espera. O irmão de Caleb, **Nathan**. Um homem complexo, com fobias que ela não entende e manias que não são compatíveis com sua idade. Será ela capaz de derreter seu coração, aparentemente congelado e os dois poderão se tornar amigos? Ou ele irá afastá-la para sempre, mergulhado na sua solidão e no ódio que tem por si mesmo?

SWEET CLUB BOOK'S

1

Caminho ao longo da praia, com meus pés afundando na areia macia a cada passo. Olhando por cima do meu ombro, sorrio para cada pegada que meus pés deixam para trás. Marcas são uma coisa surpreendente, até mesmo aquelas que você não pode ver. Elas te fazem refletir sobre quem já caminhou exatamente onde você está andando. Quem já passou por este mesmo caminho? Quais eram as suas preocupações? Quem os amava? Ainda estão vivos?

A vida é tão bonita.

Agora mesmo, tudo está bom. Não. Tudo está ótimo. Tranquilo. Estou feliz.

“Eu posso caminhar com você?” Uma voz desconhecida pergunta passos atrás de mim.

Olho para o homem e meu coração para.

Eu o encaro, observando seu rosto, os olhos que são de um castanho claro que não posso nomear, uma sombra que lembra leite com chocolate. Perco-me tão facilmente neles, tão rapidamente; os sons ao redor desaparecem e meu coração parece estar latejando em minha cabeça. Sinto minha pulsação acelerada, vibrando por todo meu corpo.

Ele sorri de forma lenta e suave, todo o seu rosto se ilumina com o movimento. Tão lindo, extremamente bonito. A forma como o sol ilumina o seu longo cabelo escuro é perfeita. Seu cabelo não é muito longo, mas é o suficiente para ser colocado atrás das orelhas.

O sol ilumina cada curva e o contorno de seu peito esculpido. O seu corpo está em forma e nunca vi um tão lindo assim.

“Uau,” deixo escapar sem querer e o meu rosto se aquece.

Por que disse isso em voz alta?

Não há como negar o fato que provavelmente estou tão vermelha quanto um tomate. Isso é humilhante.

O sorriso dele se alarga e seus olhos se enrugam nos cantos, a diversão ficando evidente. “Eu sou Caleb.”

“Caleb.” Repito o nome dele; soa bem, parece bom. Eu quero dizer novamente. “Eu sou Gwen.”

“É um prazer te conhecer, Gwen.” O sorriso dele não vacila, até que leva os meus dedos à boca e dá o mais suave beijo neles. Ele não pode ter mais que vinte anos, mas já é um cavalheiro.

Nunca mais lavarei essa mão.

Quando ele solta minha mão, eu olho para a areia embaixo dos meus pés e coloco meu cabelo atrás da orelha com a mesma mão, lutando com o desejo de tocar no local que ele docemente acabou de beijar.

“Posso caminhar com você?” Ele pergunta, seu sorriso fácil agora é contagiante. Ele parece tão feliz e despreocupado. Eu nunca conheci uma pessoa tão feliz. Transborda dele em ondas, tanto que quase posso ver um brilho emanando do seu corpo.

“Você vai me matar?” Cale a boca, grito em meus pensamentos para mim mesma. Eu pareço uma idiota. Por que sempre faço isto? Sou tão incapaz de interagir?

“Se eu responder a essa pergunta, você acreditará em mim?” Ele tem um ponto. “Quer dizer, de qualquer forma você não tem como saber se estou dizendo a verdade até que concretize o plano doentio e distorcido de assassinato que provavelmente estou maquinando agora mesmo na cabeça.” Ele dá um passo mais perto e duas covinhas aparecem nas bochechas enquanto sorri com a boca fechada. Eu imagino que ele está tentando imitar o sorriso maníaco de uma pessoa louca, mas mesmo assim é muito adorável.

“Bem pensado,” eu rio, dando um sorriso sincero.

“Aí está!” Ele sorri e me para com as mãos em meus braços, o contato dos seus dedos e suas palmas quentes contra a minha pele fresca envia arrepios a lugares que eu não sabia que existia até agora. Ele me vira para ficar de frente para ele, bloqueando o sol com a parte de trás da sua cabeça. Olho para cima, quase incapaz de ver seu rosto, devido à sombra entre nós.

“Aí está o que?” Franzo meus lábios, tentando não rir.

“O momento em que você rouba meu coração” ele anuncia, com os olhos brilhando, as mãos permanecem em meus ombros.

A risada me escapa antes que eu consiga segurar. “Sério?”

“Ora, vamos! Essa era a minha melhor cantada.”

“Claro,” eu bufo, enquanto reviro os olhos para longe. Eu vejo um homem passeando com seu cachorro indo em direção as ondas. “Isso é uma piada?” Meus olhos permanecem no homem e no cachorro feliz, que está pulando. Minhas inseguranças não me permitirão olhar para Caleb com medo de ver rejeição nos olhos dele.

“Que idiota fez você acreditar que não é boa o bastante?”

Minhas bochechas esquentam. “Não é isso.” Viro em direção para onde estava indo e começo andar. Caleb mantém o passo ao meu lado.

“Então, você mora por aqui?” Ele pergunta gentilmente e fico contente que não insiste em uma explicação sobre as minhas inseguranças.

“Desde que nasci.”

“É agradável aqui. Nós estivemos aqui algumas vezes.”

“Nós?” Mastigo meu lábio, enquanto odeio a decepção que sinto por saber que ele não mora aqui.

“Meu irmão, mãe e pai.” Ele chuta uma alga marinha morta com seu pé descalço. Nós dois ficamos observando a alga enquanto ela voa pelo ar e rio quando o cachorro começa a persegui-la, puxando o dono junto. “Você tem irmãos?”

“Não, minha mãe não é a pessoa mais maternal no mundo.”

Ele faz uma carranca, enquanto inclina a cabeça para conseguir ver meu rosto claramente. “Eu não gosto disso.”

Aperto meus lábios e gostaria de não ter dito nada. A última coisa que quero fazer é dar a entender que tenho algum tipo de história triste. “Você está gostando de Skegness?”

“Estou. É uma pequena agradável cidade no litoral.”

“É sim.” Nós ficamos em um silêncio confortável, o vento trazendo o som das pessoas gritando de alegria. É de um pequeno parque cerca de um quilômetro daqui. Skegness é uma cidade tão pequena que você pode ouvir os gritos praticamente em qualquer lugar, se escutar com atenção suficiente, da mesma maneira que sempre se pode sentir o ar salgado do mar.

“Então Gwen é apelido de...?”

“Guinevere.”

“Esse é um nome interessante.”

“Combina com a minha personalidade muito bem.” Eu sorrio e ele responde com um simples, “Tanto faz.”

Olho para ele do canto do meu olho. “Caleb é só Caleb, certo?”

O sorriso permanece no seu rosto. Como eu gostaria de poder sorrir tão graciosamente assim o tempo todo. “Sim. E quantos anos você tem, Gwenny?”

“Gwenny?” Eu bufo e levanto uma sobrancelha para ele. Eu não tenho certeza se gosto disso.

“Se nós faremos essa coisa de encontros, precisamos de apelidos. Então qual é o meu?”

Encontros? Apelidos? Este homem bonito quer sair comigo? “Humm...”

Ele me interrompe. “Isso não importa. São detalhes que podemos resolver outra hora. Então... quantos anos?”

“Você está me analisando? Certificando-se de que sou o alvo compatível para a sua lista de vítimas? O que tenho em comum com os outros? São meus olhos verdes ou minha brilhante personalidade?” Eu zombo.

Ele inclina a cabeça e dá uma gargalhada; é um som bonito. “Quer saber, Gwenny?” O braço dele desliza no meu ombro tão casualmente como se nos conhecêssemos há anos. “Que dia glorioso está sendo hoje.” Como ele me puxa mais apertado, sinto o cheiro de coco em sua pele. Sem dúvida é o cheiro do protetor solar, mas é delicioso mesmo assim. “Mas falando sério, tenho vinte. Acabei de fazer vinte anos, há duas semanas atrás.”

“Eu tenho dezoito, dezenove em cinco meses.”

"Você se encaixa perfeitamente no perfil" ele diz, o seu lindo sorriso desaparece e é substituído com um sorriso defeituoso de psicopata. Ele é bonito demais para ficar parecendo como um. "Há um lugar mais sossegado para irmos para que assim eu possa executar meu plano insano de te desmembrar e lançar seus restos no oceano para alimentar os tubarões?"

Eu me forço a parar de rir, mas não consigo evitar. Pareço uma tonta.

Viramos antes de chegar ao asfalto e começo a voltar pelo mesmo caminho por onde viemos. O braço dele desliza do meu ombro, mas ele permanece por perto enquanto caminhamos silenciosamente pela praia. O ar resfria a pele onde o braço dele estava momentos atrás.

Quero seu braço de volta.

"Iremos nos encontrar neste ponto..." Ele nos para novamente depois de alguns minutos andando e deixando as marcas de pés na areia antes de apontar com o braço para me mostrar o local. "Na mesma hora amanhã." Ele se inclina, enquanto olha fixamente para mim. "Tudo bem para você, Gwenny?"

"Você não quer o meu número?" Tenho certeza que essa é a forma normal de se fazer coisas.

Ele balança a cabeça. "Tenho a impressão que eu receberia uma desculpa em uma mensagem de texto. Acho que se você não tiver uma maneira de me avisar que não virá, você não me daria um bolo."

"Esperto." Sorrio. Ele parece ser bom em ler as pessoas porque isso é exatamente o que eu faria. "Gostei."

"Bom, venha. Sorvete. Por minha conta."

“Você não está vestido,” digo, enquanto aponto para a sua bermuda azul escura florida e a falta de camisa.

Ele parece pensar nisso por um momento antes de seus olhos maliciosos olharem para mim. “Você não perde nenhum detalhe né?” Encolho os ombros em resposta. Ele continua a falar. “Você tem os olhos mais lindos que já vi.”

Tum. Tum. Tum. Bate forte agora o meu coração.

“O... o que isso tem a ver com você seminu?” Gaguejo, enquanto tento acalmar minha respiração.

“Se eu conseguir ter seus olhos em mim como eles estão agora, acho que nunca vou me vestir novamente.”

Uma risadinha me escapa e balanço a cabeça, enquanto deixo meu cabelo ser uma parede entre nós. Ele coloca o cabeço atrás de minha orelha, sorrindo. Seu cheiro ainda é forte e o calor do seu corpo está fazendo meu ego virginal aquecer de modos que fariam uma freira corar.

“Então... sorvete?”

“Com certeza.”

“Eu conheço um ótimo lugar perto das rochas; não vamos nem mesmo deixar a praia.” Sua cabeça se inclina e os seus olhos brilham com humor. “É claro que é uma área pública.”

“Eu gostaria, obrigada.”

Ele me leva para tomar sorvete e senta na minha frente na areia. De vez em quando me alimenta com chocolate na ponta do biscoito. É atraente; ele é atraente. Esta situação é tão surreal. Coisas assim não acontecem comigo. Não tenho nada de especial. Eu sempre fui praticamente invisível para o sexo oposto, então essa é uma experiência totalmente nova. Eu não estou segura se é minha ingenuidade, inocência ou falta de experiência que está me fazendo gostar tão facilmente dele.

Ele é tão doce, encantador e feliz. Estar ao seu redor me faz sentir da mesma maneira. O sorriso e a risada são contagiosas, principalmente seu amor pela vida. Se agora mesmo me pedisse para pular de um avião com ele, só por causa da adrenalina, eu pularia. Ele é perigoso, é viciante e todos os segundos que gasto com ele perco um pedaço do meu coração e o prendo ao seu.

Minha mãe provavelmente enlouqueceria se soubesse o quão facilmente topei sair com um homem que mal conheço e aceitei comida dele. Não é uma coisa segura para se fazer, mas por alguma razão confio nele. Embora eu provavelmente não devesse, mas confio. Ele ainda me levou a um encontro em um espaço público.

É tão charmoso e amigável, sem mencionar que é completamente lindo. Ridiculamente lindo.

Nunca fui muito de rir mas ele me faz dar risada... e muito. Muito mesmo. Devo parecer uma idiota.

Toda vez que recebe uma resposta minha, sorri largamente como se estivesse orgulhoso de si mesmo.

“Está ficando tarde. Vou acompanhá-la até a sua rua,” ele diz e oferece a mão para eu pegar. Eu aceito. “E então nos encontraremos no mesmo lugar amanhã. Se você não aparecer, não haverá nenhum ressentimento.”

Oh eu vou aparecer. Definitivamente estarei lá. “Está bem. E se você não aparecer...”

Ele põe o dedo sobre meus lábios. “Não diga esse absurdo. Eu vou aparecer.”

Isso aquece o meu coração a temperaturas perigosas.

Nós caminhamos de mãos dadas ao longo da calçada rachada, finalmente parando, depois de cinco minutos, na esquina da minha rua.

A mão dele desliza pelo meu braço e para na parte de trás do meu pescoço enquanto levanta nossos dedos juntos pressionando contra o seu peito. “Amanhã.”

“Amanhã,” eu engulo e estremeço enquanto os seus lábios tocam minha bochecha. Ele me solta, para minha decepção, e começa a andar de volta em direção à praia. Eu o vejo sorrir para mim por cima do ombro antes de me virar e correr para minha casa.

***

“Mãe!” Eu grito enquanto corro pela porta, subindo as escadas e me jogando na cama. Meu telefone, que ficou carregando durante o dia, se acende no instante em que meu dedo toca a tela. Não fico surpresa pela falta de notificações. Minha lista de amigos é pequena.

“O que?” Ela responde e entra no meu quarto parecendo cansada e irritada. “O que é?”

“Eu conheci um cara!” Sorrio, cruzo minhas pernas embaixo do corpo e agarro um travesseiro apertado no meu peito, esquecendo-me do telefone e da falta de vida social. “Mãe, ele é absolutamente lindo.”

Mamãe revira os olhos. “Bom para você. Não fique grávida.” Ela bate a porta do quarto atrás dela.

Nota mental: não acorde sua mãe para contar sobre garotos depois que ela trabalhou em um turno noturno. Pode irritá-la.

Minha mãe pode ser meio cadela de vez em quando, mas que mãe não é às vezes? Sei que me ama, mas sou apenas uma inconveniência. Eu sei que sempre me deu tudo que precisava e sei que está orgulhosa de eu viver a vida que ela queria, mas

nunca teve. Ela também trabalha duro para isso; não é como se eu estivesse sozinha por conta própria. Quero ir para a universidade quando terminar a escola. Termino no verão e fui aceita em algumas universidades aqui por perto. O problema é o dinheiro. Eu estou tentando conseguir algum empréstimo estudantil, mas não quero pegar uma quantia alta e me enterrar em uma tonelada de dívidas.

Por isso, minha mãe e eu estamos trabalhando para que eu possa me formar e ter dinheiro durante o curso na universidade, não só para os meus gastos pessoais, mas também as minhas despesas universitárias.

Durmo por uma hora, tomo uma ducha e me preparo para o trabalho. Hoje à noite vou trabalhar Chicago´s. Amanhã estarei em um café durante a maior parte da manhã e em seguida, irei à praia com Caleb.

Uma noite ocupada e um dia ocupado. Brilhante.

***

Estou sentada na areia apreciando a brisa quando o sinto sentar ao meu lado. “Você veio.” Por que ouço alívio na voz dele e tom de choque?

“Claro que eu vim,” digo, como se qualquer outra opção fosse detestável. Talvez teria sido. Não havia como deixá-lo esperando, mesmo sabendo que isso não pode ir a lugar nenhum. Eu não quero perder minha chance de conhecê-lo melhor.

Ficamos sentados em silêncio por um momento e observamos as ondas quebrando na costa.

A mão dele se fecha lentamente sobre a minha. “Você parece perdida em pensamentos.”

“Eu só estou um pouco cansada.” Provo isso ao bocejar.

“Você gostaria de ir para casa?”

“Não.” Honestamente não gostaria. Quero ficar aqui sempre. Eu me sinto confortável, feliz. “Qual é o seu sobrenome?”

“Você está traçando meu perfil?” Ele zomba e brincando bato no braço dele. “Oh Deus, temos uma agressora! Médico! Médico.”

“Você é tão estranho,” eu rio e me levanto. Ele pega a minha mão e se levanta de frente para mim. “Então, de todos os lugares que poderia estar, o que faz aqui?” Eu pergunto. “Posso dizer pelo seu sotaque que você é de fora da cidade. Acho que Skegness não foi sua primeira escolha?”

Ele encolhe os ombros. “Meu pai está abrindo uma loja perto daqui. Ele trouxe a mim e ao meu irmão mais velho junto.”

“Uma loja?” Eu prossigo e noto as bochechas dele ligeiramente rosa. “Você está na universidade?”

Ele sorri e acena com a cabeça. “Sim. Oxford.”

Impressionante. “Bom para você.” Nós começamos a caminhar ao longo da praia. “O que está estudando?”

“Direito.”

Muito impressionante. “Isso é muito bom.”

“E você?”

“Eu quero estudar arte culinária.”

“Você cozinha?”

Encolho os ombros. “Eu tento. Quando você vai voltar?”

“Nunca.” Ele sorri e leva minha mão à dele. “Acabei de encontrar a menina dos meus sonhos. Por que eu voltaria?”

Eu bufo e reviro meus olhos. “Agora sei que você só quer entrar em minhas calças.”

“Na-não,” ele diz como uma criança chorona. “Prometo que não vou nem mesmo tentar. Nem uma única vez. Não até que você me implore.”

Ótimo, estou rindo novamente. “Estou falando sério. Quando você vai embora?”

“Dei meu coração a você ontem e já está tentando se livrar de mim?” Ele coloca a mão no peito e cambaleia para trás alegremente como se tivesse acabado de lhe dar um tiro.

“Pare com isso,” eu o repreendo, mas minha risada só diz o contrário. Ele joga o braço ao redor dos meus ombros e me puxa junto. Eu suspiro, derrotada. “Tudo bem, não me diga.”

Seu rosto fica sério. “Eu estou falando sério, Gwenny. Nunca mais voltarei com eles.”

***

Minhas palmas estão suando. Estive temendo este momento durante todo o dia. O sol está finalmente se pondo, ainda que não possa vê-lo se pondo daqui como em alguns outros oceanos. O céu só fica mais escuro.

“Eu amaria ver um pôr-do-sol de verdade, um que deixasse o céu parecendo pegar fogo.”

“Um dia vou te beijar num pôr-do-sol de verdade, numa praia cheia de areia branca.” Ele promete.

Jogo minha cabeça para trás e rio, minhas preocupações esquecidas momentaneamente. “Você nem mesmo me beijou nessa praia debaixo do céu cinza e já está planejando sob céus em chamas e areias brancas?”

“Bem, vamos ter que corrigir isso.” Ele sorri e caminha de costas em frente a mim. Fico olhando para as nossas pegadas, gostaria de poder fazer um molde delas para guardar para sempre. Mesmo se isso terminar tão depressa quanto começou, vou apreciar a lembrança por toda a eternidade.

“Então, o que estamos fazendo?” Pergunto quando paramos no ponto em que nos conhecemos e olhamos para o mar.

O sorriso dele é insolente. “Pensei que eu ia beijar você.”

Coro. “Oh. Humm...”

“Isso é, a menos que você não queira.”

“Eu quero,” digo abruptamente, o meu rosto aquecendo ainda mais. “É só que... não beijo um cara desde que tinha doze anos.” Eu me odeio. Por que disse isso? Eu poderia apenas ter improvisado.

Ele levanta as sobrancelhas tanto que parecem que vão chegar ao seu couro cabeludo. “Oh.”

“E foi... bem, ele não foi bom. Ou talvez tenha sido eu. Só sei que minha boca tomou um banho naquele dia e não foi algo que apreciei.” Estou divagando. “Mas eu gostaria de te beijar. Definitivamente.” Alguém me dê uma arma, assim posso me matar. “Isso é... ruim?”

“Não, é só que... você é tão bonita. Não posso ser o único homem a ter seus lábios preenchendo meus pensamentos.”

Eu mordo meu lábio e encolho os ombros. “Acho que sempre fui quieta. Todo o mundo não me vê.”

Ele coloca as mãos de cada lado do meu rosto e olha diretamente em meus olhos. “Agora acho *isso* impossível de acreditar. Talvez simplesmente não fossem tão corajosos quanto eu.”

“Estou contente que não foram,” murmuro e o seu rosto se ilumina ainda mais.

“Eu vou te beijar agora,” ele afirma e dá um passo mais perto.

“Ok,” suspiro e levanto a minha boca para a dele. E ele traz a sua pelo restante do caminho.

Eu nunca fui uma pessoa teatral, mas posso dizer honestamente que o tempo parou. Os seus lábios se movem nos meus como se fossem feitos para me beijar e apenas para isso. Ele assume o comando, me ensinando, sendo paciente e lento. Estou feliz. Meu corpo vibra com ansiedade e alegria. As mãos dele deslizam na parte de trás do meu pescoço e ele deixa escapar um baixo gemido que ecoa pela sua garganta enquanto desliza sua língua em minha boca e aprofunda o beijo. Tudo em mim vibra, tudo. Eu nunca me senti tão sensível. Até mesmo a brisa faz minha pele formigar.

Nunca acreditei em amor à primeira vista, ou, se uma vez pensei, nunca imaginei que um dia aconteceria comigo.

Aconteceu. Estou tão certa disso que posso sentir em meus ossos.

Encontrei o homem dos sonhos de toda mulher e não vou deixá-lo ir.

2

Caleb mastiga o lábio inferior enquanto andamos pela calçada da minha casa. Depois de duas semanas de encontros, está na hora dele conhecer minha mãe. Claro que contei a ela sobre ele, mas não muito. Nós duas somos muito ocupadas para termos uma conversa apropriada e depois há o fato de que tenho passado todo o meu tempo livre com Caleb. Ele é perfeito, tão perfeito.

Amo passar tempo com ele e, assim como me prometeu, ainda não foi embora. Eu me sinto culpada por mantê-lo longe da família, mas é sua decisão. Se aqui é onde ele está feliz, eu não irei reclamar, embora ela tenha se esquivado toda vez quando tento conversar sobre isso, pois fico um pouco preocupada.

“Nervoso?” Eu pergunto com um sorriso, entrelaçando os meus dedos nos dele.

“Se ela me odiar e lhe disser para terminar comigo, você vai?” Os seus olhos marrons claros brilham com malícia, mas também vejo nervosismo escurecer a luz que brilha tão intensamente nele.

“Nunca,” prometo a ele e estou sendo verdadeira. Minha mãe tem nenhuma razão para odiá-lo, mas se por alguma razão estranha, não gostar, mesmo assim nunca o deixarei por isso.

Eu tenho dezoito anos, idade suficiente para fazer as minhas próprias escolhas e Caleb é a minha escolha.

“Vamos lá.” Dou-lhe a mão e o empurro pela porta da frente da minha casa. “Mãe?”

“Na cozinha,” ela responde. Dou a Caleb um sorriso tranquilizador e o levo através da sala para a cozinha. “Oi, Caleb. Eu sou Dawn. Prazer em conhecê-lo.”

Caleb dá um aperto na mão dela e acena. “Igualmente, Dawn.”

Minha mãe senta à mesa pequena de quatro lugares e acena para seguirmos o seu exemplo. As minhas mãos estão suando, estou tão nervosa. Este é o primeiro cara que eu trago para casa, principalmente porque é meu primeiro namorado.

Eu tenho muito bom gosto; isto está bastante claro.

Minha mãe também pensa assim, e dá uma piscada em minha direção como se tivesse alguma coisa em seu olho. “Então... você está estudando direito?”

“Sim, senhora,” Caleb diz, com um sorriso pequeno e nervoso que franze a borda de seus lábios.

“Em Oxford?”

“Sim.”

“Então, como você espera que isso funcione entre você e Gwen?” Minha mãe tem uma expressão severa. *Ai ai.* Ela não perde tempo. Não sei se fico envergonhada ou chateada.

Talvez eu deva sentir os dois.

“Mãe,” eu advirto.

Ele não desvia ou hesita, apenas sorri mais largamente. “Vou me mudar para cá.”

“Como seus pais sentem sobre isto?” Minha mãe pergunta e olha para mim. Por que ela está olhando para mim?

“Eles odiaram, mas eu tomo minhas próprias decisões.” Ele dá de ombros.

Minha mãe suspira e balança a cabeça. “É sua decisão, mas jogar fora a sua educação brilhante por uma menina que conhece a duas semanas, é ridículo – na melhor das hipóteses.”

“Mãe!” Eu ofego.

Caleb dá de ombros novamente. “Eu sei o que é melhor para mim e se isso é ridículo, então acho que sou culpado.”

“Oh você é muito encantador.” Os olhos de minha mãe se estreitam, desconfiada do homem diante dela. Nós observamos e esperamos enquanto ela se levanta e caminha até as gavetas. O que está fazendo? O que tem nessa sacola? Oh querido Deus, não. Ela joga a sacola na mesa e alguns preservativos caem na superfície. “Não a engravide. Você pode estar disposto a renunciar sua educação por ela, mas...”

Eu dobro meus braços na mesa e enterro meu rosto no meio deles.

Estou simplesmente mortificada. Não há nenhum espaço para qualquer outro tipo de emoção.

“Não se preocupe com isto.” Caleb acena para ela. “Segurança em primeiro lugar. Juro pelo meu coração.”

Oh, ele está desfrutando disso. “Caleb!”

“Só estou dizendo,” ele afirma, enquanto tenta suprimir o sorriso, mas falhando segundos depois. “Prometo fazer tudo que está ao meu alcance para manter Gwenny na escola até ela se formar.”

Mamãe gosta disso; eu posso dizer pelo sorriso dela. “Bom.” Depois de exalar uma respiração longa, ela continua, “Então, me diga quais são seus planos. Espero que você não pense em vir morar aqui...”

“Eu comecei a procurar por apartamentos perto da universidade,” ele diz e coloca a mão em cima da mesa. “Tenho uma poupança, assim, dinheiro não é problema.”

Uma poupança? Por que estou sabendo disso tudo só agora? Eu sei que só tem duas semanas que começamos a nos encontrar mas ele deveria saber que minha mãe poderia perguntar. Não teria sido melhor ter falado disso comigo antes?

“Certo, bom.” Minha mãe acena, fazendo um ligeiro beicinho enquanto pensa sobre isso. “Bem, você é adulto. É a sua vida; fará como quiser. No entanto,” ela me dá um olhar aguçado “não leve a mal, mas ele é apenas um garoto. Não se distraia.”

“Certo,” suspiro e reviro meus olhos. Eu não sou estúpida. Realmente gosto de Caleb, mas quero ir para a Universidade desde que eu era pequena. É importante conquistar o diploma que é exigido para se tornar uma grande chef de cozinha

Nós não temos família. Os pais da minha mãe a abandonaram quando engravidou de mim e não acho que ela saiba quem é meu pai. Suponho que sou o resultado de uma noite que correu mal e, tanto quanto gostaria de odiá-la por isso, nunca a odiei e nem vou.

Eu suponho que atualmente está ficando mais comum que pessoas cresçam sem uma figura paterna. Cresci indiferente a isso, entretanto não nego certas pontadas de ciúme que tive ao ver outros pais com suas filhas.

“Além disso, se você engravidar e ele te abandonar, não precisa voltar aqui,” ela me dá um olhar aguçado.

Caleb faz uma carranca para isso, mas permanece em silêncio. Eu só aceno com a cabeça. O que posso dizer? Acho isso muita hipocrisia considerando as circunstâncias em que

ela engravidou de mim, mas enfim. Não adianta lamentar por algo que nunca vai acontecer.

"Então." Ela sorri calorosamente, agora que toda a seriedade se foi. "Pizza e filme?"

"Viva!" Eu sorrio.

Caleb olha para mim. "Viva? Quem diz *viva*?"

"Você descobrirá muitas coisas que ela diz que ninguém mais fala. Boa sorte."

Eu zombo. "Um monte de gente diz viva."

"Não os normais," Caleb murmura tocando a sua barba rala no queixo. "Mas não gosto do normal, por isso está tudo bem." Então ele sorri, e joga seus braços no ar em um tom de vitória e diz "Viva."

"Tonto."

Depois que a apresentação inicial está terminada e a minha mãe e Caleb foram corretamente apresentados, nós nos aconchegamos na sala de estar. Caleb e eu sentamos lado a lado no sofá, minha mãe senta à direita na poltrona, enquanto assistimos algum filme de ação na televisão. Não estou interessada; estou ocupada jogando guerra de dedo polegar com o cara ao meu lado.

Desejo saber se toda essa conversa sobre gravidez o fez pensar em sexo. É algo que não posso deixar de pensar quando ele me beija e me faz sentir muito sensual e frustrada tudo de uma vez. Eu ainda não estou pronta para dar esse passo.

Ele vai pensar que sou frígida se o recusar?

Eu tenho uma regra que minha mãe me ensinou; ela disse que se você não consegue estar de frente para a pessoa enquanto estiver nua e sentir-se confortável, até certo ponto,

então você não está pronta para o sexo. Gosto de Caleb, muito, mas me sinto confortável com ele? Não, provavelmente não.

Ele pega meu dedo polegar e o leva até a boca e envolve seus lábios ao redor dos meus dedos. Eu grito quando os dentes dele perfuram, beliscando a pele sensível entre eles. Sorrindo triunfalmente, ele me solta e olha para baixo apenas quando o seu telefone o alerta sobre uma mensagem. Estou curiosa por que ele vira a tela para longe. Eu não leria nada espionando por cima do ombro dele em qualquer dia normal, ou de qualquer outra pessoa, seja qual fosse o assunto, mas o segredo dele me preocupa, especialmente considerando o fato que lê a mensagem com uma carranca. Essa é a segunda vez que o vejo fazer uma carranca desde que nos encontramos e ambas as vezes foram hoje.

Nathan: Eu não posso acreditar que você fez isso comigo. Você arruinou tudo. Para mim chega.

"Quem é Nathan?" Eu pergunto sussurrando para que só ele possa ouvir.

Ele mastiga o lábio inferior por um momento e solta um suspiro. "Meu irmão mais velho." Eu o observo colocar seu telefone no bolso sem responder a mensagem.

"Tudo bem?" A minha orelha está contra o peito dele, assim posso ouvir o seu coração batendo mais rapidamente que há um segundo atrás.

"Sim, está." Eu relaxo um pouco até que o ouço falar, mais para si mesmo do que para mim "ele vai superar."

"Superar o quê?"

"Nada." Ele me dá o seu sorriso brilhante e beija a ponta do meu nariz. "São apenas coisas de família."

"Tem a ver com o fato de você se mudar?"

“Provavelmente. Não deixe isso te aborrecer. Assista o filme; você está perdendo a melhor parte.”

* *

Eu faço o que ele pede. Não é da minha conta e não quero que pense que sou uma namorada pegajosa e louca que precisa saber de tudo. Minha confiança nele é maior que a minha confiança em qualquer um, que não é exatamente grande coisa desde que não tenho ninguém mais em que confio na minha vida. A exceção é minha mãe, mas em alguns dias nem mesmo posso confiar nela. Como hoje mais cedo, quando admitiu me abandonar se eu cometesse o mesmo erro que ela cometeu. Isso abalou a minha confiança.

Engano... é o que a minha vida se resume? Um engano? Um acidente?

Já Caleb, sei que ele vai me contar quando estiver pronto e seja o que for que tenha feito, estou certa que não é ruim. Provavelmente é apenas rivalidade entre irmãos, algo que sei pouco porque não tenho irmãos.

“Eu tenho que ir.” Ele se estica quando termina os créditos. “O meu pai está me esperando e tenho algumas coisas que preciso resolver.”

“Vou te ver amanhã?” Pergunto, já sentindo sua falta e ele ainda nem saiu.

“Sim, mas só à tarde.” Ele se levanta e eu também. É bom esticar o meu corpo depois de ficar tanto tempo sentada. “Tudo bem?”

Não. “Claro.” Mentira.

“Bom. Vai me acompanhar até à porta?” O olhar em seu rosto me diz que não deveria dizer não, principalmente porque o olhar em seu rosto grita luxúria. Não há nada que eu goste mais do que uma sessão de beijos com Caleb.

“Dã,” dou risada e o sigo até a porta da frente.

Assim que saio de casa e fecho a porta, sou pressionada contra ela e a boca de Caleb está na minha. Suas mãos apertam os meus quadris enquanto ele se pressiona contra mim. O meu corpo imediatamente acende, as chamas de paixão lambendo a minha pele e nervos. No momento em que a sua língua empurra através dos meus lábios, estou uma bagunça tremendo. Minhas mãos enroscam no cabelo dele e a calcinha está tão molhada, que estou surpresa que não tenha dissolvido.

“Você é perfeita,” ele sussurra contra a minha boca antes de descansar sua testa contra a minha. “Como pode uma pessoa ser tão perfeita?”

“Eu tenho calos,” digo como uma maneira de provar o fato que estou longe de ser perfeita.

As suas mãos quentes deslizam para baixo da minha camisa e ao longo do cós da calça. Ele toca a pele nua acima dos meus quadris e pressiona sua dura protuberância contra mim. “Cada centímetro de você é a perfeição. Não posso esperar para ver tudo.”

Ele pisca os olhos.

“Estou falando sério.” Ele parece sério. Sua mão aperta a minha e as leva ao seu peito. “Você faz meu coração disparar apenas de olhar para mim.”

“Você também,” suspiro, enquanto quero rir das suas palavras, mas estou muito tonta no momento. Meus lábios percorrem e beijam o seu pescoço macio. Correndo meu nariz ao longo da sua barba rala, deslizo as mãos no cabelo longo.

Ele sorri em resposta e os seus olhos se iluminam com desejo. “Mesmo que isso não dure, vou guardar essa sensação para sempre.”

Ele sorri, os seus dentes brilham com o reflexo das luzes da rua. “Vai durar.”

“Espero que sim.”

As mãos dele agarram meus ombros enquanto dá um passo atrás. “Você vai ver. Isso vai durar.”

Eu repito minhas palavras mentalmente. Espero que sim.

“Até amanhã.” Ele beija meus lábios franzidos mais uma vez e caminha de costas para fora da minha calçada, sem se virar, enquanto volto para dentro.

“Ele parece simpático,” Mamãe diz e meu coração fica ainda mais feliz. “Quase simpático demais.”

Faço uma carranca. “O que isso significa?”

“Você alguma vez já ouviu a expressão ‘cuidado com o lobo em pele de cordeiro’?”

Reviro meus olhos e solto uma respiração. “Caleb não é um lobo, mãe. Ele é um cara legal.”

“Tanto faz, só não fique grávida.”

Suspiro. “Eu não vou, Mãe.”

“Isso foi o que eu disse.” Ela resmunga e meu coração definitivamente já não está mais feliz.

“Bem, sinto muito que o meu nascimento tenha sido um inconveniente para você.” Não digo isto furiosamente; minha voz é fraca e derrotada. O pior é que ela não me corrige. Eu caminho solene e lentamente para meu quarto, esperando o tempo todo que ela me corrija.

Tenho que trabalhar hoje, mas não presto atenção no trabalho. Eu gosto de estar ocupada e meu chefe Charlie é muito legal. Ele é um cara mais velho, pelo menos sessenta anos, e é divertido para conversar.

Rimos muito enquanto fazemos e servimos bebidas para os clientes. O café é pequeno, mas normalmente é bastante movimentado. Hoje estou tão atarefada, que nem sequer percebo quando Caleb entra até que ele está com suas mãos nos meus quadris e solto um grito de choque.

"Não faça isso," lamento mas não posso conter meu sorriso.

"O melhor sorriso sempre. Eu quero que você sorria para mim cada vez que me cumprimentar." Ele mergulha a cabeça e pressiona seus lábios contra os meus brevemente.

Eu coro com as suas palavras e coro ainda mais quando o meu patrão limpa a garganta. "Vá se sentar," exijo e empurro Caleb para uma mesa vazia. "O que você quer beber?"

"Leite morno com mel."

Levanto uma sobrancelha. "Leite morno com mel?"

Os seus olhos ficam um pouco mais amplos, quase na defensiva. "O que há de errado com leite morno e mel?"

"Bem, é..."

"Bebida de menina," meu chefe diz em uma risada. Vou fingir por um momento que isso não é totalmente machista.

Caleb faz uma carranca sorridente para mim. "É tradição familiar das sextas-feiras. Toda sexta-feira nos sentamos juntos e assistimos a um filme com leite quente e mel."

"Então por que você está aqui e não com eles?"

Ele sorri, enquanto mostra os dentes brancos perfeitos. “Porque tenho uma família nova agora e ela precisa aprender a tradição.”

Tum. Tum. Tum. Faz o meu coração.

“Então, tire dez minutos para beber comigo a minha bebida de menina,” ele zomba e bate levemente na cadeira ao lado dele. “Por Favooooooooor?”

“Vá em frente,” meu chefe ri e me empurra para a cadeira. “Você quase não descansou ainda. Sente-se.”

“Viva!” Caleb saúda e me puxa sobre o colo.

“Viva?” Charlie pergunta, o seu rosto mostrando surpresa.

“Muitas pessoas dizem viva,” defendo meu namorado.

Ha! Eu tenho um namorado.

“Só você e ele.” Charlie ri e dá a Caleb um olhar aguçado. “Corra enquanto ainda pode.”

Caleb morde o meu pescoço enquanto observo Charlie caminhar em direção ao balcão. “Acha que eu deveria correr enquanto ainda posso?”

Aceno com minha cabeça. “Não. Acho que você deve ficar.”

“Bem, eu acho isso bom, porque...” ele deixa a sua voz desvanecer antes de me apertar anunciando: “Me matriculei.”

“Você se matriculou?” Porra. Ele acaba de se matricular.

“Sim e...” Ele abaixa sua voz mais uma vez. “Fui ver alguns apartamentos. Eu me mudo na semana que vem.”

Porra dupla. Do tipo bom.

"Oh meu Deus," eu rio. "Isso significa..." E então vêm as lágrimas.

"Ei," ele me acalma e me puxa apertado para ele, a sua mão acariciando meu cabelo. "Qual é o problema?"

"Pensei que você ia me deixar," fungo e enterro o meu rosto em seu pescoço. Eu sei que este nível de emoção é irracional, mas não posso me controlar. Queria poder explicar ou focar no porquê me sinto desta maneira, mas não consigo. Caleb já significa muito para mim e estava certa que ele estaria indo embora. Pensei que nós seríamos o próximo romance de verão que realmente termina antes de começar, então essa é literalmente a melhor notícia. "Eu realmente pensei que você só queria fazer sexo comigo."

Ele me puxa para trás e enxuga as minhas lágrimas ridículas com o polegar. "Bem," ele sacode as sobrancelhas duas vezes. "Isso também."

Como posso rir enquanto choro? É estranho e não deveria ser possível. "Tonto."

"É errado da minha parte estar animado para tomar sua inocência e fazer de você, completamente, minha?"

A minha respiração para e o meu estômago se aquece em antecipação para a noite que provavelmente virá. "Eu não penso assim."

"Bom." Ele morde o lóbulo de minha orelha. "Porque estou muito, muito animado." Posso imaginar pela protuberância debaixo do meu traseiro e tenho que dizer, está me fazendo sentir coisas que eu nunca senti. Nunca senti luxúria e desejei tanto quanto desejo Caleb. Nunca.

"Dois leites com mel." Charlie diz me tirando de meu torpor de excitação.

"Genial," Caleb sorri. "Obrigado."

"Sim," digo e tomo um gole de minha bebida quente. "Oh meu Deus, isso é incrível."

"Eu sei, certo?" Caleb não me deixa sair de seu colo. Ele me mantém lá e bebe sua bebida.

3

Eu não posso acreditar que ele está se mudando para cá de verdade! Nunca pensei que ele faria isso. Pensei que fosse tudo uma provocação para entrar em minhas calças, não que alguém pudesse me culpar por pensar dessa forma. Agora me sinto muito culpada. Ele apenas me beijou e demos alguns amassos. Nunca tentou dormir de fato comigo, entretanto, para ser honesta, nunca tivemos a oportunidade.

"O que dirão seus pais sobre isso?"

"Meus pais são uns idiotas." Esta é a resposta dele e não tenho certeza de como responder. Isso me preocupa um pouco.

"Fale-me sobre eles."

Ele parece pensar por um momento antes de continuar. "Eles são ricos e pensam que isso lhe dá direitos. Nathan e eu nunca fomos autorizados a fazer qualquer coisa errada a não ser crescer. O menor erro e já ficávamos de castigo por semanas; às vezes, papai nos batia com o seu cinto. Nathan sempre recebia o pior de tudo. Ele tomou um monte de merda por mim."

"Isso é triste."

Os olhos dele parecem brilhar por um momento. "É o que é. Eles odeiam isso; não porque se preocupam, mas porque querem o controle. Isso é um pouco de como eles são."

"Eles vão me culpar."

Ele acena com a cabeça. "Não vou mentir, provavelmente sim, mas a manterei longe deles. São pessoas desprezíveis e

não quero aquele dois em qualquer lugar perto de você. Você não deveria ser contaminada por pessoas como eles."

"Eles são seus pais."

"E por essa razão, os amo muito, lá no fundo, bem no fundo. Também por causa disso, eu sei que tipo de pessoas são e sei que são o tipo de pessoa que você não quer estar perto." Abro minha boca para intervir, mas ele me interrompe com um dedo em meus lábios. "Eles são o tipo de pessoa que não quero que você se aproxime. Deixe-me te proteger do mal o quanto eu puder. Ok?"

Como alguém pode ser tão aparentemente doce e tão perfeito ao mesmo tempo? Acho difícil de acreditar que ele era solteiro antes de mim. Eu ainda tenho que achar algo nele que qualquer um possa odiar.

"Você sempre foi irritantemente perfeito?"

Ele apenas sorri e responde: "não costumava ser."

Eu sabia! "Por quê?"

"Não temos mais tempo para histórias. Você precisa trabalhar e eu tenho que ir para o banco, resolver minha poupança." Ele está de pé, enquanto me levanto. "Venho te buscar quando terminar." Com um beijo leve em meus lábios e um em meu pescoço, ele me deixa para trás e meu coração dolorido.

Extasiada.

Não acho que já vi um homem mais bonito de costas. Parece uma declaração estranha, mas é verdadeira. Caleb é sexy; ele sabe, mesmo que não seja arrogante sobre isso. Até mesmo por trás você nem imagina que quando ele se virar, a frente vai parecer muito boa. Suas costas são perfeitas para promover tais coisas, exceto que Caleb é mais do que se pode

sonhar. Ele é perfeito. É bonito da única maneira que só um homem pode ser.

Posso dizer que será um desses homens que envelhecem bem; O seu sorriso insolente e encantador vai durar uma eternidade. Posso imaginá-lo com sessenta anos, sorrindo para as mulheres que passam. Muito provavelmente me deixando louca, mas, ao mesmo tempo, me fazendo desmaiar porque é meu. Eu pareço desmaiar muito ao redor dele. Preciso me controlar.

* *

Quando o trabalha termina, Caleb me busca. Ele não está de bom humor, mas não tem a ver comigo, nem me preocupo com isso além de sentir a troca de humor sempre que olha para longe de mim. Ele não é muito bom em esconder como se sente. Gostaria que ele falasse comigo sobre isso, mas não importa o quanto insista, ele se mantém calado.

No momento estamos sentados no carro dele do lado de fora da minha casa porque está chovendo, o que significa que nós não podemos ir para o nosso local especial da praia, o local onde nos beijamos pela primeira vez.

Ele descansa a cabeça entre as mãos no volante, a perna saltando para cima e para baixo. Eu vejo o lábio dele desaparecer debaixo dos seus dentes, enquanto se preocupa com algo.

“Ei,” digo suavemente e coloco minha mão em suas costas. “Qual é o problema?”

“Meus pais me deserdaram.”

“Q... o que?” O que isso significa?

“Eles esvaziaram minha poupança e disseram que não terei nada de volta até eu me formar.”

Oh merda. “Isso não é tão ruim.”

“Confie em mim,” ele faz uma careta, enquanto vira a cabeça no volante para poder me encarar. “É. Eu me formarei só daqui a dois anos. Como diabos descobriram que eu não ia voltar?”

“Eles fizeram isso para conseguir que você volte com eles?” Oh não, ele vai me deixar.

“Sim.”

Tum. Tum... Tum. Meu coração para por um instante e não por causa de algo bom. “Isso é...”

“Uma merda fodida,” ele grita, me assustando enquanto fica ereto e golpeia o volante.

“Ei,” digo suavemente e corro meus dedos pelo cabelo dele. “Vai ficar tudo bem, você vai ver. Você pode simplesmente voltar e fazer o que precisa fazer.”

“Não,” ele diz, com os olhos em mim. O desespero por trás deles me assusta. “Eu não posso fazer isso.”

“São apenas dois anos.”

“Para algumas pessoas,” acho que foi o que ele disse, mas eu não posso ter certeza, porque foi tão baixinho quanto uma respiração. Ele suspira e agarra o cabelo com ambas as mãos. “Não importa. Eu tenho cerca de dez mil dólares em minha outra conta, eles não podem tocar nessa. Oxford certamente irá transferir o dinheiro do curso para que eu não tenha de me preocupar com isso. Só preciso conseguir um emprego aqui. Pelo menos o aluguel do apartamento é baixo, nos primeiros meses. Isso me dará bastante tempo para arrumar um emprego.”

Eu não posso acreditar em meus ouvidos. Meu coração para um instante por uma razão boa dessa vez. “Você ainda vai se mudar?”

“Porra, sim!” Ele sorri e traz minha mão aos lábios. “Será ótimo. Quem precisa de dinheiro?”

Meus lábios se contraem. “Todo mundo?”

“Verdade,” ele diz e se inclina para me beijar. “Vamos esquecer eles. Vamos esquecer de tudo. Que tal irmos para algum lugar para que possa te beijar até que nossos lábios fiquem doloridos?”

“Concordo,” eu suspiro e em segundos, o carro está em movimento e estamos dirigindo para um local desconhecido. Eu odeio perguntar, mas pergunto de qualquer maneira. “Como eles descobriram? Eu não disse a ninguém, mas a minha...”

“Ela não diria. Ela nem mesmo sabe quem são meus pais.” Os seus olhos se alargam de repente com uma realização. “Aquele bastardo. O filho da puta.”

“Quem?”

“Meu irmão.” Ele pisa na embreagem asperamente. Eu quero perguntar o que a embreagem lhe fez, mas não penso que seria apreciado no momento. “Droga! Vou matá-lo!” Ele pausa e sorri um pouco maliciosamente. “Não, vou jogar ovos nele.”

Ovos? “Ovos?”

“Sim.”

“Por que ovos?”

“Meu irmão...” À medida que viramos na esquina de uma rua arborizada há um estouro seguido por um som de assobio e então o carro começa a cambalear enquanto nós freamos.

“NÃO! NÃO! NÃO! NÃO!” Caleb grita e sai do carro oscilante. Eu sigo e assisto como ele chuta o pneu inúmeras vezes. “Este não é meu dia! Mas que merda. Porra!”

“Caleb!” Eu corro até ele e agarro o seu braço. “Calma; é só um pneu. Vamos trocar com o estepe.”

Ele mastiga o lábio inferior e olha para mim.

“Maldição. Você não tem um estepe.” Esta não é uma pergunta; o olhar dele já me diz a resposta. Estou conhecendo seus pensamentos íntimos. “Genial.” Me inclino contra o capô, ficando cada vez mais molhada por causa da chuva, e o vejo andar de um lado para o outro em frente ao carro. Ele murmura para si mesmo por um tempo, olha para o pneu, se vira para continuar xingando e resmungando, antes de finalmente vir até mim, me agarrando pela parte de trás do pescoço e me devorando com seus lábios.

A força me faz gritar de surpresa, mas não de dor. Nem um pouco. A sua língua mergulha na minha boca. Ele me devora, não deixa qualquer parte intocada. Eu faço o mesmo.

Isto é incrível; é primitivo e possessivo e parece ser a sua maneira de aliviar muito estresse agora. Eu não vou reclamar.

As suas mãos agarram a minha jaqueta e a puxam de meus ombros. Tremo quando as gotas frescas de água batem contra a pele nua dos meus braços e sem separar sua boca da minha, ele joga a jaqueta através da porta aberta, sobre o assento. Nos separamos por um momento enquanto ele puxa a minha camiseta sobre a minha cabeça e a joga lá dentro também, mas sua boca está de volta na minha, enquanto se atrapalha para puxar a porta traseira aberta e, lentamente, me desliza para o banco. A chuva não serve mais como uma ajuda para refrescar a pele aquecida e minha excitação parece multiplicar-se em segundos.

Estou de sutiã e calça jeans na frente de um cara na parte de trás de um carro, no meio do nada, mas me sinto tão bem que não quero parar.

Um estremecimento irrompe através do meu corpo quando ele abre o botão do meu jeans, soltando-o com uma mão, antes de puxar para baixo a minha calça que também é jogada para o lado. O som da calça batendo no volante é a última coisa que ouço, enquanto sua boca está sobre mim por cima do meu fio dental.

“Oh Deus,” digo envergonhada de ele estar lá em baixo e querendo afastá-lo, ao mesmo tempo em que estou encantada com aquilo e querendo puxá-lo mais perto. A sensação é estranha, mas boa. Vou explodir, posso sentir.

A respiração dele bate nas minhas coxas, enquanto faz minhas pernas tremerem e se agitarem. Eu grito de uma maneira que deveria sentir vergonha, mas não sinto.

“Caleb,” digo, enquanto o observo prendendo os dedos na minha calcinha e a puxando para o lado. “Não... Não... Ah. Oh Deus.” A minha cabeça cai para trás, batendo no botão da janela que desce com um zumbido e um guincho. Quem se importa? Isso é incrível.

A sua língua quente e molhada traça os meus lábios antes de mergulhar e sacudir no lugar certo. Quero ser preenchida. Eu quero sentir todo centímetro dele dentro de mim. Isso é tudo que estou perdendo; os formigamentos do meu núcleo implorando para ser preenchido mais do que alguma já esteve.

“Eu te quero tanto!” Ele diz, enquanto espalha beijos por cima da minha buceta. “Você não tem nenhuma ideia.”

Eu realmente tenho.

Ele volta para o que estava fazendo. Lentamente circulando a língua cada vez mais para baixo, a sua boca

sugando em todos os lugares certos, as mãos agarrando minhas coxas para me segurar no lugar. “Eu quero me perder em você.”

“Certo,” respondo em um sussurro apaixonado.

Os formigamentos ainda permanecem quando ele se levanta e puxa para baixo o seu jeans. Hesito e endureço quando vejo que ele está sem cueca e seu pau ereto salta para fora da calça e me olha inchado e vermelho. Meus olhos se arregalam. Será que vai me tomar com isso? Porque tenho certeza que não vai caber. Não só isso, mas acho que não foi assim que eu imaginei que isso aconteceria.

“Toque-se,” ele ordena suavemente, os olhos nublados fixos em mim.

“O que?”

Ele agarra seu pau sólido com a mão e acaricia lentamente para cima e para baixo. “Toque-se,” repete e sua mão livre repousa sobre o meu núcleo e seu polegar começa a circular lentamente ao longo do meu clitóris. A sensação é deliciosa. Muito boa. Na realidade, não. Isto é muito melhor. Inclinando-me para frente sinto a cabeça latejante de seu eixo contra a minha entrada e grito com a sensação. Ele vê o pânico em meus olhos e me beija suavemente. “Não preocupe. Vou apenas fazer isso.” A cabeça do seu pau encontra o meu clitóris e começa a circular. “Quero fazer você gozar com ele. Eu quero fazer você gritar apenas fazendo isso.”

Estremeço.

As mãos dele ainda esfregam o pau para cima e para baixo, enquanto gira suavemente quando a palma de sua mão alcança a cabeça. Quero fazer isso, mas sei que ele quer controlar esse tempo, então o deixo. Eu confio que ele não vá me ferir ou ultrapassar o limite.

“Você é tão bonita,” murmura enquanto o nariz empurra meu sutiã fora do caminho e a sua boca envolve o mamilo duro, pontudo. “Junte as suas pernas.”

“Hã?”

“Pernas juntas... por favor, querida.” Ele muda de posição para que eu possa reposicionar minhas pernas e sobe um pouco até meu torso. A sua mão vai para a parte de trás do meu pescoço e sinto meu rosto se movendo para cima, só parando quando seu pênis está a centímetros dos meus lábios. “Preciso que você me molhe.”

“O... o que?” Em minha boca?

“Abra.” Ele sorri, com as costas dobradas desajeitadamente devido à falta de espaço entre nós e o teto. “Por favor.”

Minha boca abre lentamente, mas não tenho nenhuma ideia do que estou fazendo.

Observo quando ele toca levemente nos meus lábios algumas vezes antes de passar seu pau ao redor deles como se fosse um batom, mas só sorri ainda mais. A mão que está agarrando meu pescoço começa a me acariciar suavemente, com adoração. “Pronta?”

Eu aceno com a cabeça e abro minha boca quando ele desliza a ponta sobre minha língua e solta um gemido longo e alto. Isto não é aquele ruim, na verdade.

“Feche seus lábios ao redor da cabeça. Sem dentes.” Faço como ele diz e por instinto agito minha língua na ponta. Ele treme e amaldiçoa. “Faça isso novamente.” Eu faço. “Aí. Mais uma vez. Continue fazendo isso.” Minha língua circula e se agita antes que ele deslize mais fundo e mais profundo. Antes que eu perceba, estamos em um ritmo. Ele empurra lentamente, para dentro e para fora, dentro e fora, a ponta do seu pau nunca deixando minha boca. “Chupe.” Está quase

tudo dentro da minha boca, é possível chupar? “Chupe forte, como se estivesse bebendo um milk-shake Krushem e tivesse chocolate preso no canudo.”

Chupo tão forte quanto possível, o que é difícil quando estou rindo do seu comentário. Minhas bochechas ficam ocas e começam a doer. Ele puxa lentamente, com o rosto amassado e retorcido em êxtase, os seus lábios se separaram um centímetro. Os gemidos que ele libera me coloca em chamas. Nunca estive tão excitada antes e estou chocada que isto é algo que sempre disse que nunca faria.

Ou ele é muito persuasivo ou eu sou muito fraca.

“Brilhante,” ele diz e empurra até o fundo da minha garganta, enquanto quase me faz engasgar, mas não totalmente.

Minha mandíbula dói.

De repente ele se foi, deixando minha boca com a sensação de vazio. Colocando-se com o seu torso pressionando o meu, sinto o seu comprimento entre as minhas coxas fechadas e suspiro quando a superfície lisa esfrega contra mim. O tremor começa novamente e se expande, quase muito difícil para aguentar. Nossos fluidos combinados criam uma passagem lisa quando ele mergulha lentamente entre minhas coxas firmemente fechadas.

Meus dedos enroscam no cabelo dele e fico contente quando ele me beija. Ficaria ofendida se ele não fizesse isso.

Ele está esfregando em todos os lugares certos. Nunca senti nada parecido. Nossas respirações se misturam quando empurro meus quadris ao mesmo tempo com ele, me certificando que esfregue exatamente onde eu quero.

Os formigamentos intensificam e se espalham em meu clitóris, enquanto sobe até que sinto meus mamilos endurecerem ainda mais. As ondas de prazer se movem

lentamente e se espalham por todo lado, para minhas coxas, queimando de forma mais agradável.

Eu nunca fiz... Eu não posso...

Inalo uma respiração afiada quando ele acelera velocidade, a testa contra a minha.

Momentos atrás eu estava preocupada com um pneu do carro; agora não me preocupo com nada. A necessidade de ter um orgasmo me consome.

Eu fui de virgem para uma virgem relaxada e exibicionista em uma hora.

"Eu vou gozar," ele anuncia com um gemido estrangulado, os músculos dos braços ainda mais salientes quando ele empurra mais e mais rápido. O som do deslizar entre minhas coxas, encharcado com nossos fluidos, é tão erótico. O som dos gemidos faz a chama dentro de mim se aquecer ainda mais. "Quase... lá."

Meu estômago aperta. Eu não posso respirar; não posso falar; não posso gritar. Minha cabeça parece explodir e minhas pálpebras trêmulas se fecham por vontade própria. Não posso controlar; meu corpo não é mais meu. A minha alma parece expandir e se envolver em torno dele enquanto pulsamos juntos, e chegamos ao orgasmo juntos. Eu me agarro desesperadamente a ele quando chego ao ápice do orgasmo e ele alcança o seu. Quero-o dentro de mim, quero que me preencha. Se eu tivesse no ângulo certo teria forçado a entrada. Eu nunca me achei tão perdida pelo prazer antes.

Quero gozar novamente e nós nem mesmo fizemos nada ainda.

O formigamento lentamente recua e minha visão turva se concentra em seus impulsos lentos se transformando um empurrão forte ocasional de seu corpo.

Sou esmagada contra o assento quando ele deita em cima de mim, e respira pesadamente. “Incrível.”

“Sim,” eu concordo, tentando regular minha respiração ao tomar algumas grandes lufadas de ar. “Podemos fazer isso de novo?”

Ele ri e balança a cabeça contra meu pescoço. “Sim, mas não aqui. Tivemos sorte desta vez.”

Ou assim pensamos, até que ouvimos o motor de um carro vindo em nossa direção. O carro em questão emite um sinal sonoro três vezes e alguém grita, “ARRUMEM UM QUARTO!” antes de ir embora. O meu rosto fica mais e mais quente e Caleb me cobre com seu corpo tão apertado que quase me absorve. Estou morta de vergonha.

“Fique aqui,” ele sussurra e beija meus lábios.

Apressadamente levo meus joelhos ao peito, cobrindo minha nudez e olho para o céu cinza através da janela.

Caleb veste rapidamente de volta as suas roupas, pegando a camisa. Me envergonho quando ele limpa a bagunça entre as minhas coxas, mas logo se transforma em riso ao ver a mancha molhada no meio dos assentos. Ele enruga o nariz de brincadeira e belisca meus lábios antes de me ajudar a vestir minhas roupas.

“Venha,” ele instrui e me guia para o assento do passageiro. “Vou chamar ajuda.”

Oh certo, o pneu furado. Havia esquecido completamente disso. Não que alguém possa me culpar.

“É a primeira vez que você tem um orgasmo?” Ele me pergunta enquanto o céu escurece.

Nós ainda estamos sentados no carro, esperando a ajuda. A empresa que ele chamou disse que levaria uma hora, se passaram apenas trinta minutos

A pergunta dele me choca e engasgo sem ar. “Humm... não. Obviamente eu já... sabe?”

O seu sorriso se alarga com arrogância e entusiasmo. “Conte.”

“Todo mundo se masturba,” eu murmuro, enquanto enfio meu cabelo nervosamente atrás da orelha.

“Porra, você é fofa.”

“Desculpe.”

“Ei.” Ele coloca o dedo debaixo de meu queixo e encontra os meus olhos. A forma como olha diretamente com tanta suavidade que me faz sentir como se estivesse acariciando minha alma. Partes de mim que nunca senti antes desejam se separar e enrolar em volta dele, mantê-lo trancado junto a mim para sempre. “Nunca me peça desculpa. Você é preciosa.”

“Preciosa?” Minhas sobrancelhas se levantam.

“Perfeita.” Ele se inclina e beija o canto da minha boca. “Linda e sexy e tão, fodidamente, bonita. Quero comer você.”

“Você acabou de fazer,” eu resmungo em voz alta e abaixo minha cabeça de vergonha no segundo que percebo meu erro.

Ele joga a cabeça para trás e ri. Os seus braços envolvem meu pescoço e ele me puxa sobre o console. Beijando meu cabelo, se afasta e faz contato com meus olhos mais uma vez. “Já lhe disse que estou em êxtase por ter lhe dado o meu coração na praia naquele dia?”

“É possível que você tenha mencionado isso.”

“Bom, é verdade.”

“Eu acredito,” admito pois realmente acredito.

Entendo que a fase do namoro é a melhor fase, mas algo me diz que isso é real e que vai durar. Talvez eu seja ingênua, não me importo. Tenho a sorte de me sentir assim. Tenho sorte de ter Caleb, mesmo que seja por apenas alguns minutos, e por todo tempo que o tiver.

4

"Você tem tinta no nariz." Caleb sorri.

"O que?" Esfrego meu nariz na manga, perplexa quando volta limpa. "Onde?"

"Aqui." O seu polegar esfrega através da ponte entre os meus olhos fazendo-os cruzar para ver seu dedo. "Pronto."

Dou um passo para trás para admirar meu trabalho. Eu pintei seu quarto em três diferentes tons pastel, verde, azul e lilás. Parece estranho, mas ficou incrível. Caleb e minha mãe torceram o nariz com a ideia, mas agora que está pronto, tenho certeza que vão adorar. Cada cor combina com a outra. É brilhante, arejado e é perfeito.

"Gostei." Ele dá um aceno impressionado, enquanto admira comigo. Quero colocar a minha língua para forma e cantar como uma criança 'eu te disse, eu te disse'.

"Como estão as prateleiras?" Ele tem estado lá em baixo por um tempo tentando montar uma estante de livros enquanto estive pintado.

Ele abaixa a cabeça, constrangido. "Não muito bem, na verdade."

Rio e envolvo meus braços em sua cintura. "Está tudo bem. Nós podemos fazer isso juntos em um minuto. Vá pôr a chaleira no fogo. Preciso terminar aqui."

Caleb é extremamente talentoso com tudo que é acadêmico, mas é completamente inútil quando se trata de construção, skate e até mesmo andar bicicleta. Futebol

também. Praticamente tudo o que envolva qualquer tipo de coordenação física ou o uso de suas mãos. Não incluindo quando suas mãos estão escorregando entre as minhas pernas, então elas realmente sabem como fazer mágica nesta área.

É uma das coisas que amo nele.

Ele também não é o melhor dançarino no mundo, não a menos que esteja dançando comigo e então é como se nós estivéssemos fazendo amor na pista de dança.

Coloco todas as bandejas de tinta e rolos no balde e começo a limpar. Uma vez que termino, vou para o andar de baixo e rio quando vejo o estado da sala. Há tábuas de madeira em todo o lugar, nenhuma delas está organizada, nenhuma está rotulada.

"Não há esperança para você," grito quando ele começa a fazer cócegas nas minhas costelas.

Já passou uma semana desde que o pneu do carro estourou e ainda não posso acreditar que ele está, realmente, se mudando. Eu estou realmente na sua nova casa, coberta de tinta com o meu coração batendo a mil por hora. Sinto-me no topo do mundo.

Temos um lugar para brincar e por brincar, quero dizer fazer aquilo corretamente. E fazer aquilo corretamente significa fazer sexo.

Caleb não é virgem. Perdeu a sua virgindade quando tinha apenas 14 anos de idade. Aparentemente, foi confuso, estranho e desconfortável.

Também terminou em cerca de três segundos.

Eu ri nessa parte da história.

Ele sabe o que está fazendo agora e me prometeu que quando chegar a hora vai me levar lentamente e que será menos doloroso e o mais bonito possível.

Só de estar com ele vai ser bonito.

Até mesmo se eu estiver apavorada.

Parece bobagem ter medo da coisa real quando, na última semana, temos, praticamente, feito quase tudo. Todos os dias ele me leva ao clímax, com a mão, com a boca, esfregando seu pau no meu ponto sensível. Tudo foi incrível, foi alucinante e todas às vezes me deixaram saciada e cansada.

"Você parece perdida em pensamentos," ele diz suavemente, lambendo minha orelha.

Dou de ombros, enquanto rio e começo a colocar as tábuas na ordem correta. "Não ouço a chaleira fervendo."

"Sim, senhorita mandona."

"Ainda não está fervendo," eu rio, identificando cada tábua.

"Eu nem sequer saí da sala, ainda estou muito ocupado admirando isso." Ele cutuca minha bunda com o dedo mindinho. Eu o ameaço com uma tábua e ele logo desaparece.

Depois das prateleiras estarem montadas, o que foi muito mais fácil do que Caleb fez parecer, ele nos puxa para tomar banho juntos. Esta é uma experiência estranha para mim. Nunca fiquei completamente nua com ele. Nós sempre ficamos em seu carro ou em minha casa.

Quando namoramos em casa, embora minha mãe estivesse no trabalho, eu tinha medo que ela voltasse para casa mais cedo e fôssemos pegos. Caleb nunca conseguiu fazer mais do que se esfregar em cima de mim, o que foi incrível, embora um pouco embaraçoso. Sentia-me como um cão transando com a perna de alguém, mas não importa o quão

envergonhada me senti por minhas ações, não conseguia parar. Era bom demais. Perdi todo o senso de razão e orgulho.

Caleb disse que eu era a coisa mais quente que ele já tinha testemunhado, ver uma mulher, normalmente tímida e composta, por quem ele está severamente atraído, perder todas as suas inibições por alguns minutos e saber que era por sua causa era maravilhoso.

As coisas infelizmente estão indo, muito mal com os seus pais. Ainda não os conheci, mas ouvi os gritos pelo telefone. Na última vez ele desligou na cara deles, mas pude ver a dor em seus olhos. Eu não sei o que eles disseram para fazê-lo tão miserável, mas me levou um tempo para deixá-lo se sentindo melhor.

Eu lhe dei um boquete. Realmente descobri que gosto de fazer boquetes. Ou talvez seja apenas a maneira que Caleb responde a eles que desencadeia o meu prazer. Não há nada mais erótico que masturbar um homem. Nada. Até mesmo o modo que ele geme e aperta a minha cabeça quando eu o agrado, me excita.

Arrepio.

Os pais dele voltaram para casa e, até onde eu sei, o irmão também. Espero que agora o deixem em paz. Claro que sou a favor de ter sua família perto dele, mas não quero voltar a vê-lo triste novamente. Quebra o meu coração.

Minha mãe está um pouco ausente comigo também. Na última noite, tive que trabalhar no clube em Chicago e quando cheguei em casa tropecei num sapato (que era da minha mãe) e a acordei. Ela ficou muito chateada. A noite não foi totalmente ruim, consegui conversar com Caleb, que vai começar a trabalhar no próximo fim de semana, e estamos satisfeitos com isso.

Ele tem um trabalho e posso reivindicá-lo na frente de todo mundo.

Agora, estou fora do chuveiro me vestindo e Caleb está deitado em seu colchão, completamente nu, exceto por sua boxer preta apertada que faz o sol beijar a sua pele que brilha em contraste. Ele tem apenas o colchão, ainda não tem cama. Não tem muita coisa; o que tem são coisas que comprou durante a semana, pronto para mudar para o seu novo lugar.

"Eu posso lhe perguntar uma coisa?" Ele interrompe meus pensamentos. Reviro meus olhos quando ele se ajeita.

"Não."

"Você nem sabe o que vou perguntar." Ele finge um olhar ofendido enquanto a sua mão esfrega lentamente a protuberância crescente.

"Eu estou ocupada," rio e tento fugir para longe quando ele pula do colchão e se lança para mim. Eu não vou longe, mas não quero ficar distante. Ele é muito delicioso para se evitar e a sua pele é tão quente. "O que?"

"Vem morar comigo."

Engasgo. Pânico.

Ele me dá um tapinha nas costas, enquanto ri. "Estou falando sério. Quero que você venha morar comigo."

"Q... Quando?"

"Hoje."

Inferno, ele *está* falando sério! Posso ver isso nos seus olhos. "Eu... mas eu tenho..."

O seu dedo repousa sobre meus lábios, me silenciando, os seus olhos buscando os meus, um sorriso charmoso aparece no lugar. "Por favor?"

“É... Eu não sei o que dizer.”

“Diga que sim.”

“Está bem,” deixo escapar e interiormente me xingo.

“Sério?” O seu sorriso se alarga ainda mais quando me gira em seus braços e pressiona minhas costas contra a parede. “Sério?”

Eu aceno com a cabeça depressa. “Sim. Não vejo porque não.”

“Fodidamente brilhante.” Ele sorri e me pega pelas coxas, me posicionando em torno de seus quadris. Os seus lábios cobrem os meus, e não recuso os dele também. Eu estaria louca se fizesse. “Estava preocupado, achei que você pudesse dizer não.” Eu também, mas sabendo como ele deixou a sua cidade e a sua família, escolhendo a mim ao invés de uma quantidade desconhecida de dinheiro, não há nenhuma maneira de dizer não. Além disso, não é como se não tivesse um trabalho e não pudesse me dar ao luxo de viver aqui. O dinheiro vai ser apertado, mas vai valer a pena. “Sério? Você não vai voltar atrás?”

“Eu mal posso esperar,” admito ansiosamente e chupo o lábio inferior dele, o fazendo gemer. “Obrigada.”

“Vamos comemorar,” ele sussurra, os seus olhos brilhando. “Estou com fome.”

“Você quer sair para comer?”

Seus olhos se estreitam com malícia. “Eu estava pensando em algo mais doce, algo mais ao sul.” Sul?

Oh. Minha boca se abre na forma de um grande ‘O’. Ele ri um pouco e me joga em seu colchão. “Deite-se e relaxe, baby.”

“Está bem,” respiro fundo e permito que ele deslize minha calça para longe, eu mesmo ajudo levantando meus quadris um pouco. Brilhante.

As minhas pernas ainda estão como geleia e já se passaram duas horas desde que cheguei ao clímax por todo o seu rosto.

Espero que minha mãe não perceba como estou mole. É um pensamento tolo; não há nenhum modo dela saber ou ao menos pensar sobre isso, mas não posso me conter. Sou tão paranoica. Ela está sentada na sala de estar com uma xícara de chá nas mãos e assistindo algum reality na televisão quando nós entramos. Faço uma pausa e sento-me no sofá com Caleb ao meu lado.

“Oh querida,” ela diz, percebendo minha necessidade de falar. Ela apoia os cotovelos nos joelhos e olha para nós dois. “Fale. Cuspa.”

Ok. “Vou me mudar.”

“Não,” ela diz com um movimento firme de cabeça. “Você não pode se dar ao luxo de se distrair.”

“Mãe,” assobio e aperto a mão de Caleb. “Eu tenho dezoito anos. Já terminei o colégio. Agora tudo o que resta é a Universidade e prometo que não vou estragar tudo. Significa muito para mim. Você sabe disso.”

Ela balança a cabeça. “Não vai acontecer.”

“Mãe.” Aviso, perguntando-me o porquê está sendo tão difícil.

“Vamos, Dawn.” Caleb faz beicinho, com os olhos arregalados como um cachorrinho. “Pense nisso, não estaremos longe e você vai ter privacidade e uma boca a menos para alimentar.”

“Eu não creio que vocês dois percebam como isso é sério. Com suas aulas e despesas da universidade.”

“Confie em mim, Dawn, sei como é sério. Eu nunca fui tão sério na minha vida.” Posso dizer pela expressão severa no seu rosto. A minha respiração se atrapalha com a ferocidade de seus olhos. “Eu a quero comigo, o tempo todo. Prometo que não vou deixá-la falhar e vou enviar as suas notas a cada mês. Se elas caírem a ponto de você se preocupar, vou trazê-la de volta eu mesmo.” Ele olha para mim se desculpando antes de voltar para a minha mãe. “Por favor?”

Ela mastiga o lábio inferior, enquanto parece pensar nisso por um momento. “Com uma condição.”

“Qual?” Eu pergunto, minha excitação crescendo, meu coração vibrando.

“Você vai tomar injeção ou colocar um implante contraceptivo,” exige, dando-me um olhar aguçado.

Eu aceno, concordando ansiosamente. “Eu já tomo pílula. Você sabe como sou atenta com isso.” Caleb eleva uma sobrancelha para mim, fazendo o meu rosto esquentar com a estranheza dessa conversa. “O quê?”

“Nada.” Seu rosto torna-se uma máscara de descaramento e de repente eu sei onde sua trilha de pensamentos está indo.

“Está bem.” Minha mãe cede e coloca as palmas das mãos sobre os joelhos, esfregando-os um pouco. “Eu acho que está tudo bem você morar com ele.”

“Viva,” Caleb e eu dizemos juntos. Ele ri, e enrugo o nariz de brincadeira, minha mãe revira os olhos.

“Bem, vocês são um par perfeito, tenho que reconhecer isso,” ela acrescenta, e se levanta. “Vão ficar para o almoço ou vocês têm mais coisas para fazer?”

“Vou fazer as malas.”

“Vou te ajudar.” Caleb sorri e me persegue até as escadas para o meu quarto. “Ok, você fica com essa parte.” Ele acena para o quarto inteiro. “E eu vou aproveitar essa parte.” Abre a gaveta de cima da minha cômoda e tira uma calcinha de renda rosa francesa.

Pegando a peça de sua mão, lhe entrego uma mala e coloco a calcinha dentro. “Pare de ser um pervertido.”

“Sim, senhora!” Ele sorri sobre seu ombro, enquanto começo a colocar sobre a cama tudo o que quero levar. Com o canto do meu olho o vejo pegando as minhas calcinhas com menos velocidade do que o necessário e, lentamente, colocando na mala.

Pego uma bola de tênis da prateleira da minha cama e jogo em sua cabeça.

“Ai,” ele ri, deixando cair o fio dental. “O que foi isso ...?” Agarro outra bola e aponto. Ele ri e levanta as mãos. “Certo, certo, está bem.” Coloco as bolas de tênis na cama, parecendo perplexa e me sentindo perplexa quando ele as coloca de volta na prateleira. “Acho que nós vamos deixá-las para trás. Você tem uma boa pontaria.”

“Sim. Esteja avisado.”

“Oh, estou completamente avisado. Se for contra o seu aviso você vai me espancar?”

“Você é um idiota.” Eu rio e volto para o meu trabalho. “Ei, Caleb.”

“Sim, princesa?”

“Obrigada.”

Ele franze as sobrancelhas, “Pelo quê?”

“Por me tirar daqui.”

Ele caminha até onde estou sentada, tenho que inclinar a cabeça para ver seu rosto. O seu corpo abaixa e ele coloca os lábios macios contra a ponta de meu nariz. “Não há de quê, Gwenny.”

Me derreto.

* *

Nós passamos a noite desempacotando minhas coisas, depois de passar a tarde empacotando e colocando no carro. Revisamos as nossas despesas para descobrir uma maneira de pagá-las até que ele encontre um bom emprego.

O meu chefe, Derrick, é dono de um bar em Chicago e me disse para trazê-lo para um teste.

Posso dizer que ele vai se sair bem com bastante facilidade e poderá trabalhar a maioria das noites. Só trabalho aqui aos finais de semana, pois trabalho no café durante a semana e, por mais que eu ame trabalhar com o meu namorado, também odeio porque tenho de assistir as meninas se jogarem em cima dele. Quando o vejo sorrindo ou rindo com elas, me vejo tomada por uma sombra escura e verde. Confio nele e, além disso, ele anuncia a todos que sou sua namorada e está sempre me tocando quando nos esbarramos durante o trabalho. A maioria das meninas não se importa. Há uma menina em particular que sinto vontade de servir como alimento para lobos raivosos.

Ela é incrivelmente bonita e não faz questão de esconder o seu interesse, aparecendo toda sexta à noite e, às vezes, aos sábados, sempre com uma roupa diferente do dia anterior. Cada decote mais revelador que o último.

Eu a vejo antes dele ir para a mesa dela. Ela puxa o seu vestido para baixo e empurra os peitos para fora. Vagabunda.

Felizmente meu namorado a ignora e rimos dela depois de cada noite. O seu desespero é surpreendente. Sempre que está anotando seu pedido, Caleb olha para mim e me dá uma piscadela. Ele não a deixa saber que a acha, severamente, pouco atraente, pois, embora tenha um trabalho a fazer e por causa de sua obsessão, ela está gastando um inferno de um monte de dinheiro.

* *

É segunda-feira, quando Caleb me leva de volta para o lugar em que nos conhecemos e se senta ao meu lado em silêncio, observando as ondas que fluem através da areia. Ele está segurando minha mão com força, o seu polegar circulando palma da minha mão, firmemente.

Sorrio para o seu perfil e seus olhos encontram os meus. Ele olha para mim com tanto amor estampado que não posso resistir e me inclino para beijar seus lábios perfeitos.

Ele sorri para mim e me abaixa de costas, seu corpo paira sobre o meu enquanto o beijo se aprofunda.

Só dura alguns minutos e fico tão relaxada devido aos dedos dele acariciando meu rosto que, a princípio, mal registro suas palavras. “Eu estou apaixonado por você, Gwenny.” A maneira como ele diz isso é tranquila, mas lágrimas sinceras vêm aos meus olhos. “Não,” ele se altera e corre o nariz ao longo do meu. “Eu te amo. Você é a razão da minha existência.”

A minha respiração trava e meus olhos se fecham enquanto suas palavras aquecem cada célula do meu corpo.

Abrindo os olhos, eles se conectam com os dele. “Eu também amo você, Caleb.”

O seu sorriso fácil retorna, noto que suas mãos tremem quando acaricia minha pele. “Eu quero você hoje à noite. Eu quero tudo de você. Você poder dar tudo para mim?”

Pisco algumas vezes, chocada com a sua pergunta. Há apenas uma resposta. Engulo em seco. “Sim.”

“Obrigado,” ele sussurra e inclina os seus lábios sobre os meus. Me agrada a sensação de sua barba arranhando a minha pele. Isso me lembra de que ele é real, que isso é real.

***

“Você sabe que estou completamente apaixonado por você, certo?” Caleb sussurra enquanto caímos sobre a cama. Ele me gira sobre minhas costas e se posiciona entre as minhas coxas. “Eu nunca faria nada para te machucar.”

“Eu sei,” solto um suspiro e aperto meus lábios nos dele. “Eu também te amo.”

Ele sorri e move os lábios contra o meu pescoço. Pressiono meus quadris para cima, o meu núcleo dolorido por algo que nunca senti, mas quero sentir. Desesperadamente.

A minha pele torna-se sensível e produz uma camada de arrepios.

Caleb se inclina para trás sobre os joelhos e me puxa para a posição sentada com uma mão atrás do meu pescoço. A sua outra mão desliza para minha bunda, me puxando lentamente para o seu colo.

Em segundos meu cabelo preto longo e grosso está caindo pela minhas costas e a boca de Caleb está em meu

pescoço, os lábios dele chupando e provocando enquanto os seus dedos lentamente desabotoam a frente do meu vestido bege de algodão.

Sentindo a boca dele lentamente em mim enquanto suas mãos deslizam o vestido para cima em minhas coxas e pela minha cabeça quase me fazendo explodir. O formigamento e a dor entre minhas coxas está muito pior, mas oh, muito melhor ao mesmo tempo.

Em seguida o meu sutiã se vai, tento não ter medo. Ele já viu meus seios antes, mas nunca olhou para eles como está olhando agora, os olhos estão escuro e intenso. Se inclinando para trás, os seus lábios se separaram, ele traz as mãos para cima fazendo-me tremer. Os seus dedos suavemente apertam e giram meus mamilos deixando-os duros e arrepiados.

“Lindos,” ele sussurra e leva um mamilo na boca. O inesperado me faz gritar, não de dor, mas de prazer. Raios e raios de prazer em espiral atravessam o meu corpo antes de encher o meu ventre fazendo-me apertar e ferver. “Deite para trás, baby.”

Vou para trás, olhando para ele, enquanto puxa sua camisa sobre cabeça a joga no chão. Tento não franzir a testa, mas se ele começa a fazer disso um hábito, nós vamos ter problemas.

Ele vê meu olhar severo e sorri. “Vou recolher mais tarde, senhorita fanática por limpeza.”

Os seus dedos longos e talentosos se livram de sua calça jeans e de seu cinto, momentos depois, ele está completamente nu e pairando sobre mim. Eu estou vestindo somente minha calcinha francesa e eu estou querendo saber por que não há nada entre nós.

“Basta deitar e relaxar, baby,” ele diz e espalha beijos pelo meu torso.

Cada toque dos lábios dele me faz querer apertar minhas coxas juntas, cada mordida de seus dentes me faz arquear e cada sussurro de sua respiração me faz gemer.

Os seus lábios se detêm logo abaixo do meu umbigo, os seus dedos encaixam em minha calcinha enquanto seus lábios descem lentamente, até que a boca está lá e minha calcinha está fora.

Eu gemo e agarro o lençol da cama enquanto a sua língua desliza entre meus lábios e encontra meu núcleo sensível. É uma sensação que nunca quero parar de sentir.

Ele dobra as minhas pernas e achata a sua língua contra mim, deslizando para cima e para baixo lenta e tortuosamente. Eu sou uma confusão de sentimento e emoção. Minhas mãos puxam tanto o lençol que ele se amontoa entre meus dedos.

Então seu dedo entra em mim, e eu congelo. Dói um pouco, mas não muito; ele é gentil e apenas sonda, uma pequena fração. Ele nunca havia me penetrado antes, então a sensação é totalmente estranha e eu não tenho certeza se gosto.

Algo se constrói no fundo. Eu tive orgasmos antes, mas tenho uma sensação que este vai ser muito maior do que o resto. O constrangimento logo me abandona quando aperto a sua cabeça e rodo meus quadris desesperadamente contra o seu rosto. É o seu dedo dentro de mim, me dando algo para apertar quando me contraio, que está fazendo essa experiência muito melhor do que qualquer outra.

Explodo com um grito alto. Mal registro o fato de que ele desliza para cima do meu corpo e se posiciona na minha entrada.

O meu orgasmo ainda pulsa sobre meu corpo, e ele lentamente empurra para dentro. Estremeço com a mistura de dor e prazer pulsante.

“Pronta, Gwenny?” Ele pergunta, seus olhos nos meus.

Eu aceno com a cabeça ligeiramente. Estou pronta.

“Isto vai doer, querida, mas farei com que seja bom, eu prometo,” ele explica e há uma sensação profunda de rasgo dentro de mim, quando empurra os quadris para frente. Isso me tira o ar e traz lágrimas aos meus olhos. Grito e tento afastá-lo, mas ele afunda mais profundamente e me mantém no lugar com seus quadris e seu peito. “Você é tão gostosa, Gwenny.”

A dor inicial enfraquece, mas ainda há uma dor funda e sombria que acho que não irá desaparecer, apesar do prazer.

“Vou lentamente, mas farei isso rápido,” ele promete e beija minha boca profundamente. “Então, podemos fazer novamente em algumas horas e juro que não vai sentir mais assim.”

Eu olho em seus incríveis olhos castanhos cheios de amor e preocupação e aceno lentamente. Sinto-me bem por estar conectada a ele.

Ele se move lentamente, dentro e fora, nunca muito profundo com medo de me machucar. Observar o seu rosto enquanto o meu corpo lhe dá prazer me faz vibrar. É uma visão impressionante, uma que sempre apreciarei.

“É tão bom,” ele sussurra e beija o meu pescoço. “Honestamente, baby. Nunca senti algo tão bom.” A sua cabeça se aproxima do meu lábio ligeiramente sorridente. “Eu te amo.”

“Eu também te amo.” Seguro os seus ombros enquanto ele pega o ritmo. A dor maçante ainda está lá, mas não tão intensa. Eu sei que não vou gozar, ele também sabe disso e é por isso que me deu um orgasmo antes e provavelmente vai me dar outro depois.

Os quadris de Caleb deslizam lentamente de um lado para outro, o grande pau, grosso e duro está entrando e saindo.

Eu fui feita para ele.

A visão é maravilhosa quando o seu prazer se constrói, os sorrisos quando eu gemo, o volume dos olhos e o estremecer quando ele está prestes a gozar, particularmente, sensível, gravo tudo isso em meu cérebro. Tudo. Eu nunca vou esquecer e quero ver de novo e de novo.

Quando o seu orgasmo chega, ele empurra mais profundo e com mais força em mim, mas não me importo. Coloco as minhas pernas ao redor da parte de trás de suas coxas e seguro lá tão firmemente quanto possível. O seu pau engrossa e cresce dentro de mim, se aquece e pulsa. Eu sinto tudo. Escuto os seus gemidos e suspiros antes de, finalmente, falar meu nome e gozar com um grito sufocado.

Ele desmorona em cima de mim e o sinto amolecer lá dentro. Não é desconfortável, mas é definitivamente estranho.

“Você está bem?” Pergunto e arrasto os meus dedos por suas costas.

“Me dê um segundo, preciso encontrar o caminho de volta do céu,” ele diz, com o peito arfando contra mim enquanto tenta recuperar o fôlego.

Eu rio e me encolho quando ele desliza para fora com mais fluidez do que deveria ser possível, deixando-me vazia e oca, mas muito feliz.

“Ewww,” eu falo e sinto o corpo dele começar a tremer. “Não ria de mim! Isso é nojento.”

Ele só ri mais alto. “Eu vou te limpar. Fique aqui.”

“Está bem,” respondo e fico perfeitamente imóvel, não gostando da sensação da umidade pegajosa entre minhas coxas.

Quando ele finalmente me limpa o sorriso em seu rosto é enorme. Ele ainda sustenta o pano úmido para me mostrar o meu sangue vermelho misturado com os outros fluidos corporais. “Pare de olhar assim. É lindo.”

“Eu acho que nós temos opiniões diferentes sobre beleza,” declaro e rolo para fora da cama, enquanto olho para a mancha vermelha no centro. “Droga. Estes lençóis são de algodão egípcio.”

“Oops, eu nunca pensei nisso,” ele se desculpa e tira o lençol da cama. “Sente-se. Vou cuidar disso.”

E ele se encarrega de tudo.

Finalmente, nos enrolamos na cama e estou exausta. Embora, isso não o impeça de me trazer ao orgasmo mais uma vez. Ele teria feito isso mais duas vezes, mas estou muito saciada e dolorida para gozar novamente.

A minha cabeça repousa sobre o seu peito, os seus braços me abraçam com força e, depois de algumas palavras docemente sussurradas e suaves carícias, finalmente dormimos. A melhor noite da minha vida.

5

As semanas passam e a nossa relação só fica mais forte. Eu começo minha faculdade de culinária e panificação e até mesmo faço dois novos amigos. Sasha, que é uma loira deslumbrante com olhos azuis surpreendentes e Tommy, que é extremamente bonito, com cabelos castanhos claros e olhos castanhos.

No começo, quando contei a Caleb sobre ele, Caleb ficou com ciúme.

Eu me lembro de simplesmente conversar sobre como Tommy tinha levado Sasha e eu para tomar café.

Ele não ficou nada satisfeito.

Não... ele enlouqueceu.

"O que quer dizer com te levou para um café?" Ele franze a testa, parecendo impossivelmente atraente.

Deslizo para o seu colo e reviro os olhos. "É só um café. Ele é um cara legal. Você vai gostar dele."

"Não, eu não vou." Ele faz beicinho, mas o sorriso está voltando lentamente.

"Por quê?"

"Porque ele recebe sua atenção quando eu não."

Rio e dou um tapa em seu braço.

"Abusadora! Abusadora!"

“Pare com isso.” Eu rio e bato meus lábios nos dele. “Uma rapidinha antes da aula?”

“Não.” Ele faz beicinho novamente.

“Desde quando você não quer uma rapidinha?”

“Desde que você começou a sair com outro homem.”

Rio de novo, meu corpo todo sacudindo. “Então é melhor você me marcar onde ele possa ver e me cobrir com seu perfume. Apenas por precaução.”

O sorriso dele é perverso e sedutor, quero lambê-lo. “Merda, sim.” Estou em cima do seu ombro antes que tenha a chance de piscar. Ele dá um tapa na minha bunda e me carrega, enquanto chuto e grito com alegria, pelas escadas. “Quando eu terminar, você não vai se lembrar do nome dele.”

“De quem?”

“Boa menina.” Ele sorri, enquanto penetra em mim depois de empurrar minha calcinha de lado. “Assim é melhor.”

“Huum.”

* *

Um ano se passou. Oficialmente tenho vinte e Caleb está me dando uma festa. Sinto-me mal porque ele parece um pouco abatido, mas insiste que está bem. Está sofrendo com enxaquecas, mas seu humor parece melhorar quando está doente, em vez de piorar. O que é estranho. Eu fico uma cadela furiosa quando estou passando mal ou com fome.

Nunca conheci uma pessoa tão feliz por estar doente. Talvez seja por causa da maneira que ando em torno dele.

Eu decido que que provavelmente é isso. Eu o mimo muito.

“Aqui!” Sasha guincha do palco. Nós nos reunimos num bar para minha festa de aniversário e estou feliz de ver que todos os meus amigos vieram. “Você está absolutamente linda.”

Olho para o meu vestido, dourado e apertado, de um só ombro, e aceno em concordância. “Eu sei, certo?”

“SHOTS!” Ouço Tommy gritar de algum lugar de perto do bar.

Danço com a minha amiga em direção ao bar onde Caleb está junto de Tommy. Ele pisca para mim, joga a cabeça para trás e se encolhe quando o líquido corre por sua garganta. Tommy ri e lhe dá um tapa nas costas, não posso ouvir o que estão dizendo, mas eu posso vê-los falando de algo que é, provavelmente, um segredo. Huum. O que é tudo isso?

“Oh meu Deus, Stacey caiu de cara no chão.” Sasha comenta apontando e rindo junto com o resto do nosso grupo. Isso é engraçado.

“Você é uma cadela.” Stacey graceja e acerta as costelas de Sasha. “Vou pegar mais uma rodada.”

“Você pode lidar com isso?” Rio, e ganho um olhar da nossa amiga.

Nós descemos do palco e voltamos para o bar, tento me aproximar de Caleb, que se afasta e Tommy envolve o seu braço em volta de meu pescoço.

“O que há com Caleb?” Pergunto, tentando esticar o meu pescoço para vê-lo, mas o braço de Tommy fica cada vez mais apertado. “Você pode me soltar agora.”

“Não.” Tommy diz e balança um pouco. Suspiro.

Sasha me entrega um coquetel rosa, e bebo com moderação, não querendo ficar muito bêbada. É meu aniversário, quero sexo quente e pervertido. E não posso ter sexo de aniversário pervertido se eu estiver meio inconsciente.

Falando de sexo de aniversário onde está meu parceiro?

"Ok, então... ah, eu quase cai." *Oh Deus, o que ele está fazendo no palco?* "Então, bem... É o seu aniversário... Gwen, quero dizer." Ele coça a cabeça. Tommy finalmente me solta, assim suponho que estou autorizada a assistir. "E por ser seu aniversário, tenho um presente." Ele olha diretamente nos meus olhos. "Vem aqui, Gwenny."

Nego com a cabeça e dou um passo para trás. Não há nenhuma maneira no inferno que eu suba lá em cima.

Segundos depois, Tommy agarra meu braço e me força a ir em direção ao palco. Oh Deus.

Minhas palmas estão suando. O que ele está fazendo? "Você está louco?" Falo quando Caleb me arrasta para o seu lado.

"Por você," ele responde no microfone e um coletivo 'aww' pode ser ouvido.

Estou no inferno. "Pare com isso."

"Ela odeia ser o centro das atenções" Caleb diz a todos com seu jeito adorável. Estou morta de vergonha. "Então, farei isso o mais rápido possível."

"Nada de sexo no palco." Tommy grita fazendo todo mundo rir e me fazendo corar ainda mais.

"Cale a boca." Caleb responde e olha para mim. Virando meu rosto para ele e agarrando minhas mãos nas suas. Os lábios dele se movem, mas estou muito ansiosa e enjoada para entender o que ele diz. Eu consigo focar quando Sasha começa a fazer uma cena.

“Você está brincando comigo?” Sasha grita e os meus olhos ficam nela. “Todo esse planejamento, toda preparação e é assim que vai pedi-la? Você é um caso perdido.”

Pedir o quê?

Os olhos de Caleb se ampliam e todos ficam em silêncio. Eu perdi alguma coisa?

“Merda,” ele diz e recua um passo, enquanto parece apavorado e decepcionado. “Sério?”

Eu pisco em surpresa. “O quê? Tem alguma coisa no meu rosto?”

“Eu lhe pedi em casamento e isso é tudo que tem a me dizer?”

Oh.

Quer dizer... *o que?*

Ele me pediu em casamento?

“Você quer que eu me case com você?” Começo a chorar e dou um passo para trás. “Mas...”

“Você não me ouviu? Como poderia não me ouvir? Eu estava bem aqui.”

“Estava muito ocupada pensando que você queria fazer sexo no palco,” resmungo para que somente ele me escute. Ele ri e me puxa para seus braços.

“Então, você aceita?”

Eu mastigo ligeiramente meu lábio e aceno. “Só se você me deixar sair desse palco.”

Ele sorri; de maneira ampla e brilhante e os seus olhos brilham de felicidade. “Ela disse sim.”

Há um rugido ensurdecedor quando todos gritam juntos. Caleb me levanta e me beija profundamente. Retribuo o beijo antes de empurrá-lo, sentindo o sangue borbulhar no meu rosto.

“Onde está o anel?” Tommy grita.

“Puta que pariu!” Caleb amaldiçoa e se balança um pouco. "Eu tenho, um segundo.” Ele puxa uma pequena caixa do bolso e cai de joelhos diante de mim. Oh querido Deus.

“Quer se casar comigo?” Pergunta novamente. Por que está pedindo de novo?

“Eu já disse sim,” rio e o observo colocar o anel no meu dedo. É bonito, de ouro com um único diamante. Não podemos nos permitir muito, mas se pudesse pagar por um anel mais caro, nem sequer se compararia com a beleza desse. “Amei o anel.”

“E eu te amo.”

“Argh, clichê, espero que você saiba que você arruinou essa noite para mim.” Sasha faz beicinho, dá um tapa na cabeça de Caleb e se afasta deixando-nos rindo nos braços um do outro.

“Eu fiz um pouco de confusão,” Caleb admite, o seu corpo balançando novamente. “Dança comigo, querida.”

“Está bem,” concordo. Nós não dançamos, porém beijamos... muito.

Estou noiva.

Oh meu Deus. Estou noiva!

Vou me casar com o homem dos meus sonhos.

Três shots depois, estou em pé numa cadeira bamba e anuncio isso para o bar inteiro.

Caleb me dá mais dois shots e uma hora depois estou acariciando seu pau... na privacidade do nosso quarto.

***

Ando de um lado para o outro mordiscando os meus dedos. Isto não está acontecendo. Isso não pode acontecer.

Tenho tudo planejado, estou no controle e tudo o que possuo tem um lugar. Caleb sempre diz que meu corpo não sabe quando será a hora para qualquer coisa. Ele não está errado.

“Estou de volta.” Caleb grita através da porta, ofegante como um cão.

Não hesito em arrancar a sacola plástica de sua mão e correr com ela até as escadas, desembrulhando o pacote no caminho. Quando chego ao banheiro, tudo o que estou segurando é aquela varetinha.

“Sério que você vai ficar e assistir?” Arqueio uma sobrancelha para Caleb.

Ele fecha a porta e se inclina contra ela. “Sim. Não vou perder isso. Eu deveria tirar fotos.”

“Por que diabos você quer fotos?” Estou boquiaberta, incrédula.

“Pois, então, seremos capazes de mostrar ao nosso filho ou filha o momento em que descobrimos sobre ele.”

“Filho ou filha?” Eu engasgo e sento no vaso. Uma vez que termino, descanso a vareta ao lado e lavo as mãos. “O que quer dizer filho ou filha?”

Ele dá de ombros. “Bem, o que tem além de menina ou menino numa gravidez?”

O meu queixo bate no chão. “Eu não quero nada.”

Ele congela, os seus olhos na vareta de plástico quando o xixi começa a se mover lentamente através do papel branco por trás do pequeno visor. “Você não quer ter filhos?”

“Não agora,” lamento e passo os dedos úmidos através de meu cabelo. “É... Que não podemos ter uma criança agora. Nós dois estamos na Universidade. Não quero desistir da minha educação.” Como isso foi acontecer? “Eu não esqueci de tomar nenhuma pílula. Nenhuma. Não estive doente, não tomei qualquer tipo de medicação que pudesse cortar o efeito do anticoncepcional, não mudei os meus hábitos alimentares. Não entendo.” Eu o olho, enquanto dirijo minha raiva a ele porque precisa ir para outro lugar. “Você sabe como sou prevenida. *Você sabe*.”

“Nós vamos dar um jeito nisso.” Ele parece demasiado feliz. Muito feliz. Caleb pega o bastão depois de mais alguns instantes e compara com a parte de trás da caixa que deixei cair no caminho. O seu sorriso se alarga. “É positivo.”

Choro.

Os seus braços se envolvem em mim. “Vai ficar tudo bem. Nós vamos resolver tudo, prometo. Eu te amo tanto, Gwenny.”

Isto só me faz chorar ainda mais. Eu não quero um bebê agora. Quero terminar a faculdade, me casar e todas as outras coisas que vem com o passar do tempo.

“Somos muito jovens,” fungo e limpo o nariz em um pedaço de papel. “Nós precisamos lidar com isso, não posso estar de mais do que algumas semanas. Minha menstruação só está atrasada alguns dias.”

Os seus olhos escurecem com uma intensidade que nunca vi antes, e gostaria de não ter deixado escapar minhas palavras tão insensivelmente. “Lidar com isso? O que quer dizer lidar com isso?”

Eu ando cautelosamente, escolhendo as minhas palavras suaves e espero ser convincente. “Um médico pode resolver isso em pouco tempo. É só um problema menor e, em seguida, assim que eu terminar a faculdade e nós tivermos nossa própria casa e um emprego estável, podemos tentar novamente. Obviamente também estaremos casados.”

Ele me encara, a boca aberta em choque.

Eu continuo. “É melhor, Caleb.”

A dor passa rapidamente por seus belos olhos castanhos, as suas mãos se fecham em punhos no balcão em frente.

“Droga, que seja... olhe,” odiando ter colocado esse olhar em seu rosto. “Vamos falar sobre isso mais tarde. Tenho que ir para aula.”

Lanço minha bolsa sobre o ombro e me inclino para baixo para tocar meus lábios aos seus, que ficam imóveis. Ele não olha para mim e é claro que isso me preocupa, mas tenho uma prova em vinte minutos. Preciso ir.

* *

No caminho para a classe, encontro com minha amiga mais próxima, Sasha. Admiro seu penteado do dia, ele cai em ondas soltas, louro até os ombros e une seu braço ao meu. “Como vão as coisas?”

“Na mesma.” Minto, mas ela não sabe. “Não estou ansiosa para esta prova. Você já tem um estágio?”

“Eu também e não. Não somos todos tão afortunados e tão inteligentes como você,” ela brinca me golpeando com o cotovelo nas costelas. “Como está o marido?”

“Ele está bem,” minto outra vez, mas ela não nota. “Ele tem uma vaga na empresa Anderson. Vai terminar lá o restante do ano.”

Ela balança a cabeça. “Estou com tanta inveja.”

“De que?”

“Da sua vida, é tão organizada e sempre sabe o que está fazendo. Para não mencionar o fato de que tem o melhor cara do mundo e ele adora você.”

HA! Como está errada agora. Ainda assim, tranquilizo-a como uma boa amiga faria. “Você vai ser um sucesso, baby. Você vai ver, vai dar tudo certo no final.”

“Ei, Tommy!” Ela chama nosso colega. Ele corre para nós, e quebra a nossa ligação se empurrando no meio. Os seus braços se enrolam em torno de nossos pescoços. “Como estão as duas mais belas mulheres do campus esta manhã?”

“Fabulosas,” Sasha responde e sorri para ele. “Onde está a sua mulher?” Ele conheceu uma garota muito agradável, chamada Maci, na minha festa de aniversário há dois meses e eles estão namorando desde então. Estou feliz por ele; eles combinam.

“Ali.” Ele aponta para um grupo que está entrando no edifício. “Ei, sexy!” A namorada revira os olhos, mas vejo o seu sorriso e sei que tudo está bem. “Tenho de ir se eu quiser fazer algo antes da minha próxima aula.”

“Sua próxima aula é em três horas,” rio, sabendo os horários do meu amigo de memória. Sou organizada.

“Exatamente. Não é tempo suficiente.” Ele corre acenando sobre seu ombro.

“Essa garota tem sorte,” Sasha suspira melancolicamente e passa por um grupo de pessoas parado em frente à porta. “Vamos lá, estamos quase atrasadas.”

* *

A prova correu bem e, mesmo que minha mente estivesse em outras coisas, não tenho dúvida de que me sai bem. Estudei pra caramba para isso. Se for mal, não é um grande negócio, mas conta para uma porcentagem da minha nota geral que eu gostaria de manter.

O meu curso de culinária está indo muito bem, principalmente porque somos apenas doze na classe. É a minha classe de Gramática que tem me deixado constantemente estudando. Não sei o que me levou a pegar essa matéria extra, parecia uma boa ideia na hora e amo escrever.

Agora, preciso resolver meu problema atual... Digo a Sasha que vou para casa almoçar, quando na realidade vou ligar para meu médico para marcar uma consulta e depois vou para casa.

Como esperado, Caleb está em casa, sentado na sala bebendo chá e comendo biscoitos enquanto meche em seu telefone.

“Ei,” digo e ele inclina sua cabeça para trás para que possa me ver.

“Ei,” ele responde, os olhos vazios e sem seu sorriso fácil. Isso faz meu coração doer.

“A prova correu bem,” sento-me no braço da cadeira e corro os dedos pelo cabelo dele.

Ele consegue sorrir, mas é muito triste para ser considerado um sorriso. “Isso é ótimo, boas notícias, baby. Estou orgulhoso de você.”

“Eu também marquei uma consulta com meu médico para amanhã,” digo cautelosamente, não querendo entristecê-lo ainda mais. Ele precisa ver isso do meu ponto de vista.

Os seus olhos escurecem perigosamente. Eu nunca o vi tão... bravo. “Basta fazer o que você tem que fazer, mas não espere que eu esteja lá.”

O que? “Você está falando sério?”

Os olhos dele voltam para o telefone. “Sim.”

“Farei isso sozinha?”

“Uh-huh.” Ele toma um gole da bebida, com o rosto firme e implacável.

Meu coração se parte. “Você não vai me apoiar? Segurar minha mão?”

“Não.”

“Bem... tudo bem então,” me esforço para dizer, pois estou lutando contra as lágrimas que parecem estar alojadas na minha garganta. “Eu vou lá para cima.”

“Como quiser,” ele diz, aparentemente, não afetado com minha óbvia angústia. Ele sempre me apoiou, sempre. Caleb odeia me ver chorar. Sempre que choro, ele me diz que quebra seu coração.

Uma vez brigamos tão feio, que ele acabou jogando um prato contra a parede, isso me assustou. Pensei que estava me deixando. Eu chorei. Lembro-me de quanta dor senti quando

disse que não podia lidar mais com isso e jogou o prato do outro lado da cozinha.

Não foi muito tempo depois que estávamos morando juntos. A minha mãe não vai me ajudar, no mínimo. Ela pensa que sou uma menina jovem e ingênua com a cabeça nas nuvens. Ela só vai ver o quão feliz e estável somos quando eu terminar a universidade e nos casarmos e tudo ficar bem.

Ele estava chateado porque seus pais se recusaram a lhe dar acesso ao seu dinheiro, mesmo frequentando as aulas e se saindo surpreendente bem em suas notas. Eu disse que ia ficar tudo bem e ele apenas olhou para mim e gritou. “Você não entende e nunca vai entender.”

Ele estava bravo com eles, não comigo e foi a primeira vez que levantou a voz para mim, o que me assustou demais. Caleb não é o mesmo quando está irritado.

Com o que mais ele não podia lidar? Os pais? Eu? Nós? A casa? A falta de dinheiro? Ele nunca me disse; só me disse para esquecer, isso não era típico dele.

* *

Comecei a chorar e imediatamente ele ficou sério. A sua irritação desapareceu como fumaça, e apenas me abraçou, me implorando para não chorar. Dizendo-me que seu coração se parte quando choro.

E agora ele vê minha angústia, mas não faz nada. Que se foda.

Subo as escadas pisoteando, os meus olhos queimando, mesmo que minhas lágrimas não estejam transbordando. Tento não pensar muito sobre isso, ele vai me perdoar; sei que

vai. Pelo menos... Eu espero que sim. Não é o momento certo para um bebê.

Surpreendo-me quando o escuto me acompanhar pelas escadas, claramente tem algo que quer dizer. Talvez possamos resolver isso.

Eu sento na cama e espero ele me alcançar. Quando chega, fica no batente da porta apenas olhando para mim, seus olhos em branco. Eu não posso interpretar o que ele quer.

“Por que você está fazendo isso?” Ele pergunta de repente, as sobrancelhas franzidas.

“Porque esse não é o momento certo. Eu gostaria que viesse comigo,” digo, com minha tristeza clara.

“Não.” Ele diz entredentes. “Eu não vou.”

“Querido...”

“Se você fizer isso...” Ele para de falar e endireita o corpo de repente enquanto seus dedos correm através do cabelo. Ele parece devastado. Dói profundamente em mim vê-lo assim. Muito mesmo.

“Sim?” Eu incito, não querendo que ele termine a frase, mas sabendo que fará.

“Eu nunca vou te perdoar.” Meu peito aperta com as suas palavras. “Nunca.”

“Caleb,” suspiro, minha mão indo para o meu peito, como se estivesse tentando protegê-lo de seus golpes emocionais. “Você não está falando sério.”

“É nosso,” ele grita. “É metade meu. Eu deveria ter poder de opinar.”

“Nós não estamos prontos,” grito de volta. “Quero terminar minha graduação e comprar uma casa primeiro.”

“Nós vamos resolver isso,” ele diz, com a voz quase suplicante. “Juntos podemos resolver isso. Vou pedir aos meus pais para ajudar com assistência à criança.”

Eu rio friamente. “Você quer dizer os pais que rejeitaram você por ficar comigo? Por que iriam nos ajudar?”

Ele estremece. “Eles ajudarão. Vou trabalhar para o meu pai.”

“O motivo que te levou a sair de casa, em primeiro lugar, foi para evitar trabalhar com o seu pai. Como essa é uma opção melhor? Você vai acabar nos odiando por empurrá-lo para isso.” Chego perto, mas Caleb se afasta. “Nós temos um monte de empréstimos estudantis para pagar e no primeiro ano de trabalho nenhum de nós estará fazendo muito dinheiro. Serão apenas estágios. Sem garantia de que vão nos efetivar e, definitivamente, ninguém vai me contratar grávida.”

“Nós vamos fazer isso funcionar. Você vai ver. Tudo vai ficar bem.”

“Você está vivendo num mundo de sonho. Não temos dinheiro, nem família. Somos apenas nós.” Digo com firmeza.

“Vou abandonar a Universidade, retomarei os estudos em alguns anos.” Ele agarra o meu braço. “Nós vamos fazer isso funcionar.”

“Será muito difícil.”

“Eu quero este bebê. Quero um bebê com você.”

Eu zombo. “Você não acha que também quero isso? Claro que quero. Apenas não agora!”

“Então você já tomou sua decisão?” Ele rosna, o seu rosto é uma máscara de raiva e mágoa. “Sem sequer ouvir o que eu quero?”

“E sobre o que eu quero? O que eu preciso?”

“Tudo bem,” ele rosna. Nunca o vi tão bravo. Ele está até mais bravo que o dia que quebrou o prato. Está furioso por minha causa, seu corpo tenso tremendo. Meu coração para quando o vejo começar a embalar suas coisas em uma mala grande que puxou de debaixo da cama.

“O... o que está fazendo, Caleb?” O meu coração angustiado para completamente quando ele olha para mim e responde. “Eu não posso ficar aqui.”

“Por quê?” Entro em pânico, acho que estou morrendo. Meu corpo dói.

“Eu não posso ficar de braços cruzados enquanto você mata o nosso bebê.” Isso dói.

Pisco em horror. “Você está me deixando?”

“Sim.” Meu peito formiga e meu estômago se aperta.

“É um ultimato?” Solto bruscamente, não acreditando em meus ouvidos ou olhos. As lágrimas transbordam, não posso controlar. Ele não responde. “Caleb, por favor não faça isso.”

Ele congela, com as mãos segurando a mala aberta na cama.

“Por favor,” eu choro e agarro seu braço. “Por favor, Caleb. Não me faça passar por isso sozinha.”

“Não faça o aborto.” Ele exige, o corpo ainda tenso.

“Por que você não pode esperar um pouco?” Eu meio que grito, meio que soluço. “Por que você não pode simplesmente esperar, porra?”

“Você está matando o meu filho.”

Eu o empurro para longe, as suas palavras queimando meu cérebro. “Não veja dessa forma. Por favor.”

“Como posso ver de alguma outra maneira?”

Não. Ele não pode fazer isso. Ele não pode.

Mas faz.

Eu o vejo arrumar suas malas, seu rosto sério e seus passos firmes. Caleb sai, levando o carro e, durante toda a noite, não volta.

***

Sento no consultório médico, explico a minha situação, e sinto alívio quando ela entende. Ela me dá um teste só para ter certeza. Quando se confirma novamente positivo, a médica marca uma hora na clínica. Eu tenho duas opções para interromper a gravidez, um eles me colocaram para dormir e tiram tudo, ou me dão um comprimido e espero durante seis horas até meu corpo fazer o que tiver que ser feito.

Escolho a primeira opção. Pode me chamar de covarde.

Meu horário é agendado para dali quatro semanas. Eles dão algum tempo para o caso de você mudar de ideia. É um tempo muito longo, quero fazer agora.

Na sala, Sasha percebe que algo está errado, mas não conto a ela. Não conto a ninguém. Não posso. Ninguém precisa saber sobre isso. Ninguém.

Nem sequer eu queria saber.

* *

Quando chego em casa, me encolho na cama e choro. Ele não está em casa. Por que não está em casa?

Posso, honestamente, fazer isso com ele? Posso olhar em seus olhos e dizer que vou matar seu filho? Porque isso é o que é. Eu não estou lhe dando nenhuma escolha e é metade dele. Ele tem razão.

Rolo de costas e fecho os olhos, deixando os meus problemas se afundarem como uma âncora no mar. A mão repousa sobre o meu ventre, e tento imaginar como seria minha vida estando grávida. Ter o bebê de Caleb no meu ventre por nove meses, e trazê-lo para o mundo.

Ele ou ela, com quem se pareceria?

Teria o cabelo de Caleb? Seus olhos?

Deixo escapar um longo suspiro juntamente com um soluço e viro de lado. Encolhida em posição fetal e choro. As dores e tristezas pesam muito. Minha consciência atormentando minha indecisão.

“Eu não posso fazer isso,” digo em voz alta para ninguém. Eu não posso.

Quem estou enganando? Não há nenhuma maneira que eu possa matá-lo. De jeito nenhum.

Mas se não fizer nada, minha experiência universitária será arruinada. Nada mais de álcool, não que eu beba muito de qualquer maneira, nada mais de sair para cinemas ou um clube. Vou partir meu traseiro de tanto estudar, em seguida, voltar para casa com fraldas sujas e vômito.

Um de nós terá que abandonar a universidade, pois não há nenhuma maneira de sermos capazes de pagar uma creche. Talvez haja alguma coisa para ajudar estudantes nesta situação?

Estou tão profundamente perdida em meus pensamentos que não ouço a porta abrir, por isso, quando alguém toca meu ombro e a cama afunda, grito como uma louca e caio da cama.

“Cristo.” Ele está rindo. Rindo? Como pode rir agora? Isso porque é um idiota. “Você está bem?

Oh meu Deus. Caleb está aqui. “Eu estou bem.” Subo de volta na cama, cuidando do orgulho ferido. “Você está aqui.”

Seu riso para e o sorriso desaparece. “Sim. Nunca deveria ter saído, odeio quando você chora. Parte meu coração. Sinto muito.” Os seus braços se fecham em torno de mim e logo estou no seu colo. O seu calor penetra em mim através do seu abraço.

Dou-lhe as boas-vindas.

“Me perdoa?” Ele sussurra e beija meu pescoço. Eu enterro meu rosto em seu peito, aliviada que está aqui. “Eu deveria ter lidado melhor com isso. É só que...” Ele suspira pesado e por um longo tempo.

“O que?”

“Você já se sentiu como se não importa o que faz ou o que é, nós nunca, realmente, deixaremos nada para trás?”

E novamente. “O que?”

Ele se afasta e fica encostado à cabeceira da cama, depois se apoia nos travesseiros atrás dele. “Filhos são nosso único legado.”

“Não sei o que você quer dizer.”

Ele esfrega o rosto com as mãos e me puxa para o seu peito. “Quero dizer, quero um filho com você. Esse filho, agora. Claro que o momento não é ideal, mas é uma situação que vamos cuidar juntos.” Mãos quentes sustentam as minhas

e seus olhos me imploram para ver as coisas do seu jeito. “Por favor, Gwenny. Não destrua tudo.”

“Certo,” eu suspiro e minha cabeça cai para frente. “Se é isso que você quer, então tudo bem. Faremos isso juntos.”

Ele sorri e me abraça. “Obrigado, Gwenny. Honestamente, vai ser ótimo. Você vai ver.”

Pressiono meus lábios nos dele e murmuro contra eles, “eu acredito em você.”

Algo flameja nos seus olhos, algo que me faz desconfortável. Eu não consigo ter certeza do que é, só sei que não vou esquecer.

“Obrigado,” ele sussurra e pressiona os lábios nos meus. “Eu te amo.”

“Eu também.”

“Ei,” ele me dá um aperto e franze a testa. “Se você vai dizer que me ama, tem que dizer corretamente.”

Reviro meus olhos. “Eu também te amo.”

Ele me libera e se levanta da cama. “Vou fazer um pouco de chá e qualquer coisa que você queira.”

“Ok.” Sorrio docemente e o vejo sair do quarto com o coração pesado.

Ele reaparece segundos depois. “Eu quase me esqueci.” Engatinhando em cima da cama, levanta a camisa sobre a minha barriga e beija logo acima do cós da calça. “Te amo, bebê Weston.”

Oh Deus.

Eu me derreto.

“Tenho certeza que ele também te ama.”

Ele beija minha barriga mais uma vez, me cobre e corre para o andar de baixo.

Eu definitivamente estou derretida.

6

"Você está de seis semanas e três dias." Ela traça um círculo em torno do feto para que possamos ver mais claramente. "Esta oscilação é o seu batimento cardíaco; essa é a cabeça." Fico olhando hipnotizada para a tela.

Ouço um estrangulamento ao meu lado e viro a cabeça para Caleb.

"Você está chorando?" Pergunto, com meus lábios se contraindo.

"Não." Ele faz beicinho, sua mão segura firmemente a minha e os olhos na tela.

A sala está escura, iluminada apenas pelo brilho preto e verde da tela. O brilho ofuscante mostra uma trilha de lágrima em seu rosto. Limpo com o polegar e meu sorriso se alarga.

"Manteiga derretida."

"Não estou chorando," ele protesta com um sorriso. "Tenho algo no olho."

"Nos dois?" Observa a senhora que realiza o exame e explodo num ataque de riso.

Caleb se inclina para frente e pressiona seus lábios contra os meus. "Te amo, Gwenny."

"Eu também te amo," sussurro de volta e aprofundo o beijo por um momento.

"Vou imprimir algumas fotos," diz a mulher, nos dando um pouco de privacidade.

Eu olho nos olhos de meu noivo e corro os dedos pelo seu cabelo comprido. “Você tem certeza disso, Caleb?”

Um olhar de pânico encontra o meu. “Você não tem?”

“Eu tenho. É por isso que estou perguntando a você, porque se voltar atrás agora estarei por minha conta.”

Os seus ombros se encolhem e, o polegar acaricia minha bochecha com os seus belos olhos castanhos fixos nos meus. “Eu nunca vou deixá-la sozinha, Gwenny. Nunca. Quero isso mais do que você pode imaginar.”

O que isso quer dizer? Por que sinto que algo não está certo? Claro que estou feliz, que mulher grávida não está quando finalmente, é seduzida pela gravidez? É só que... não posso evitar, mas sinto que Caleb está escondendo alguma coisa.

Provavelmente estou sendo estúpida. Talvez sejam os hormônios extras me fazendo imaginar coisas que não existem.

“A sua mãe vai me matar.” Caleb diz, interrompendo os meus pensamentos erráticos e me fazendo explodir em milhões de pedaços.

“Oh merda.” Não tinha pensado nisso. “Nós não vamos dizer a ela até que se comece a notar.”

“Tenho certeza que ela vai superar,” posso dizer que nem mesmo ele acredita naquelas palavras.

Minha mãe, embora a ame, sempre me proporcionou o que eu precisava, mas nunca fui mais do que um inconveniente para ela. Quando descobrir sobre isso, nunca mais vai falar comigo novamente. Parte de mim não se importa. Mas a criança em mim ainda deseja sua aprovação e ainda está ansiosa para deixa-la orgulhosa.

“Você me tem.” As palavras tranquilizadoras dele fazem exatamente isso. Ele tem razão; tenho Caleb e meus amigos. Eles são tudo que preciso.

“Para sempre,” murmuro com os olhos no meu anel brilhante.

“Para toda a eternidade.” Os lábios dele se inclinam sobre os meus, mas rapidamente somem quando a mulher entra na sala com as imagens impressas.

Quando chegamos em casa, Caleb as coloca em um porta-retratos e o pendura na parede do corredor. “Esta será a nossa linha do tempo. Nossa foto de casamento ficará no meio. Amanhã vou colocar a nossa primeira foto aqui.”

“Você é um romântico,” rio e beijo sua barba. “Vou preparar o jantar.”

“Brilhante, frango empanado?”

Eu aceno com a cabeça e viro em direção a cozinha, a mão pressionada contra a barriga.

“Ei, quase esqueci.” Ele diz e em um segundo Caleb está de joelhos, puxando minha camiseta por cima da minha barriga. Ele aperta as mãos no meu ventre e, em seguida, dá um beijo. “Eu te amo, bebê Weston.”

Acabo de me derreter novamente. Ele tem esse efeito em mim.

***

Me agarro ao vaso sanitário, com a cabeça para frente. Caleb amarra o meu cabelo para trás e esfrega círculos lentos nas minhas costas. “Acabou?”

Vomito.

“Acho que não,” ele diz antes de bocejar, enxugar a testa e depois a minha boca com um pano frio. Que agradável. “Pobre bebê.”

“Odeio isso. Você é o culpado,” brinco e sento no chão de azulejos. “Ugh. Vou vomitar de novo e será muito em breve.”

“É um bom sinal; ele está crescendo bem.” Caleb insiste que é um menino. Ele realmente quer um menino, mas ainda ficará feliz se tivermos uma menina. “Caleb Weston,” ele diz com a mão em minha barriga, “é um bom nome.”

Eu rio e dou um tapa no seu braço antes de ficar de pé. “Esse é o seu nome.”

“Exatamente.” Os braços dele deslizam em volta da minha cintura enquanto rapidamente escovo os dentes, ansiosa para tirar o sabor horrível de vômito da boca e livrar os meus dentes dessa sensação arenosa. “Quatorze semanas e três dias. Podemos começar a contar às pessoas agora?”

“Não me venha com essa,” digo, com minha boca cheia de espuma mentolada. Cuspo. “Eu sei que você já disse para todo mundo. Inclusive para Sasha, ela sabe e está fingindo que não.”

Ele tem a decência de parecer envergonhado. “Não pude evitar.”

“Você é incorrigível,” bufo e lavo minha boca, enquanto fico me contorcendo quando a mão de Caleb acaricia minha buceta através do short de pijama. Arrepio. “Agora? Sério? Meu estômago ainda está fazendo cambalhotas.”

“Deixe-me distrair você,” ele respira contra meu pescoço e empurra o seu pau duro contra minha bunda.

Um barulho soa na porta no andar de baixo, nossas cabeças giram rapidamente em direção ao som. “Quem é? São...” confiro no meu relógio. “Seis e quinze.”

“Não faço ideia, parece urgente.” Caleb diz e me libera. “Fique aqui.”

Aceno e o sigo para o quarto e, em seguida, o corredor. Espero no topo das escadas e ouço quando Caleb abre a porta.

Eu não reconheço a voz masculina que começa a falar com ele, mas logo sei quem é quando Caleb pergunta “O que você quer, Nathan?”

“Eu não posso deixar você fazer isso,” Nathan responde, a voz baixa e profunda. Fazer o que?

Desço as escadas e minha curiosidade aumenta dez vezes a cada passo, quando suas vozes se tornam um sussurro abafado. Caleb acaba de dizer ‘Eu a amo, juro?’ Não consigo ter certeza.

Quando chego ao último degrau, dois pares de olhos se viram para mim. Nathan é alguns centímetros mais alto que Caleb e embora sejam parecidos, o rosto de Nathan é muito mais anguloso que o de Caleb e não há indícios de barba. Ele está usando um terno e parece elegante. Sempre apreciei um homem de terno, entretanto as luvas que cobrem suas mãos me confundem. Por que essas luvas de couro pretas? Está quente lá fora. Ele tem uma motocicleta?

Seus olhos examinam o meu corpo, com um olhar sombrio no rosto. Minha mão vai para minha barriga quase protetoramente.

“Eu lhe disse para ficar lá em cima.” Caleb resmunga com uma carranca.

“Eu sou Gwen,” digo a Nathan e ofereço minha mão. “É um prazer conhecê-lo.”

Nathan olha para minha mão durante alguns segundos antes de olhar para o seu irmão. “Você está louco?”

“Pelo menos diga oi para minha noiva *grávida*, Nathan. Onde está a sua educação?” Caleb ladra com os dentes cerrados. Por que ele anunciou a gravidez dessa maneira?

Nathan olha novamente para mim, mas seus olhos estão focados na minha barriga. “Eu não posso acreditar.”

“Nathan,” Caleb adverte, com as mãos levantadas e seus olhos arregalados. A carranca de Nathan é assustadora e até mesmo eu me encolho rapidamente. “Por favor.” Nathan parece pensar por um momento sobre o que diabos eles estão falando. Os seus olhos se estreitam, por isso estou adivinhando que a conclusão que ele chegou não é boa.

Acontece rápido, muito rápido. O punho de Nathan golpeia a maçã do rosto de Caleb. Caleb voa para trás, tropeçando em um sapato antes de cair sentado. Minha mão vai para a minha boca em choque.

“Seria bom você se livrar disso antes que seja tarde demais.” Nathan diz apontando para a minha barriga. Eu o assisto tirar a luva e começar a esguichar algum tipo de esterilizador líquido em sua mão. Ele se vira e vai embora, ainda esfregando a loção em seus dedos com a mão enluvada. Isso é estranho. Que idiota.

“Você está bem?” Ignoro o comentário de Nathan. Mesmo que queira muito arrancar seus olhos, Caleb precisa de mim.

Ele revira sua mandíbula e toca a maçã do rosto com um dedo. Ambos estremecemos. Já posso ver o inchaço e não tenho dúvidas que está sensível. “Vou pegar um pouco de gelo e você vai me dizer o que aconteceu.”

“O meu irmão é um idiota, isso é o que aconteceu,” ele solta e puxa o braço das minhas mãos antes de ir para cozinha. “Porra, ele tem um belo gancho de direita.”

Paro na porta e o vejo pegar um saco de ervilhas congeladas do freezer antes de envolvê-lo em um pano e colocar sobre o rosto. “É tudo o que você vai me dizer sobre isso?”

“Não quero falar sobre isso,” ele suspira e descansa a cabeça para trás. “Sinto muito que tenha presenciado essa cena.”

“Eu também. Especialmente porque não sei, exatamente, o que vi.”

Ele balança a cabeça. “Ele está chateado pois o deixei sozinho lidando com os nossos pais e ainda está mais chateado que engravidei alguém antes do casamento. O meu irmão é estranho.”

“Então por que você disse a ele que estou grávida?”

Caleb dá de ombros. “Parecia uma boa ideia.”

“Ele me disse para me livrar do bebê, isso não parece um comportamento normal.”

Ele ri friamente e nunca ouvi esse riso dele antes. É um pouco assustador. “Meu irmão não é normal. Fique longe dele, Gwen. Ok?”

Aceno com a cabeça, não querendo discutir sobre algo que estou completamente de acordo. Não há nenhuma maneira no inferno que eu vá ficar perto dele novamente. “Talvez seja melhor apresentar queixa.”

“Não, ele é meu irmão. Só me deu um soco e foi embora. Acabou.” Caleb diz e agora parece triste.

Deslizo para o seu colo e envolvo meus braços em seu pescoço. “Sinto muito, Caleb.”

Beijo sua boca, e pressiono meu corpo contra o dele, querendo absorver a sua dor.

“Eu te amo, Gwenny. Sempre.” Caleb se afasta e me olha nos olhos. “Nunca esqueça isso. Não importa o que. Está bem?”

Faço uma carranca, enquanto aceno com a cabeça. “O que anda acontecendo com você ultimamente? Parece estar no limite e sempre dizendo coisas estranhas que normalmente não diria.”

Ele dá de ombros. “Provavelmente é a emoção de me tornar pai. Desculpe se pareço...” Agora ele está sorrindo. “Esquisito? É essa a palavra certa?”

“Você sempre foi esquisito. Talvez seja porque, pela primeira vez, você está realmente agindo como alguém normal.”

“Insolente,” ele ri e me obriga a descer do seu colo no banco alto. “Deixe-me levá-la para a cama e lembrá-la de como sou esquisito.”

“Não acho que preciso ser lembrada, mas vou com prazer e fingirei que preciso.”

***

Duas semanas se passam e finalmente digo ao meu chefe que estou grávida, agora que já se pode notar um pequeno volume. Eu apareço atrasada para o trabalho devido a Caleb estar doente. Ele tem uma enxaqueca que o mantém preso a cama, com o rosto debaixo das cobertas. Me sinto mal

por ele e por não poder ficar em casa para cuidar dele, mas não posso. Precisamos de todo o dinheiro que pudermos conseguir.

Meu patrão, Derrick, por sorte é realmente compreensivo. Ele até me dá um abraço e me felicita, o que é agradável.

O trabalho é chato e estou cansada de todo mundo me perguntando onde está Caleb. Ele está em casa! Obviamente. Por que importa? Se fosse eu que estivesse faltando ao trabalho, eles não estariam em pânico, estariam tentando dar em cima do meu noivo. Eu sei disso porque Sasha vem com um grupo de meninas a cada quarta-feira. E não trabalho na noite de quarta-feira. Ela me diz sobre o grupo de mulheres que constantemente o cerca, mas ele as afasta tanto quanto pode.

Você pensaria que a notícia do nosso noivado e a gravidez serviria como aviso para essas mulheres, mas algumas delas tentam ainda mais do que antes. Isso me deixa furiosa. Ao ponto de me enlouquecer.

Felizmente tenho total confiança em Caleb e por isso não estou preocupada. É apenas irritante. E cansativo para ele também.

Quando finalmente chego em casa entro no chuveiro e depois me aconchego na cama ao lado do meu doente futuro marido. Ele imediatamente se enrola em mim, trazendo o meu rosto para o seu pescoço.

“Case-se comigo,” sussurra quando ponho minhas mãos contra sua pele febril.

“Você está queimando.” Tento me afastar para poder pegar seu remédio.

Ele não deixa. Olha nos meus olhos no escuro; ele está falando sério, extremamente sério. “Eu quero me casar na quarta-feira.”

“O que?”

“Por favor. Faça isto por mim. Já dei entrada nos papeis. Catorze horas na quarta-feira. Eu queria amanhã, mas para amanhã já estava tudo agendado; será uma viagem de carro.”

“Isso é impossível! Leva tempo. Nós temos documentos para enviar e declarar. Não tem como casar em dois dias. O que há de errado com você?” Eu o empurro me libertando da prisão de seus braços. “Deixe-me pegar algo para baixar a sua febre.”

“Porra! Você não está me escutando!” Ele exclama de e se senta ereto na cama. Ele se encolhe e aperta as mãos na cabeça. “Eu preciso que você se case comigo, por favor. É simples. Nós podemos ter uma festa em alguns meses, mas quero fazer de você minha esposa. Eu já fiz tudo. Já enviei tudo. Comecei no dia que você concordou em se casar. Tenho certeza que já está tudo certo.”

Droga. Isso é loucura. Ele está delirando.

“Me prometa!” Ele diz sem fôlego.

Eu aceno com a cabeça, sem dizer as palavras que quer ouvir, mas com um tipo de significado nelas. “Está bem.”

Ele cai atrás, deita-se para trás, seu corpo muito pesado pela falta de energia no momento. Aproveito a oportunidade para correr para o banheiro e molhar um monte de toalhas. Quando as coloco sobre sua pele, ele grita. Meu pânico aumenta. “O que há de errado? O que é? Acho que deveria chamar uma ambulância.”

“Não!” Ele quase grita e suas mãos prendem ao redor do meu pulso. “Estarei bem pela manhã; é só gripe ou algo assim.”

“Eu não sei, Caleb,” sussurro e coloco uma toalha molhada na testa dele.

Ele me encara. “Por favor, Gwenny. Sem hospitais.”

Eu suspiro e concordo. Ele tem razão, provavelmente não é nada. Só tenho que ficar de olho nele.

“Eu quase esqueci,” ele sussurra me puxando para mais perto. “Traz ele aqui.”

Dando risada, subo na cama e levo minha barriga até seu rosto.

“Te amo, bebê Weston,” ele diz e sinto seus lábios pressionarem contra minha barriga. Segundos depois, ele está dormindo e troco as toalhas. Sua temperatura está tão alta que a água nas toalhas fica morna. Isso é uma loucura. Agora estou realmente preocupada.

Pela manhã Caleb está muito melhor. Sua febre baixou no meio da noite, sei disso porque eu não dormi nada. Não quero que vá para a aula e fico chocada quando ele facilmente concorda e passa o dia comigo na cama assistindo filmes e comendo porcaria.

Então ele me lembra o que disse na noite passada e meu coração começa a bater rápido. “Vamos nos casar na quarta-feira.”

Eu o viro para que ele fique de costas. “Por que a pressa?”

“Você está grávida do meu filho, quero fazer isso direito.”

Faço uma carranca e penso por um momento. Eu quero andar até um altar em um vestido branco deslumbrante.

Quero a festa e os confetes. Eu não quero me casar em um cartório apenas por casar.

Ele nota meus pensamentos agitados e me dá uma sacudida. “Eu odeio usar essa cartada...”

“Que cartada?”

Ele esfrega as mãos sobre o rosto e nos vira de um jeito que agora eu é quem estou de costas. “Se não se casar comigo, então vou pensar que você não me ama.”

Drama. “Pare de ser um idiota.”

O seu rosto fica desapontado e vejo o desespero em seus olhos. “Por favor, Gwenny. Por favor.”

Agora estou realmente em pânico. “O que está acontecendo, Caleb?”

“Nada...”

“Não minta para mim.”

“Tive um sonho,” ele revela e beija meus lábios. “Eu tive um sonho realmente ruim e não me lembro, mas sei que quero casar com você e não quero desperdiçar nem mais um minuto.”

“Droga,” gemo e viro a cabeça. “Está bem, está bem. Vamos nos casar quarta-feira.”

“Você jura?”

“Argh.”

“Jure, Gwenny, ou nunca mais vou comer você de novo.”

Minha boca se abre em horror. “Seu filho da puta.”

“Jure.”

“Certo, certo, eu juro!”

O sorriso que ilumina seu rosto é fascinante. Ele me beija profundamente antes de rolarmos de volta para suas costas me puxando firmemente a ele. “Te amo, Gwenny.”

“Também te amo.” Apesar de concordarmos, algo me diz que tem alguma coisa errada. Há alguma coisa acontecendo aqui e quero lhe perguntar, mas vou dar tempo para ficar melhor primeiro. Ele parece exausto, soa exausto e está claramente indisposto mesmo que sua temperatura tenha baixado.

“Vamos ficar na cama até nos casarmos,” murmura, com a pálpebra semiaberta e sonolenta. “O que acha disso?”

Eu aceno com a cabeça. “Ainda tenho um turno para trabalhar.”

“Peça alguém para te cobrir. Não saia do meu lado nem por um segundo.”

Estou prestes a perguntar o que ele está falando, mas sou distraída por uma sensação estranha na minha barriga. Meu coração acelera junto com a minha emoção. “Está chutando,” eu sussurro e aperto a mão de Caleb no meu ventre.

Nós esperamos e quando acho que não vai acontecer, eu sinto o toque. “Sério?” Caleb ri e olha maravilhado para a minha barriga. “Isso é...” Ele se move para baixo e descansa a bochecha em meu ventre. “Quem me dera poder sentir.”

“Eu também.”

Lágrimas enchem os olhos de Caleb, seus lábios beliscam juntos, como se fosse fazê-los desaparecer. Ele olha para mim, cheio de dor e tristeza.

“O que está errado, amor?” Eu pergunto e o abraço tão apertado quanto possível. Seu corpo começa a tremer e um soluço escapa. Agora ele está chorando é quase como se eu

pudesse sentir sua dor, meus próprios olhos começam a formigar e queimar. “Fale comigo.”

Ele treme a cabeça. “Estou feliz.”

“Isso é mentira. Conheço você e sei que essas não são lágrimas de felicidade.”

“Eu sinto muito, Gwenny.”

“Sente?”

“Oh Deus,” ele engasga e soluços se soltam dele. O tipo de soluços que nunca ouvi. Eles torturam minha alma.

Seus braços me seguram mais apertado a cada segundo e meu peito fica molhado de suas lágrimas. Minhas próprias lágrimas mancham meu rosto enquanto tento descobrir o que há de errado com ele, mas nada me vem à mente.

“Fale comigo,” imploro, fechando meus olhos para empurrar outra lágrima. “Por favor, amor. Fale comigo.”

“Nunca se perca de você mesma, está bem?” Ele sussurra. “Me prometa.”

“Do que você está falando? Você está me assustando.”

“Você é perfeita do jeito que é. Não mude nunca. Nunca me deixe. Nunca. Eu sei que é egoísta, mas...”

“Ei,” eu o acalmo e acaricio meus dedos pelos seus cabelos. “Nunca vou deixar você, eu juro.”

***

Sasha e Tommy concordam em serem nossas testemunhas para o casamento amanhã. Estou nervosa e animada e nervosa e ainda mais animada. Caleb não tocou no

assunto de ontem à noite e não ouso voltar a atormentá-lo. Vê-lo tão torturado me matou. Talvez tudo tenha acabado levando-o ao limite por fim. Ele não se lamentou quando seus pais o deserdaram, ou talvez estivesse apenas guardando dentro de si os sentimentos. Ele é sempre tão feliz. Vê-lo tão devastado... fico doente só de pensar nisso.

Nunca mais quero vê-lo assim. Meu coração não aguenta. E por isso não fico brava com ele por planejar nosso casamento sem mim. Queria estar brava e gritando com ele por me apressar e fazer tudo pelas minhas costas, mas agora não é o momento. O que importa quando ou como vamos casar? Eu o amo, isso é tudo o que o casamento significa.

Agora sei o que ele quer dizer quando diz que me ver chorar parte seu coração.

Ele parece bastante feliz, embora tenha uma enxaqueca e sei disso porque está usando óculos escuros dentro de casa e está tomando analgésicos como se eles fossem balas. Eu continuo dizendo que ele deve ir ao médico, mas Caleb não me escuta. Assegurou-me que não é nada, mas isso não pode ser normal. Ele não enxerga como estou preocupada?

* *

Como prometido, não vou trabalhar ou estudar. Eu ainda estou mais uma vez enrolada com Caleb assistindo programas de TV ruins com Sasha e Tommy que estão insistindo em beber por mim, já que não posso participar. Caleb também não está bebendo, ele diz que quer sofrer comigo. E o amo ainda mais por isso.

“Não posso acreditar que você vai se casar.” Sasha suspira tristemente e vira o conteúdo do seu copo garganta

abaixo. Tommy se inclina e o enche de vinho branco. “Vocês dois foram feitos um para o outro.”

“Você é tão exagerada,” brinco, jogando uma almofada nela.

“Estou falando sério. Estou solteira há um ano. Estou farta disso agora. Quero o que você tem.” Ela sacode as sobrancelhas para Caleb. “Tem certeza que você não quer ficar comigo? Vou te ensinar coisas que não sabia que eram fisicamente possíveis.”

Todos começamos a rir quando ela tenta colocar seu tornozelo atrás da cabeça, falha e cai no chão com ‘força’.

“Tenho certeza que você é sexy, Sasha, mas Gwenny nocauteia minha mente.”

“Tenho certeza que ela nocauteou outra coisa,” Tommy resmunga, ganhando um olhar duro de mim e uma gargalhada de Sasha.

“Oh meu Deus, entendi. Isso é engraçado.” Caleb começa a rir alguns segundos mais tarde, ganhando um olhar de mim e uma gargalhada de Sasha e Tommy.

Depois de alguns minutos, Caleb começa a cochilar no meu ombro. Isso me preocupa porque ele normalmente não está tão cansado às nove da noite. Peço desculpa a Tommy e Sasha e o levo para a cama, ainda mais preocupada quando se inclina em mim no caminho todo. Meu pânico fica ainda maior quando tenho de ajudá-lo a se despir.

“Eu só preciso fechar os olhos por um minuto,” ele diz suavemente enquanto beijo sua bochecha. “Ei, quase esqueci.” Levanto minha camisa e sorrio quando ele beija minha pequena protuberância. “Eu te amo, bebê Weston.”

“Caleb,” sussurro e sento ao lado dele. “Você está bem?”

Ele me olha direto nos olhos e afirma balançando a cabeça. “Sim, Gwenny. Se apresse e venha a cama. Eu quero te abraçar até....” A voz dele diminui enquanto deriva para a terra dos sonhos.

Corro para me despedir dos amigos e volto para a cama. Vou me casar amanhã e isso é a coisa mais longe da minha mente. O que há de errado com Caleb? É um efeito colateral de sua enxaqueca?

Ele me puxa junto de si, então minha cabeça descansa em seu peito e minha coxa em suas pernas enquanto a mão corre pelos cabelos que viajam de seu umbigo para dentro da cueca boxer. Normalmente, ele se sacode e ri, mas dessa vez permanece calmo. Suspiro.

“Eu te amo, amor,” digo e beijo seus lábios.

“Eu também te amo, Gwenny,” ele murmura e aperta os braços em mim. Pensei que estava dormindo. Pelo visto não.

Acariciando seu peito, paro de brincar com o seu rastro de cabelo e em vez disso o abraço tão apertado quanto possível.

***

O sol ainda não nasceu. Por que estou acordada? Ugh, enjoo matinal. Náuseas reviram meu estômago.

Inclinando-me sobre Caleb, eu verifico o relógio. Cinco e quinze da manhã. Ótimo. Nunca vou voltar a dormir agora. Eu sou uma daquelas pessoas que quando acordam, acordam e ponto.

Posso sentir o sorriso cruzar meus lábios com a imagem dos pensamentos que voam por minha mente sonolenta. Hoje é o dia do meu casamento. Vou me casar com o homem por

quem estou loucamente apaixonada. Estou grávida de seu filho. Vou ser mãe. Eu vou ser uma mãe.

Senhora Guinevere Weston.

A vida está tão perfeita.

Com um suspiro feliz, estico meus braços e pernas, a sensação relaxante maravilhosa é interrompida quando sinto uma umidade nos meus dedos do pé, perto do joelho de Caleb. Lentamente, me sento. Instintivamente, sei que algo está errado. A cama está fria há um cheiro adocicado que atinge o fundo da minha garganta e agrava a náusea que já sinto.

Caleb ainda está dormindo ao meu lado. Olhando para ele, parece sereno, mas olho mais de perto e minha garganta fica seca. Eu não posso ver o seu peito subir e descer, espere, há uma contração em seu braço. Solto um suspiro, é claro que estou sendo tola. Toco seu braço para acordá-lo e dizer-lhe sobre meus pensamentos estúpidos.

Quando toco sua mão, está fria, não como gelo, mas fria como quando nós saímos para uma caminhada na praia no inverno e tivemos que envolver nossas mãos em uma xícara de chocolate quente para aquecê-las. Sua pele tem um aspecto quase perolado. Ele está muito pálido.

"Caleb," sussurro e me empurro para longe de seu peito. "Caleb?" Noto que seus braços estão ao lado do corpo, em vez de me segurar o que é estranho para ele. "Caleb," digo mais alto desta vez e empurro seu peito.

Ele não se mexe. Isso é estranho. Talvez ainda esteja doente.

"Caleb!" Eu digo até mais alto e toco sua bochecha. Sua cabeça gira para o lado, mas ele não faz barulho. Meu coração martela minhas costelas e arrepios fortes se espalham pelo

meu peito. “Caleb!” Eu o sacudo violentamente enquanto viro para acender a lâmpada no abajur.

“Não.” Eu sussurro e coloco minha mão a três centímetros da boca dele, encarando o seu peito. Isto não está acontecendo. Ele não está... “CALEB!” Agarro seus ombros e sacudo vigorosamente. “CALEB! Por favor. Isso não é engraçado!” Suas pálpebras não vibram.

Oh meu Deus.

Ele não está respirando.

Coloco os dedos trêmulos no seu pescoço.

“NÃO!” Eu grito, meus olhos ardem e meus pulmões se contraem. “Amor, por favor, acorde agora.” Não. Não. Não.

Chuto o cobertor fora da cama e choro com a bagunça nos lençóis. Um soluço engasgado gruda na minha garganta e meu corpo treme enquanto tento compreender o que estou vendo.

Puxo seu corpo. Ele ainda está quente, mas é um peso morto em meus braços. Não, isso não pode estar acontecendo.

Você não pode estar morto. Nós temos que nos casar hoje. Você tem que ver seu filho nascer. Vou ficar completamente sozinha.

“Acorde!” Eu grito, ignorando a dor que aquilo causa a minha garganta.

Ambulância. Preciso chamar uma ambulância, mas estou dividida. Não quero deixá-lo, mas preciso pegar o meu telefone na bolsa no andar de baixo, minhas pernas parecem chumbo enquanto tropeço pelas escadas. Vai ficar tudo bem. Eles vão ajuda-lo. Podem trazê-lo de volta. Disco o número, meus dedos rápidos e desajeitados nos pequenos botões.

“Ele não está respirando! Não consigo acordá-lo,” soluço para a mulher do outro lado da linha, mas ela não está me entendendo. Ela me diz para parar e respirar e pensar sobre o que quero dizer e repetir lentamente.

“O que aconteceu?” Ela me pergunta. O que digo? Eu digo a ela o que quer que seja que eu esteja vendo, meu endereço e meu nome. Ela ainda está falando, mas não posso ouvi-la, preciso fazer alguma coisa.

Ele não... Ele não está morto. “Você não está morto! Acorde. Acorde agora. Isso não é engraçado.” Sopro em sua boca enquanto aperto seu nariz. Largo o meu telefone e começo a fazer compressões no peito. Vamos, amor. Vamos. “Por favor, Caleb. Por favor.”

Seu rosto sem vida não se contrai e meu coração se despedaça. Ele não está morto. Ele vai abrir os olhos e vai começar a rir.

Minutos passam antes de eu ouvir as sirenes e correr escada abaixo para abrir a porta. Não espero ninguém entrar antes de correr para cima e continuar forçando sua respiração.

Abro seus olhos e, uma pupila vítrea, com fluído gelatinoso, sem vida olha para mim, a íris dilatada de um jeito que nunca vi. Meus lábios tremem e um grito me escapa.

Meu corpo queima. “Por favor, Caleb, não me deixe!”

Os paramédicos entram e sou puxada para fora do caminho. Vejo quando trabalham com ele, e sou escoltada para o lado enquanto começam a reanimação e desfibrilação. Observo impotente à medida que as correntes elétricas passam através de seu coração. Trabalham pelo que parece ser apenas segundos em vez dos minutos que realmente se passam.

“Eu sinto muito,” uma mulher diz enquanto os outros falam sobre a hora do seu falecimento.

Eles declaram seu óbito.

Simplesmente declaram o horário do seu óbito.

“NÃO! Continuem!” Eu grito, mas ninguém me escuta. O tempo passa voando como um borrão. Eu me sinto como se estivesse caindo, cada segundo se derretendo no próximo. Estou inconsciente de tudo, mesmo assim mais consciente do que jamais estive.

A Polícia chega e um deles tenta me tirar do quarto. “Ele não me deixaria! Ele está bem! As pessoas simplesmente não morrem enquanto dormem!”

“Por favor, Senhorita,” o oficial diz em minha orelha, enquanto tenta me mover. “Eu sinto muito.”

“Não há nada que possamos fazer. Ele se foi.”

“Não.” Eu me ajoelho enquanto rodeiam a cama. “Não! Por favor. Não parem de tentar. Não podem parar.”

Eu não consigo ouvir mais nada do que dizem depois disso. Vejo que os homens começam a levantá-lo.

“Não,” eu choro e me atiro em direção ao seu corpo. “Não, vocês não podem levá-lo.”

As lágrimas que gotejavam no início agora escorrem como cascata pelo meu rosto. Não posso pará-las e não quero.

Não é justo! Por que ele? Por quê? Há outros por aí com menos para viver. Por que outros não poderiam ter morrido em vez disso?

“Vamos deixar você se acalmar por alguns minutos querida.” Eu não sei quem diz isso e não me importo.

Alguns minutos? Estava destinada a viver uma vida inteira com esse homem. Íamos envelhecer junto.

Tudo é tão surreal e os pensamentos erráticos rápidos sobre os motivos de isso estar acontecendo logo se transformam em um entorpecimento vazio. Meu mundo inteiro parece que acabou de desmoronar. Nada parece importar além do fato que ele se foi.

Nada.

Sou deixada olhando o corpo dele.

Ouvi pessoas descreverem um corpo morto como uma concha da pessoa que conheciam. Isso não é nem mesmo uma concha do homem que eu perdi. O calor dele, seu olhar de chocolate e a vibração que este corpo mantinha uma vez. Até mesmo no sono, ele estava cativando. Agora toda aquela essência partiu. Ele se foi e eu fiquei com nada.

* *

Olho para o mais belo homem que já vi na minha vida, enquanto ele é colocado em uma maca e coberto com um lençol. Não quero que cubram o rosto dele. Por que não me escutam?

E continuam me fazendo perguntas. Quem são minha família e amigos? E a família dele e amigos? Não posso responder. Eu não posso fazer qualquer coisa além de soluçar.

“Para onde o estão levando?”

Estou cercada por pessoas, policiais e gente que não sei quem é então corro para fora da minha casa. Não tenho noção de tempo ou lugar, meus olhos estão em seu corpo sem vida.

“Pare!” Eu grito, mas continuam.

Alguém me agarra pela cintura e me segura. Tommy está aqui. Quando ele chegou?

“Temos que sedá-la,” alguém diz.

“Ela está grávida. Tenha cuidado.”

“Por que estão levando Caleb embora? Eles precisam ajudá-lo!”

“Ei,” Tommy diz suavemente em minha orelha e me puxa para uma ambulância.

Tento me soltar, mas meus níveis de energia são inexistentes. Eu sou inexistente. Isso não está acontecendo comigo, está acontecendo com outra pessoa.

Homens de vinte e três anos simplesmente não morrem enquanto dormem, uma noite antes do seu casamento.

“Alguém sabe o que aconteceu?” Tommy pergunta a quem está aqui.

“Eles pensam que pode ter sido um ataque cardíaco, mas não saberemos ao certo até que o levem ao hospital.”

A dormência me vence. Eu viro nos braços de Tommy e me agarro a ele, meu corpo tremendo como uma folha, minha boca emitindo ruídos que nunca fiz antes.

Ele não se foi. Não. Eles o levarão ao hospital e vão descobrir isso.

“Não deixe que desistam, Tommy.” Eu imploro, meus punhos agarrando a camisa do meu amigo.

Tudo fica preto. Eu não sei como ou o porquê, eu apenas derivo.

* *

Acordo em uma cama desconhecida. Estou no hospital. Por que estou aqui?

"Ei você," Tommy diz e vejo Sasha ao lado dele.

Abro a boca, mas nada sai. As lágrimas recomeçam e os soluços que atormentavam meu corpo uma vez, voltam imediatamente. Sasha corre para o meu lado e me abraça. "Eu sinto muito," ela sussurra e sinto suas próprias lágrimas caindo em meu cabelo.

Não. "Não. Não. Ele não está... eles deveriam salvá-lo."

"Eu sei," ela funga, ainda me balançando e acariciando meu cabelo. "Eles não puderam fazer nada. Sinto muito."

"Por quê? O que aconteceu?"

Tommy e Sasha olham para um ao outro. "Eles não nos disseram nada. Seus pais chegaram aqui tão rápido quanto puderam e não nos deixaram saber de nada."

"Eu sou a noiva dele!" Eu grito. "Nós íamos nos casar hoje."

"A enfermeira nos falou que tudo o que sabe é que o coração dele falhou e que não podia ser evitado."

"Eu tenho que vê-lo," grito e salto da cama. "Por que estou aqui?" Eles estão prestes a responder, mas os interrompo e empurro a porta. "Não importa. Onde ele está?" Há uma enfermeira fazendo suas rondas, e a paro antes que tenha a chance de entrar em um quarto do corredor. "Onde ele está? Preciso vê-lo."

Ela pisca em choque. "Você não deveria sair da cama."

"Por favor, preciso ver Caleb. Onde ele está?"

"Talvez eu devesse..." Ela olha em volta, nervosa, mas me coloco em sua linha de visão. "Não posso te ajudar. Sinto muito."

“Não, você não entende,” bufo meus olhos queimando. “Eu tenho que vê-lo!”

“O que está acontecendo?” Saindo do posto de enfermagem, um médico, com uma camisa branca e calças pretas, caminha até nós.

Eu me viro imediatamente para ele. “Por favor, preciso achar Caleb. Caleb Weston.”

Ele olha para a enfermeira e depois para Tommy e Sasha, que estão logo atrás de mim. Soltando um suspiro eu o vejo ceder. “Venha comigo.”

Quero abraçá-lo, mas não faço nada. Nós o seguimos por alguns corredores antes dele parar e falar com um porteiro. “Por favor, acompanhe estes três até o necrotério.”

Um grito sufocado me escapa quando percebo o quão real isso é. Não.

Tommy pega meu braço e Sasha pega o outro. Minhas pernas estão instáveis, mas consigo seguir o porteiro.

Os corredores são longos e todos eles parecem ser iguais. Demora um tempo, mas finalmente chegamos e quando entramos não fico feliz em ver seus pais no corredor. A mãe de Caleb parece desgrenhada e há lágrimas caindo de seus olhos.

“O que eles estão fazendo aqui?” Grito, minha raiva aumentando. “Eles o repudiaram.” Aponto para seus pais. “Vocês o repudiaram. Não o queriam!”

“Há algum problema?” O médico com quem estavam conversando pergunta e olha para a minha barriga.

“Ela não é da família,” o pai de Caleb diz, com os olhos estreitados, lançando punhais em mim.

“Ela é a noiva grávida.” Sasha rosna e levanta a minha mão para mostrar ao médico o anel que está ali.

“É o que ela diz. Nunca vi essa mulher na minha vida,” a mãe fala, com todo seu ódio por mim é claro.

“Porque eles o repudiaram,” grito e imploro com o médico com meus olhos. “Por favor. Eu só preciso vê-lo.”

“Foi com ela que o encontraram. Ela estava com ele quando Caleb morreu,” Tommy explica, com a voz calma e serena. “Ela só quer saber como ele morreu e quer vê-lo por alguns minutos.”

Ele não está morto, não está. Isto é um pesadelo, uma piada doentia. “Por favor. Deixe-me apenas ficar alguns minutos com ele.”

Sua mãe se aproxima. “Se ela sequer puser um pé nessa sala, vou processá-lo.”

Minha boca se abre em descrença. “Como você pode ser tão cruel?”

“Pelo menos nos diga como ele morreu,” suplica Tommy. “Não está certo, um homem perfeitamente saudável de vinte e três anos, simplesmente morrer enquanto dorme, sem aviso prévio.”

É então que Nathan atravessa as pesadas portas que levam para o necrotério. “Insuficiência cardíaca. Caleb nasceu com uma cavidade em seu coração, nós pensávamos que estava sob controle... não estava. Até que a autópsia esteja completa, não saberemos ao certo o porquê isso aconteceu, mas se houvesse quaisquer outros fatores que conduziram a sua morte, o que é improvável, vou avisá-la pessoalmente.” Eu observo seus pais o encarando, e suas carrancas vacilam. Eles quase parecem tão confusos quanto eu me sinto. “Dê a ela alguns minutos pai. Ele a amava, e a escolheu, ele nunca perdoaria vocês se negarem isso.”

“Dois minutos. Isso é tudo.”

Eu sou conduzida imediatamente para o quarto. Esperava que ele estivesse em uma dessas gavetas que você vê na televisão, mas não está. Ele está sozinho numa grande sala, com um lençol puxado sobre sua cintura, seus braços descansam ao seu lado. Parece tão bonito, tão pacífico. À primeira vista, não parece morto.

Sigo caminhando à frente, percebendo que somos só eu e o médico. Minha mão toca sua bochecha. Está tão frio.

"Acorde," imploro em silêncio, rezando para que seu peito comece a se mover e seus olhos se abram. Quero ver seu sorriso sonolento. Quero que ele me agarre e me arraste para debaixo do lençol com ele, para esquentá-lo. "Por favor, Caleb."

Ainda nenhum movimento. Isto não está certo. Ele não me deixaria. Não faria isso.

Eu estou de pé e o encaro, gravando sua imagem em meu cérebro, saboreando a sensação de sua pele sob meus dedos. Nada disso faz diferença. Ele se foi.

"Um dia vou te beijar em frente a um verdadeiro pôr-do-sol em uma praia cheia de areia branca. Foi o que me prometeu. Por que você faria essa promessa?" Quero estar com raiva. Quero gritar com ele, mas não posso. Estou tão cansada, tão perdida agora. "Por que você não me contou? Talvez eu pudesse ter impedido isso." Meu corpo anseia abraça-lo, até que não haja mais um fôlego em mim. Mas não faço. Apenas o encaro. Olho para a casca do que já foi o amor da minha vida.

A dor que queima meu peito se expande para os pulmões que se contraem. Não tenho certeza de como me sinto, não há nenhuma palavra para descrever. Devastação não é suficiente. Isso não é devastação, é tantas coisas que não quero sentir, tudo rolando em uma bagunça gigante de emoção.

"Você quebrou sua promessa," digo suavemente. "Você quebrou todas elas."

Eu esperava que entrasse aqui alguma força paranormal estranha para trazê-lo de volta a mim. Aconteceria como em um filme. Ele acordaria e viveríamos felizes para sempre. Percebendo que não vai acontecer, encolho de novo de volta para meu poço de desespero e choro silenciosamente ao seu lado. Não quero deixar seu corpo.

"O tempo acabou," o médico diz em voz baixa e coloca a mão no meu ombro. "Lamento por sua perda."

Os soluços rasgam meu corpo enquanto ele me leva para longe do amor da minha vida. Tão sem vida, frio e pálido. Ele nunca esteve tão pálido. Sua pele era como ouro líquido. Quase brilhava quando o sol o atingia.

Sasha me abraça apertado quando saio. Eu choro no ombro dela e os gritos que brotam através de mim são tão dolorosos que eu quase perco o equilíbrio.

"Eu quero ir para casa," exijo, lágrimas caindo. Essa dor é insuportável.

"Certo."

Quando estou no carro, olho pela janela. Minha mente não consegue entender a realidade disso. Não é possível. Nada disso é possível. Caleb não está morto. Ele não morreu ontem à noite. Ele vai morrer quando estivermos velhos e grisalhos e vai me deixar morrer primeiro como ele prometeu.

Sasha e Tommy falam calmamente, mas não me importo com o que eles estão dizendo.

A viagem para casa parece durar uma eternidade. Corro para dentro. Eu sei que ele não está aqui, mas não posso parar de esperar que isto seja algum tipo de piada. Tem alguém zoando comigo, eu sei.

Mas não.

Corro pelas escadas e olho para o cobertor no chão. Dói. Dói tanto. Eu nunca senti dor tão potente, tão espessa e tão poderosa. O lençol foi tirado e o colchão foi limpo.

“Querida,” Sasha diz suavemente. Sinto a mão dela em meu ombro.

“Ele não me deixaria. Ele não faria isso.” Eu digo, mas sei que não é verdade. Ele me deixou. Ele se foi.

Ele está morto.

Eu me parto em pedacinhos. Completamente.

Viro uma bagunça. Sou uma pilha de gritos no chão. Ela me abraça, mas não me dá conforto.

Meu mundo apenas terminou.

Caleb... Se foi. Ele se foi e não vai voltar.

Grito. Grito. Culpo todo o mundo. Eu me culpo.

Sasha chora comigo. Ela liga para minha mamãe apesar do fato dela estar de férias.

“Eu não quero vocês.” Eu grito com os dois. Tommy e Sasha tentam me consolar, mas não permito isso. “Eu quero Caleb! Preciso dele!”

“Nós sabemos, querida,” Sasha diz em um suspiro sufocado e me toca. Eu me afasto. “Por favor,” imploro. “Por favor, eu só preciso ficar sozinha.”

“Nós vamos estar lá em baixo.” Tommy parece devastado, o mesmo acontece com Sasha, mas eles não entendem.

Eles nunca vão entender porque nunca terão um Caleb. Caleb foi o único. Caleb era meu.

Ele era meu mundo e eu era o dele.

Eles não entendem.

Nunca entenderão.

Eu os odeio por isso.

7

O cobertor ainda cheira a Caleb, por isso envolvo no meu rosto e inspiro profundamente. Ele sempre cheirava bem. Coloco a mão em minha barriga. Íamos descobrir se é um menino ou uma menina na próxima semana. Caleb estava tão animado.

Deveríamos nos casar hoje.

Estávamos tão felizes.

Por que Deus me daria um homem surpreendente, um presente tão incrível, e em seguida, o levaria de mim? Por que ele não pode me levar também? Por que Caleb?

É algum tipo de castigo? Fiz algo que o ofendeu?

Eu sinto muito! Agora o mande de volta! Por favor, apenas o mande de volta.

"Você precisa comer," ouço Sasha dizer.

Comer? Como posso comer? Por que estão aqui? Só me deixem sozinha.

"Se você não comer..."

"Vou morrer."

"Você tem um bebê para se preocupar."

Lágrimas derramam de meus olhos. Uma delas escorre sobre o meu nariz, mas não limpo. Ele morreu nesse lugar. Eu quero que ele sinta isto. Quero que sinta minha tristeza.

"Vamos." Tommy me senta e ajoelha ao lado da cama. Sasha segura uma bandeja de comida. "Você precisa comer alguma coisa."

"Tudo tem o mesmo gosto," choramingo quando ela me alimenta com iogurte. "Tudo tem gosto de cinzas."

Tommy esfrega a parte de trás de meu pescoço, os olhos dele inchados e seu rosto demonstrando dor. "Eu sei, mas você ainda precisa comer. Por favor."

Aceno com a cabeça. Ele tem razão. "E depois posso dormir?"

"Claro," ele sussurra e aperta minha mão.

Eles deixam o quarto quando termino. Sinto vontade de vomitar. De alguma maneira me acalmo e meu estômago se aquieta por tempo suficiente para fechar meus olhos.

É um sentimento vazio, saber que ele não voltará. Você vê isso acontecer com outras pessoas e chora, mas nunca será possível sentir verdadeiramente o que eles sentem. Sei disso porque nunca havia sentido algo assim. Nunca.

* *

"Você precisa de um banho, baby," Sasha sussurra e desliza o cobertor de cima da minha cabeça. "Já se passaram quase três dias. Está na hora de começar a se mexer." As palavras dela são suaves, mas suas exigências me atingem profundamente. Eu não quero me mexer. "Vamos."

"Estou cansada," digo e puxo o cobertor. Ela o tira completamente, me irritando.

"Não, você precisa se levantar e tomar banho," Sasha diz com mais força desta vez. Suspiro e saio da cama. Ela me

conduz para fora do quarto, até o banheiro. “E você não vai dormir naquela cama mais uma noite.”

Onde diabos eu vou dormir, então?

“Tommy vai trazer novos lençóis depois da aula.” Ela responde meu monólogo interno. Ela é psíquica, bem como um pé no saco. Brilhante. “Não olhe assim para mim. Só estou tentando ajudar.”

“Eu não preciso de ajuda,” sussurro.

Ela suspira e me abraça por trás. “O funeral é em dois dias. Você precisa se recompor.”

“Eu não quero,” admito. Quero apenas dormir e definhar.

“Eu sei.” Ela desabotoa minha camisa, sabendo que mal tenho a energia para fazer isso sozinha. “Mas você precisa. Por causa disso.” Sua mão descansa na minha barriga. “E por Caleb. Mas principalmente, você precisa fazer isso por você. Antes que afunde em uma escuridão tão profunda, que, provavelmente, não será capaz de encontrar o caminho de volta.”

Meu lábio inferior treme. Não acho que ele parou de tremer desde aquela noite. “Eu sinto muito, Sasha.”

“Ei,” ela abre o chuveiro depois de me soltar e me dá um sorriso. “Está tudo bem. Não é sua culpa. Vamos lá, tire a roupa e entre.”

Aceno com a cabeça e tiro o resto das minhas roupas depois que ela sai.

Meu reflexo no espelho me encara. Ela parece cansada, de coração partido e horrivelmente desleixada. Parece quebrada. Um espelho não mostra o oposto de tudo. Com certeza parece que tudo está no lado oposto ao que é de fato,

mas ainda é exatamente o mesmo. No espelho eu ainda sou uma bagunça e Caleb ainda está morto.

Como pode alguém de vinte e três anos morrer de insuficiência cardíaca? Isso não faz sentido! Ele era saudável.

Sabia que deveria tê-lo levado ao médico. Se tivesse chamado uma ambulância quando ele estava com febre, Caleb ainda estaria aqui agora!

Isso tudo é minha culpa.

* *

A água faz seu trabalho, mas eu não a sinto. O jato quente limpa a sujeira, mas nunca limpará minha alma. Eu quero. Quero que lave a dor e me transforme na garota que fui, mas não vai acontecer. Limpará apenas minha pele e deixará meus sentidos mais acordados do que antes.

O que é ruim, pois eu só quero dormir. Não quero sentir isso.

Minhas lágrimas se misturam com a água enquanto ela cai no meu corpo. Sei que elas estão lá, posso senti-las vazando de meus olhos. Tantas lágrimas. Alguém nunca realmente fica sem lágrimas? Será que seu corpo desidrata e seca ou elas simplesmente param quando caímos no sono?

Se Caleb estivesse aqui, pesquisaria isso no Google no telefone dele.

* *

Não me sinto melhor depois do banho, especialmente quando vejo a cama. Foi completamente desfeita. Meu corpo não pode encontrar a emoção certa ao vê-la vazia, então apenas olho fixamente para a cama nua e tento não visualizar seu corpo sem vida deitado no colchão. Cama nua ou não, a imagem ainda está lá.

Minhas lágrimas acabaram.

"Eu não sinto nada," digo a ninguém e vou para o armário. Não preciso de muito tempo para encontrar algo preto. Visto uma das camisetas com capuz de Caleb que insisti que ele parasse de usar. É muito grande em mim. Me enterra. É perfeita. Cheira como ele. Eu coloco minha própria calça jeans e um par de meias, antes de descer lentamente as escadas.

Sasha está no telefone com sua mãe. Eu sei que ela está preocupada, mas nenhum conselho pode ser dado. Eu diria que me sinto mal por colocar minha amiga nisso, por carregar minha dor e eu ser ingrata, mas não sinto nada.

Não há um dia que não chova pensamentos de luto em minha mente.

"Mãe, eu te ligo de volta," Sasha diz quando me vê parada na porta. Ela coloca seu telefone de lado e sorri suavemente. "Vamos lá, vamos dar uma caminhada."

Nego com a cabeça. "Eu não posso enfrentar o mundo exterior ainda, Sasha. Por favor, não me obrigue."

Ela franze a testa ligeiramente, de modo tão suave que mal percebo. "Certo. Vamos jogar um jogo de tabuleiro, então."

"Não, obrigada." Sento no banco, com minha cabeça descansando nas mãos. "Você pode ir embora se precisar. Você tem aulas e trabalho."

Sasha levanta uma sobrancelha para mim. “Tenho saído quando preciso. Você levantou da cama alguma vez enquanto eu estive fora?”

Ela saiu? “Desculpe.”

“Estou preocupada com você.” Isto é dito com bondade, seu tom soa com sinceridade e preocupação.

“Eu também,” murmuro e olho pela janela. “Por que ele me deixou, Sasha?”

“Ele não deixou.”

Balanço minha cabeça. “Me poupe da palestra espiritual.” Se qualquer um tentar me falar que ele está comigo em espírito, vou sair distribuindo socos.

“Vamos cozinhar alguma coisa?” Balanço minha cabeça em resposta. “Vou cozinhar alguma coisa para nós.”

“Vou voltar para a cama,” sussurro e saio do banco.

“Só estou tentando ajudar.”

Aceno com a cabeça, meu rosto em branco como a minha alma. “Eu sei, querida, e lamento que os seus esforços estejam sendo desperdiçados comigo.”

“Vai melhorar.” Ela aperta minha mão e olha para mim com olhos calorosos. “Prometo que vai ficar melhor.”

Não, não vai. Eu não digo isso, entretanto. Apenas me retiro de volta para a minha cama vazia e puxo um travesseiro sobre a cabeça. Encontro-me aqui na escuridão esperando que ela me envolva. Então percebo... isso já aconteceu.

***

Nós temos que dirigir por três horas e meia para chegar ao funeral. Assim como todos os nossos amigos da cidade, o que é irritante. A viagem não termina com a rapidez necessária e quando chegamos lá, mantenho os olhos nos meus sapatos até estar sentada. Eu não absorvo nada, não ouso.

Observo o local, entretanto. Quero ver quantas pessoas Caleb tocou durante sua curta vida.

Estou agradecida porque ninguém da sua família vem falar comigo, embora duvide que saibam quem eu sou. Eu sou apenas uma mulher abatida em um vestido azul marinho. Não havia qualquer maneira de eu usar preto. Caleb não iria querer que eu fizesse isso.

A família dele senta no lado oposto do salão e não olham para mim. Não que eu me importe.

Estou vendo o caixão ser carregado por pessoas que não conheço. Olho em torno e vejo rostos que nunca vi e, em seguida, olho para os que eu conheço. Todos eles estão tristes, todos eles. Não entendo. É quase como se sua vida tivesse sido dividida ao meio. De um lado, o lado em que estou sentada, estão todos os da minha cidade que o conheciam. Do outro, todos de sua vida antiga, antes que eu o conhecesse. Eles são todos formais e distantes uns dos outros. Do meu lado todos se abraçam. É estranho. Eu nunca poderia imaginar Caleb do lado oposto, não consigo imaginá-lo sendo formal e distante, especialmente num momento tão traumático.

Sua foto está em cima do caixão, com flores azul bebê e letras delineando seu nome nas laterais. Dói. Eu não posso olhar para a foto dele; me corta profundamente.

A mãe dele chora, o pai derrama uma lágrima, o seu irmão não. O irmão está com uma expressão severa em seu rosto parecendo mais entediado do que qualquer coisa. Por que eles estão aqui? Eles o repudiaram! Claro, sei que eles

arranjaram este funeral e o velório, porque Caleb e eu não somos casados, portanto, aparentemente, tenho sorte de estar aqui de acordo com o sussurro áspero de sua mãe para seu irmão.

Sorte?

Como qualquer pessoa pode ter sorte ao estar em um funeral? Isso só pode se passar em uma mente distorcida como a dela.

Eu não me preocupo. Não me importo com qualquer um deles.

É emocionante, mas consigo conter a minha emoção e o desejo de chorar incontrolavelmente, concentrando meus pensamentos nas outras pessoas, nas flores, no vigário e apenas uma lágrima cai. A dor é indescritível, mas também é sombreada por um entorpecimento que nunca senti. Eu sinto como se estivesse do lado de fora olhando, minha alma está arranhando na superfície, querendo deixar o meu corpo e ir com ele. É uma sensação quase desesperadora de solidão e nada, quase como se não houvesse mais um coração no meu peito e apenas um abismo de desespero. Minha pele formiga e lágrimas ardem em meus olhos e borram a visão. Eu não quero perder isso. Sou sádica, preciso ver. Preciso sentir isso.

Até o momento em que a esteira se movimenta, levando o caixão lentamente para a fornalha e as cortinas se fecham, apenas uma pequena lágrima cai, uma lágrima que não sabe ao certo a emoção que carrega em suas profundezas. Sofrimento, dor, tristeza, raiva... Eu sinto tudo e ainda assim não sinto nada.

Confusão?

Por que isso está acontecendo? Eu não deveria estar aqui. Nós deveríamos estar em casa, acariciando minha barriga e falando sobre as cores para o quarto do bebê.

Eu percebo que é isso, isso é real; ele está me deixando. Nunca mais vou ver o rosto de Caleb ou ouvi-lo falar novamente. Quero saltar sobre aquela esteira e fazê-la parar e pedir ao agente funerário para trazer o seu corpo de volta para que eu possa ter mais alguns dias para olhar e falar com ele, mas sei que não é possível. A barreira se rompe e as lágrimas caem, lágrimas de tristeza, de perda e aflição e toda emoção que solidifica quão solitária e perturbada me sinto.

Nem sequer posso dizer adeus. Estou com medo que se eu tentar me conectar com ele da maneira mais leve vou começar a gritar e não vou parar. Os soluços já são ruins o suficiente. Será que essa dor nunca vai acabar?

Vejo o caixão deslizar em direção às chamas e é isso. Está na hora, mas não vou ficar para assistir. Em vez disso, saio de volta para casa com todos os meus amigos e dirigimos até o nosso local na praia. Lá sentamos e conversamos sobre suas memórias enquanto eu beberico um suco de laranja e tento participar. Depois de alguns longos minutos tentando forçar uma conversa, encontro um canto tranquilo e morro lentamente por dentro.

Eu tive o homem que toda mulher queria ter.

E agora não tenho mais.

Parece o fim.

Apenas... O fim.

* *

Eu queria poder apenas me afogar em minha tristeza, e isso não está ficando mais fácil. Sasha e Tommy partiram para voltar para Universidade e para suas vidas. Eu sei que devo me mexer, mas não posso. O máximo que posso fazer é deitar na

cama e fingir que sou outra pessoa. Fingir que ele está aqui ao meu lado.

Eles não podem ficar mais, mas sentem que não estão ajudando.

Sou uma causa perdida. Eu não tenho ninguém.

Bem... não tenho ninguém que eu quero. Só quero Caleb. A família dele não me ligou e eu também não os quero. Já estou muito sobrecarregada para ter que lidar com isso. Tenho contas que não posso pagar e terei um bebê em vinte e uma semanas.

VINTE E UMA SEMANAS!

Já se passou uma semana desde o funeral e minha mãe ainda não entrou em contato. O que é pior, a conta bancária de Caleb foi esvaziada por seus pais (suponho), então não serei capaz de pagar as contas. Eu deveria ir para o trabalho, mas qual é o ponto? Ainda não terei o suficiente para cobrir tudo.

Estou presa em uma rotina e não quero procurar uma saída.

Sasha tinha razão — se você deixar a escuridão te envolver, nunca vai encontrar o caminho de volta.

“Por que você me deixou, Caleb?”

Eu não posso lidar. Vou perder tudo. Vou ter que sair da nossa casa.

Então faço a única coisa que nunca pensei que faria.

Ligo para seus pais. Eu imploro pela sua ajuda com o aluguel, com alguma coisa. É preciso cada grama de orgulho que me resta, mas eu não posso fazer isso sozinha. Bebês custam dinheiro e eles têm dinheiro. Eu não.

O pai dele desliga o telefone e quando a mãe liga de volta, ela me diz, “é sua culpa que ele está morto. Se Caleb não

tivesse te conhecido, isso nunca teria acontecido.” O que é pior é que... ela tem razão.

Tudo vai à merda. Eu não posso pagar as contas. Eu posso nem mesmo comprar pão. Sasha me deu cem libras, mas não é suficiente para cobrir a conta de luz. Recebi meu salário ontem e foi o suficiente apenas para cobrir o gás.

Meu chefe me deu quinhentas libras para ajudar. Eles coletaram dinheiro com a equipe e clientes para ajudar minhas despesas. Coloquei tudo no banco e rezo por ajuda. Força. Por coragem.

Não vem.

Mesmo se eu usar esse dinheiro para pagar as contas, ainda vou perder a casa. E me recuso a recorrer aos benefícios governamentais agora e mesmo que o fizesse, não seria suficiente para cobrir o aluguel e outras contas de consumo. Mas essa é a nossa casa. Nós a decoramos juntos!

Não quero perdê-la.

* *

Mas perco.

Duas semanas se passam e eu perco a casa. Felizmente, considerando as circunstâncias, o proprietário não vende minhas coisas. Colocam em um armazém para que eu possa recuperá-las quando conseguir outro lugar, então vou procurar minha mãe, pensando que ela vai levar em consideração as circunstâncias, mesmo que sequer tenha me enviado uma mensagem de texto desde que descobriu que estou grávida.

A porta se abre, minha mãe tem um olhar de zombaria e desgosto. “Ele te deixou.”

“O que?” Suspiro, lágrimas brotando nos meus olhos. “Não... mãe, ele está morto.” Como ela não sabe?

Ela parece chocada, mas não dura muito. “E agora você quer voltar para casa?”

“Tínhamos uma casa, trabalho, escola, não posso fazer isso sozinha.” Admito, minhas lágrimas transbordando. “Eu preciso de você.”

“Eu avisei. Você jurou que não ficaria grávida. Nós ralamos pra caramba, dia e noite para você entrar na Universidade.”

Olho em seus olhos frios e cruéis. “Isso não foi minha culpa. Ainda posso voltar, só preciso de ajuda.”

“Eu nunca quis isso para você,” ela diz com uma carranca. “Eu não posso ajudá-la, Gwen. Isso é problema seu, já lidei com a minha bagunça e agora você precisa lidar com a sua. Estou decepcionada com você.”

“Não pude evitar o que aconteceu!” Eu grito, minha mão pressionando a barriga saliente. “Por favor, mãe, eu não tenho um lugar para ficar.”

Ela dá um passo para trás e acredito que vai me convidar para entrar, mas balança a cabeça e diz “Sinto muito. Eu não posso ajudá-la.”

Bato na porta e continuo batendo até meus punhos estrem feridos. Ela não responde. Ela nem mesmo olha. Como pode ser tão cruel? Nada disso é minha culpa.

“Mãe! Por favor! Por favor!” Afundo no chão e enterro o rosto em minhas mãos. Os soluços me atravessam como uma serra elétrica através de um papel.

Eu perdi tudo. Não tenho casa, nem família e nem Caleb.

Depois de mais alguns minutos aceito meu destino, vou até o meu carro e dirijo até não poder mais.

* *

Nem Sasha pode me abrigar; ela mora em uma república na universidade. Eu seria permitida lá por uma noite. Apenas uma.

Estou travada, completamente sem saber o que fazer.

Tenho que largar a universidade. Já está paga para que possa voltar e terminar o meu curso no futuro, o que é um alívio. O que não é um alívio é o fato de que tenho de abandoná-la a essa altura, depois que trabalhei tão duro para conseguir entrar, mas o café que eu costumava trabalhar me deu o meu emprego de volta. O problema é que estou enorme.

Estou grávida e não tenho onde viver e nenhum dinheiro. Não há abrigo próximo para mulheres e não quero ir para um abrigo. Não que eles sejam ruins, mas só quero o que já conheço.

Então aqui estou, uma história triste, sentada no meu carro, em frente à casa em que morava, com fotos, roupas e outros pedaços de mim amontoados no banco de trás em grandes caixas.

Pelo menos ainda tenho o carro... por enquanto.

Descanso minha cabeça no volante e grito. Faz um tempo desde que eu chorei. Mas agora que comecei não posso parar. Dói... dói tanto.

Eu nunca vou ver Caleb novamente.

Nunca conseguirei senti-lo de novo.

Por que você me deixou, Caleb?

Eu deveria agir, mas não consigo. Minhas mãos não se movem para a ignição e embreagem. Se eu for, não posso voltar. Esta casa já não será minha. As últimas memórias que tenho de Caleb serão apenas isso... recordações. Não poderei entrar na sala e me lembrar do momento em que ele colocou o pé descalço na bandeja de pintura por engano, enquanto pintávamos a sala. E então ele pintou a parede com o seu pé, fazendo-me rir tanto que acabei engasgando com minha própria saliva.

Não poderei deitar na cama e me lembrar dele descansando a cabeça na minha barriga, prometendo a mim e a nosso bebê uma eternidade de amor e lealdade.

Eu não serei capaz de olhar para o banheiro e recordar o momento que Caleb teve uma diarreia e acabou sentado lá durante todo o dia. De verdade. Trouxe o seu laptop e coloquei no YouTube para que ele pudesse assistir vídeos engraçados de gatos. Toda vez que ele ria, um peido saía. Foi tão engraçado.

Soluço.

Minha vida acabou.

Acabou e estou com medo.

* *

Há uma batida na janela. Ótimo. Quem quer me aborrecer agora?

Que porra é essa?

Esfrego meus olhos e lentamente abaixo o vidro. “Nathan?”

“Gwen,” ele diz em um tom cortante.

Minhas mãos tremem no volante. Por que ele está aqui? “Si... sim?”

“Por que você não está lá dentro? Você não deveria estar sentada aqui chorando,” ele aperta a mandíbula.

Dói olhar para ele. Ele parece uma versão mais velha de Caleb, mas é bonito da mesma maneira. Seus olhos são no mesmo formato e cor, seu cabelo também, embora a mandíbula de Nathan seja mais larga e mais forte e suas maçãs do rosto mais pronunciadas. Ele também não tem um pouco de barba, não como Caleb costumava ter no dia a dia, porque não gostava de se barbear todos os dias.

Sinto falta da barba.

“Já não moro mais lá,” murmuro.

Ele suspira. “Eu não posso ouvir se você não falar corretamente.” Que babaca.

“Eu não moro mais lá, ok?” Digo, mais alto dessa vez, e as palavras me fazem chorar novamente.

“Então talvez você deva ir para onde você mora agora,” ele diz.

Por que ele está aqui? “Você está olhando para minha casa.”

“O que?”

“Você é surdo? Disse que você está olhando para minha nova casa! Isso é tudo o que tenho.”

Os seus olhos severos amolecem um pouco, seu rosto parece abrandar. “Oh.”

“Sim,” concordo. “Oh.” Então suspiro, farta de sua presença. Ele é muito alto e tem que estar machucando suas costas curvando-se assim. “Por que está aqui, Nathan?”

Ele olha para a casa, para a parte de trás de meu carro e então para mim. “Eu não sei.”

“Certo. Bem, então talvez você devesse ir.”

“Sim,” ele concorda e se levanta. O observo pelo espelho retrovisor, enquanto retorna ao seu grande e chamativo carro preto que está estacionado atrás da minha caixa de metal de baixa qualidade sobre rodas. Eu não tinha notado o seu carro, mas estou vendo agora. É enorme. Ele sobe e dois segundos depois se afasta, enquanto me deixa mais uma vez com os meus próprios pensamentos.

Ele estava usando um terno? Estava usando um terno.

Quem usa um terno durante uma visita casual?

Caleb lhe daria uma bronca por isso, eu não tenho nenhuma dúvida. Mas Caleb não está aqui e não vai voltar.

Ligo a ignição, dando um último olhar prolongado para a casa que era minha. Em seguida, com os olhos cheios de lagrimas, dirijo para o trabalho.

* *

Meu chefe me deixa estacionar bem na frente das portas, já que meu carro está cheio das minhas coisas, ele se encolhe quando me vê. “Vá para os fundos, lave o rosto, pegue alguns minutos e volte.”

Eu não discuto, preciso dele tanto quanto ele pensa. Provavelmente até mais.

Sinto dores de estômago enquanto trabalho, e meus tornozelos estão inchados, mas estou determinada a continuar. A melhor parte é que continuo recebendo grandes gorjetas porque as pessoas veem minha barriga e como sou jovem e sentem pena. Nesse momento aceito essa piedade. A piedade deles é o que está me mantendo alimentada.

Aqueles que sabem sobre minhas circunstâncias não fazem contato visual comigo. Eu não tenho certeza do porquê. Talvez seja culpa porque têm uma casa e apoio. Saber que eu não tenho, provavelmente os faz se sentirem mal na minha presença. Essas pessoas me dão boas gorjetas.

"Ei," Sasha diz quando entra com alguns de seus amigos. "Como você está?"

Eu dou de ombros. "Estou bem."

"Você está bem... para estar trabalhando?" Honestamente não, estou em agonia e tudo dói, mas isso me ajuda a passar o dia. Não digo isso entretanto.

"Estou bem, prometo," respondo e afasto meus olhos do seu olhar fixo e preocupado. "O que posso trazer para você?"

Ela faz os pedidos de suas bebidas, enquanto rabisco no meu bloco de notas, com minha mente pensando em onde vou dormir esta noite. Meu chefe troca de lugar comigo, e começa a anotar os pedidos e a servir as mesas, eu só faço as bebidas. Estou aliviada por essa mudança, minha dor nas costas está demais.

"Você quer tirar o dia de folga?" Sasha me pergunta quando coloco sobre o balcão os pedidos prontos, e pego os novos pedidos de bebidas e croissants. "Eu posso assumir o seu turno."

Nego com minha cabeça. "Não. Eu..." Não tenho para onde ir e não quero ficar sentada no carro por mais um minuto. "Obrigada, mesmo assim. Você é uma boa amiga, Sasha."

Ela toca minha mão suavemente. “Eu gostaria de poder fazer mais.”

Nós compartilhamos um sorriso triste antes dela sair, e, em seguida, vejo que deixou duas notas de vinte e uma de dez no balcão. É isso que me tornei? Um caso de caridade?

Eu sei que ela não pensaria em mim assim, mas ainda dói pegar a esmola. Desci tão baixo.

“Por que você me deixou, Caleb?” Sussurro e me afasto dos clientes para me recompor.

Eu o imagino lá em cima, indignado por ter sido levado. Imagino-o batendo os punhos nas portas celestiais, observando-me com lágrimas nos olhos. Ele odeia quando choro, parte seu coração.

Então preciso parar.

Para isso tenho que encontrar minha força e me recompor.

* *

“Você não deveria estar trabalhando nessa condição.” Estremeço com o som de sua voz e me viro para encará-lo, com duas xícaras de café em minhas mãos. “Você parece exausta.”

Fico olhando para Nathan e então desvio o olhar. “Por que você está aqui?” Por favor, vá embora, você se parece muito com ele.

Coloco as bebidas em uma bandeja e a deslizo para meu chefe.

“Eu te segui,” ele afirma sem hesitar. “Não me dei conta que sua gravidez estava tão avançada.” Seus olhos castanhos familiares reviram meu estômago.

“Eu não me dei conta que você se importava,” digo e suponho que deveria soar irritada, mas minha voz soa morta e monótona. Exatamente como me sinto por dentro.

Nathan se inclina no balcão, mordendo o lábio como o irmão. Faz meus olhos arderem. “Onde está morando?”

“Por que você está aqui?” Minha vida não é da sua conta. Ele não se importava com o irmão, então por que deveria se importar comigo? Para não mencionar o fato de que deu um soco em Caleb da última vez que o viu. “Você mora a horas de distância. O que você quer?”

“Eu lhe fiz uma pergunta.” Um músculo salta em sua mandíbula, e seus olhos se apertam com irritação.

“E eu fiz três.”

“Se você não quer minha ajuda, então tudo bem. O problema é seu, não meu.”

A minha boca se abre em choque. “Nunca pedi sua ajuda e, você está certo. Eu não quero!”

Ele balança a cabeça e sai. Não percebo todos os olhos em mim até o momento em que ele sai e paro de pensar sobre o quanto ele se parece com Caleb de costas.

“Ele é um imbecil,” digo a meu chefe que franze a testa para a porta por onde Nathan acabou de sair. “Vi o cara uma vez e agora ele simplesmente decidiu me seguir pela cidade... que bastardo.”

“Quem é ele?” Meu chefe pergunta com as sobrancelhas arqueadas.

“O irmão dois anos mais velho de Caleb.”

“Talvez você devesse ter aceitado a oferta dele.”

Eu rio uma vez e olho para o meu patrão, incrédula. “Ele não se ofereceu para ajudar. Ele apenas me perguntou onde eu estava morando. E isso foi depois que já tinha se afastado uma vez.”

“Parecia que ele estava se oferecendo para ajudar.” Ele dá de ombros. “Mas só ouvi metade da conversa.”

Concordo. “Ele estava, de uma maneira estranha, mas... ele é irritante e malvado.”

“Ele também é a única opção que você tem agora. Ouça-o. Veja o que tem a dizer. Muitas pessoas não se preocupam com problemas familiares e você tecnicamente não está na família.”

Quero esbofetear alguém. Sei que estou cheia de hormônios, mas ele não tem a menor ideia do que estou passando agora. Não entende a complexidade que foi a infância de Caleb. Não entende, então talvez devesse me deixar trabalhar, assinar meus cheques e ficar longe disso.

O trabalho está devagar, estou feliz por isso, mas minha noite ainda é incerta. Quando eu terminar aqui não tenho ideia do que farei. Vou passar a noite com Sasha, sei que ela não vai se importar. Apenas não gosto de atrapalhar e ser um fardo para as pessoas, mas de qualquer forma preciso ficar em algum lugar hoje.

Envio uma mensagem de texto para ela e, como suspeitava, ela concorda.

O que você fez comigo Caleb? Por que estou sozinha?

Estou pensando assim de novo. Preciso parar de pensar nele.

Cada vez que penso nele, meu corpo e minhas mãos tremem.

É difícil, mas vou passar por isso. Tenho que superar pelo amor do nosso filho.

É errado desejar um garoto? Quero que seja um menino para que eu possa olhar nos olhos dele todos os dias e ver seu pai sorrindo de volta para mim.

Que tipo de vida posso lhe dar agora, entretanto? Não tenho nada a oferecer.

Respire fundo Gwen, respire fundo.

* *

Depois de meia hora dirigindo sem rumo, encho o tanque e vou em direção à casa de Sasha. Quando estou dando a volta em direção ao campus noto um grande carro preto me seguindo. É definitivamente ele. Cristo, isso está ficando irritante.

“O que ele quer agora?” Digo em voz alta e paro, quando Nathan pisca os faróis duas vezes.

O seu corpo se move com facilidade e graça quando sai do seu carro e caminha até mim. Depois de algumas tentativas, finalmente consigo ficar de pé em frente à porta do meu carro, mas ainda tenho que inclinar a cabeça para trás para olhar para ele. Assim como eu fazia com... não, não irei lá. Concentro-me no ar frio ao invés disso.

“Qual o problema?” Pergunto tentando não soar tão exasperada quanto me sinto.

“Você não deveria estar entrando e saindo de um carro tão baixo,” ele diz e já quero bater nele.

“Bem não é como se eu tivesse outra opção, não é?”

Ele franze a testa. “Siga-me. Precisamos conversar.”

“Eu não tenho nada a dizer a você.” Eu tento voltar ao carro, mas sua mão aperta meu braço e me puxa sem esforço. “O quê?”

“Por favor?” Ele aperta os dentes e posso ver que dizer essas pequenas palavras são um grande esforço para ele.

“Tudo bem,” eu cedo. Não é como se meu dia não pudesse ficar pior. “Do que se trata?”

“Siga-me e você vai descobrir.” Ele coloca a mão nas minhas costas e a outra debaixo do braço para me apoiar enquanto me sento. Não tenho certeza se estou irritada por ele me tocar, ou aliviada que minha bunda não bateu no assento do carro duro como normalmente faz.

Espero ele seguir em frente antes de começar a segui-lo. Ele me conduz por uma boa distância; tenho sorte de ter parado para abastecer.

Estacionamos finalmente em um ostensivo hotel situado na extremidade da cidade. Um que nunca entrei antes. Não é coisa minha, gosto de beleza simples e básica. Sem elegância e porcelana fina.

Depois de estacionar ao seu lado, ele desce do seu carro e dessa vez me ajuda a sair do meu. Eu não havia percebido o quão difícil era, até que ele começou a me ajudar. Ele tem razão, o carro é baixo.

“Venha,” ordena e me leva para dentro com a mão segurando o meu braço. Estou nervosa sobre o que ele vai querer comigo. Se quer me ajudar ou isso é algum tipo de artimanha? É uma maneira da família dele se assegurar que vão ficar com a criança que vai nascer? O pensamento me enoja.

Eu quase me viro e corro.

Quando entramos, vamos direto para recepção. A mulher olha para mim e minha barriga antes de desviar seus olhos para Nathan. Há uma quantidade pequena de admiração e desejo ali, sem dúvida.

Eca.

“Mande um pouco de chá e algo para comer que seja seguro para mulheres grávidas.”

Sério? Eu lhe dou uma boa olhada, mas ele ignora e me impulsiona em direção ao elevador.

É estranho, calmo e desconfortável à medida que subimos. Eu me encontro querendo balançar nos calcanhares ou assobiar apenas para ter algo em que me concentrar.

Assim que as portas se abrem ele pega o meu braço novamente e me conduz através do corredor bege padronizado. Bufo, farta de ser conduzida em silêncio. Novamente, ele me ignora.

Uma vez dentro do fabuloso quarto, Nathan pega meu casaco e pendura na porta antes de me conduzir para um grande e caro sofá. É escuro, preto puro com almofadas prateadas. Parece incrível. “Sente-se.”

Acho que vou sentar então.

Ele não senta, porém tira seu paletó e pendura junto ao meu casaco, abre o punho das mangas da camisa de botões e dobra até seus cotovelos. Ele está planejando fazer o parto do bebê? Esse pensamento quase me faz sorrir. Não muito, mas quase.

“Ok.” Ele esfrega as mãos, chamando minha atenção para as luvas de couro pretas que as recobrem e senta-se na mesa de centro, apenas quatro passos de distância de mim. Ele está usando luvas novamente, ele já as usava

antes? Não me lembro. “Você não tem onde morar. Eu tenho espaço.”

“Repita?”

“Acho que é apropriado que neste momento você fique comigo. Moro a apenas algumas horas de distância em uma vila muito agradável e tranquila, apenas uma hora de carro de Londres. Só seguir em frente na estrada. Acredito que você achará minha casa de bom gosto,” ele diz calmamente e de forma estranha.

“O... o quê?”

Ele suspira. “Você fala inglês, certo?”

“Certo.”

“Então escute o que estou dizendo.”

“Estou ouvindo, só não entendo.”

Ele belisca a ponte do seu nariz. “Estou faltando ao trabalho para estar aqui agora, não aprecio a sua descarada falta de respeito.”

Bufo. “Não te conheço bem o suficiente para te respeitar e até agora você tem sido simplesmente rude comigo. Sem mencionar o fato que da última vez que te vi com Caleb, seu punho acertou a bochecha dele. Perdoe-me por não querer ser toda sorrisos com o tal idiota em um período tão difícil da minha vida.”

Seu olhar é fulminante e frio. “Eu entendo que você está hormonal, mas não quero mais ouvir esse tipo de linguagem. Xingar é impróprio para uma mulher.”

“Foda-se,” murmuro ainda mais irada.

“Você está carregando o filho do meu irmão.” Suas mãos se fecham em punho entre seus joelhos abertos, seus olhos castanhos e frios encaram firmemente os meus. “Não vou

deixar seu bebê ou a mulher que deveria ser sua esposa vagando sem rumo pela cidade. O que aconteceu entre mim e meu irmão não é da sua conta. Irmãos brigam, nós teríamos acabado nos reconciliando eventualmente. Como não tenho mais essa oportunidade agora, vou ajudar você e seu filho até que sinta que estão estabelecidos. Será que estamos de acordo?"

"Eu..."

"Bom," ele me interrompe, não me dando oportunidade para protestar e verifica seu grande brilhante relógio que, provavelmente, custa mais que meu carro. O carro de Caleb. "Descanse aqui, vamos partir pela manhã. Você tem alguma coisa perecível em seu veículo?"

"Não," respondo à sua pergunta, ainda tentando absorver o resto de suas palavras. "O que quer dizer com partir? Não vou embora. Tudo o que tenho está aqui."

"O que, aparentemente, é muito pouco. Falei com o seu proprietário e resolvi sua dívida com ele. Os seus móveis estão guardados, vou me certificar de enviá-los a você quando se estabelecer em um local viável." Ele afirma, olhando para o relógio mais uma vez. "Existe mais alguma coisa que precise saber?"

"Sim!" Eu suspiro e fico de pé depois que ele se levanta para sair. "Eu não posso e não vou sair daqui."

"Você está sendo difícil."

Rio uma vez. "Não te conheço e seu irmão te odiava. Por que deveria confiar em você?"

Ele nem sequer pisca com as minhas palavras, mas por alguma razão sei que isso o atingiu. "Você irá comigo amanhã. Não há dúvidas sobre isso." Ele esfrega os olhos com seus dedos enluvados. "Preciso estar em outro lugar, por mais agradável que isso está sendo... boa noite, Guinevere."

"É Gwen."

Ele revira os olhos. "Tenho as chaves do seu carro e os funcionários têm instruções específicas para me ligarem se você tentar sair. Boa noite."

"Você não pode simplesmente me forçar a ficar." Agarro o braço dele, meus olhos borrados de lágrimas não derramadas. Ele olha meus dedos enrijecendo fortemente seu antebraço antes de olhar para o meu rosto. "Por favor. Não quero ir embora."

"Parece que você não tem quaisquer outras opções," ele afirma se soltando. "Esteja pronta às sete. Então iremos embora." A porta se fecha atrás dele. Eu quero chutá-lo.

Quem ele pensa que é para falar comigo assim? Ele não me conhece. Mal conhecia o irmão.

Mas está ajudando, uma voz irritante me diz. Ninguém mais está ajudando e, maldição, como preciso de ajuda. Talvez esteja sendo muito severa. Estou? Eu não sei mais como sentir sobre nada.

Estou resignada ao meu destino agora. Ele tem razão; que outras opções tenho? Nathan poderia ao menos ser gentil e talvez discutir a questão comigo primeiro.

Vou amaldiçoar tudo o que quiser, porra.

Merda, foda-se, idiota. Imbecil.



Como instruído alguém, de fato, me traz chá e uma salada de folhas de aparência saudável misturado com frango cozido e um iogurte natural para sobremesa. Tento não devorar tudo rapidamente. Estou faminta.

Em seguida, ligo a televisão enquanto saboreio meu chá quente. A minha mente vagueia como normalmente acontece. Não sei o que fazer com a ideia de deixar essa cidade para trás, a cidade onde conheci Caleb, a cidade onde fizemos amor, onde concebemos essa criança e onde ele morreu, é tudo demais para suportar.

Não quero ir, mas algo continua me incitando, me dizendo para fazer. Parte de mim se pergunta se é ele, jogando tomates na minha cara até conseguir me colocar na direção certa. Ele costumava fazer isso às vezes. Nunca para me machucar, apenas o suficiente para me irritar e normalmente depois nós ficávamos bem.

Ele dizia que nosso sexo de reconciliação era o melhor. Eu frequentemente estava brava. Isto quase me faz sorrir.

Qual o problema com Nathan? Nunca falei muito com Caleb sobre isso, tudo o que sei é que ele e Nathan nunca se deram bem. Nathan ficou e Caleb se foi. Por que tanta animosidade? E se Nathan odiava Caleb tanto quanto Caleb odiava Nathan, então por que está me ajudando agora?

Culpa?

É possível e é uma explicação para Nathan, mas não se resume a mim.

Enquanto pondero sobre isso, ligo para Sasha e digo a ela sobre os acontecimentos do meu dia. Ela não gosta mais do que eu do fato de que estou deixando a cidade, mas até mesmo ela concorda que realmente não tenho outras opções. Suspiro. Estou muito cansada para continuar atormentando minha mente com todas essas perguntas que parecem não ter resposta. Não estou em posição de discutir livremente as coisas com Nathan. Ele parece me odiar, então duvido que queira me responder.

Depois de alguns minutos explorando o quarto de hotel encontro uma banheira enorme e decido ter um banho luxuoso. Inclusive adiciono todos os sais e produtos para fazer bolhas. Talvez até demais porque quando entro na banheira a única coisa visível é a protuberância da minha barriga espiando para fora da água através da espuma. Eu amo aquilo; é relaxante.

Caleb me diria para relaxar na banheira, e se, por acaso, ele estivesse muito ocupado para se juntar a mim, eu deixaria a porta aberta e faria um pouco de bagunça com a água, trazendo seus pensamentos para a mulher nua em sua banheira. Ele se renderia, cinco minutos depois, juntando-se a mim. Toda vez.

* *

Depois do banho, visto minha camiseta e subo na cama grande. Não tenho roupas limpas e não vou colocar de volta as que eu usava apenas para dormir. Isso vai ter que servir.

Empurrando um travesseiro entre minhas coxas, desligo a lâmpada acima da minha cabeça e tento dormir. O sono não vem facilmente, mas eventualmente chega.

***

Meu braço está sendo sacudido, palavras estão sendo faladas bastante altas. “Acorde. Guinevere.” Alguém estala os dedos na frente do meu rosto. “Guinevere.”

“Mais cinco minutos,” murmuro, meus olhos ardendo. Tão confortável... preciso dormir.

“Guinevere!” Gritam meu nome, meus olhos imediatamente se abrem. Caleb?

Meu coração fica apertado quando percebo que é Nathan. Por que eles têm que ser tão parecidos? “Sim?”

“Seu alarme está tocando durante os últimos trinta minutos,” ele diz e empurra o telefone na minha mão. “Eu podia ouvi-lo do quarto ao lado.”

“Oh, desculpe.” Sento-me, certificando que a camiseta está cobrindo as partes importantes. “Eu durmo pesado. É a gravidez.”

Ele só franze a testa e se afasta da cama até as cortinas. Com um movimento rápido, puxa um lado aberto antes do outro. “Levante-se, partiremos em vinte minutos.”

“Uh-huh,” digo e estico meus braços. Droga estou com fome. “Tem alguma coisa para comer?”

“Nós vamos comer quando chegarmos lá.”

Eu não digo nada, principalmente porque quero que ele saia. Um minuto depois de ter certeza que estou acordada, ele sai e retorna dez minutos depois com uma mala do meu carro.

“Eu coloquei suas coisas no meu carro.” Isso é tudo o que ele diz antes de sair novamente.

Rapidamente visto uma camisa folgada e jeans que mal me cabem mais. Meu longo cabelo preto está bem-comportado considerando que dormi sobre ele e não prendi, então o deixo como está. Depois de escovar os dentes, saio com as minhas coisas, pronta para ir.

Nathan não fala, apenas me guia da mesma maneira que me guiou ontem, uma mão no meu braço e me puxando. Suspiro.

"E quanto ao meu carro?" Pergunto, vendo o veículo sozinho parado no estacionamento.

"Eu vou lhe fornecer um carro."

"Mas eu..."

"É muito cedo para discutir. Estou exausto."

"Nath..."

"Chega, Guinevere!" Ele grita e instantaneamente me calo.

Eu olho pela janela, lágrimas silenciosas caindo em minhas bochechas. "É o carro de Caleb."

Eu o vejo estremecer com o canto do olho, mas não diz nada. Nós continuamos dirigindo e mais do que qualquer coisa eu só quero ir para casa. O problema é que não tenho uma casa.

Depois de vinte minutos, meu estômago começa a roncar, lembrando-me de como estou com fome. O bebê não faz nada para ajudar, embora eu mal possa senti-lo se mover e não estou muito avançada na gravidez, mas ainda é desconfortável tentar inclinar-me de qualquer forma. Inclino meu assento para que a barriga não fique tão esmagada e acaricio carinhosamente.

Conduzimos até um posto de gasolina na rodovia que tem uma loja de conveniência. Eu quase salivo perante ao pensamento de comida.

"Então, o plano é o seguinte..." Estou surpresa com o súbito som de sua voz. "Você vai ficar comigo e, no futuro previsível, vou lidar com quaisquer despesas que você possa ter."

"Não quero ser um fardo."

"Sim, bem..." Sua voz se apaga e ele afunda os dentes em seu lábio inferior. "Eu raramente estou em casa, às venho apenas para dormir e posso arcar com isso, assim não é o custo que é o fardo." Só eu e o bebê então. Essa doeu. "Tenho muito espaço para você e seu filho, tudo que peço é que não invada a minha privacidade e não traga drogas para a minha casa."

"Bem, obviamente." Aponto para a minha barriga, enquanto reviro os olhos. "Nunca usei drogas na minha vida. E não planejo começar agora."

"Bom. E finalmente, não faça barulho quando estou em casa e fique fora do meu caminho."

Com prazer. Não falo isso. Em vez disso eu digo, "agradeço sua ajuda, Nathan." Quando vou colocar minha mão sobre a dele para apertá-la em agradecimento, ele para abruptamente quase como se eu o tivesse queimado antes mesmo de ter tido uma chance de tocá-lo.

"E não toque minhas mãos. Nunca. Compreendeu?"

Pisco em surpresa. "Alto e claro."

"Bom."

Que idiota. É difícil pensar que ele e Caleb fossem parentes. Eles são extremamente diferentes.

“Mais alguma coisa?” Pergunto, querendo saber todas as regras agora, para que não seja castigada novamente no futuro.

“Não. Quando sentir fome coma o que estiver disponível quando quiser. Tenho uma pessoa que vêm todas as manhãs para a limpeza, exceto aos fins de semana, por isso tente estar fora do seu quarto às onze. Quanto aos luxos, qualquer coisa que você precise apenas fale com a pessoa da limpeza ou me pergunte se eu estiver em casa. Se não estiver disponível, me ligue.”

Eu aceno com a cabeça lentamente. “Certo. Obrigada.”

“Quanto tempo de gravidez?”

“Dezenove semanas.” Esfrego minha barriga mais uma vez ainda olhando para ela.

“Parece mais avançada do que isso.”

“Já me disseram isso.” O que é uma porcaria.

Ele mantém os olhos para frente, mas seu corpo parece relaxado. “Vou marcar uma consulta adequada no médico quando chegarmos.”

Bem isso é uma coisa que posso riscar da minha lista de coisas para me preocupar.

“Agora, por favor, eu agradeceria silêncio,” ele diz com firmeza, então coloco meus fones de ouvido e escuto música no meu telefone.

* *

Depois de uma hora meu estômago se agita ainda mais do que antes. Tenho tanta fome que poderia comer uma

cenoura crua e eu odeio cenoura crua. De repente estou desejando cenoura crua. Nós passamos por outro posto de combustível, mas não paramos.

Também estou desesperada para fazer xixi. Minha bexiga está a ponto de estourar.

Seguro e seguro, mas agora estou colocando-me em risco de infecção. Isso é, se eu não fizer xixi nas calças.

Puxando meus fones cuidadosamente, olho para Nathan e imagino se devo ou não falar. Foda-se. “Eu tenho que ir ao banheiro.”

“Segure.” Ele ordena, nem mesmo olhando para mim.

“Eu estou grávida, não posso mais segurar. Eu tenho segurado por um tempo.” Tento explicar calmamente, não querendo irritá-lo. “Por favor? Eu não pediria se não estivesse desesperada.”

Ele suspira e verifica as informações de outra parada. “Há outra a oitenta quilômetros, mais ou menos. Nós podemos chegar lá em aproximadamente quarenta minutos. O que acha?”

“Brilhante,” suspiro com alívio e afundo em meu assento. “Nós podemos comprar comida enquanto estivermos lá?” Meu estômago concorda ruidosamente.

“Não temos tempo.” A sua mandíbula fica tensa e sua atitude diz ‘Não se meta comigo.’

“Por favor?” Eu imploro. “Vou pegar algo para viagem.”

“Nenhuma comida no carro.” Outra regra ridícula.

Eu faço uma carranca para ele. “Entendo que temos de ser rápidos, mas olhe desta forma: tenho pressão baixa. Se eu não comer, vou desmaiar e será uma longa viagem até o hospital que você realmente não quer fazer.”

"Tudo bem," ele diz, finalmente. Vendo a razão: "Nós vamos parar para comer."

***

Ah, a doce sensação da minha bexiga sendo aliviada. Isso é bom. E também o mais longo xixi que já fiz na minha vida.

Depois de lavar as mãos me dirijo para a praça de alimentação e olho em volta procurando o meu cunhado. Não o vejo imediatamente, principalmente porque não verifico o balcão de saladas que ninguém normalmente frequenta. Meu primeiro pensamento é verificar as filas de fast food.

Suspiro. Outra salada. Preciso de carne vermelha, porcarias e hambúrgueres. Esta é a única vez em minha vida em que posso comer o que eu quero (dentro do razoável) e não sentir culpa.

"Ei." Anuncio minha presença e olho para as duas saladas. A seleção não é tão ruim. Têm ovos cozidos e fatias de presunto junto com uma seleção de acompanhamentos diversos. "Então, quanto tempo falta para chegarmos?"

"Um pouco menos de duas horas depois de sairmos daqui e isso é se o tráfego estiver bom," ele diz, tendo o cuidado de observar o que está fazendo.

"Qual é a minha?"

Ele acena com a cabeça para uma. Brilhante. Acrescento um monte de presunto e três ovos cozidos.

"Ovos não são algo que você vai comer na minha presença, nem carnes processadas, este presunto tem a

mesma quantidade de carne que uma alface.” Por que ele tem de discutir com tudo?

“Eu quero os ovos e quero o presunto.” Estou batendo o pé. “É o meu corpo.”

“E é o bebê de meu irmão...”

“Também é meu bebê,” digo, consciente das pessoas próximas. “E seu irmão me deixava comer o que eu quisesse. Se desejasse algo que não tínhamos, ele saía no meio da noite só para conseguir para mim e não se importava se eu tivesse caído no sono no momento em que voltava. O que acontecia na maioria das vezes.”

“Você não vai comer o presunto.”

Devo chorar? Eu sinto que deveria chorar para deixa-lo se sentindo mal.

Não choro. Se começar a chorar novamente, não vou mais parar.

“Tudo bem, mas apenas uma tigela cheia de alface não vai me satisfazer.”

“Estará bem até chegarmos em casa,” ele replica e tampa as saladas em uma embalagem para viagem. “Agora, apresse-se. Eu não tenho o dia todo.”

Balanço a minha cabeça, meu estômago está desapontado por estar sendo tratado como um coelho. Caminho até um quiosque de jornais e escolho um par de revistas, surpreendida quando Nathan não protesta e até mesmo compra umas para mim. Eu acho que ele não é tão ruim.

“Obrigada,” digo suavemente, enquanto mantendo minha cabeça abaixada e caminho ao lado dele.

“De nada,” ele responde, com a voz também suave. Não combina com seu rosto bonito e severo. “Rápido.”

E a voz suave já deixou de existir.

“Quando chegarmos, temo que vou ter que deixá-la por algum tempo,” ele explica, e com uma mão no meu cotovelo e outra à minha volta, ele me ajuda a entrar em seu carro. Ele mal presta atenção aos seus modos de cavalheirismo, estou me perguntando se ele mesmo percebe o que está fazendo.

“Você quer dizer algumas horas, dias ou semanas?”

Ele não responde até que está no assento do motorista. “Dias.”

“Eu posso perguntar por quê?”

“Não.” Ele declara. “Gosto da minha privacidade.”

“Tudo bem.” Limpo a garganta e seguro o pote de salada impaciente. Apesar disso estar mais perto de comida de coelho do que comida humana, como tanto quanto posso, o pote inteiro. “O que vai acontecer com meu carro?”

“Eu vou mandar alguém para busca-lo e guarda-lo. É muito baixo para você dirigir nessa condição e estou surpreso que meu irmão permitisse que você o usasse.” As suas mãos apertam o volante, vejo agora que ele está usando luvas de couro pretas. Eu não me lembro dele usando-as mais cedo, mas se me recordo, estava usando enquanto servia a salada.

“Ele não tinha outra opção.”

“Posso perguntar o que aconteceu com o fundo fiduciário dele?”

Dou de ombros. “Seus pais bloquearam tudo quando ele se mudou comigo.”

Seu humor parece escurecer ainda mais. “Ele é um idiota.”

"Ei," eu choramingo. "Não o chame assim."

"Bem, ele era e sempre foi." As mãos apertam o volante fazendo as luvas chiarem contra o couro. "As suas escolhas de vida eram egoístas e absurdas na melhor das hipóteses."

Balanço a minha cabeça, querendo ignorá-lo por insultar o meu Caleb.

Depois de um longo suspiro, ele olha para mim. "Não fique nervosa, Caleb teria rido das minhas palavras, aparentemente, duras. Quis dizer mais como uma brincadeira do que hostilidade."

"Mas você disse com desgosto. Não deve falar mal dos... dos..."

"Mortos," ele termina a frase por mim quando vê que não posso terminar. "Acalme-se, sei que Caleb odiaria saber quanto estresse você está sentindo." Por que ele parece dizer isso como se as palavras tivessem um gosto azedo? "Não é bom para o bebê."

Não respondo. Ele tem razão, obviamente, mas não é como se eu tivesse um interruptor de estresse que possa ligar e desligar quando quero. Não tanto quanto eu gostaria. O estresse é uma parte dessa vida, considerando infelizmente as circunstâncias, não é nenhuma surpresa que eu tenha uma dose bastante grande.

Encaro o seu perfil, dói e eu me pergunto se alguma vez essa sensação acabará. Ele não é um clone de Caleb, não em tudo. Suas diferenças são significativas na aparência e personalidade, mas há o suficiente de Caleb no seu rosto para me fazer sofrer.

Ainda está tudo muito recente. Só faz um mês que ele morreu. Isso não é tempo suficiente para realmente superar alguém como Caleb. Meu Caleb. Meu primeiro amor, o primeiro homem a quem me entreguei.

Eu nunca vou superar isso.

“Por que você está me encarando?” Vejo os lábios dele formarem uma linha. Eu o estou irritando.

“Desculpe,” murmuro e olho para fora da janela. Não posso decidir se é doloroso ou estranhamente reconfortante olhar para ele, sabendo que no meu ventre não está o único pedaço de Caleb que tem um coração batendo agora mesmo.

Há a sensação de um golpe suave sob a superfície da minha pele. Eu suspiro e me sento melhor, colocando minha mão sobre a barriga.

“O que é? É o bebê?”

“Ele acabou de me chutar um pouco mais forte do que o habitual,” explico, ainda esfregando minha barriga. “Não é grande coisa. Apenas me surpreendeu. Eu nunca senti ele se mover tão forte antes. Normalmente são apenas pequenos golpes e vibração, mas este foi mais impactante.”

Ele acena com a cabeça, aparentemente mais tranquilo.

Tempo de silêncio.

Ele tinha razão quando disse que eu acharia a casa dele bastante agradável. Realmente não é o que eu esperava, nem perto. É uma casa familiar. É grande e espaçosa, com um terreno grande em torno dela. Estamos no topo de um precipício, mas cerca de três quilômetros da borda.

Me dei conta enquanto subíamos as escadas, de que as outras casas no caminho não eram tão bonitas quanto esta. Caleb cresceu na cidade vizinha com seus pais; o lugar de onde ele escapou. Não gostava de agitação e lugares movimentados, desde muito jovem ele procurava por uma cidade menor e encontrou a minha.

Eu me pergunto por que Nathan vive tão longe do dos pais. Claro que são apenas quarenta e cinco minutos de carro, mas parece desnecessário. Este homem é complexo, vejo agora.

“A geladeira está cheia de comida adequada para a sua condição,” ele explica enquanto me guia pelo hall de entrada.

Condição? Eu estou grávida. Isso não é uma condição.

Suspiro.

Tiro o casaco e o vejo pendurá-lo dentro de um armário à minha direita. Há uma ampla escada à esquerda contra a parede. Mais a frente há um arco que conduz ao que parece ser a área de estar, que é enorme, muito antiga e bastante aconchegante, sendo completamente honesta.

Eu sempre vivi em lugares modernos e com decorações estranhas, mas esse lugar é todo antigo e confortável. As paredes poderiam iluminar através de seus marrons profundos e laranjas. O corredor é bege com uma borda de madeira contornando a metade inferior.

“Essas luzes são legais,” observo e aponto as luzes de parede em forma de vela.

“Se você ficar com frio o termostato fica aqui, há um no andar de cima no corredor. Basta pressionar o botão até chegar à temperatura desejada e pressionar este botão.” Ele se move para a próxima coisa, mostrando-me como funciona o forno e o purificador de água. “Eu preciso sair agora. Fique à vontade. Meu número está no telefone na cozinha, me ligue se você precisar de alguma coisa.” Ele se vira para sair, para e vira para trás. “O seu quarto é subindo as escadas, à direita e suba três degraus. É por esse corredor, duas portas à direita. O meu quarto fica no outro andar. Respeite a minha privacidade e não entre.”

“Tudo bem.” Eu o observo sair, seu corpo perfeitamente equilibrado, suas pernas levando-o com graça – o que não deveria ser possível para a sua altura. Ele é um pouco mais alto do que Caleb agora que percebo. É o cabelo que está me deixando louca quando o vejo de costas. Ele precisa cortar. Logo estará colocando-o atrás das orelhas como Caleb fazia. Eu amava isso em Caleb, e não vou ser capaz de lidar se vir em seu irmão, que se parece muito com ele.

* *

O vento é forte aqui em cima. Descubro isso, quando passeio pelo jardim e o vento me joga alguns passos para trás. A casa está num caminho isolado, com nada mais do que uma estrada estreita entre fileiras e fileiras de árvores. Esta área é particular. Sei disso, pois acabei de passar por uma placa de 'Não ultrapasse'.

Não ando muito, principalmente porque o céu está cinza com espessas nuvens e meus tornozelos estão doendo a cada passo. O mais longe que vou é um quilômetro antes de voltar. É lindo aqui fora. Quero ir até a borda do penhasco em algum momento, não muito perto, porque o medo de altura vai me paralisar, mas perto o suficiente para olhar a paisagem. Não há mar aqui, o que é triste, vou sentir falta dos sons e cheiros, mas o ar é fresco e a vista deslumbrante então não me importa muito.

Volto para a casa e sinto um pouco de frio, assim mexo no termostato até ouvir o zumbido dos radiadores de aquecimento. Logo começo a explorar. Esse lugar é grande e bonito e muito limpo. Meus instintos de arrumar o ninho não me agitam como eles costumam fazer.

O seu pessoal da limpeza obviamente é brilhante. Aposto que ele paga bem. Não consigo ver uma partícula de poeira em qualquer lugar e o cheiro de alvejante persiste em cada ambiente. Está me irritando. Preciso me livrar disso. Queria ter aberto as janelas quando cheguei para sair esse cheiro.

Fico distante do quarto dele e também do seu escritório quando descubro o primeiro andar. Assim que a porta se abre, quase vomito por causa do forte cheiro de água sanitária. Está praticamente queimando meu nariz. O escritório é impecável. Duvido que haja sequer um grão de poeira no ar.

Eu me afasto lentamente e passo pelo quarto ao lado.

* *

Três horas depois consigo arejar um pouco o ar da casa, mas agora está congelando aqui novamente, então fecho todas as janelas e giro o termostato para aquecer. Isso é tudo que faço durante o dia, não incluindo o assalto a geladeira para não encontrar nada a não ser mais frutas orgânicas, verduras e carne fresca.

Eu posso viver com isto.

Comida é comida, e comida orgânica tem um gosto agradável quando preparada corretamente para consumo.

Indo ao meu quarto, que é grande e realmente bastante feminino e bonito em um sentido floral, me sento no banco acolchoado da janela, com o telefone na mão. Ao mesmo tempo folheio um livro que não estou realmente focada. Está chovendo, bastante forte, agora. Cada gota bate na janela como uma bola de beisebol. Parece que estou em uma estufa, de tão pesadas que são as gotas que batem na janela. O barulho soa como se estivesse vindo de todas as direções.

É deprimente.

Desisto do livro e, em vez disso, subo na minha cama temporária.

Ela é confortável, mas não cheira a Caleb, ainda me oferece a segurança que necessito no momento. Enterrando o rosto sob as cobertas, fecho os olhos e desligo os pensamentos. Regressando para o abismo.

***

Acordo às nove e tenho tempo para ligar para o meu chefe e me demitir. Eu me desculpo por não avisar antes, mas ele está completamente bem, considerando as circunstâncias, e me deseja sorte.

Depois de vestida e de escovar os dentes, não desejo ir lá para baixo. Quero ficar na cama, mas meu estômago está se roendo. Não importa o quanto estou triste, ainda preciso colocar o bebê em primeiro lugar. Ele não pediu nada disso.

Tomo o café da manhã, que consiste em torrada e feijões.

O que Nathan não souber não irá doer. Eu teria preferido ovos, mas não consegui encontrar qualquer um na geladeira ou em qualquer outro lugar. Penso no que ele disse ontem. Será que acha que são ruins para o bebê ou só tem um problema com ovos em geral? Eu, honestamente, me importo?

Estou certa que ovos crus não são os mais desejados por mulheres grávidas do que cozidos, assim suas preocupações não me preocupam. Não que eu possa realmente chamar suas inquietações de 'preocupações'. Ele não parecia incomodado; só parece o tipo que gosta de estar no controle e esta é uma situação de merda, assim esses desejos estão em alerta, em todos os lugares errados.

Tenho certeza de que suas intenções são boas.

Eu me pergunto o que ele está fazendo. Talvez esteja numa conferência de negócios ou algo assim.

Sei que o pai de Caleb é dono de uma rede de lojas de joias espalhadas pelo país e está sempre expandindo. Ele é dono da empresa que encontra as pedras preciosas e da empresa que extrai o metal. Não tenho certeza de quão rico isso o torna, ou o quão rico isso faz Nathan, ou se eles são mesmo ricos.

Obviamente, são e essa casa certamente grita 'ricos', mas não grita 'Bill Gates'. Não que eu me importe. É apenas algo para pensar para manter minha mente ocupada dos outros temas que eu tenho que lidar.

Como o fato de ser tecnicamente uma viúva. Oh meu Deus. Eu sou tipo uma... viúva.

Isso é algo que você lê, ou escuta, ou vê em pessoas mais velhas. Não é algo que você experimenta aos vinte um anos.

Bem, vinte um desde sete semanas atrás.

Eu sei que é algo que acontece às pessoas nesta idade. Eu não sou estúpida. Você ouve sobre isso, mas nunca pensa que vai acontecer com você. Gostaria que tivéssemos feito um seguro de vida, garantindo nosso futuro.

Deveria ter sido a primeira coisa a fazermos quando fiquei grávida. Pelo menos então eu não estaria aqui. Teria sido capaz de pagar o aluguel e tudo o que o bebê precisa por um tempo até terminar a universidade e conseguir um emprego.

Aff. Não adianta pensar em nada disso. Por que estou me torturando com algo tão ridículo?

"Bom dia," uma voz alegre feminina diz quando a porta da entrada principal abre e depois fecha. "Alguém em casa?" Ela entra na cozinha, me vê e sorri. Eu poderia sorrir de volta,

mas não cheguei a esse ponto da minha aflição. Ainda consigo sentir emoção suficiente para mudar a expressão facial para em branco ou torturada. “Bem, olhe para você.”

“Olá,” digo educadamente.

É uma mulher em seus quarenta anos, com um sorriso suave, seus olhos são de um azul profundo e você sabe só de olhar para eles que ela já viveu muita coisa. É estranho como se pode dizer isso com algumas pessoas. Eu me pergunto se podem dizer isso olhando para mim.

“Você deve ser a convidada do Sr. Weston, Guinevere, certo? É um prazer conhecê-la. Eu sou Jeanine.” Ela abre os braços e me dá um abraço firme. Sua mão esfrega minhas costas um par de vezes antes de me deter no comprimento do braço, seu sorriso ainda determinado. “Você é absolutamente deslumbrante, e olhe essa barriga. Posso?”

“Claro,” digo, com os dedos enfiando meu cabelo atrás das orelhas.

Ela imediatamente coloca as mãos em cima da pequena protuberância. “Ora, ora, ora. Você tem uns quatro quilos aqui, fácil.”

“Ótimo,” murmuro solenemente e tento imaginar o meu futuro. Tudo o que vejo é uma baleia com o meu rosto.

“Saudável também.” Seu sorriso fica mais brilhante. “Sente-se. Vou fazer um pouco de chá. Como está se sentindo?”

“Bem,” respondo, mas seus olhos me dizem que ela sabe a verdade.

Felizmente não comenta, só se concentra na sua tarefa, em cada passo. “É maravilhoso ter você aqui. Tenho certeza que Nathan pensa assim também.”

“Ha,” deixo escapar sem querer.

Se esta mulher sorrir mais abertamente, vai perder o topo de sua cabeça. “Ele fica terrivelmente solitário aqui, ainda que negue. Raramente deixa o trabalho.” Oh, então ele trabalha em casa. Isso explica a distância da cidade. “Será bom ter você aqui e, claro, o bebê também.” Vejo o seu sorriso sumir, sendo substituído por pena e preocupação. “Sinto muito por sua perda. Disseram-me para não mencionar isso, mas não seria certo não oferecer minhas sinceras condolências.”

“Tudo bem, obrigada. Não tem sentido evitar o óbvio,” digo em um suspiro.

É verdade, entretanto. Não tem sentindo evitar algo tão grande ou as pessoas que lidam com isso nunca vão totalmente aprender a enfrentar a situação. Tanto quanto não quero enfrentar a dor de ser lembrada que ele se foi, Caleb de fato se foi e tenho que lidar com isso, por mim e pelo bebê.

“Bem, você já comeu?”

“Sim.”

“Eu sinto muito pela comida. Nathan insiste que eu compre apenas orgânicos para sua sobrinha ou sobrinho. Mas...” Ela sorri maliciosamente e coloca um dedo em seus lábios antes de me chamar para a despensa. “Se você olhar aqui atrás, há um grande recipiente de plástico. Enchi com deleites.” Deleites? As pessoas ainda dizem isso? E duvido muito que Nathan se referisse ao meu bebê como sua sobrinha ou sobrinho. Ou talvez sim. Eu não o conheço bem o suficiente para presumir qualquer coisa.

Eu quero abraçá-la novamente. “Obrigada. Estou desesperada por chocolate.”

“Eu não consegui nada com amendoim, mas o que eu tenho ainda é brilhante.” Ela se afasta, deixando-me vascular

o recipiente. Encontro um chocolate Twix e quase choro. “Gostou do seu quarto?”

Encolho os ombros. “É muito...”

“Antiquado?”

“Você poderia dizer isso. Entretanto é bonito.” É apenas um quarto com uma cama onde posso enterrar minha cabeça. Eu não me importo com a decoração.

Ela sorri novamente. “Redecorar. Nós vamos fazer o berçário também. Amo decorar um berçário, embora já tenha se passado um longo tempo desde que tive essa alegria. Meu filho mais novo saiu de casa no mês passado.”

“Sinto muito ouvir isso.”

Ela solta uma pequena gargalhada. “Oh, não. Há um tempo ele descobriu seu lugar no mundo como seus irmãos mais velhos.” Eu quero rir, a vontade está lá, mas simplesmente não posso. Ela não se ofende. Os olhos dela ainda sabem. A mulher toca o meu ombro suavemente e adiciona em um sussurro, “vai ficar mais fácil, minha querida. Você vai sorrir novamente.”

Com um aceno volto a me sentar e a observo em torno da cozinha. Ela fala sobre seus filhos e sua vida e como veio trabalhar para Nathan há três anos. A história não é interessante. Ele colocou um anúncio no jornal local e ela foi entrevistada, assim como duas outras mulheres mais jovens e magras, mas ela chutou as suas bundas. Mais uma vez quero sorrir mais não podia. Ela riu e sorriu o suficiente por nós duas, então está tudo certo.

Depois de meia hora e uma xícara de chá ela me deixa na cozinha e vai fazer seu trabalho.

Agora, o que faço? Acho que eu poderia ver o que está passando na TV. Espero que tenha algo interessante.

9

Os dois dias seguintes passam lentamente e não tenho notícias de Nathan. Não que eu queira ou precise dele. Estou absolutamente esgotada. Caminhei três quilômetros e quase me perdi ao regressar. Amanhã vou pegar um pedaço de giz e marcar as árvores enquanto caminho, assim não me perderei. Minhas habilidades para explorar definitivamente são abaixo da média.

Também preciso de botas para caminhadas e mais roupas. Todas as minhas coisas ainda estão no carro de Nathan, o que é irritante. A única coisa que eu tenho foi o que trouxe na mochila. Gostaria de saber o que ele precisava fazer com tanta pressa para não poder esperar vinte minutos para eu pegar as minhas coisas.

Suspiro.

É tarde, estou atualmente enrolada no sofá em um roupão que Jeanine trouxe para mim esta manhã. Estou usando uma camisola de cetim por baixo do roupão que dá uma sensação incrível contra a pele sensível e, especialmente, em minha barriga. Ele se encaixa perfeitamente confortável ao redor dos seios, flutua sobre a barriga e nas costas como uma nuvem de seda.

Caleb amava cetim. Ele tentou me fazer comprar lençóis de cetim, mas são irritantes quando está quente e a colcha nunca fica no lugar.

Meus olhos ardem. Me recuso a chorar. Mas às vezes, mesmo que você diga a si mesma para não chorar, não se pode evitar.

Sinto tanto a falta dele a cada chute do bebê. Toda vez que sentia uma vibração, Caleb instantaneamente colocava as mãos ou a cabeça ali se ele não estivesse ocupado. Mesmo que não pudesse sentir, gostava de compartilhar a experiência comigo.

Ele nunca vai nem mesmo segurar o bebê, nunca vai ver o primeiro sorriso dele.

Eu não consigo deter as lágrimas enquanto fluem pelas minhas bochechas. Desta vez nem tento. Choro tanto que a exaustão toma conta de mim. Meus olhos se fecham, mas não tenho vontade de me mover, então não vou para a cama. Não faz sentido.

* *

Algo desliza sob minhas pernas. Faz cócegas. "Hmm." Murmuro com os olhos ainda fechados. Meus braços vão ao redor do pescoço de quem está me levantando enquanto um braço forte serpenteia em torno de minhas costas. Pressiono a testa em seu pescoço e inalo profundamente. Ele cheira como linho fresco e uma colônia que não conheço. O aroma é maravilhoso. Tipo picante, mas também doce. Viril. "Sou pesada," resmungo, mas não recebo resposta.

Pelo cheiro sei que não é Caleb, mas parte de mim não pode deixar de desejar.

"Volte a dormir," ele sussurra e começa a andar.

"Uh-huh," digo, com minhas pálpebras ainda fechadas. Isso me rende um leve aperto.

Acordo com o som de cortinas sendo abertas. Ugh. “Bom dia. São quase onze e vinte. Alguém devia estar cansada!”

“Oi, Jeanine.” Digo em meio a um bocejo e me estico. Em choque minhas mãos vão para meus ombros nus. A camisola ainda está no meu corpo, mas o roupão não. Quando tirei?

Eu penso... Não foi eu. Então quem foi?

“Nathan está de volta?” Eu me espreguiço e Jeanine acena com a cabeça com seu sorriso habitual. “Onde ele está?”

“Ele está fazendo o café da manhã.”

“Estou surpresa que não me acordou, ele me disse para levantar até as onze, todas as manhãs.”

Ela arqueia uma sobrancelha. “Bem, ele me deu ordens específicas para deixar você descansar, mas achei que não gostaria de dormir o dia todo e que o bebê precisa comer.” Ela me dá duas colheres que parecem que estiveram no congelador. “Coloque a parte curva sobre as bolsas dos olhos. Vai diminuir o inchaço.”

Eu gemo, mas faço o que diz. “Sou a visão do inferno?”

Ela sorri tristemente. “Não, minha querida, você parece com uma mulher que perdeu o pai de seu filho.” Me inclino em sua mão quando ela acaricia minha bochecha, preciso do conforto. “Agora vamos, vamos. Vista-se, vou voltar em dez minutos.”

* *

Entro na cozinha e o meu nariz é assaltado pelo cheiro de cogumelos e manteiga. Minha boca saliva.

Coloco as colheres na pia e espio Nathan sentado na mesa de jantar ao lado, um livro em uma mão e comendo com a outra. Ele está usando óculos e sinto vontade de rir, mas ainda não cheguei a esse nível de emoção. Ele parece mais velho do que é, mas também parece muito jovem para parecer velho. Não tenho certeza se isso faz sentido.

Pelo menos não está usando um terno desta vez, é bom vê-lo como um ser humano com uma camisa branca lisa e jeans azul escuro. Este look se adapta a ele, embora eu tenha que admitir, o terno lhe cai melhor. O terno é agora a imagem que simboliza Nathan.

Sem olhar para cima, ele faz um gesto para o espaço ao lado dele e vejo meu prato e franzo a testa. “Por que não tem cogumelos fritos no meu prato?”

Ele me olha sobre o livro, enquanto me sento ao lado dele.

“Oh, vamos lá. Se eu não tiver qualquer dose de gordura no meu sistema, vou perder peso.”

“Cogumelos fritos não estão na lista para uma gravidez saudável.”

“Se as suas preocupações fossem reais, então ninguém teria uma gravidez saudável.” Espio o prato cheio dele, salsichas, bacon, torradas, feijão, cogumelos, tudo misturado, mas sem ovos. Então eu olho para o meu. “Tomate grelhado e torrada com margarina? Você está brincando comigo.”

“Coma.” Ele diz, com os olhos folheando o livro.

Eu como e tem gosto insosso e terrível. “Isto foi preparado com óleo de girassol?”

“Orgânico.”

“Ewww. Não posso simplesmente ter um pedaço de bacon?”

Ele vira a página. “Não.”

“Apenas uma mordida?”

“Não.”

Solto um rosnado e o mesmo faz meu estômago. “Você está me matando aqui.”

Ele olha novamente para mim, as sobrancelhas levantadas como um pai faz com uma criança que está sendo impertinente. “Coma, Guinevere.”

Tomo uma garfada de meus tomates grelhados e estremeço. Ele está olhando para o livro. Não vai notar se eu roubar um cogumelo do prato. Estão cheirando bem demais para resistir.

Meu coração clama pelo bacon, entretanto. Ele tem quatro fatias. Quatro.

Isso é gula. Ninguém precisa de tanto bacon.

Muito devagar e com cuidado deslizo a mão ao longo da mesa, usando a outra mão para comer minha comida, para que não pareça que estou fazendo algo suspeito. Ele não pode ver. O livro está tampando sua visão.

Quase lá... tapa.

Ofego e puxo minha mão ardendo, com a boca aberta em choque. Ele olha por cima dos óculos para mim, seu livro fechado agora sobre a mesa.

“Você acabou de bater na minha mão com seu livro?” Pergunto, o choque ainda evidente enquanto esfrego o dorso da minha mão com a outra. Não machucou, apenas me deixou chocada.

“Eu disse não.”

“Acaba de bater na minha mão com o seu livro,” digo minha voz mais baixa e mais perigosa neste momento. “Eu não posso acreditar que fez isso.”

“Você é um animal?” Ele faz carranca, as palmas achatadas na mesa. “Porque só animais roubam comida de outro prato.”

“Você é um animal?” Faço uma carranca, repetindo suas palavras. “Porque apenas animais atacam mulheres grávidas.”

Ele suspira e revira os olhos. “Tão dramática, foi apenas sua mão.”

“Ainda foi um ataque.”

“Minha comida. Não toque.” Ele me olha e pega seu livro de volta.

Por que tenho essa sensação insana que eu quero fazer isso de novo? Se ele me bater de novo, juro que vou bater nele. Estou preparada.

Então, quando ele olha de volta para seu livro, mastigando lentamente a comida em sua boca, deslizo minha mão devagar. SIM! Consegui o bacon.

“Coloque de volta,” ele ordena, seus olhos não deixando o livro. Como me viu?

“Mas...”

Os olhos dele ainda não deixam o livro. “Coloque de volta.”

“Você não me controla e nem meu corpo. Comerei o que eu gosto.”

“Enquanto você estiver aqui, vai cuidar do seu corpo e do seu filho.” Ele abaixa o livro e olha para mim.

“É apenas bacon, maldito porco nazista. Não consigo viver de orgânicos. Ainda preciso um pouco de comida gordurenta,” digo, com minha voz soando tão histérica quanto me sinto e me sinto extremamente histérica.

“Faça como eu disse,” ele grita.

“Não.” Levo o bacon para a minha boca, dando uma mordida e mastigo.

Em um instante ele está de pé. Seu movimento súbito me assusta, por isso fico de pé mais rápido do que consegui levantar nos últimos três meses. Olhamos um para o outro, com os olhos cheios de advertência, meu corpo tremendo agora. Estou com um pouco medo, para ser honesta.

Eu só quero o bacon. Tomo outra mordida, ele se aproxima de mim. Dou um passo para trás a cada passo que ele dá.

“O que você está fazendo?” Pergunto paralisada pelo medo. Eu não deveria ter pressionado. Mal o conheço. E se ele me bater ou me amarrar no quarto?

E se ele me transformar em bacon?

“Devolva o bacon.”

Eu pisco quando as minhas costas batem na parede. “É apenas uma fatia de bacon.”

“Você deliberadamente me desobedeceu,” ele diz segurando um guardanapo. “Dê isso aqui.”

“Tudo bem, porra, tome.” Grito e coloco o pedaço de bacon no guardanapo, perdendo a cabeça.

De repente ele está na minha cara, sua mão bate na parede ao lado da minha cabeça. Choramingo quando ele se aproxima até que o nariz fica apenas a um centímetro do meu. “Diga outro palavrão e você vai se arrepender.”

"O que isso significa?"

"Xingue novamente e vai descobrir." Ele ameaça e se afasta, com o bacon esmagado no guardanapo em seu punho.

Deslizo pela parede depois que ele sai levando nossos pratos com ele. Se pudesse enrolar minhas mãos ao redor dos meus joelhos eu faria. De repente, não quero mais ficar aqui.

Antes que alguém me veja, subo correndo as escadas e me escondo no meu quarto, minha mente processando ideia após ideia. Ele claramente é instável e tem graves problemas de controle e não tenho certeza se quero lidar com eles.

Talvez eu devesse ficar fora do seu caminho. Talvez devesse ir embora.

Mas para onde iria? Preciso ser realista aqui.

Deito em minha cama depois de chutar para longe os sapatos e enterro a cabeça debaixo das cobertas. Esta é a minha segurança; este é o lugar onde me sinto o mais confortável, por isso, é onde vou ficar. Por que tenho de lidar com isso? Não mereço.

O meu coração e minha respiração são os únicos sons que posso ouvir enquanto me desligo do mundo. Minha respiração é pesada e é difícil respirar sob uma colcha, mas está tudo bem. Pelo menos não estou chorando, estou tão cansada de chorar.

* *

"Estou indo agora, querida." Jeanine chama através da porta. "Certifique-se de comer. Você não tocou no café da manhã."

Eu me enterro ainda mais sob a colcha depois de soltar um “Ok.” Estou tão cansada. Tão malditamente cansada.

Será que isso nunca vai ficar mais fácil?

Há uma batida na porta depois que o sol desaparece. “Guinevere?” É Gwen. A batida torna-se mais insistente. “Guinevere, abra a porta.”

“Vá embora.” Digo em voz baixa, mas sei que ele pode me ouvir.

A porta se abre. Mantenho a colcha apertada em torno da cabeça.

“Pare de se lamentar e venha comer.” Ele exige com um tom de voz que demonstra sua irritação.

Eu não respondo. Não quero comer com ele. Ele precisa me deixar em minha caverna de dor.

Nathan suspira e ouço os passos dele ficarem mais perto. “Gwen.”

“Estou cansada.”

Grito quando o cobertor é arrancado do meu corpo e Nathan paira sobre mim, parecendo tão chateado como me sinto agora. “Isso não é saudável.”

Tento enterrar minha cabeça debaixo do travesseiro, mas ele o arranca de mim também.

Depois de um momento fecho meus olhos e enterro o rosto sob os braços, e de repente, estou no ar. “Ponha-me no chão,” ordeno não me atrevendo a me mexer enquanto ele me embala em seu peito, por medo de que me solte. “Agora.”

“Coma e depois você pode se afundar o tanto que quiser,” ele diz calmamente e me leva do quarto. Meus braços automaticamente envolvem seus ombros. “Você está muito leve para alguém que está grávida.”

“Não sabia que você tem o hábito de carregar mulheres grávidas.” Comento.

“Você também é extremamente frustrante.”

“Eu não sou.” Talvez só um pouco, mas quem pode me culpar?

Ele solta um suspiro e começa a caminhar com cuidado pelas escadas. “Peço desculpa por chatear você essa manhã. Jeanine foi bastante insistente dizendo que eu nunca deveria tomar a comida de uma mulher grávida, então vou tentar ser mais razoável no futuro.”

Que demônios devo dizer sobre isso? “Está bem.”

Ele não fala, só me leva para a sala de jantar e me coloca gentilmente na cadeira ao seu lado. Meu nariz instantaneamente pega o aroma de alho e carne antes mesmo de olhar para meu prato. Minha boca enche de água ao ver o ensopado.

“Você cozinhou?” Eu questiono, impressionada com a comida.

Ele dá de ombros. “É apenas ensopado.”

“Caleb mal sabia preparar uma pizza congelada,” aponto e mergulho um pedaço de pão fresco no molho. Oh meu Deus. “Isso é melhor que o meu. Obrigada.”

Seus olhos vagueiam sobre o meu rosto por um momento antes de começar a comer. “Vejo que você não é religiosa.”

“Você quer rezar?”

“Não.”

“Então...”

“Foi apenas uma observação.”

Arqueio uma sobrancelha para ele. “Você observa coisas estranhas.”

“É errado da minha parte querer conhecer a mulher, que agora vive comigo, um pouco melhor?” Seus olhos descem para a comida e o seu lábio inferior escorrega sob seus dentes.

“Acho que não,” giro minha colher em torno do ensopado maravilhoso e pego um pedaço de carne e batata. “Bem, não sou religiosa, não fui criada em nenhuma religião, mas acredito em Deus.”

Ele balança a cabeça lentamente, mas não parece muito interessado. Seu rosto é uma máscara de indiferença e caímos no silêncio. É desconfortável.

Limpo a mesa, só para ter algo para fazer enquanto ele fica sentado e fala alto com alguém em seu celular. Meus ouvidos se animam quando começa a falar sobre seu pai, então lavo os pratos na cozinha, dando-me uma razão para ficar. Tudo o que eu ouço é. “Sim, bem, o que meu pai diz é bem claro.” E então ele passa a falar sobre ações e outras coisas chatas.

Quando termina, entra na cozinha solta a gravata azul em volta do pescoço. “Obrigado por lavar os pratos.”

“Sem problema.” Meu instinto de hibernação não me deixa sair de qualquer maneira.

“Posso confiar que você estará presente para o café da manhã?” Dou de ombros em resposta. “Vou tomar isso como um sim.”

“Ok.”

“Boa noite, Guinevere.”

“É Gwen e são apenas dezenove horas. Você já vai para cama?”

Escuto-o dar alguns passos mais perto. “O que eu faço não é da sua conta... Gwen. Lembre-se disso.”

Caramba. Sério? Ele vai ser rude? “Estava fazendo apenas uma observação.”

“Não faça. Você não gostará do que vai observar,” ele afirma friamente e sai. O tempo todo em que olho Nathan se afastando não sinto nenhum desejo de qualquer comentário de despedida. Agora eu não posso tirar meus olhos de suas costas enquanto se afasta.

O que diabos ele quis dizer com isso? O que eu não gostaria? Não que eu esteja tentando gostar ou procurando algo para gostar.

* *

Acordo mais cedo do que de costume pela manhã. O estúpido mal-estar matinal já deveria ter parado. Mas não. Corro para o banheiro e caio de joelhos na frente do vaso sanitário. Que nojo. Felizmente, o mal-estar desaparece após o primeiro esvaziamento do meu estômago, ao contrário dos últimos meses, quando aquilo durava durante horas, fazendo-me sentir tão mal que eu chorava.

Uma vez que acabou tomo um longo banho. É necessário. Estou envergonhada de mim mesma por tanto tempo sem um, especialmente quando há um banheiro bem próximo ao meu quarto e tem uma belíssima ducha e uma enorme banheira. São antigos, mas funcionam brilhantemente.

Quando finalmente desço as escadas, tenho que respirar profundamente quando sinto o cheiro de bacon. É estranho porque ontem eu queria bacon e agora o pensamento dele faz

o meu estômago embrulhar. Sigo para a sala de jantar, Nathan se sentou como ontem de manhã, desta vez tem um livro diferente e sem óculos em seu nariz. Seu cabelo está diferente também, ou talvez ele simplesmente não tenha penteado ainda.

Parece muito mais casual do que ontem, em uma camisa azul e calça jeans escura. Isso faz eu me perguntar, por que estava usando um terno na noite passada. Eu não me lembro dele indo a lugar algum, para ter a necessidade de usar algo tão aparentemente formal.

“Você está me encarando,” ele comenta enquanto me sento.

“Desculpe,” murmuro e olho para o meu prato. Posso ouvir Jeanine ouvir cantando para si mesma, embora não esteja inteiramente certa de que direção sua voz está vindo. “Eu estava me perguntando...”

“Jeanine!” Sua mão bate na mesa fazendo-me saltar e ofegar. “Basta!”

Estou chocada quando ouço Jeanine rir em voz alta antes de ficar em silêncio. Ele esfrega os olhos com as mãos enluvadas e coloca o livro na mesa em minha frente.

“Você estava se perguntando...?” Ele pede para eu terminar a minha frase anterior.

“Oh, Humm... não me lembro agora.”

Ele me dá um olhar aguçado, e tenho que lutar contra a minha necessidade de fugir de seu olhar escuro. “Não brinque comigo. Diga.”

Bufo. Eu não sentia vontade de rir em muito tempo, mas isso quase me faz gargalhar.

Ele pensa por um momento antes de rolar seus olhos quando se dá conta sobre a razão para meu bufo pouco atraente. “Honestamente, quantos anos você tem?”

“Vinte e um.”

“Foi uma pergunta retórica destinada ao seu nível de maturidade.”

Mantenho meus olhos para baixo e tiro o bacon do meu prato.

Ele suspira alto. “Ontem você queria o bacon e agora que você o tem, não está feliz. Típico.”

“Não,” balanço minha cabeça. “Está ótimo. Obrigada.” Lentamente movo o pedaço em direção à minha boca, meus olhos piscando para ele. “Defumado, amo bacon defumado.” Meu estômago faz um barulho alto de agitação e me levanto lentamente. “Com licença.” Com a mão sobre a boca eu me apresso em sair, subindo as escadas. Vomito. Que nojo.

Jeanine se junta a mim alguns minutos mais tarde com uma xícara de chá e um biscoito de gengibre. Por que todos os idosos pensam que gengibre é a cura de todas as doenças? Não funciona. Bem, não para mim. Não suporto gengibre.

Volto para o meu quarto procurando solidão.

* *

Há um ligeiro golpe na porta vinte minutos depois de eu estar aqui, não respondo, me sento no banco da janela e observo solenemente através do vidro. As árvores parecem tão espessas e vibrantes, quando você tenta olhar através das folhas, mas se está caminhando através delas não parecem ser tão grossas. São realmente bem espaçadas. São os arbustos e

galhos que tornam difícil caminhar através da floresta. Aposto que se voar acima desta floresta particular e olhar para baixo, seria parecido com um cobertor de folhas cobrindo o penhasco.

A batida volta a soar. Eu ainda não respondo.

A porta abre de qualquer maneira. Ótimo.

Não me volto para olhar para quem quer que seja, mas sinto quando ele entra, como posso sentir sua presença dominadora. Sei quem é assim que ele atravessa a porta.

"Você está doente?"

"São náuseas que vem aleatoriamente ao longo do dia," eu explico e prendo meu cabelo atrás das orelhas, os olhos ainda olhando para longe.

"Você está triste," ele observa e quero olhar para ele.

"Como posso não estar?"

"Passou quase um mês," diz em voz baixa, como se estivesse tentando me confortar com o seu tom.

Desta vez eu olho para ele. "Por favor, me diga que você está brincando."

Ele olha para mim por um longo momento, seus olhos inexpressivos sem oferecer nada. "Você tem uma consulta médica em trinta minutos. Ele viajou até a vila para te ver. Não se atrase."

"E como exatamente espera que eu chegue lá?" Pergunto com uma voz casual, o corpo tenso.

"Jeanine vai deixá-la lá no caminho para casa e eu vou buscá-la quando terminar." Ele fecha a porta ao sair. Eu me apresso para ficar pronta, enquanto certifico-me de colocar calças para que o médico não tenha um vislumbre do meu 'minipacote' sem que faça um ultrassom. Infelizmente tenho apenas um conjunto de roupas limpas devido ao fato de que

minhas coisas ainda estão no carro de Nathan e já usei todas as roupas na mochila. Com um suspiro agradecido, visto a blusa marrom que combina com minhas calças de brim bege e botas. Não pareço um desastre total. As peças serviram em mim, o que é um alívio ainda maior.

* *

Nathan não está em parte nenhuma quando saio, estou feliz por isso. Não sei como reagir a ele agora. O cara tem problemas com os quais eu não quero lidar. Alguém pensaria que ele seria um pouco mais simpático comigo agora. Alguém pensaria que eu estaria um pouco emotiva. Caleb era seu irmão e, no entanto, ele não mostra sinais de tristeza. Não mostra nenhum sinal de qualquer emoção que seja. Nunca conheci uma pessoa mais robótica em minha vida.

Por que parte de mim está gritando para ser grata? Ele está alterando sua privacidade, abrindo sua casa só para acomodar a mim e ao meu bebê.

Mas outra parte de mim está dizendo que ele deve fazer isso. É sua sobrinha ou sobrinho que está crescendo dentro de mim. Assegurar-se de que ele ou ela tenha tudo o que seu irmão teria dado. Bem, não tudo, mas deve ajudar.

Ainda não descarta seu comportamento comigo.

* *

“Seja paciente.” Jeanine me diz quando estacionamos na calçada depois de um longo e tranquilo passeio até aqui.

“Ele vai se acalmar. Simplesmente não está acostumado a ter companhia.”

“O que quer dizer com isso?” Quer dizer, é óbvio que ela se refere que ele vive sozinho, mas não posso evitar sentir que há mais de um sentido à sua declaração.

“Você quer que eu fique com você?” Ah, uma troca de assunto. Ela deve ter jurado guardar algum segredo, porque Jeanine não parece do tipo que gosta de segredos.

Nego com a cabeça. “Não, não me sentiria bem. Era uma coisa nossa... sabe?”

Ela dá um aperto em minha mão e acena com seus olhos nublados de compreensão. “Eu sei, querida.”

* *

O médico me vê imediatamente. E me informa que seu nome é Dr. Meadow e que me acompanhará particularmente até o parto. Então, estou supondo que não receberei cuidados com o bebê pelo sistema público de saúde. O que há de errado com Nathan? O que tem de errado com a saúde pública?

Ele faz um ultrassom para ver o quão longe estou mesmo que tenha dito isso a ele há dois segundos. Eu não acho nenhum prazer nisso. Apenas olho e me recuso saber o sexo ainda. Caleb e eu descobriríamos juntos, não me sinto bem fazendo isso sozinha. Ele anota minhas medidas, bem diferente das que eu tinha em casa, o que me preocupa. Ele me assegura que é para que possa monitorar cada aspecto da minha gravidez a partir de agora até o final.

Aparentemente estou perfeitamente saudável, tanto quanto pode dizer meu bebê vai ser grande. Ele quer amostras de sangue para testar para diabetes e outras doenças,

principalmente diabetes porque, aparentemente, as pessoas com diabetes têm grandes bebês.

Isto me faz querer bater nele mesmo que esteja sendo legal sobre isso. Estou grande, grávida e hormonal e não preciso de um médico me dizendo que eu não deveria estar tão grande.

Felizmente não aumentei muito meu peso em qualquer outro lugar. Os seios estão enormes e espero que eles nunca esvaziem. Porém, o resto de mim ainda está em um tamanho bom.

Eu também digo a ele para me dar uma lista de todos os alimentos que não posso comer para que possa provar a Nathan que ele está sendo irracional. Então chego à conclusão de que tudo que tenho a fazer é levantar mais cedo do que ele e invadir a sua geladeira. O que ele não souber não vai doer.

É quando o médico me diz que vai me encaminhar para ver um terapeuta, que decido que quero ir e quero ir agora. Ele acha que preciso falar com alguém sobre o que aconteceu ou há uma possibilidade que eu não sinta vínculo com o bebê no nascimento. Encontrar seu noivo morto é, de acordo com ele, uma terrível tragédia que precisa ser adequadamente tratada. Discordo. Claro que é uma tragédia terrível, mas acredito que preciso deixar onde isso pertence. Trancado até meu último suspiro. Não estou pronta para reviver a história e não tenho certeza se alguma vez estarei.

Até agora, desde que Caleb morreu, tudo o que eu penso, é no fato de que ele foi embora. Não pensei na noite em questão. Estou rezando secretamente para reprimi-la para sempre, porque se eu mesmo tiver um vislumbre de seu corpo deitado sem vida em nossa cama outra vez, vou morrer por dentro e nunca mais serei capaz de reviver.

Ele me garante que tenho um risco maior de depressão pós-parto devido aos acontecimentos e está preocupado com

meu estado mental quando o bebê nascer o que é ridículo, porque é metade de Caleb, então vou amá-lo mais do que teria feito se Caleb estivesse ao meu lado. Então recuso a ajuda e agradeço de qualquer maneira.

* *

Nathan é pontual, o que eu gosto. Nunca estou atrasada para nada. Caleb costumava brincar e dizia que eu provavelmente entraria em trabalho de parto exatamente à meia-noite da minha data prevista. O engraçado é que não discordo dele. Acho que, nunca na minha vida, cheguei atrasa para algum compromisso. Ser desorganizado não é uma boa característica.

Eu não digo oi quando entro no carro. Ele parece contrariado porque não espero que me ajude a entrar, mas quem se importa? Eu não.

Guardo o ultrassom em meu bolso e inclino o banco um pouco para trás.

“Levei todas as suas coisas para dentro.” Ele diz. “Peço desculpa por não ter feito isso antes.”

“Obrigada.”

Ele me dá um olhar. “Sua consulta correu bem?”

“O médico não vai ligar mais tarde para você e informá-lo sobre o andamento?”

Ele suspira. “Só estou tentando lhe dar um bom cuidado de saúde, para que tudo corra tão bem quanto possível.”

“Não estou reclamando,” admito honestamente e olho para ele. “Eu só acho que deveríamos ter discutido isso em primeiro lugar.”

Sua língua passa ao longo de seu lábio inferior. “Guinevere. Eu estou bem em supor que você gostaria de assistência de saúde privada?”

“Se você está oferecendo, então não vou recusar,” digo, querendo sorrir, mas não consigo.

“Bem. Então, como foi?” Abro a boca para repetir a minha declaração anterior, mas ele me interrompe. “Ao contrário de suas convicções, privacidade é importante e eu não invadiria a sua de tal maneira. Se não se sentir confortável para me dizer, então tudo bem, não vou perguntar de novo.”

Isso é realmente doce de uma forma estranha. “Correu muito bem, ele fez exames para verificar meu diabetes porque, aparentemente, as pessoas com diabetes têm bebês grandes, mas ele tem certeza que estou bem. Não tenho quaisquer sintomas.”

“Seu bebê é muito grande?”

“Ele está supondo que pesará quatro quilos,” me encolho, não querendo empurrar para fora algo tão grande.

Os lábios de Nathan se contorcem, é a primeira vez que eu o vejo sorrir. Bem, ligeiramente sorrir. Queria saber se a falta de humor dele tem a ver com minha dor. “Caleb nasceu com um pouco menos de quatro quilos.”

“Eu não sabia disso. E você?”

Ele olha para mim surpreso, mas apenas por um segundo, como se eu estar interessada em seu peso ao nascer fosse uma ideia ridícula. Eu fui uma cadela?

Não.

Ele tem sido tão inacessível, se não até mais do que eu.

“Pesei quatro quilos e duzentos gramas.” Ele diz calmamente e torce os punhos no volante.

“É. Meu bebê vai me destruir,” eu resmungo.

A sua mão vai para o meu joelho, dá um aperto suave. “Você vai ficar bem.” Agora sou a única que está de boca aberta, em estado de choque, e estou assim por muito mais do que um segundo. Mesmo que sua mão só permaneça lá por um aperto breve e reconfortante eu ainda sinto seu toque. O que diabos foi isso?

Estou ainda mais chocada quando não vamos para casa imediatamente. Fazemos uma parada em uma loja de roupa. Ele me leva para dentro e me deixa à mercê de duas mulheres com fita métrica.

“Estas aqui,” ele diz e aponta para uma fileira de roupas. “E estes. Tenha tudo pronto até a próxima segunda-feira. Venho buscar por volta das onze.”

Estou irritada por ele estar escolhendo minhas roupas, mas não digo nada. Eu preciso de roupas novas e as que ele está escolhendo são realmente muito boas, mesmo que sejam principalmente pretas e brancas.

“Eu estou chocado,” ele diz e passa as mãos sobre uma fileira de calças jeans elásticas.

“Com o quê?”

“Você não está discutindo comigo. Tinha certeza de que eu teria uma enxaqueca induzida por Guinevere nesse momento.”

Faço uma carranca. “Eu não lhe dou enxaquecas.”

“Nunca tive tantas enxaquecas em toda minha vida.”

Estou prestes a estourar, mas percebo que essa é sua forma de provocação. É a primeira vez que vejo qualquer emoção diferente de irritação em seus olhos. Ele me leva para fora da loja e me ajuda a voltar para o carro, mas não partimos imediatamente. Ele senta, enquanto fica olhando para frente.

Posso ver que quer me dizer algo, mas não o incito; apenas espero. “Olhe, Guinevere. Sei que essa mudança não foi fácil.” Você pode dizer isso de novo? “E sei que o que você está passando é uma dor como nenhuma outra que posso imaginar.” Definitivamente pode dizer novamente. “Acho que as coisas andaram tensas para nós dois e eu gostaria que pudéssemos tentar nos dar bem. Essa tensão não é boa para você e está me irritando muito. Minha casa não deveria ser um lugar de guerra. Quero que você sinta confortável.”

“Pare de roubar meu bacon então.”

Ele solta uma risada sufocada, mas encobre com uma tosse. “Se você se lembra bem, te dei bacon essa manhã, mas você achou que o banheiro era uma companhia melhor do que eu.”

“Para referência futura.” Olho para o seu perfil, ele deveria sorrir mais vezes. Não tem nenhuma daquelas pequenas rugas em torno de seus olhos que dizem que você está na presença de uma pessoa feliz. Algo nisso faz com que meu peito doa. Caleb tinha as ruguinhas, ele estava sempre sorrindo. Como pode o seu irmão ser tão diferente? “Eu também. Acho que vai ser bom se pelo menos tentarmos tolerar um ao outro,” digo e estendo a mão. “Apertamos as mãos?” Ele olha para minha mão como se fosse um objeto estranho. “Ah, certo, nunca tocar suas mãos. Desculpe, esqueci.”

Ele fica em silêncio por um momento, vejo as engrenagens trabalhando em sua cabeça como se estivesse tomando uma decisão. Ele arranca com o carro e finalmente fala. “Eu não gosto de germes.”

“Pode repetir?”

“Eu tenho um problema com germes.” Acrescenta quando vê o olhar de choque em meu rosto.

Aceno com a cabeça lentamente. “Sim, já ouvi falar disso.”

“Bom. Não toque no assunto, só agrava. Simplesmente ignore.”

Eu aceno, apreciando sua honestidade e querendo respeitar seu pedido. “Não vou mencionar.”

Parece que ele solta um suspiro, mas não posso ter certeza, só vejo seu peito desinflar mais lentamente do que antes, com nenhum som acompanhando.

Ficamos em silêncio mais uma vez. Desta vez é confortável.

***

É hora do jantar e estou morrendo de fome. Depois de procurar na geladeira e armários decido fazer um espaguete. Eu faço um espaguete à bolonhesa que de acordo com meus amigos é excelente e tem sido um longo tempo desde que cozinhei. Realmente, quero ir para o meu quarto e enterrar minha cabeça, mas preciso começar a cuidar melhor de mim mesma. Eu perdi seis quilos e estou quase um quilo abaixo do peso recomendado para a minha altura. O que na realidade significa que sou cerca de quatro quilos abaixo do peso porque o bebê, obviamente, pesa alguma coisa.

Isso me assusta. Caleb nunca me deixava mais do que algumas horas sem comida. Ele não fazia nada além de me forçar a entrar na cozinha durante toda a minha gravidez. Eu sei que se soubesse cozinhar, ele teria cozinhado, mas depois de um tempo tentando e fracassando em muitos pratos diferentes, ele apenas começou a me colocar lá e ajudar de todo jeito que podia.

Caleb... só... eu...

Suspiro.

* *

Nathan subiu assim que chegamos em casa, há três horas, e não voltou desde então. Talvez esteja com fome. Eu deveria fazer um pouco para ele também.

Oooh, inclusive vou fazer um pão de alho caseiro. Genial.

Puxo o avental, gemendo de frustração quando só consigo o suficiente para amarrar as extremidades dos cordões atrás de mim, e começo a fazer o jantar. Sou uma daquelas pessoas que enquanto cozinha, limpa tudo, pois o que estou fazendo é uma verdadeira confusão, mas quando termino tudo está limpo.

Cheira muito bem enquanto a panela ferve e ainda mais gostoso quando o pão começa a crescer no forno. Com um copo de suco na mão, sento no balcão e mexo o molho à bolonhesa. Minha boca está salivando, estou com muita fome.

Quando está pronto, coloco a mesa e contemplo se eu deveria gritar por Nathan ou ir lá em cima e bater na sua porta. Eu não quero irritá-lo invadindo seu espaço, então chamo primeiro. Infelizmente, não recebo nenhuma resposta, então grito novamente.

Subo as escadas e grito mais uma vez. Ele está sendo extremamente ignorante ou não está em casa.

Vou bater na porta do escritório dele.

"Nathan?" Chamo e bato na porta. "Nathan? Olá?" Minha mão aperta a maçaneta, e estou prestes a abrir a porta quando mudo de ideia. Ele pode estar dormindo em sua mesa ou ouvindo música com fones de ouvidos e não quero perturbá-lo ou irritá-lo por invadir seu espaço. Essa é a casa dele. Ele me pediu para não fazer certas coisas, então vou respeitar.

Envolvo seu prato em papel alumínio antes de colocar no forno e embalo o restante antes de guardar na geladeira. Estou fazendo isso principalmente no caso de Nathan descer. Como se estivesse adiando o meu jantar, para que possa comer em sua companhia.

Sentando finalmente, experimento minha comida e gemo. Está muito bom. Não me lembro de quando a comida parou de ter o gosto de cinzas na minha boca, mas sou grata que tenho essa alegria de volta na minha vida. É como um pequeno pedaço de cor cutucando todo o cinza que é a minha consciência.

Estou muito feliz que escolhi ser uma chef.

* *

É solitário aqui. Muito solitário.

Decido ligar para Sasha, mas ela não responde. Mando uma mensagem de texto para ela dizendo que sinto sua falta e para me manter atualizada sobre tudo. Ela não retorna minha mensagem, estou supondo que está ocupada por isso não me chateia demais. Sasha nunca me ignoraria deliberadamente.

Pelo menos agora tenho todas as minhas coisas. A primeira coisa que faço é colocar uma foto de minha e de Caleb na praia na mesa de cabeceira e então começo a trabalhar no resto.

A melhor e pior parte é que vou cair no sono essa noite, sonho vendo o rosto do meu noivo.

A pior parte é que quando acordar, o rosto dele ainda será só uma imagem.

* *

Passam dois dias inteiros e a única pessoa com quem falei foi Sasha. Ela está bem, preocupada comigo e com minha súbita decisão de ir embora, mas entende. Jeanine anda tão ocupada, apenas me diz olá e adeus, essa tem sido a extensão das nossas conversas.

Estou ficando louca. Nathan está aqui, mas fica completamente fora do meu caminho. Quando acordo o café da manhã está pronto para mim, ele pula o almoço, mas tem comido cada jantar que faço e deixo no forno. Embora não saiba como consegue me evitar tão bem. Existem túneis escondidos nesta casa?

Estou perdida.

Preciso sair, mas a chuva e o vento são implacáveis e não tenho carro. Nunca há nada na TV, eu não tenho um computador e meu telefone não se conecta ao Wi-Fi, então não posso fazer muito.

Tenho vontade de acampar na cozinha e esperar Nathan vir jantar, mas seria estranho e chato. Além disso, o que eu diria a ele? 'Oh, humm, vamos conversar?' Não temos nada em comum, sobre o que falaríamos?

Por que ele está me ignorando?

Meu tédio atingiu novos níveis. Atualmente estou sentada no chão de madeira frio do meu quarto montando um quebra-cabeça de mil peças. O problema é que não posso alcançar a parte superior dele porque minha barriga não me deixa curvar para frente a esse ponto. Tenho que girar e rodar ao redor dele como um cão.

Quando a campainha soa, quase choro de alívio mesmo sabendo que não é para mim. Sinto-me como um filhote de cachorro quando seus donos voltam para casa. Em minha mente estou gritando 'PESSOAS' e ao mesmo tempo abanando meu rabo.

Sou uma aberração, é simples.

Preciso de conversa. Eu preciso de distração. Se não tiver, a minha mente fica vagueando e não posso controlar a direção em que vai. Caleb está se tornando o pensamento mais proeminente em minha mente e cada dia parece estar ficando mais lenta e mais difícil. Eu realmente pensei que estava melhor, não porque estou feliz ou mesmo contente, mas porque tenho força para sair da cama todo dia.

Abrindo a porta, vejo uma mulher ruiva, gordinha, segurando uma enorme bandeja do que parece ser lasanha. "Eu sou amiga de Jeanine, ela me disse que havia alguém nova na cidade." Ela olha para a minha barriga. "Alguém nova e grávida. Eu não pude conter minha curiosidade."

"Olá," digo com um aceno.

"Oops, eu às vezes esqueço meus modos. Meu nome é Paula. Moro a três casas daqui com meus dois cães e meu marido Michael." Ela estende a mão para apertar minha mão. "Eu trouxe lasanha."

Estou prestes a aceitar a travessa, quando o sinto em minhas costas. "Olá, Paula." Sinto seu calor; ele deve estar a um centímetro de distância.

“Oi, Weston,” ela cumprimenta friamente. Eu me pergunto o que está acontecendo para ela chama-lo pelo sobrenome, mas não pergunto. “Eu estava apenas cumprimentando a sua nova hóspede aqui e oferecendo-lhe um pouco da minha famosa lasanha.”

“Que amável,” diz ele, mas parece longe de ser sincero.

Ela lhe passa o prato. “Então, estava pensando que eu não vi você do lado de fora de casa.”

“A Sra. Harris sempre está entrando e saindo de casa,” ele diz perto do meu ouvido, sua respiração quente faz cócegas aos fios da parte lateral do meu pescoço e sinto meus lábios se contorcer. Principalmente em suas palavras, mas também com a sensação de cócegas.

Ela faz uma carranca para ele, mas os olhos dela amolecem quando viram para mim. “Eu gostaria de saber se talvez você se juntaria a mim amanhã ao meio-dia. Poderíamos sair para o almoço, posso levá-la em um passeio pela cidade. Ouvi dizer que você só viu o interior do consultório do médico e da Elegante Darla.” Acho que ela quer dizer a loja de roupa. Não prestei atenção ao nome. Embora soubesse que não era um lugar barato.

Isso seria melhor do que terminar o quebra cabeça que eu não tenho nenhum interesse. Dou uma cotovelada em Nathan, quando ele suspira dramaticamente. “Se você quer ir. Pode pegar o meu carro.”

“Tudo bem, eu posso pegá-la aqui.” Até melhor.

“Ela não entrará em um carro que se assemelha a uma caixa de fósforos com rodas, não seria bom para o bebê,” ele diz, com a voz segurando não só um ar de autoridade, mas sublinhando o tom que reconheço ser possessivo. O que é isso?

Ele também está sendo rude. “Obrigada Sra. Harris, eu adoraria. De qualquer forma, irei com o carro dele, apenas no

caso de sentir a necessidade de voltar antes. Fico facilmente exausta."

Ela sorri amplamente e acena com a cabeça ansiosamente. "Só Paula, querida. É bom ver tão boas maneiras em uma mulher tão jovem. Vou deixá-los desfrutar sua tarde."

"Tenha um bom dia." A despedida de Nathan é tão falsa como seu Olá.

"Não se preocupe com o prato, querida. Traga de volta quando tiver terminado," ela diz por cima do ombro.

Eu não consigo acenar antes que Nathan feche a porta.

Lasanha.

Eu o sigo na cozinha e assisto quando ele começa a derrubar o conteúdo do prato no lixo. "NÃO!" Grito como se minha vida dependesse daquele prato. "Minha lasanha."

Ele pisca em choque. "Você não vai comer isso. Você não sabe o que ela colocou aqui e que carne que está acostumada a comprar."

"E daí?" Eu respondo e puxo o prato.

"Está bem!" Ele grita e solta. Infelizmente, devido ao peso extra da minha barriga, caio para trás.

Mãos rápidas se encaixam em meus pulsos para parar a descida, mas ao fazê-lo o prato de lasanha se volta contra seu peito.

"Oops," digo e lentamente dou um passo para trás avaliando o dano. "Sinto muito, desculpe."

Ele olha para a bagunça em seu peito e abdômen. O molho vermelho se agarra a ele enquanto pequenos aglomerados de carne picada deslizam até o chão com as folhas de massas. Ele parece pálido. Extremamente pálido.

"Você está bem?" Pergunto e dou um passo em sua direção. As suas mãos tremem.

Ele sacode a cabeça dele. "Germes."

Oh claro, a coisa dos germes.

"Nathan," digo suavemente. "O que você quer que eu faça?"

"Nada." Ele dá um passo e suspira todo o seu corpo curvando-se. Puta merda. "Posso sentir isso em minha pele."

"Certo, certo, apenas fique aí." Pego um pano no armário sob a pia e mergulho na água quente da torneira.

Vejo gotas de suor em sua testa enquanto ele permanece perfeitamente imóvel esperando por minha ajuda, seus olhos abaixados e seus lábios comprimidos. Merda. Esta é uma condição real. Eu deveria ter pesquisado no Google, mas no momento não tenho acesso à internet. Talvez ele tenha livros que eu possa estudar sobre isso. Parece algo que preciso saber se vou ficar no mesmo teto que ele.

"Eu vou tirar," digo cautelosamente e começo a desfazer os botões de sua jaqueta. Ele não se move nem um centímetro quando deslizo a peça de seus ombros e coloco no lado. "Você sabia?" Tento fazer que ele se sinta melhor enquanto devagar e com cuidado abro os botões de sua camisa e calça. "Eu tenho uma horrível fobia a ratos. Não se parece muito comparado a isso, mas é profundo. Vem de quando eu era pequena." Lentamente começo a desabotoar sua camisa pelo topo, revelando um rastro leve de cabelo escuro sobre seu peito. "A minha mãe me levou de férias para a fazenda leiteira de meu avô e todos nós fomos acampar durante a noite. Foi emocionante a princípio." Pouco a pouco desfaço os dois últimos botões e passo para trás para que possa tirar de seu corpo sem ter o molho em qualquer outro lugar.

“Enquanto estava dormindo, senti algo correndo sobre minhas pernas.”

“O que aconteceu?” Finalmente ele fala. Alívio.

“Espere,” digo e vou até a pia tiro o excesso do pano mais uma vez, enquanto isso continuo falando. “Bem, obviamente acordei, mas não podia ver nada. Estava escuro e sozinha. Minha mãe estava na barraca ao lado com o namorado, na época.” Passo o pano molhado em todo o seu peito, lentamente, não tenho certeza dos motivos que faço isso devagar, talvez porque ele está muito próximo. Estou perto de alguém. E seu torso é delicioso; é dourado, suave e poderoso. Cada músculo é perfeito. Ele estremece quando esfrego suavemente o pano sobre seus mamilos então me movo para longe da área. “Tudo o que pude ver foram dois olhos vermelhos no escuro movendo-se em torno da minha barraca. Eu gritei e gritei. Eventualmente minha mãe veio, seu namorado matou o rato, mas ela me fez ficar na minha barraca. Fiquei petrificada. Eu tinha cinco anos e não sabia o que era um rato.” Olho para o seu tórax limpo e afasto minha mão.

Em um movimento rápido a sua mão enluvada pressiona de volta em seu abdômen, seus dedos apertando meu pulso em vez de minha mão. “Não pare.” Seus olhos me encaram. “Ainda posso sentir.”

Eu aceno com a cabeça e continuo esfregando lentamente a pele lisa dele, observando a trilha escura que leva para lugares desconhecidos, brilhando com as gotas de água. “Não acho que teria ficado tão afetada se ela não tivesse me forçado a ficar lá, sabe?”

Ele acena com a cabeça. “Ela era uma boa mãe?”

“Tão boa como poderia ser. Ela era boa comigo, mas também era egoísta. Ela me ajudou a pagar pela Universidade o máximo que pode. Ela só queria que eu tivesse uma vida boa, mas não sabia como fazer isso. Queria ter uma vida boa e às

vezes se odiava por não conseguir.” Digo, passando o pano por cima da borda da calça, sendo extremamente cuidadosa para não tocar onde não devo.

Seu pomo de adão sobe e desce quando ele engole, seu corpo não está mais tremendo. “Obrigado.”

“Melhor?”

Ele acena com a cabeça e removo minha mão lentamente antes de jogar o pano na pia.

“Eu vou tomar uma ducha... você poderia?” Ele faz um gesto para o chão onde há lasanha esparramada. “Se for muito, deixe aí que vou lidar com isso mais tarde.”

“Eu posso fazer, pode ir,” o tranquilizo com meus olhos baixos e permito que ele passe. Uma vez que Nathan sai, me agacho e limpo. Não é fácil, nem confortável, mas tira minha mente do que acabou de acontecer.

O que aconteceu?

10

Nathan não saiu de seu quarto novamente na noite passada. Eu não me importo. Ele provavelmente está envergonhado, embora não devesse. Talvez seja pelo que fiz com o pano. Eu não deveria ter sido tão... lenta e sensual. Talvez ele tenha entendido errado. Eu estava apenas tentando confortá-lo, mas posso ver o porquê ele pensaria que não foi assim.

Não, estou sendo ridícula. Ele não deu maior importância. Eu é que penso besteiras demais.

Infelizmente devido à chuva pesada e ventos fortes, Paula remarcou nosso almoço para sexta-feira. É irritante, mas também um alívio. Não estou pronta para socializar com o mundo exterior ainda, por mais ridículo que pareça.

Fico ferida ao ver outras pessoas felizes.

Talvez devesse ver um terapeuta.

Não. Eu apenas preciso manter-me ocupada e ter a minha mente distraída.

Estúpidos nós no meu cabelo estúpido. Desembaraçar os malditos.

Há uma batida em minha porta. “Entre,” grito, ainda tentando tirar os emaranhados do cabelo.

Nathan entra. “Eu tenho certeza que não tenho que lembrá-la,” ele começa e olho para ele através do espelho “que qualquer coisa que acontece entre nós, qualquer coisa que você veja e que se refere a mim, é confidencial.” Qualquer coisa que

acontece entre nós? Isso poderia ser interpretado erroneamente, então escolho interpretar da maneira mais segura possível e presumir que ele está se referindo às conversas e outras coisas diárias.

"Óbvio." Rolo meus olhos e coloco o cabo da escova em minha boca enquanto uso as duas mãos para puxar meu cabelo grosso para cima da minha cabeça.

"Isso é nojento. Você tem..." Ele limpa a garganta e olha para longe por um momento.

Eu rapidamente solto a escova entre os dentes, e deixo cair suavemente em minhas coxas. "Melhor?"

"Sim." Ele mais um passo para dentro e levanta uma sobrancelha. "Você é muito organizada."

"Sempre fui. Gosto de tudo no seu lugar."

"TOC?" Ele pergunta educadamente.

Nego com minha cabeça. "Não, só sou organizada. Como está se sentindo?"

Ele corre a língua sobre seu lábio inferior, seu rosto se tornando uma máscara dura. "Eu apreciaria se você não mencionasse nada sobre ontem."

"É claro." Fico de pé e retorno para o meu nem-mesmo-quase-terminado quebra-cabeça. Cruzando as pernas, eu sento em uma almofada com as peças, até que uma me chama a atenção.

Ele ainda está aqui. Por que ainda está aqui?

"Estou falando sério. Se ouvir sussurros do que aconteceu dos lábios de Jeanine, não vou ficar feliz," ele diz, me chocando.

Eu pisco para ele. "Não direi uma palavra."

“Certifique-se disso.”

Seus olhos se prendem aos meus por um momento mais longo, implorando-me para absorver suas palavras, antes dele virar em seu calcanhar e sair do meu quarto.

Não posso acreditar quão... frio ele pode ser às vezes. Eu entendo que o que aconteceu não é algo que ele queira falar, mas não pode pelo menos falar comigo com um pouco mais de respeito? Sinto-me como uma criança travessa.

Seu comportamento em relação a mim é tão confuso. Eu não posso dizer se ele me odeia por estar aqui ou não. Se sou um fardo, por que não aluga outro lugar para mim? Sei que tem dinheiro suficiente para me abrigar em outro lugar e assim não teria de lidar comigo diariamente. Nada disso faz sentido.

Ou talvez ele esteja apenas analisando tudo o que faço.

Sentada no chão, continuo com o quebra-cabeça. É chato para dizer o mínimo, mas não há nada mais para fazer por aqui. Meus olhos permanecem na cama onde desejo me aconchegar e esquecer tudo em um mundo de escuridão. Preciso de todo meu esforço para sair do quarto. O bebê me dá alguns chutes e acho que é porque ele ou ela está grato que escolhi ser mais ativa.

Eu não posso sair; a chuva e o vento são muito fortes. Parece tentador embora. Apenas correr pelo vento e com as gotas pesadas de água que caem do céu. Imagine como seria libertador.

“Eu estou entediada,” digo para minha barriga enquanto desço as escadas. “Só posso imaginar como você se sente.”

A sala está escura devido às nuvens cinza e espessas cobrindo o sol e às sombras das árvores próximas cercam através da janela. Solto uma respiração frustrada e ligo a TV. É nova assim como o moderno equipamento abaixo dela, mas não há nada de interessante passando nos canais. Os

DVD estão longe de ser encontrados, por isso não posso nem mesmo assistir um filme.

Ligo para Sasha, mas ela não atende, nem Tommy. Vou tentar novamente mais tarde.

Depois de girar meus polegares durante vinte minutos entro na cozinha e decido fazer um lanche. Não estou me sentindo com muita fome depois de um solitário café da manhã, mas deveria comer, então como.

Sento-me na mesa com um caqui entre as mãos, e uso um prato para que a fruta pegajosa não faça uma bagunça na mesa, quando começa a escorrer entre meus dedos. Este é o destaque da minha próxima hora. Comer fruta e lavar as mãos. Não me lembro de ser tão solitária ou entediada em casa, mas isso é provavelmente porque eu sempre soube que Caleb estaria em casa em breve e não estava sempre tentando manter minha mente ocupada.

Um relâmpago ilumina a casa fazendo com que minhas mãos agarrem automaticamente a bancada para apoio. O ruído é logo seguido por um estrondo profundo. É uma coisa boa que eu não tenha medo de trovões e relâmpagos ou isso seria estranho.

Embora não saiba como me sinto sobre todas as luzes piscando. Ainda posso ver, não está tão escuro, mas ainda é inquietante e agora estou completamente convencida de que há algum tipo de fantasma respirando no meu pescoço.

Salto do banquinho, não ousando olhar atrás de mim por medo de ver algo lá que eu imaginei em minha mente estranha. Meus passos martelam as escadas enquanto meu coração martela no meu peito. Eu só preciso voltar para a cama e tudo ficará bem.

Crack! O corredor se ilumina, lançando estranhas sombras ao longo das paredes. Estou muito frenética para tentar racionalizar.

Sentindo-me como uma criança corro para meu quarto, e mergulho na cama, puxo o cobertor sobre minha cabeça. Em todo o tempo repito em minha mente, 'não é real, não é real.'

Outro estrondo segue. Ainda mais alto e mais ameaçador do que antes e isso está me assustando demais.

A chuva parece ficar mais pesada e o vento mais poderoso. Aperto o cobertor com as mãos trêmulas. Enrolo meu corpo em uma bola, não ousando nem mesmo colocar um dedo do pé para fora debaixo das cobertas.

Minhas orelhas captam passos lá em cima. É Nathan. Tem que ser Nathan. Mas se for Nathan, então quem acaba de abrir a porta do meu quarto?

Oh meu Deus. Fantasmas são reais. Acho que vou chorar.

O cobertor é arrancado da minha cabeça, eu grito.

"Guinevere!" Nathan grita e agarra meus pulsos que estão agitando no ar.

"Huh?" Pisco abrindo meus olhos e fixo meu olhar para a sombra de um homem que se parece com Caleb. Buscando conforto me lanço sobre ele, meus braços agarrando sua cintura e minha cabeça contra o seu peito.

"Você está tremendo," ele diz, não retornando o abraço, mas eu me recuso a largá-lo agora.

"Se você está aqui em baixo, então quem está lá em cima?" Sussurro quando ouço mais passos acima, entretanto soam como se estivessem vindo agora das escadas.

A mão dele descansa no topo de minha cabeça enquanto a outra desenrola meus braços ao redor dele. Olho para ele através dos meus cílios. “Eu tenho companhia.”

“Companhia?”

“Sim,” ele responde e se lança para longe de mim. “O que aconteceu?”

“Você não viu que ficamos sem energia?” Como ele não poderia ter notado?

“Eu estava ocupado,” ele afirma e vejo uma mulher entrar no quarto. Ela é bonita, com cabelo dourado grosso e está sem roupa. Por que ela está apenas com um roupão?

“Oh.” Por que ele está completamente vestido enquanto ela não? Por que estou curiosa? “Desculpe.” Volto para a cama, olhando entre ele e a mulher.

“Eu disse para você esperar lá em cima,” ele rosna para a mulher que imediatamente abaixa os olhos.

“Eu ouvi o grito dela. Fiquei preocupada e pensei que você poderia precisar de ajuda.” Ela murmura e dá um passo para trás.

Olho entre ela e os ardentes olhos de Nathan. Ele não parece feliz com sua desculpa, que parece legítima, então não tenho certeza se ela merece sua ira.

Os olhos de Nathan voltam para mim como se estivessem esperando que eu reagisse de alguma maneira.

“Obrigada, mas estou bem,” explico para a mulher que não pode ser mais de cinco anos mais velha do que eu. “Mas foi gentil da sua parte. Eu não sou fã do escuro.”

“Sim, esta casa é bastante assustadora quando está escuro,” ela dá uma risada, mas imediatamente para quando

Nathan a encara novamente. “Eu deveria ir,” ela sussurra e me dá um pequeno sorriso.

“Sim. Acho que você deve ir,” Nathan fala ríspido e ela abaixa a cabeça.

“Amanhã?” Ela parece confusa e um pouco magoada.

“Eu vou te ligar. Você sabe o caminho da porta, tenho que ver a caixa de fusíveis.” O tom de Nathan é severo e inflexível. Quero dar uma bofetada nele por ela.

Assombrosamente ela não diz nada. Apenas sai com o rabo metafórico dela entre as pernas.

“Você tem que ser tão mau?” Grito com o meu quase cunhado. Seus olhos vêm para mim, e ele parece entediado. “Ela só estava tentando ajudar.”

“Ela estava tentando ser intrometida, quando não tinha o direito de ser.” Nathan pega meu braço em sua mão e me leva para fora do quarto, de volta para o corredor assustador.

“Eu não quero voltar lá em baixo.”

“Azar o seu. Preciso que você segure a lanterna enquanto verifico a caixa de fusíveis.”

“Não pode fazer isso com a loira? Ela estava ansiosa para ajudar.”

“Não.”

“Mas...”

“Eu não vou deixá-la por conta própria por mais nenhum segundo. Não confio em você para não começar a fazer aquele barulho horrível novamente.”

“Barulho? Você quer dizer o meu grito? Você puxou o cobertor da minha cabeça! Eu pensei que você estivesse lá em cima!” Me defendo, mas ele não se importa.

"Você estava gritando antes disso, Guinevere. O que acha que me fez descer?"

Eu paro. "Eu não estava gritando."

"Sim, você estava."

"Não, eu não estava. Sei com cem por cento de certeza que eu não estava gritando." Por que ele está mentindo? "E não ouvi nenhum grito em qualquer outro lugar. Talvez fosse a loira."

"O nome dela é Lorna e sim, você está certa, talvez fosse." Ewww. Não é preciso ser um gênio para descobrir a que ele está se referindo. Porém me referia aos trovões, é apenas natural, que eu me sinta enojada pela sua confirmação.

"Ninguém estava gritando." Volto a meu argumento prévio enquanto ele me leva para a cozinha e procura algo debaixo da pia e abre uma porta na lateral da cozinha, com uma longa escada escura. "Por que você vai lá em baixo?"

Ele não responde. Porém, encontra uma lanterna grande. "Venha."

"Oh não. De jeito nenhum... não... sem chance." Eu me afasto da porta que conduz para o porão. "Isto é exatamente o que eles fazem nos filmes de horror."

"O porão não é como os porões dos filmes de terror. É uma academia. Vamos," ele suspira e me guia para a escada estreita. Respiro profundamente e o permito me levar para baixo. A lanterna ilumina o caminho bem o suficiente, mas ainda estou enlouquecendo.

Ele tem razão, este porão não é assustador como nos filmes de terror. Tem uma esteira, alguns pesos e carga de outros equipamentos de musculação que não sei o nome. Sigo bem atrás de Nathan, minha mão em seu ombro enquanto ele me guia para um canto mais distante.

“Segure isto,” ele diz e me entrega a lanterna. Direciono o brilho sobre a caixa enquanto ele abre e mexe em alguns interruptores. Depois de um momento ele suspira e dá um passo para trás. “É um corte de energia local. Nós vamos ter que esperar.”

“Nós não podemos ir para outro lugar?” Peço, entregando-lhe de volta a lanterna.

Outro estalo alto ilumina o céu, seguido pelo estrondo horroroso.

No brilho da lanterna, vejo-o passar a língua pelo lábio inferior, ele parece ceder. “Tudo bem. Vamos lá.”

Apressamo-nos em subir as escadas e rapidamente pegamos nossos casacos. Ele segura um guarda-chuva antes de me levar para a chuva forte e me ajuda a entrar no carro. Esfrego as mãos juntas na frente do aquecedor assim que vira a chave na ignição, agradecida de que Nathan tem um carro decente que leva apenas alguns segundos para aquecer, em vez de os quinze minutos que leva o carro de Caleb.

“Filme ou comida?” Ele pergunta e cuidadosamente manobra o carro antes de colocá-lo em linha reta e dirigir pela estreita rua.

“Filme?” Pergunto e outro pensamento vem à mente. “Onde está a loira?”

“Ela foi embora em seu carro. Saiu enquanto estávamos no porão.”

“Oh. Você foi malvado com ela.”

Seu rosto fica tenso se e seus olhos apertados. “Não é da sua conta. Não se intrometa.”

“Desculpe,” murmuro, porque ele está certo. Ainda assim não me sinto bem sabendo que ele foi rude com ela, e não ser capaz de dizer nada sobre isso.

“Desculpas aceitas.”

Cristo, ele às vezes é um cuzão.

O cinema está vazio quando chegamos, e estou surpresa que está aberto. Levamos quase uma hora de carro para chegar aqui e a chuva está ainda forte. Nós discutimos por mais um tempo, decidindo sobre ver um filme de ação contra um filme de suspense. Ele ganha e nós temos que assistir a um filme de suspense, porque não suporta filmes de ação. Tanto faz. E parece que o filme é bom, para ser justa.

Aparentemente pipoca é um grande não. Quem vai ao cinema e não tem pipoca? A única coisa que me é permitido é uma garrafa de água. Ele está pagando, por isso não posso reclamar. É estranho o suficiente que não possa pagar as coisas para mim e me sinto culpada por causa disso. Eu tenho algum dinheiro na minha conta, mas estou com medo de gastá-lo, pois poderia precisar dele. Quem sabe quanto tempo a sua generosidade vai durar?

Não falamos ao longo do filme por razões óbvias. Nós também não falamos quando saímos por razões não tão óbvias. Quando saímos, estou aliviada ao ver que a chuva parou. Nathan parece pensar que vai ficar tudo bem em voltar para casa, espero que ele esteja correto em suas suposições porque a loira estava certa, a casa é assustadora no escuro. Nunca mais vou olhar para a casa do mesmo jeito novamente e serei condenada se alguma vez voltar a andar por ela à noite depois disso.

“Você é uma boa cozinheira.” A voz dele me assusta.

“Obrigada.” Eu acho.

“Tenho que dizer que o espaguete se tornou o meu favorito. Muito saboroso.”

“É uma especialidade minha, suponho.”

Ele olha para mim do canto de seu olho. “Onde aprendeu a cozinhar assim?”

Será que ele realmente não sabe? “Estudei gastronomia na Universidade. Quero abrir meu próprio restaurante ou padaria um dia.”

Ele parece surpreso e desejo saber seus motivos. “Isso é um bom esforço. Estou supondo que você teve que abandonar seu curso devido aos recentes acontecimentos?”

“Sim. Caleb ia me ajudar e ficar em casa com o bebê.”

Eu o vejo balançar a cabeça e murmurar “aposto que sim.”

“O que quer dizer?” Observo suas mãos enluvadas torcendo no volante, o couro chia contra a borracha. “Se você tem algo a dizer, diga agora de uma vez.”

“Não.” Espero que explique sua estranha explosão murmurada, mas ele não fala. Uma parte de mim quer pressionar ainda mais, mas tenho medo de criar mais drama entre nós. “Você vai cozinhar essa noite?”

“Se você quiser.” Dou de ombros e olho para as árvores que passam. “É lindo aqui. Eu gostaria de poder desfrutar mais.”

“O que quer dizer?”

“Quero dizer, que gostaria que Caleb ainda estivesse vivo e então tudo não pareceria tão sem graça e sem gosto, e não estou falando apenas de comida.”

Ele solta um suspiro e mastiga seu lábio inferior por um momento. “Caleb odiava o campo.”

“Odiava?”

“Sim. Ele preferia a praia.”

"Oh." Eu não sabia disso. Meus olhos queimam ligeiramente, mas não estou segura do porquê. Talvez seja porque acabei de perceber que eu nunca vou saber um monte de coisas sobre Caleb agora, apenas o que sei é o que já foi dito por outros.

* *

A chuva começa novamente, mas é apenas uma garoa leve em comparação ao que era antes. Busco refúgio na cozinha, cercada por panelas borbulhantes e um forno quente, Nathan me deixou assim que chegamos em casa. Fico grata por isso. A escuridão que eu tentei tão duro manter afastada voltou de novo e agora só preciso ser deixada com meus pensamentos.

Eu me recuso a ir para a cama e ficar deprimida. Vou cozinhar. Preciso fazer alguma coisa. Não quero Caleb gritando comigo lá de cima, me dizendo para me controlar, pois sei que ele provavelmente está fazendo isso.

Ou talvez ele tenha ficado bem ao meu lado, escovando o cabelo do meu ombro para com seus lábios me tocar ali. Talvez ele esteja sussurrando no meu ouvido, me dizendo que tudo vai ficar bem.

"Não, Caleb," não respondo a ninguém, meu lábio inferior treme quando tento engolir o nó na garganta e aliviar a queimação atrás de meus olhos. "Nunca, nada vai ficar bem novamente."

Não há nenhuma resposta, não como se eu estivesse esperando, por isso começo a fazer o jantar.

O cheiro deve ter atraído Nathan de seu quarto porque ele está sentado à mesa de jantar, quando termino de servir. Ele inspira profundamente e olha para mim. “Parece incrível.”

Sento ao lado dele e dou um gole na minha água, dou uma garfada na minha comida. Tem gosto de cinzas novamente. “Obrigada.”

“O sabor é incrível também.”

“Eu teria feito algo diferente, mas não há muito.” Explico as minhas razões para fazer espaguete novamente.

“Está tudo bem?” Ele pergunta, os olhos preocupados em vez de sua irritação habitual.

Encolho os ombros. “Tudo bem.”

Ele abre a boca para falar, mas fecha novamente e balança a cabeça. Sou grata por não perguntar, mas parte de mim também quer que ele pergunte. Quero despejar tudo o que está em minha alma.

Embora mesmo se ele me perguntasse, duvido que contaria.

Eu continuo remexendo na minha comida até que Nathan termina a dele e, em seguida, começa a limpar a mesa. Ele me ajuda a levar as coisas da sala de jantar para a cozinha.

“Eu não estarei disponível amanhã. Tenho que ir para a cidade. Eu duvido que esteja de volta até terça-feira de manhã.” Ele lambe o lábio inferior e seca as panelas que passo para ele, as luvas ainda firmemente nas mãos dele.

“Tudo bem.” Ótimo, outro dia solitário.

“Encomendei um notebook para você. Deve chegar amanhã depois que eu sair. Vou anotar a senha do WI-FI e fixá-la à geladeira antes de sair.”

Oh. Bem, não estava esperando isso. “Isso é incrível, obrigada.”

“Não tem problema.” Passo-lhe uma pequena tigela e suspiro quando escorrega e se quebra no chão depois de nossos dedos se conectarem ligeiramente. “Eu sinto muito. Deveria ter sido mais cuidadosa com a minha mão.” Eu imediatamente agacho e começo a recolher os cacos.

Nathan tira suas luvas e imediatamente vai para a pia para lavar as mãos. Ele percebe que eu realmente não toquei em sua pele, certo? “Estava distraído. Eu deveria ter sido mais cuidadoso,” ele calmamente diz, mas posso ver a tensão nos seus olhos. “Deixe isso. Você vai se cortar. Vou pegar uma pá e recolher os cacos.”

Levanto e ele traz uma pá de lixo e uma vassoura e varre a área inteira em vez de apenas o pequeno local onde estão os cacos. Depois de varrer e por tudo no lixo ele lava as mãos novamente.

Colocando um guardanapo sobre as pontas dos dedos abre uma gaveta próxima e puxa para fora outro par das mesmas luvas. Ele realmente tem um problema.

“Estamos bem?” Pergunto, inclinando a cabeça para o lado.

Ele balança a cabeça, flexionando os dedos dentro do couro. “Peço desculpa por assustar você.”

Estou surpresa. Ele soa realmente arrependido. Vou colocar minha mão em seu braço como uma maneira de confortá-lo, mas penso melhor e dou um passo para trás. “Foi um acidente. Poderia ter acontecido a qualquer um.”

Os seus olhos permanecem no meu rosto por um longo tempo e desvio o olhar, pouco disposta a decifrar a emoção neles.

“Gwen...” Ele deixa sair um suspiro e sai.

O que ia dizer? Provavelmente pedir desculpa novamente ou talvez um obrigado.

Os meus pensamentos não se demoram nisso e volto para a limpeza. Minha barriga ondula com o bebê tentando ficar confortável. Faço um carinho ali e me retiro por esta noite.

***

Nathan saiu antes do café da manhã, deixando-me lidar com a entrega do meu novo notebook. Liguei-o imediatamente, ansiosa para jogar. Tenho que admitir é um notebook muito bom e, obviamente não custou uma pouco. Isso me faz sentir ainda pior sobre minhas opiniões sobre Nathan. Claro que ele pode ser temperamental e um pouco um introvertido e às vezes rude, para não mencionar o fato de que pode ser mau e indiscreto, mas está tentando ajudar. Se isso é devido à culpa ou lealdade a seu irmão, não sei. De qualquer forma ainda está ajudando e ainda está me fornecendo tudo o que eu preciso.

Ao pegar a senha do Wi-Fi na geladeira noto o número do celular de Nathan por baixo do bilhete. Configuro o WI-FI e contemplo por um tempo sobre se deveria ou não mandar uma mensagem de texto a ele.

Decido que sim.

Gwen: Obrigado pelo notebook. É ótimo. G

Ele não responde, e não espero ou preciso que o faça.

Sento e tomo uma xícara de chá com Jeanine antes de sair e assistir a vídeos no YouTube. Vídeos engraçados que quebrariam até as almas mais frias, mas nenhum deles tira um sorriso em mim.

Eu me pergunto se alguma vez voltarei a me sentir a mesma, mas então percebo que nunca voltarei a ser como antes. Desapareceu a garota borbulhante que sorria para tudo e em seu lugar está a garota que encontrou seu noivo morto ao seu lado somente cinco meses antes da chegada de seu bebê.

Continuo lembrando a mim mesma que só passou um tempo e que toda dor leva um tempo para curar. Essa dor não vai estar sempre aqui, vai acalmar eventualmente. Mas ainda estou sofrendo... não estou?

Claro que fico triste quando penso nele, mas além disso, não sinto nada. Estou em um constante estado de dormência.

***

"Não concordo," acrescento à conversa entre mim, Paula e sua amiga Daisy que nos encontrou para almoçar. "Os melhores ingredientes improvisados são uma pitada de canela e uma colher de maionese."

"Absurdo." Paula rebate. "Todo mundo sabe que se você aquecer a massa primeiro e adicionar noz-moscada o sabor fica divino."

Daisy ri. "Vamos concordar em discordar."

É bom estar falando sobre comida novamente. Parece que faz anos desde a última vez que frequentei a Universidade. Na realidade, se passou um pouco mais de quatro semanas. Só

faz um pouco mais de cinco semanas desde que o amor da minha vida morreu e estou sentindo algo diferente de dormência.

Não é felicidade nem contentamento, mas é algo acima da escuridão que sucumbi nos últimos tempos.

Me faz sentir culpada.

Era feliz pela comida. Tudo que eu poderia sentir depois de sua morte, seria a comida. A comida sempre foi minha paixão. Cozinhar, assar, fritar, ferver... a lista é interminável.

Caleb amava o entusiasmo quando eu preparava um prato com sucesso. Qualquer tipo. Assim que terminava eu praticamente saltava de alegria, forçava em sua garganta abaixo até que ele me dissesse como estava bom. Às vezes eu me perguntava se ele apenas me dizia que estava bom, só para não me desapontar.

Caleb não faria isso. Sabia como honestidade era importante para mim, especialmente na culinária. Eu só aprenderia por tentativa e erro ao experimentar.

“O que você acha?” Daisy me pergunta.

Pisco algumas vezes e sacudo a cabeça. “Desculpe, estava à quilômetros de distância.”

“Nós estávamos falando sobre Nathan. Paula estava me contando de seu comportamento grosseiro com ela no outro dia. Ele é assim com você?” Daisy pergunta.

Nego com a cabeça. “Na maior parte do tempo, ele é apenas discreto.”

“É bom que ele cuide de você, depois da infeliz morte de Caleb,” ela diz calmamente e quero correr para longe desta conversa. Como agora. “É raro nos dias de hoje. É muito gentil da parte dele.”

“Especialmente considerando os pais que tem. Credo. Eu tive o prazer de conhecer a mãe dele uma vez. Mulher desprezível, absolutamente desprezível.” Paula acrescenta com uma careta de desgosto. “Ela costumava ser terrível para aqueles meninos. Eles não eram autorizados a fazer nada incorreto.”

“Eles cresceram na cidade.” Digo, mas é mais uma pergunta do que qualquer outra coisa. “Como você sabe disso?”

Daisy se inclina, ansioso para contar a fofoca. “Sim, eles cresceram na cidade, mas Nathan também passou muito tempo aqui. A casa em que você está agora é da família. É a casa do avô de Caleb. Eles passavam as férias aqui. Ela costumava deixar Nathan lá de vez em quando o que era bastante frequente, quando já estava farta deles.”

“Sim,” Paula concorda, inclinando para frente. “Nathan era indisciplinado. Era uma ameaça. Sempre causando problemas, sempre falando que odiava o seu avô. Caleb, no entanto, era o feliz, embora nós não o víssemos muito enquanto crescia. Sempre não passou tanto tempo com seu avô como Nathan.”

“Se Nathan odiava tanto seu avô, por que reivindicou a sua casa?” Daisy pergunta o que eu estava pensando, mas não queria perguntar.

Paula encolhe os ombros. “Eu não tenho ideia. Como é seu interior? Ainda há retratos nas paredes?” Penso nisso por um momento e agora percebo que não vi uma única foto em qualquer lugar. Que estranho.

“Hmm,” eu concordo e tomo um gole meu café descafeinado com leite. “Então, o que há mais para fazer por aqui?”

“Não muito.” E, assim a conversa muda para coisas melhores.

11

É a manhã depois da minha saída com Paula. Não vi Nathan por alguns dias. Ele voltou na manhã de terça-feira como disse que faria e peguei emprestado seu carro para sair, mas essa foi a extensão da nossa conversa. Não sei o que há de errado comigo agora. Estou de mau humor. Desde que acordei, trinta minutos atrás. Mesmo o fato de que posso comer o que eu quero no café da manhã novamente não me anima.

Meus movimentos estão pesados porque até mesmo meu corpo está com raiva.

Entro pisoteando na cozinha e bato os armários enquanto preparo a comida. Até os cogumelos me irritam. Comida estúpida. Casa estúpida. Por que tudo está doendo? Não me refiro ao meu corpo, quero dizer minha mente.

"Bom dia," Nathan diz cautelosamente. Estou ignorando. Estou ignorando todo o mundo. "Isso parece bom."

Tem gosto de cinza e enxofre. O que ele sabe?

"Sério, está muito bom." Ele geme um pouco e dá outra bocada.

Por que está falando comigo?

Eu como outro bocado da comida com sabor de cinzas. Huh, Jeanine está aqui. Eu não notei. Ela me olha com cautela, mal olho para ela enquanto pego o meu prato e saio. Percebo que ambos trocam um olhar de preocupação, isso só me deixa pior.

Eles não me conhecem, mas garanto que quando minhas costas estiverem virada, eles terão conversas sussurradas e Nathan provavelmente vai me culpar e dizer que são os hormônios. Eu não estou hormonal. Estou cansada, minhas costas estão doendo, não consigo ficar confortável... e oh sim. Caleb está morto!

"Ei, minha querida." Jeanine diz junto ao balcão enquanto lavo os pratos. "Acho que está limpo agora."

O que ela sabe? Suas mãos estão na água? Não. Vai estar limpo enquanto eu não disser que está limpo.

"Você está bem?"

Aceno e esfrego o prato um pouco mais. Jeanine mete a mão na água quente e tira o prato da minha mão. "Vou terminar aqui. Por que você não descansa um pouco?"

"Eu não quero," grito, e sinto culpa imediatamente, mas não me preocupando muito também.

"Certo, por que você não cozinha algo?" Seus olhos calorosos me procuram, sinto a sua preocupação perfurando minha bolha de fúria.

"Eu só quero ficar sozinha," digo calmamente passando por ela. "Desculpe."

Seus sussurros me seguem até que eu suba as escadas. Não posso ouvir o que eles estão dizendo e honestamente não me preocupo. Assim que entro no quarto coloco a foto de Caleb para baixo sem sequer olhar para ela. Eu não posso lidar com o seu sorriso hoje, Caleb. A vida nem sempre é uma maldita alegria. Claramente.

Olhe para mim. Estou uma bagunça. Suspirando por um homem que virou cinzas em um pote em cima da lareira de sua mãe.

Sem mencionar, que estou em uma casa que não me pertence, usando um dinheiro que não ganhei, de um homem que praticamente me odeia, por razões que fodidamente não sei.

Há uma batida em minha porta.

“Vá embora.”

“Este humor é por causa de algo que eu fiz?” Nathan começa, mas não estou com vontade de ouvi-lo.

Abro a porta, meus olhos se estreitaram e, esperançosamente, atiram punhais. “Nem tudo é sobre você. Agora me deixe em paz.” A porta bate com um pouco mais de força do que eu pretendia.

Sento em meu lugar de costume, na janela, apenas saindo do meu quarto para um tranquilo almoço e ainda mais tranquilo jantar.

* *

Acordo no mesmo humor e durmo novamente e novamente no mesmo humor durante os próximos dias. Felizmente todos me evitam por estes dias. Nathan, quando deixa minhas novas roupas do lado de fora do meu quarto, apenas bate e vai embora. Eu deveria agradecer a ele, mas não sei como.

As roupas são grandes, todas elas quente e todas se servem na minha barriga com perfeição. Elas me animam um pouco, não vou negar.

Até tenho novas botas para andar, que sou grata, mas também estou curiosa para saber como ele sabia que eu

precisava de delas. Talvez esteja prestando mais atenção em mim do que eu pensava.

Respirando fundo, agito meu corpo e desço as escadas.

* *

Nathan está sentado em seu lugar habitual, no final da mesa, com uma tigela de cereal à sua frente e uma onde eu me sento. Ele olha para cima e me dá um aceno de cabeça e volta para o livro. “Eu não acreditava que você fosse descer.”

“Nem eu.” Eu sento e mexo minha colher em torno do leite antes levar uma porção à boca. “Onde está Jeanine?”

“Não faço ideia, ela não apareceu para trabalhar esta manhã,” ele responde, mas não parece se preocupar.

“Ela está provavelmente doente.”

“Ou isso, ou está prestes a organizar uma intervenção.”

“O que?” Eu olho para ele que coloca seu livro para baixo e me encara.

“Você precisa ver um terapeuta.”

Minha voz é estridente desta vez. “O quê?”

“Nós estamos preocupados com sua saúde mental. Você não deixou o quarto em três dias, só saiu para comer e usar o banheiro.”

“E daí?” Eu digo a ele, com minha raiva de antes voltando com força.

Ele se inclina para trás na cadeira. “Não é saudável.”

“Você faz isso o tempo todo,” grito e me afasto da mesa. “Eu não quero ouvir isso.”

“Vá e se vista. Você está vindo para a cidade comigo hoje,” ele declara e o tom me diz que não há argumento.

“Eu não quero.” Argumento de qualquer maneira.

“De qualquer forma, vá lá em cima, torne-se apresentável ou vou arrastá-la para a cidade da maneira que está agora.”

“O que há de errado com a maneira que estou agora?” Idiota arrogante!

“Parece que você acabou de sair da cama.”

“Bem... eu saí. Quem se importa?”

Ele me dá outro olhar aguçado. Eu gemo com exasperação e deixo a sala murmurando, “eu vou, eu vou.”

“Ah, e Gwen?”

“O que?” Digo na base da escada.

“De nada.”

Droga. As roupas.

Esqueci-me de agradecer. Corro de volta para a sala de jantar, seus olhos se arregalam quando me vê correndo em sua direção.

Segurando seu pulso em uma mão e o ombro na outra, pressiono meus lábios na sua bochecha, dizendo, “Obrigada” e saio da sala de jantar. Quero rir silenciosamente da sua cara chocada, mas não tenho a energia para fazer isso, eu sento e espero que ele vá lavar o rosto. Após a contagem regressiva de dez segundos, espio Nathan correr para a cozinha e esfregar em seu rosto um pano limpo.

Definitivamente gostaria de poder rir. Isso seria hilário. Certo, sou má por brincar com os problemas mentais de um homem. Quem se importa?

“Por que precisamos ir para a cidade?” Pergunto enquanto nos afastamos pelo longo caminho da entrada, surpresa por ele não ter me repreendido por minha travessura de mais cedo.

“Preciso ir ao escritório para lidar com algumas coisas. Você pode ficar com a companhia da secretária do meu pai.”

“Você está me arrastando para fora de casa apenas para que a secretária de seu pai possa tomar conta de mim? Isso parece um pouco exagerado. Eu não tenho estado tão ruim assim.”

Ele não responde, que me enraivece.

“Eu realmente não gostaria de encontrar seus pais,” admito depois de alguns minutos de silêncio. “Quero dizer... a sua mãe culpa a mim e seu pai desligou o telefone na minha cara.”

“O que?” Ele parece ser surpreendido por minha revelação. “Quando?”

“Eu liguei para eles, pedindo apoio financeiro do fundo fiduciário de Caleb. Eles se recusaram. Sua mãe especificamente me disse que era tudo culpa minha. Ela me ligou de volta só para me dizer.”

“Isso...” Suas mãos torcem o volante. Ele faz muito isso. “Não preocupe, meus pais não estão aqui essa semana. Estão viajando.”

“Viajando?” Eu ofego em horror. “Como eles podem estar viajando?”

Nathan dá de ombros. “Meus pais não são pessoas boas, Gwen. Nunca os apresentaria a você.”

Caleb disse a mesma coisa.

Leva quase duas horas para chegar à cidade, devido ao tráfego que é horrendo e a distância que vivemos. Quando chegamos ao prédio onde ele trabalha, sinto-me aliviada ao ver que tem uma vaga de estacionamento. A situação de estacionamento é pior do que o tráfego por aqui.

Sou guiada através de uma entrada na parte de trás do edifício e direto para um elevador. Descemos no quinto andar.

"Vamos," ele diz e me puxa para um grande escritório redondo. Eu instantaneamente encontro uma jovem, não muito longe da minha idade com grandes olhos castanhos e cabelos castanhos curtos. "Essa é... humm..."

"Sophie," ela suspira com um revirar de olhos, mas posso ver que seu coração foi esmagado.

"Genial." Nathan me empurra em uma cadeira e caminha através de uma porta em frente a nós.

"Quantas vezes você já lhe disse seu nome?" Pergunto, percebendo o olhar persistente de Sophie.

Ela franze os lábios e suspira pesadamente. "Cerca de um milhão de vezes."

"Isso é péssimo."

"Ele nunca vai me notar," ela geme e se afasta voltando a seu computador. "Você é Gwen, certo? A grávida traiçoeira que roubou o filho do Sr. Weston?"

"Essa sou eu, embora prefira o termo puta, se você não se importar."

Ela ri alto e seus olhos castanhos brilhantes encontram os meus. "Ignore, eles eram super protetores com..."

"Sammy!" Nathan grita da porta. Eu não notei que ele tinha voltado.

“É Sophie,” ela diz.

“Ponha-se em seu lugar!” Ele grita e bate a porta. Eu vejo seu rosto pálido e me pergunto o que diabos foi isso.

“Café?” Ela pergunta e se levanta abruptamente.

“Não, obrigada. Não estou autorizada a beber cafeína.” Limpo minha garganta e observo Sophie alisar a saia. “O que você ia dizer?”

“Posso te trazer um chá.” Ela não encontra meus olhos enquanto escapa através da porta à minha esquerda. O que foi isso?

Ela traz um chá e o gosto é horrível, mas o tomo de qualquer maneira. Ela digita em seu computador e atende ao telefone ocasionalmente durante todo o tempo conversando animadamente comigo sobre o bebê e como sua irmã ficou quando estava em trabalho de parto. Escuto educadamente, mas de outra forma me perderia no meu próprio mundo.

Mas o tempo passa e fico mais entediada a cada segundo. Algumas pessoas vêm e vão, pedindo para falar com o Sr. Weston. Todos eles são dispensados. Ainda há nenhum sinal de Nathan. Agora estou apenas irritada.

Estive aqui sentada durante duas horas e a companhia que estou não é boa. Ela me lembra muito de Sasha e isso dói.

Antes de Caleb morrer, tinha muitos amigos, mas nenhum deles tem me ligado ou mandado mensagem desde que fui embora. Agora estou me perguntando se eles eram meus amigos algum dia.

“Nathan quer que você vá até ele,” Sophie diz, enquanto me tira de meus pensamentos.

Eu suspiro e sigo em direção à porta por onde ele desapareceu há duas horas. Dou uma pequena batida, abro e

pisco quando o vejo sentado na mesa com a cabeça embalada em suas mãos.

"O que é?" Pergunto e ando até ele.

Ele olha para mim, seus olhos cansados. "Faça-me companhia."

"O... o quê?"

Ele puxa a cadeira mais próxima ao lado dele e dá um tapinha no assento. Sento, o tempo todo me perguntando o que está acontecendo. "Nós vamos ter que ficar em um hotel essa noite. Há muito a ser feito e não vou terminar até tarde."

Gemo.

"Está bem?"

Dou de ombros. "Eu acho que terá de ser, mas fique avisado — eu nunca mais virei aqui com você."

Ele sorri maliciosamente e fico surpresa com o movimento. Ele nunca sorri ou ri. Fica bem nele. "Se você quiser, posso pedir a alguém levá-la para o hotel agora? Tenho certeza que vai ficar mais confortável."

Estou prestes a dizer sim, mas então vejo o quão cansados estão seus olhos e rejeito sua oferta. "Não. Eu vou ficar aqui com você, se estiver tudo bem?"

Ele vira o rosto para o computador. Juro que vi ele sorrir, mas não posso ter certeza. Ele virou muito depressa. "Como quiser."

Eu me inclino para trás em minha cadeira e pego o seu telefone da mesa. Seus olhos questionam minhas ações.

"Quero jogar um jogo."

Seu dedo enluvado bate na tela. Observo o aparelho ser desbloqueado e começo a procurar por jogos, e depois percebo

que ele não tem sequer o Angry Birds e seu telefone é extremamente incrível. Quem não tem Angry Birds quando têm um telefone muito legal?

"Você precisa de ajuda com alguma coisa?" Pergunto depois de alguns minutos sem conseguir derrubar um prédio com um pássaro.

"Não, jogue seu jogo."

"Perdi o interesse. É um colar muito bonito." Eu aponto para a tela, um medalhão de ouro com uma pequena joia vermelha brilha para mim. "Realmente bonito."

"Você acha?" Ele pergunta enquanto admiro o padrão gravado no disco plano, adornando a pequena pedra preciosa vermelha.

"Sim." Obviamente, ou eu não teria dito.

"Por que você gosta?"

Encolho os ombros. "É diferente. Gosto do fato do disco não ser proeminente. Faz a pedra preciosa se destacar, embora seja pequena."

"Huh." Ele lambe o lábio inferior e passa mais algumas imagens. "Você gostaria de um?"

Humm... sim. "Não. Você já me deu bastante."

"É único," ele afirma com os olhos agora em mim. "Ficaria bem em você."

Eu não tenho certeza do que fazer com o que ele disse, ou a forma como o seu olhar parece estar queimando dentro de mim de uma forma que nunca aconteceu antes. Estou imaginando coisas. "Por que você diz isso?"

Ele se volta para o computador e fecha a tela. Escondo minha decepção ao olhar para as folhas de papel espalhadas ao longo da mesa. Não tenho ideia do que são.

* *

Pedimos comida, porque ele ainda não terminou e já são cinco da tarde. Tenho que admitir, porém que a companhia dele não é terrível. Nathan conversa quando necessário e me pergunta se eu gosto ou não de algumas das joias que me mostra. Algumas não são o meu estilo, mas algumas são bonitas. Dou-lhe minha opinião honesta sobre cada uma e minhas razões por trás das escolhas.

Depois de um tempo ele parece ficar irritado, quase como se não gostasse das minhas respostas. Eu não posso evitar o que gosto e o que eu não gosto.

“Esta aqui?” Ele diz e me mostra a foto de um amuleto em um único laço com um disco roxo no centro que pode ser capturado mostrando uma cor verde hortelã da cor do outro lado.

“É ótimo, um colar para duas peças.”

“Você já esteve no meu escritório, não é?” A pergunta dele me assusta.

“O que? Não!” Olho para ele boquiaberta, meu coração martelando. Não houve uma única vez que entrei lá. Além da primeira vez quando abri a porta e imediatamente fechei quando percebi que era o seu escritório.

Os olhos dele se estreitam. “Eu só lhe dei duas regras. Fique fora do meu caminho e não invada minha privacidade.”

“Eu juro, não entrei!” Imploro com meus olhos fixos nele, para acreditar em mim.

“Então como é que você gosta de cada peça de joia que eu desenhei, mas nenhuma do meu pai?”

Rio um pouco, sem graça e nervosa. “Mesmo se eu estivesse bisbilhotando, o que eu não fiz, nem sequer sabia que você desenha joias. Como no inferno eu me lembraria de todas elas e por que diabos gostaria de todas? Você não está fazendo nenhum sentido.” Eu me levanto do assento para colocar alguma distância entre nós. “Talvez seus desenhos sejam realmente muito bons e talvez por isso que tenha gostado deles.”

“Se eu descobrir que você esteve no meu escritório, Guinevere...”

“Oh poupe-me.” Eu rosno e pisoteio até a porta. “Vou para o hotel agora, se você não se importa.”

“Não se afaste de mim, Guinevere.”

“Vá se foder,” eu grito e alcanço a maçaneta.

Uma mão vem de trás e bate contra a porta, mantendo-a fechada, não importa o quão forte eu puxe. “Aceitarei que te chateei e essa é a razão pela qual você acabou de se dirigir a mim com tanta falta de respeito, mas na próxima vez farei com que isso nunca mais se repita. Não mais se atreva a xingar em minha presença novamente. Está claro?”

Sua ameaça sussurrada me atinge diretamente no peito e nenhuma pequena quantidade de medo me supera. Eu não tenho nenhuma ideia do que significa o que ele pretende fazer e não me importo de descobrir.

“Agora, sente-se. Você está certa, tirei conclusões provavelmente precipitadas e agora me sinto culpado por causa de sua honestidade sobre minhas joias. Não deveria ter sido tão rápido em julgar seus motivos.” Sua mão vem ao meu pulso e aperta, mas não muito forte para deixar uma marca ou me machucar de qualquer maneira. “Por favor, venha, sente-se e vamos comer quando a comida chegar.”

“Deixe-me ir,” sussurro, meu lábio inferior desaparecendo debaixo de meus dentes. Ele não se afasta e meu tremor piora. Não pelo medo, mas por minhas tentativas de manter as lágrimas longe. Não importa o quanto tente, elas caem um segundos mais tarde, espalhando-se silenciosamente pelas minhas bochechas. Eu odeio estar tão emotiva, mas nesses dias, qualquer coisa me provoca.

Ele me gira de volta, assim minhas costas estão contra a porta, seus olhos seguindo os rastros brilhantes e molhados que arruínam meu rosto. “Gwen, eu...” Seus olhos vagueiam sobre mim, dos meus olhos para o meu nariz, antes de finalmente se estabelecer na minha boca. “Não chore. Não quis assustá-la.”

“Solte-me,” eu falo novamente e abaixo meus olhos. “Por favor.”

Ele lentamente acena com a cabeça e dá um passo para trás. Abro a porta e mantenho a minha cabeça baixa quando passo pela grande mesa da recepção.

“Feche,” ouço Nathan dar a ordem. “Guinevere, espera.”

Eu paro quando espero em frente ao elevador que chegou ao andar. “O que?”

“Vou levá-la para o hotel,” ele diz e pressiona o botão do térreo com o dedo mindinho da mão enluvada.

* *

Ele não fala até chegar ao carro, e fico grata. “Você está correta ao pensar que fui completamente irracional.”

Bufo.

“Você tem razão. Você não tem razão para mentir para mim sobre gostar das joias. Foi apenas um choque, porque o meu pai e Caleb odiavam.”

“Caleb odiava?” Me espanta essa informação. “Caleb amaria suas joias.”

“Ele mesmo me disse isso.” Ele encolhe os ombros como se não importasse, mas parte de mim sabe que o incomoda.

Um pensamento pisca em minha mente. Nathan procura secretamente a aceitação das pessoas? Ele parece tão duro e tão indiferente a tudo. É tudo apenas uma fachada?

“Bem, acho que elas são ótimas. Se fosse comprar algo, aquele medalhão com a gema vermelha seria a primeira coisa a chamar minha atenção.” Eu não estou dizendo isso como uma dica para ele me dar algo, apesar de que seria lindo. “Por que não os coloca no mercado?”

“É a companhia de meu pai. Ele tem a decisão final.”

“Seu pai é um idiota,” resmungo e relaxo no assento. “Você é muito talentoso. Imagino que o seu pai tenha sido uma vez. Ele ainda é, mas seu estilo é mais antigo, mais elegante. O seu é moderno e atraente. Eu sei, obviamente, que as joias de seu pai vendem bem, mas eu aposto que as suas venderiam mais.”

“Eu duvido, mas é muito gentil de sua parte me dizer isso.” Ele sorri suavemente para mim, seus olhos parecendo me ver em uma nova luz. “Na realidade você não é realmente tão ruim quando perde a atitude. Estou começando a ver o que meu irmão viu em você.”

Fico boquiaberta com as suas palavras provocantes. “Eu diria o mesmo de você, mas...” Eu bato meu queixo em pensamento. “Eu realmente não deveria mentir.”

Sua risada ecoa através do carro e meu coração quase para. Ele tem uma risada bonita. Muito agradável. É profunda e gutural e cheia de alegria. Seu sorriso ilumina todo o rosto e as linhas duras e severas desaparecem completamente. Ele parece mais com a sua idade e se parece mais com Caleb, mas desta vez não faz mal ver tantas semelhanças. Pela primeira vez dou boas-vindas à sensação e encontro meus lábios se curvando para cima com ele.

12

Chegamos ao hotel. É mais sofisticado do que o que nos hospedamos antes de sair da minha cidade. Pergunto-me vagamente sobre o que aconteceu com a comida que pedimos, mas o pensamento desaparece quando vejo a enorme banheira no banheiro da suíte.

“Maravilha,” digo e fecho a porta atrás de mim.

Já passou um tempo desde a última vez que tive um deslumbrante banho de banheira. Há um banheiro bastante agradável na casa de Nathan, mas essa é a banheira de um hotel. Você não pode ir a um hotel extravagante e não usar a metade de seus produtos de banho. Não seria certo. Estou certa de que deve ter uma lei contra o esquecimento de testar esses produtos e se não houver, então deveria haver.

Uma vez que a banheira está cheia e na temperatura que desejo, entro na água espumosa e suspiro enquanto aquece meu corpo perfeitamente.

“O que você quer comer?” Nathan chama através da porta.

“Algo gorduroso.”

“Salada.”

“Algo extra gorduroso.”

“Muita salada.”

“Você é um idiota.”

“Ainda mais salada.”

Sorrio para mim mesma, minhas mãos esfregam a barriga que sobressai da água. “Tanto faz. Surpreenda-me.”

“Salada.”

Minha respiração aumenta quando deixo escapar uma pequena risada. Estou contente quando a culpa não vem imediatamente depois. “Obrigada.”

Ele para de falar através da porta, deixando-me mergulhar e lavar o cabelo.

Quando saio do meu banho, a comida está aqui e estou aliviada por ver comida adequada, não salada.

Há alguma salada, mas está acompanhada de asas de galinha, costelas e bife. Oh meu Deus, estou com tanta fome. Tem molho de pimenta. Eu quase choro. Você não pode ter bife sem molho de pimenta.

Outra coisa que deveria ser ilegal.

* *

“Venha sentar,” Nathan diz e aponta para a cadeira ao lado dele. Por que gosta de mim sentada ao lado dele? Cada café da manhã, almoço e jantar que compartilhamos, ele me puxou para perto dele. Quando entrei em seu escritório, ele me fez sentar ao lado dele. Eu não entendo. Ainda posso falar com ele do outro lado da mesa. O que está acontecendo?

Ignoro completamente a cadeira que segura para eu sentar. Nathan puxa a cadeira um pouco mais e dá tapinhas no assento.

Por que ele quer que eu faça isso?

“Eu estou bem aqui,” digo e observo sua reação.

“Existe alguma razão para você não querer sentar ao meu lado?” Ele pergunta enquanto deslizo meu prato para o novo lugar.

Dou de ombros. “Nenhuma razão.”

“Ok.” Ele alonga a palavra e olha para sua comida. Eu começo a cortar a minha, feliz por ver que não está malpassada.

Observo-o pelo canto do olho quando começa a comer, seus olhos derivam para mim de vez em quando. Isso faz meus lábios se contorcerem. “Então, quanto tempo você terá que trabalhar amanhã?”

“Creio que devo terminar pelo meio-dia,” ele diz depois de um momento de reflexão. “Você gostaria de se juntar a mim?”

Olho para ele com cautela e provocação “você vai gritar comigo e me acusar?”

Os seus olhos amolecem e posso ver que está arrependido por suas ações antes mesmo que ele diga. “Não e peço desculpas profundamente por reagir dessa maneira.”

Aceno e viro minha trança sobre um ombro. “Está tudo bem.”

“Não,” ele diz severamente. “Não está bem. Você não deve ser submetida a isso por ninguém. Nem mesmo eu.” Os seus lábios se curvam nas extremidades. “Bem, não incluindo quando você me aborrece.”

Rio. “Eu não incomodo você.”

“Não, você tem razão,” ele diz, a voz suave e tranquila. “Não, você não incomoda.”

Minha respiração fica presa. Eu não sei o porquê e não tenho a chance de pensar sobre isso, quando ele muda de assunto.

"Pensei que poderíamos sair amanhã, quando tiver terminado." Eu continuo mastigando um pedaço de bife enquanto ele fala. "Você já foi para a cidade?"

"Não, mas há um monte de lugares que quero ver," admito, mantendo os meus dedos cruzados para que ele permita o passeio. Eu deveria apenas perguntar, mas não quero abusar da generosidade dele, apesar do fato que prometi a mim mesma que um dia irei reembolsá-lo.

"Brilhante. Passaremos algumas horas andando por aí se o tempo estiver bom e eu a trarei de volta em algumas semanas. Vamos ver um espetáculo."

"Um espetáculo?"

"Teatro." Seus olhos procuram o meu rosto. "A menos que você não ache teatro agradável?"

Dou de ombros, com um sorriso brincando em meus lábios. "Eu nunca fui, então adoraria."

"Ótimo." Ele pisca, aparentemente surpreso por eu concordar. Vejo uma faísca de excitação nas profundidades dos seus olhos marrons e sinto uma pontada de felicidade porque ele está contente. Não é muito, mas está quase lá. "Farei os arranjos."

"Obrigada." Eu dou outra mordida e não consigo abafar um gemido. Meus olhos se fecham e minha barriga formiga com aprovação. Tudo tem um gosto melhor quando se está grávida e faminta. *Tudo*. "Droga, esse bife está incrível."

Eu pego os olhos dele em mim, mas Nathan desvia no segundo que abro meus olhos por completo.

Rapidamente, suas hábeis mãos enluvadas usa os sofisticados talheres para comer sua comida. Noto que ele só come a comida em seu prato, sem nem mesmo tocar as costelas ou as asas de frango. Que estranho. Eu não comento, porém, apenas como tanto quanto o meu estômago permite. O modo que ele come não é da minha conta, embora não possa negar que me fascina tanto quanto uma pessoa em luto pode estar fascinada.

* *

"Então, onde vou dormir?" Pergunto depois de lavar as mãos e o rosto. Há apenas uma cama e um grande sofá. Eu gostaria de saber por que não pegamos dois quartos separados, mas presumo que pode ser por dinheiro, Nathan pode estar um pouco mais apertado, agora que estou vivendo com ele e está pagando por um médico particular para mim. "Não me importo de ficar com o sofá."

Ele faz uma carranca e me direciona para a cama. "Você dorme aqui. Vou ficar com o sofá. Vou tomar um banho, use esse tempo para ficar pronta."

"Com o quê? Não tenho roupas aqui."

Ele me entrega um saco de plástico vazio. "Ponha suas roupas aqui. Enviarei para serem lavadas e secas junto com as minhas."

"Certo," digo e pego o saco das suas mãos. "E vou dormir com o quê?"

"Aqui," ele diz e quase tropeço para trás quando começa a tirar o casaco e camisa.

“Eu poderia dormir com o vestido...” Ele vira as costas para mim e puxa o colete branco sobre a cabeça antes de passar para mim. Eu pego. “Obrigada.”

“Sem problemas.”

“E você?”

“Ficarei bem,” ele diz e entra no banheiro, ainda meio vestido. Eu deveria cobrir meus olhos ou desviar o olhar, mas não posso. Ele tem uma parte traseira muito agradável. Muito agradável. Eu me encontro procurando os contornos e linhas dos músculos bem delineados e a sua pele dourada em minha mente. Não posso me conter, embora o fato de eu estar fazendo isso, me chateie. Sou humana e aprecio coisas que acho belas de se olhar. Nathan só está nessa lista de coisas belas para se olhar.

Durante o tempo que ele toma banho, ligo para a recepção e peço para trazerem alguns lençóis e um cobertor. Eles fazem isso em tempo recorde e consigo arrumar sua cama improvisada, antes que ele saia do banheiro. Também troco de roupa, colocando seu colete, o que provavelmente chegaria a meio da minha coxa, se eu não tivesse um inchaço enorme no meio do caminho.

Coloco minhas roupas no saco e deixo perto da porta do banheiro antes de subir na cama.

Nathan sai do banheiro, mas finjo dormir para lhe dar a privacidade que merece. Ok, então sou uma mentirosa. Eu espio por um olho e fico chocada ao vê-lo em nada além de uma toalha, sua pele dourada úmida brilha na luz fraca da lâmpada junto do sofá. O meu olho rapidamente fecha de novo e mentalmente grito. ‘OH MEU DEUS!’

Nunca estive tão perto de um homem nu com exceção de Caleb e meu coração está disparando. Tento estabelecer minha

respiração, mas meus pulmões estão fazendo isso ser impossível.

Espio novamente e quase gemo quando percebo que ele está olhando para mim por cima do ombro. Está verificando para ver se estou olhando.

Eu não estou. Não totalmente.

A sua língua corre sobre o lábio inferior. Eu quase copio a ação dele, mas felizmente me controlo já que Nathan ainda está olhando para mim. Os músculos de suas costas ficam tensos quando ele vai até a porta, pega alguma coisa do lado de fora depois de colocar o saco com nossas roupas no corredor. Ele caminha de volta para o sofá enquanto puxa um roupão branco e amarra em torno dele. A toalha cai no chão. Eu não consigo ver nada por causa do roupão, mas meu coração dispara novamente ao pensar em sua nudez. Minha boca está seca, assim como meus lábios. Eu deveria tê-los umedecidos antes, quando tive a chance.

Para fazer o meu estado de sono mais crível, me aconchego ainda mais na cama e aperto as pernas ao redor do travesseiro, com cuidado para manter minha aparência sonolenta. Ele parece congelar e me examina. Fecho os olhos completamente, ser uma espiã está me fazendo sentir como uma... bem, uma idiota.

Finalmente começo a cochilar não muito tempo depois que ele liga a TV baixinho e serve-se uma bebida do frigobar. Claro que fez tudo isso depois de colocar as luvas e lavar o copo cerca de seis vezes. A lavagem do copo era a oportunidade perfeita para acordar 'involuntariamente' mas não quero estragar o sossego dele.

Ele realmente deveria ver alguém sobre seu problema dos germes. Se já não tiver alguém.

Chegamos ao seu escritório, às sete e quinze, o que me irrita porque esperava dormir até pelo menos nove. Além disso, a maneira como me acordou não foi exatamente agradável.

Ele ficou de pé sobre a cama e gritou, “GWEN!” mais alto do que o necessário. Eu quase fiz xixi nos lençóis. Ele achou aquilo hilário. Ainda que fosse bom vê-lo rir. O seu riso é maravilhoso; é contagiante e me encontrei querendo rir com ele.

“Por que você não pode fazer isso em casa?” Pergunto, descansando meu queixo nas mãos enquanto sonolenta o observo trabalhar no computador no escritório de seu pai.

“Porque eu posso acessar só certos arquivos de meu computador residencial e estes precisam ser resolvidos hoje.”

“Você quer uma bebida?” Pergunto ansiosa para mudar de assunto apenas no caso de ele decidir me dar uma lição de exportações, importações e ações.

“Eu pedirei a Sammy.”

“É Sophie,” corrijo e balanço minha cabeça. “Ela gosta de você.”

As suas bochechas ficam, ligeiramente, rosadas. “Huh. Eu não notei.”

“Sim.” Giro em meu assento, parando em frente dele. “Ela ficou arrasada quando você esqueceu o nome dela ontem.”

“Huh,” ele murmura e coloca a mão revestida de couro no telefone.

“Eu quero fazer as bebidas. Estou entediada.”

“Prefiro que não.” Ele franze a testa e olha para baixo, em minha barriga.

Bem isso não faz sentido nenhum. “Estou grávida, não inválida. Além disso, cozinho para você em casa o tempo todo.”

Olho para a expressão de derrota no rosto dele. “Faça como quiser.” Ele acena com a mão no ar. “Eu quero um café pret...”

“Preto com pouco açúcar, entendi. Vou até lavar a xícara seis vezes só para você,” eu digo e vou para a porta.

“Você debocha sobre uma condição real,” ele brinca e flexiona as mãos aparentemente sem perceber.

Sorrio. É real, é malicioso, é a velha Gwen. Ele pisca para mim, quando nota minha troca de humor, não importa se foi temporário.

Então tudo é arruinado no segundo que coloco minha mão na porta e estou prestes a puxá-la quando ela se abre. Meu corpo cambaleia para trás quando ela conecta com o meu braço, quase acertando minha barriga.

Ai.

Antes de perder o equilíbrio completamente, eu consigo me estabilizar e Nathan corre para o meu lado.

“Você está bem?” Ele pergunta, enquanto me examina da cabeça aos pés com olhos preocupados. Depois que aceno com a cabeça ele se vira para o intruso. Vejo seu corpo visivelmente tenso e olho ao redor para ver quem é. Carrancas familiares sombreadas por cabelo escuro entram na minha visão. Seus rostos são as mesmas máscaras de desgosto que me encararam desde nosso primeiro encontro.

Os pais dele.

Nathan e Caleb ficaram com os olhos da mãe, mas todo o resto pertence ao pai. É estranho de olhar. Ele é uma dessas pessoas que envelhecem bem, como George Clooney ou Richard Gere. Ainda bonito depois que passam pela juventude.

Engulo em seco, quando sua mãe mira os olhos frios em mim. Nathan fecha a porta, seus olhos ainda no pai que está

olhando para mim com choque e desgosto. “Explique.” Ele fala para Nathan que só fica em silêncio, seu queixo tenso, e olhos ligeiramente arregalados.

“Por que ela está aqui?” A mãe dele fala e estremeço com a amargura no tom.

“Ela é minha convidada.” Nathan responde, sua língua marcando seu lábio inferior.

“*Sua convidada*?” A mãe grita e olha para mim. “Como pode sequer pensar em ter... essa... puta, como sua convidada?”

Fico boquiaberta e o corpo de Nathan fica ainda mais tenso. Eu permaneço atrás dele, meu coração disparado de medo. “Ela está carregando o filho de Caleb,” Nathan diz, mudando de lugar.

“Isso é o que ela diz,” o pai dele acrescenta e meu temperamento ameaça explodir. Como ele ousa?

“Por que você está nessa posição imóvel? Por que ainda está aí parada?” Sua mãe grita para mim, e minhas mãos instantaneamente vão para a barriga. Como reajo a isso? “Saia!”

Nathan dá um passo para a direita, impedindo-os de me ver. “Ela vai ficar o tempo que desejar. É minha convidada.”

“Ela é nada mais que uma prostituta,” sua mãe acrescenta, tentando inclinar-se em torno de Nathan para que possa me ver e cuspir suas palavras venenosas em meu rosto.

“Mãe.” Mãe? Por que não mamãe? “Cuidado com seu linguajar.”

“Livre-se dela,” o pai diz e caminha para nós. “Mande-a de volta. Isso é uma ordem.” Bem, posso ver de onde Nathan herdou as suas tendências controladoras.

Agora estou realmente me apavorando. Minha pele está quente. Me sinto enjoada e atordoada. Eu quero sair, mas estou congelada em choque.

As palavras dele me penetram e torcem meus medos em um nó que se aloja na minha garganta.

Livrar-se de mim? Para onde irei?

“Ela está carregando seu neto,” Nathan rosna, seu corpo gira e a mão envolve em torno de meu bíceps, trazendo-me mais perto. Sou grata pelo apoio.

“Isso não é um neto meu,” a mãe dele zomba, seus olhos agora em mim. Maldição se eu não estivesse grávida estaria com o dedo na cara dela, falando umas palavras não gentis agora. Como ousa? “Você não se importa que ela arrancou nosso Caleb de nós?”

Meus lábios se abrem de horror. Eu não fiz isso.

“Ele está fazendo isso para nos atacar,” seu pai ri, enquanto acena com a cabeça para Nathan, mas não há nenhuma graça ali. “Sempre uma decepção.”

“O que?” Digo e olho para Nathan. Ele olha para mim do canto de seus olhos, me avisando para ficar quieta. Eu não posso. Não mais. “Como você pode dizer isso?”

“Escute, ela soa tão... comum,” sua mãe debocha, com a boca ondulando em desgosto. “Me dá ânsia de vômito.” Oooh, grandes palavras...

“O que eu fiz para você?” Tento dar um passo adiante, mas Nathan me mantém no lugar.

“Você o tirou de mim!” A mãe grita sua angústia evidente nas lágrimas que se acumulam em seus olhos. Por alguma razão meu coração está com ela. Uma mãe que perdeu seu filho e precisa de alguém para culpar. Mas isso não está certo. “Os seus últimos momentos foram com você. Não conosco.”

“Viu o que isso está fazendo com sua mãe?” O pai grita com Nathan cujo corpo inteiro está rígido. “Olhe para ela!”

“Vamos,” Nathan diz para mim e começa a levar-me para a porta. “Esses arquivos ainda precisam ser impressos e enviados por fax. Já fiz a maioria.”

“Você pode voltar uma vez que ela se for,” o pai rosna e abre a porta com um golpe. “Se ela não for embora até o final da semana, você não terá mais um emprego aqui, garoto. Faça a escolha certa, sua família ou a prostituta do seu irmão.”

Nathan me puxa e dou uma olhada longa e persistente, cheia de ódio para seu pai. Meu corpo treme e luto para pôr um pé em frente ao outro quando partimos.

Assim entramos no elevador depois de evitar os olhos de Sophie, meu coração se parte. Não devia ser tão devastador, mas é. Eu não quero ficar sozinha. Eu não quero fazer isso sozinha.

“Nathan,” digo suavemente, minhas pernas mal suportando o ritmo de seus longos passos em direção ao carro. Nós entramos e puxamos o cinto de segurança antes de sairmos de lá. Assim como no elevador, a viagem de carro de volta para o hotel é em silêncio.

“Fique aqui,” ele diz, com o seu tom irritado e cortado. Eu faço como ele me diz e espero no carro enquanto Nathan corre para o hotel. Não demora muito, apenas quinze minutos antes que volte para o lugar do motorista.

Corremos pelas ruas, quebrando mais leis de trânsito do que eu gostaria de admitir. Ele para em frente a um Banco e ordena que espere aqui novamente.

Desta vez fico esperando por uma hora, minha mente trabalhando horas extras, minhas mãos tremendo ainda da adrenalina que foi liberada durante a discussão acalorada. O que eu vou fazer?

Nathan sai do Banco e fica ao lado do carro por um momento. Observo-o andar algumas vezes, seus dedos enluvados rasgando o cabelo antes que ele finalmente entre no banco do motorista.

“O que está errado?” Eu pergunto, preocupado com meu amigo.

Ele morde seu lábio inferior por um momento antes de xingar algumas vezes e golpear o volante com o lado de seu punho. Isso traz de volta memórias de Caleb, o momento que ele me deu um orgasmo em seu carro depois que o pneu estourou.

“Ei,” eu o acalmo e coloco minha mão no pulso, com cuidado para não tocar sua pele. “O que é?”

“Ele bloqueou minhas contas.” Ele rosna e eu pisco em choque.

“Como ele pode te bloquear? Você trabalha lá. Certamente você tem o seu próprio salário?”

“Eu tenho, mas é tudo em ações e participações.” Estremeço só de pensar. “Tenho vivido da minha poupança, esperando ter saldo suficiente para... Droga!”

Esfrego o pulso dele com meu polegar, querendo acariciar seu cabelo ou abraçá-lo para fazê-lo se sentir melhor. “Você vai ficar bem. Você vai resolver isso.”

“Eu sei, tenho dinheiro para sobreviver, é apenas o principal,” ele se irrita, como se eu devesse saber disso. “Estou farto de... de...”

“Ser controlado?”

Ele olha para mim. “Cuide da sua vida.”

Eu recuo ao tom de sua voz. Nunca o ouvi ser tão venenoso. Por um momento pude ver sua mãe nele e não é uma coisa atraente para se contemplar.

"Eu deveria tê-la hospedado em um apartamento, mas não. Tive que te levar para minha casa." Ele resmunga, principalmente para si mesmo. "Tive que me envolver. Estúpido. Estúpido. Estúpido."

"Eu sinto muito," choramingo, desejando que ele cale a boca agora. "Não pedi..."

"Honestamente? Você não pediu? Não ligou para meus pais implorando por ajuda?"

"Eu estava..."

"Desesperada, eu sei," ele grita, arrancando com o carro pela estrada. Meus olhos ardem; não mereço isso. "Eu estava lá quando você ligou."

Então, ele é um bom mentiroso porque lembro especificamente de seu choque quando contei a ele sobre essa ligação.

"Nunca deveria ter ido até você. Você arruinou tudo." Bate no volante novamente, fazendo com que a buzina soe.

Eu não digo nada. Quero descer do carro, mas duvido que ele vá parar e mesmo se parar, para onde eu iria? Não tenho dinheiro. Eu não tenho nem mesmo o celular comigo.

"Este não é problema meu; esse bebê não é problema meu," ele continua. Tento me fechar mentalmente, mas a masoquista em mim continua escutando, absorvendo e armazenando suas palavras para que possa usá-las contra mim mesmo em uma data posterior. "Por que ele te escolheu? De cada mulher solteira disponível, escolher você. Por quê? Ele poderia ter escolhido uma mulher que tivesse o seu próprio dinheiro, alguém que poderia prever esta

situação.” Não é como se Caleb soubesse que iria me abandonar, assim as perguntas retóricas dele não fazem sentido nenhum. “Por que tinha que ser você?”

Eu me pergunto diariamente a mesma coisa. Confie em mim, eu não entendo.

“Claro que você é uma boa companhia, mas não é nada especial.” Ele fala e meu coração se parte ainda mais. Até mesmo a masoquista em mim finalmente teve o bastante. Eu sinto minha confiança esmaecendo com cada golpe verbal e agora é inexistente. “Nada especial.”

“Você pode parar agora,” fungo e enxugo os olhos com o interior da minha manga. “Já disse o suficiente.”

A respiração parece sufocar sua garganta e as mãos dele apertam o volante. Eu olho pela janela, enquanto observo o borrão de paisagem em um silêncio pesado entre nós. Ele não diz mais nada. Eu não quero que ele diga qualquer coisa. Só quero partir.

Já tive o bastante agora.

Eu não mereço isso.

Dirigimos para casa em silêncio, a tensão tão espessa que paira no ar deixando um gosto ruim na minha boca. O desejo de vomitar é proeminente. Assim que encostamos do lado de fora da casa, eu saio do carro e caminho para a porta. Nathan segue rapidamente e destranca, os passos largos dele mais longos e mais confiantes que os meus, por isso me alcança facilmente.

Eu não tento correr mais que ele. Não tenho energia.

“Gwen,” ele diz, o tom muito mais suave que antes. Eu o ignoro e imediatamente subo as escadas. Ele segue, em meus calcanhares. “Gwen.” O tom é mais urgente dessa vez.

Pisando no meu quarto, bato a porta atrás de mim, mas, com a mão, ele a impede de se fechar.

"Gwen," sua voz é mais tranquila, e mais suave do que eu já ouvi alguma vez. Eu ouço o remorso, sinto o remorso lá, mas já é muito tarde.

Agarrando minha mala, jogo-a na cama e começo a arrancar as roupas para fora do armário.

"Gwen," ele repete, esquivando-se quando um sapato voa perto da sua cabeça.

Quando ele vê que não tenho nenhum mais sapato para jogar, vem em minha direção, a sua mão agarrando meu pulso. Eu não olho para ele. Encaro as roupas na minha frente, não sobrou uma única nos cabides.

"Eu não deveria ter direcionado minha raiva para você." Ele chega mais perto, o seu peito agora apenas dois centímetros do meu braço. "Eu sinto muito. Me perdoe."

"Perdoar você?" Eu rio uma vez e com raiva seco as lágrimas dos meus olhos. "O que há para perdoar?"

"Gwen." Ele vira o meu rosto para ele.

"Eu invejo você," eu sussurro, olhando para a gravata dele enquanto meu lábio treme e meu corpo fica dominado pela dor. "Eu invejo sua incapacidade de sentir alguma coisa. Invejo quão frio você é. Invejo quão insensível você é."

"Eu não quis dizer isso; estava bravo." A mão livre alisa minha bochecha. Eu olho e vejo nos seus olhos o remorso e me entristece, mas não penetra nas barreiras que levantei. "Eu não sou uma pessoa agradável quando estou bravo. Você estava por perto... descarreguei em você."

"Deixe-me ir." Me solto e continuo recolhendo minhas coisas. Meu ombro atinge o seu peito quando o empurro e passo, com meus braços cheios de roupas.

Quando me inclino sobre a mala ele espera na porta, sua língua mais uma vez provocando seu lábio inferior. “Não tenho que te ajudar, Gwen, mas quero. Estou aqui. Você tem um lugar para viver, e você tem tudo que precisa. Prometi que ia oferecer a você o que precisasse e é isso que estou fazendo.”

“Você não me quer aqui. Estou aqui por causa da culpa que você sente.”

“Culpa de que?” Ele zomba, me girando novamente. Estou cansada de ser girada.

“Eu não sei!” Eu grito, olhando em seus olhos quebrados e sentindo meu coração gaguejar. “Eu não sei que culpa você sente. Que outro motivo estou aqui?” Ele não responde, mas vejo uma sombra de emoção cintilar em seus olhos. Quase como se ele tivesse uma resposta a essa pergunta, mas se recusasse a dizê-la. Cristo, eu nem me importo agora. “Deixe-me ir.”

“E aonde você vai? O que vai fazer?”

“Não sei.” Fungo de forma pouco atraente. “Eu não me preocupo.”

“Você não vai embora. Eu me desculpei, agora esqueça. Não vale a pena.”

“Cristo, você é tão...” Não o insulto, não quero deixa-lo mais irritado do que já está. “Eu não sei... Eu só... vou seguir meu maldito caminho.”

“Sinto muito, está bem? Sinto muito. É que o que você quer ouvir?”

“Eu não quero nada de você.”

“Quer você queira ou não,” ele declara irritado, dando a meu braço uma sacudida para trazer meus olhos para os dele. Eu permaneço forte, apesar do desejo de me encolher de raiva com a escuridão rodopiando em sua íris marrom. “Você precisa

disso. Se partir, para onde vai? Você não tem ninguém que a ajude."

"Eu vou me virar," e continuo jogando minhas coisas na mala.

Um vulto passa pela minha linha de visão. Minha mala voa da cama e está batendo na parede com um barulho alto. O conteúdo se derrama por todo o chão.

Ele não fez isso.

Nathan fica ao meu lado, com o peito arfando. "Você não vai embora. Entendeu?"

"Não pode me manter aqui." Meus punhos se apertam, enquanto cravo as unhas em minhas palmas.

"Eu vou se for preciso. Cometi um erro, fiquei com raiva e me desculpei. Vou dizer isso mil vezes se for preciso. Desculpe, sinto muito, estou malditamente arrependido." Ele olha para mim, sua respiração ofegante. "Trancarei você nesse quarto. Não me teste."

A minha boca se abre, e dou um passo para trás. Ele não ousaria... Ele não pode. Não tem como fazer isso.

"Grite, fique brava comigo, faça alguma coisa. Apenas não vá." Estou surpresa pelo desespero em sua voz, mas ele não faz nada que me intimide.

"Eu faria, mas você não é tão especial," digo tão venenosa quanto ele.

"Você tem razão," diz sem piscar. Com passos longos e cautelosos ele se aproxima. "Eu não sou. Não finjo ser. Mas você é." A mão dele me agarra pela parte de trás de meu pescoço. "Você é. Caleb não a merecia, Gwen. E eu nunca a merecerei."

O que?

O que isso significa?

Quem é ele para julgar?

“Fique.” Ele abaixa sua cabeça para me olhar diretamente nos olhos. Sua cabeça agora a apenas um centímetro da minha. “Eu sinto muito. Acredite.” Sua mão envolve a minha e pressiona contra seu peito. Sinto seus batimentos acelerados sob meus dedos, meu coração acelera com ele, chocada por sua... bem... toda esta situação. Sei como é difícil para Nathan tocar minha mão e o fato de ele ainda não ter se afastado parece assustar a ambos. “Eu nunca estive mais arrependido em minha vida.”

Outra lágrima cai do meu olho, molhando um caminho atrás dela.

“Eu vou ficar fora do seu caminho, prometo.”

Fechando os olhos por um momento, ouço sua respiração irregular, enquanto sinto o batimento do seu coração sob a minha mão. Que opções tenho? Eu não tenho nenhuma. É ficar aqui e descobrir uma maneira de arranjar dinheiro para seguir em frente, ou sair e lutar.

Meus confusos pensamentos e sentimentos não cedem e o nevoeiro que está na minha mente só engrossa a cada segundo que passa.

A culpa me envolve em um abraço implacável quando percebo que gosto de ter a minha mão lá. Eu gosto de estar na companhia de Nathan. Não tenho certeza se é por causa de algumas questões estranhas de apego agora que seu irmão se foi, mas sinto que é tudo igual. O olhar quebrado em seus olhos parece acender uma sensação totalmente nova, uma sensação onde quero chegar à profundidade de sua ruptura e colocar as peças de volta.

Vou contra os desejos de Caleb de estar aqui. Prometi que ficaria longe de Nathan, mas não tenho nenhuma outra

escolha... ou tenho? Estou apenas criando desculpas para que possa estar perto do homem que parece com meu noivo morto?

Nathan pressiona seus lábios em minha testa e dá um passo para trás. “Descanse um pouco e pense nisso. Se você ainda quiser ir pela manhã, arranjarei um lugar para você.”

Aceno com a cabeça. Este é um bom negócio para concordar. “Ok.”

“Gwen,” ele diz antes de sair. Olho para cima, seus olhos quebrados rasgam minha alma. “Eu sinto muito, de verdade.”

“Eu sei.”

Ele abaixa a cabeça e sai do quarto, fechando a porta.

O que estou fazendo?

O que estou fazendo aqui?

13

Eu vou a minha próxima consulta médica. Jeanine me deixa lá e espera até terminar. Não sou diabética, estou perfeitamente saudável, mas meu bebê será enorme. O doutor não confirmou isso, só é óbvio. Estou me preocupando demais. Isso deveria me animar, mas não me anima. Minha mente ainda está incomodada com os eventos de ontem. Quero ir até o Sr. e Sra. Weston e arranhar seus rostos como um gato. Eu quero gritar com eles por serem tão frios e cruéis.

Imagino, assim como Nathan, que eles estavam redirecionando a dor do luto em mim. Talvez um dia possamos nos reconciliar e meu bebê pode ter os avós na vida. É muito improvável. São pessoas terríveis. Horríveis. Eu me repreendo mentalmente por ter esperança com uma coisa dessas. Quem me dera existir um final feliz.

Só há uma coisa que sei com certeza — quando eles perceberem que este bebê é de Caleb, podem se despedir de todos os seus direitos como avós, com um belo adeus.

Jeanine nota meu silêncio e tenta forçar uma conversa, mas não consigo. Eu apenas não sinto vontade. Ela logo desiste, mas sei que não fica contra mim. Preciso de silêncio. Com certeza houve momentos em que ela também precisou de silêncio.

Outra vez minha mente leva meus pensamentos a Caleb. É difícil lidar com isso. Sinto tanta falta dele e ele deveria estar lá na consulta médica. Deveria ter estado lá comigo, segurando minha mão e ficado feliz e dizendo que não estou gorda, embora nós dois soubéssemos que estou.

Nada disso me anima mais.

Eu não entendo nada. Não entendo o ódio e raiva deles por mim. Não é algo que eu tenha conversado com Nathan antes. Não perguntei, mas não posso negar a tentação. O que fiz para duas pessoas claramente bem-educadas sentirem tanto ódio por mim?

Por que bloqueariam Nathan assim como fizeram com Caleb? É verdade o que sua mãe disse? Por que Caleb gastou os últimos momentos dele comigo?

Como pode ser minha culpa? Nenhum de nós sabia que ele iria morrer.

Talvez seja a culpa que sentem por terem se afastado dele e agora que o perderam, gostariam que pudessem ter esse tempo de volta.

Eu não sei.

Nada disso faz sentido.

Sinto como se tivesse zerado meu raciocínio. Preciso de respostas, mas não estou certa se gostarei delas. Eu sempre me sentirei dessa maneira?

* *

Quando finalmente volto para a casa de Nathan, fico aliviada ao ver que ele está ausente, igual essa manhã. Eu não sei onde ele está e realmente não me importo. Ele é um homem adulto, e pode fazer o que quiser.

Quando estou sentada no balcão da cozinha há uma batida na porta. Não quero atender, mas vou de qualquer maneira e me surpreendo ao ver a loira de pé ali, movendo-se nervosamente em seus pés.

“Oi,” digo, quando ela percebe que não sou Nathan e seus ombros caem. “Eu não sei onde ele está.”

“Ele te disse para dizer isso?” Suponho que sua incredulidade é justificada.

Balanço minha cabeça. “Não. Eu não o vejo desde ontem.”

“Oh...” Ela torce as mãos na frente dela. “Se você o vir, por favor, diga a ele para me ligar.”

“Claro.” Quando vou fechar a porta, ela fala mais uma vez me parando no meio do caminho.

“Ele e... você? Quero dizer... ele está vendo outra pessoa?”

Ele está? “Honestamente, não tenho ideia. Eu prometi a ele que não iria invadir sua privacidade, então não sei. Nem sabia sobre você até o outro dia, quando nos conhecemos.” Dou um sorriso de desculpa e a olho de cima a baixo. Ela parece estar com frio. Onde está seu carro? “Onde está o seu carro?”

“Eu vim caminhando.”

“Da vila?” Ela está louca? É uma caminhada de mais de dez quilômetros. Sem incluir o longo caminho da nossa entrada.

“Sim.” Ela dá um passo para trás. “Obrigada... humm...”

“É Gwen.”

“Certo, eu sou Lorna. Foi um prazer conhecê-la.” Ela nervosamente coloca o cabelo atrás da orelha e desce os dois degraus que levam da porta. “Cuide-se.”

Fecho a porta, preocupada com o bem-estar da mulher, mas pensando que assim como chegou até aqui ela pode voltar.

Eu deveria ter oferecido uma bebida e ela deveria ter descansado, mas não é minha casa.

O relacionamento dela com Nathan deve ser mais sério do que eu pensava. Deveria tê-la convidado ela para entrar?

Minha cabeça dói.

Oh bem, não é da minha conta. Só espero que ela não pense que quero roubar o seu homem, porque totalmente não quero. Não quero uma reputação de ladra de namorado.

A vila é pequena; e as notícias correm.

* *

Entro no quarto e ligo meu notebook. Não há nada que possa pensar em fazer que eu goste, então momentos depois desligo e bufo. Odeio como o céu está cinza aqui. Não ouso aventurar-me através das árvores quando o céu está tão escuro, embora sejam duas horas da tarde. Posso me perder mesmo que siga as marcas que coloquei nas árvores.

A minha orientação nunca foi muito boa e nunca aprendi a usar uma bússola. Aponta para o norte, isso é ótimo. Mas mesmo que aponte para o norte, não saberia que direção me levaria de volta à vila. Embora eu tenha GPS no meu telefone, teria sorte se conseguisse um sinal bom o suficiente para receber uma mensagem de texto, muito menos uma conexão à Internet.

Sinto falta dos meus amigos. Tenho saudades de estar perto de pessoas que conheço.

Parte de mim sente falta até da minha mãe, apesar do ódio que tenho por ela agora.

Pegando meu telefone, percorro meus contatos até encontrar o número de Tommy. Toca algumas vezes antes dele atender, o que me traz alegria que não sinto há muito tempo.

“Ei você,” ele diz suavemente. “Já faz um tempo.”

“Sim,” digo e vou para a cozinha. O sinal é melhor aqui. “Sinto falta de você.”

“Sinto saudade sua também. Talvez eu possa ir te ver em breve.”

“Eu adoraria.” De verdade quero. “O que você tem feito?”

“Não muito.” Ele faz uma pausa para um momento. “Eu passei.”

“Oh meu Deus.” Pisco. “Oh meu Deus! Tommy isso é brilhante. Estou tão feliz por você.”

“Obrigado, Gwen. A Universidade não é a mesma sem você.”

Minha alegria se transfere para tristeza. “Sim. Eu sinto falta.”

“Você vai voltar um dia. Até então continue fazendo comida deliciosa e envie-me fotos. Quando for te visitar você não vai sair da cozinha. Quero um banquete digno de um rei,” ele exige brincando. “Sasha sente sua falta.”

“Eu também sinto falta dela.”

“Como coisas estão com Nathan? Aposto que ele é estranho, não é?”

Você não tem ideia. “Só um pouquinho. Ele fica fora do meu caminho a maior parte do tempo. Eu nem sequer sei onde ele está hoje.”

“Vocês estão se dando bem?”

Nós estamos? “Sim. Houve alguns desacordos,” o eufemismo do século, “mas nós superamos.”

“Por que sinto que você não está me dizendo tudo?”

Só não quero me aborrecer entrando em detalhes sórdidos sobre o conto que é Nathan e Guinevere. É muito complicado e nem sei por onde começar. “Estou falando tudo.”

“Ok.” Ele não acredita em mim. “Eu tenho que ir. Vou me encontrar com Zoe em vinte minutos. Mantenha contato.” Zoe?

“Você também.”

Eu desligo o telefone e caminho até a geladeira. Espero que ele possa vir. Se vier, eu definitivamente farei um banquete digno de um rei.

Minha mente volta a Nathan e, embora ainda esteja zangada com ele, fico imaginando se voltará para jantar. Envio uma mensagem de texto a ele e pergunto, mas depois de uma hora, eu ainda não tenho resposta.

A geladeira está vazia e precisa ser reabastecida urgentemente. Não há boa comida, mas há comestíveis.

Inclinando-me para trás, escolho a minha refeição e casualmente acaricio minha barriga. Hoje foi um dia melhor, não um ótimo, mas com a raiva que eu estava sentido ajudou a manter a minha mente longe de coisas que parece gostar de me atormentar, como Caleb e o quanto sofro por ele.

Eu odeio quão fácil está se tornando. Ainda é difícil, muito fodidamente difícil, mas não é tão difícil.

Os dias não passam tão lentamente e a dor no meu peito não é constante. Só vem quando penso nele ou quando me lembro dele. A dor é bem-vinda. Isso me lembra que minha vida com ele era real.

A porta abre e fecha com um estrondo que me faz saltar no meu assento. Nathan entra, sua língua provocando seu lábio inferior. Ele para no meio da sala e observa quando descruzo as pernas. “Se prepare, estou te levando para sair.”

“O que?”

“Você me ouviu. Prepare-se.”

“Onde?” Eu pergunto, olhando para ele enquanto agarra meu casaco.

“Há um... apenas prepare-se.”

“Bem,” suspiro e permito que ele me ajude com o casaco. Em segundos estamos saindo e estou sendo levada para o carro dele. “Agora estou intrigada.”

Ele sorri ligeiramente quando sobe no assento do motorista. “Você vai gostar... eu espero.”

“A loira veio vê-lo hoje,” anuncio quando ele gira a chave.

“Quem?”

“Lorna, sua namorada.”

O sorriso dele desaparece, só para ser substituído por uma carranca. “Ela não é minha namorada.”

“Ela sabe disso?”

“Sim.”

“Ela andou da vila até aqui.”

A carranca se aprofunda. “Onde estava o carro dela?”

Dou de ombros. “Eu perguntei a mesma coisa. Ela não me deu uma explicação.” O olho com cautela por um momento. “As meninas só fazem algo assim se sentem algo mais por você, do que quer que seja lá o que ela sente.”

“Ela é apenas... nós apenas ... ela não é minha namorada.”

“Se você diz.”

“Eu afirmo,” ele responde, com o tom rigoroso. “Nós podemos parar de falar sobre ela agora? Como foi seu dia?”

“Nada de importante. Precisamos ir às compras. Não há nada de alimentos.”

Ele suspira e olha a mim. “Você comeu?”

“Sim.”

Ele mastiga o lábio por um momento, com nervosismo. “Isso significa que você vai ficar?”

Sim? “Você... Quer que eu fique?”

Sua cabeça gira em minha direção a mim, com olhos determinados. “Sim.”

“Eu não posso...” Olho para longe e exalo um longo suspiro. “Eu não posso continuar lidando com suas oscilações de humor. As coisas são...”

“Eu sei. Farei o melhor para parar de ser do jeito que estou sendo. Não estou acostumado a isso.” Ele me dá um sorriso triste antes de voltar o olhar para a estrada. “Estou feliz por você ficar.”

Derretendo um pouco, eu sorrio para mim mesma. Cruzando os dedos para as coisas ficarem melhores. “Embora não saiba quanto tempo vou durar sem comida.”

“Certo, vou fazer compras pela manhã.”

Agora é a minha chance. “Posso ir? Gostaria de começar a cozinhar e assar novamente. Se estiver tudo bem?”

“Claro. Mas se eu disser não a alguma coisa, não discuta comigo sobre isso.”

“Como quiser.” Meu humor melhorou um pouco. Obrigada.”

“Como o bebê está? Lamento ter perdido sua consulta.”

“Eu não sou diabética ou qualquer coisa.”

“Isso é bom, então.” Ele se aproxima e coloca a mão sobre minha barriga, me surpreendendo muito. Espalhando um calor na barriga e em mim. “Já chuta?”

Eu molho meus lábios que de repente secaram. “Às vezes, mas a maioria das vezes são apenas tremores.” Eu encaro sua mão. É estranho e não sei como reagir. Não é como se Nathan me tocasse casualmente e fizesse isso um milhão de vezes. Ele retira a mão, sentindo provavelmente um desconforto.

“Se ele começar novamente, me fale.” Ele limpa a garganta e esfrega a mão na coxa. “Se estiver tudo bem para você?”

“Claro.” É um pedido incomum dele, mas não tenho problema com isso. “Seus pais entraram em contato?”

“Não e eu nem quero que você se preocupe com eles. Eles são meu problema e não seu.” Ele diz isso suavemente, apesar da evidente tensão em seu rosto. “Desculpe por tudo o que aconteceu ontem. Eu deveria ter te protegido. Eles não deviam estar de volta por mais uma semana.”

Eu pisco em choque por suas desculpas. Ele já se desculpou. É por isso que perdeu o controle comigo? “Está tudo bem, eu entendi. Todos nós fazemos merda quando estamos zangados.”

O corpo dele enrijece. “Eu odeio quando você usa essa linguagem.”

Oops. “Desculpe,” murmuro e olho para fora da janela. “Eu não percebi até que já tinha dito.”

“Tente. Isso não combina com você.”

Certo então. “Onde você esteve hoje? Você não respondeu a minha mensagem de texto.”

“Fora,” ele diz e isso é tudo. Por que tem que ser tão enigmático e fechado? Só me deixa ainda mais curiosa quanto ao que ele está pensando e fazendo e tudo o mais que poderia esconder naquela mente fechada dele.

“Fora?”

“Como não em casa.”

“Como em um local conhecido como...”

Ele ri, os olhos dele brilhando na escuridão. “Fora.”

“Você é tão estranho.”

O sorriso dele alarga. “Sim. Provavelmente.”

“Onde nós vamos?”

“Sair.”

“Grr,” rosno, querendo torcer seu mamilo. “Você é tão frustrante.”

“Como você.”

“Eu não sou.”

Ele levanta uma sobrancelha para mim, seus olhos ainda cintilando de uma maneira que nunca vi antes. “Você é também.”

“Estamos seriamente fazendo isso?” Dou risada e meu corpo se sacode tremendo. “Vamos concordar em discordar.”

“Eu não estou concordando com nada até que você concorde que é frustrante.”

“Diga-me onde estamos indo e vou concordar.”

Ele joga a cabeça para trás e ri alto. “Isso é o mesmo que concordar.”

“Viu?” O cutuco no peito. “Você é frustrante.”

“Eu nunca neguei.” Bom ponto.

Ainda... “Você realmente não vai me falar para onde vamos?”

“Não.”

“Nem mesmo uma pista?” Mordo meu lábio e aperto as mãos debaixo do meu queixo.

“Não faça olhos de filhote de cachorro, faça qualquer coisa, mas não olhos de filhote de cachorro.” Ele diz, enquanto finge proteger seu rosto com a mão.

“Está funcionando?”

Ele instantaneamente volta a ficar sério. “Não.”

“Maldição.”

“Bela tentativa.”

“Eu pensei o mesmo.”

* *

Nós temos dirigido por uma hora agora e não tenho nenhuma ideia onde estamos. Muitas árvores cobrem a estrada. É quando chegamos a uma clareira que meu coração começa a bater com entusiasmo.

“De jeito nenhum.” Sorrio e pressiono meu rosto contra o vidro. “Um parque de diversões?”

“É itinerante, só ficará aqui por duas semanas,” ele diz enquanto olho para a roda-gigante iluminada à distância e algumas outras atrações que mal consigo entender. “Eu não posso ir a nenhuma das atrações.”

“Eu sei, mas há mais do que apenas brinquedos.”

“Isso é ótimo!” Sério, é absolutamente ótimo. “Quero algodão doce.”

Ele abre a boca e sei que é para protestar, mas logo relaxa e em vez disso diz: “Você pode ter o que quiser.”

“Brilhante. Você é o máximo.”

São necessários mais dez minutos antes de finalmente encontrar o estacionamento, que é basicamente um campo com muitos carros. O lugar está cheio e as pessoas ainda estão chegando. Pelo menos não terei que ficar na fila para os jogos, bônus extra importante.

Há um enorme arco de luzes piscando e balões quando entramos. Eu olho e sorrio. Nathan parece pouco impressionado, mas não me importo. Ele me leva para a lateral e troca dinheiro por fichas. Fico com as fichas.

Logo percebemos que as fichas são para as atrações e não para os jogos. Os jogos custam ainda mais dinheiro.

Nathan não parece se importar e me deixa arrastá-lo para um jogo onde você tem de jogar uma bola em um balde que repousa em seu lado. Parece tão fácil. Não é. Eu erro toda vez.

“Deixe-me tentar,” Nathan ri e entrega ao homem atrás do balcão uma ficha. Ele joga e falha na primeira vez, mas na segunda, a bola quica e falha. Na última tentativa a bola salta fora do balde e no chão. “Huh.”

“Quem sabe da próxima vez.” Encolho os ombros e o puxo para a barraca de algodão doce. Ele não quer se mover.

Em vez disso, me dá uma nota e silenciosamente me acena para longe. Rindo, eu vou para o algodão doce e barraca de donuts sozinha. Nathan está claramente ocupado. Ele não vai vencer, vou deixar que descubra isso por conta própria.

* *

Enquanto espero o algodão doce ser entregue, algo suave roça minha bochecha. Eu giro e pisco em choque diante de um urso marrom vestido como Superman. “Você ganhou.”

Nathan sorri, claramente orgulhoso. “Claro que sim.”

“É para mim?” Vou pegar o urso, mas ele puxa de volta.

“Não.”

A minha boca se abre. “O que aconteceu com ser um cavalheiro?” Os donuts açucarados são colocados no balcão em um saco de papel. Eu os agarro e sigo o homem que não me dará o urso que parece o Superman.

“Eu nunca disse que sou um cavalheiro,” ele diz orgulhosamente.

“Eu quero o urso.”

“Você tem algodão doce e donuts.”

Faço beicinho como uma criança petulante. “Não é a mesma coisa.”

O sorriso dele volta e quase me cega. “Você pode ficar com o urso.” Estico minha mão para ele, mas novamente ele recua. “Quando você terminar sua comida.”

“Quer um pouco?” Eu aceno com o algodão doce perto de seu rosto. Ele estremece e sacode a cabeça. “Mais para mim.” Então eu abro o pacote que contém os donuts. “Donut?”

O olhar que brilha nos olhos dele, me mostrando que quer os donuts, mas estou supondo que são muito pegajosos para ele querer segurar. De repente percebo com clareza. Como deve ser frustrante não querer nada em suas mãos, as duas que você usa todo o tempo ao longo do dia.

"Pegue isso por um segundo." Dou o algodão doce para ele. Nathan segura a vara com a ponta dos dedos, estremecendo mais uma vez. Meus dedos agarram o lanche açucarado e puxa um do saco. "Aqui."

"Você está tocando," ele diz com um pequeno negar de cabeça.

Suspiro. "Eu não toquei desse lado." E movo a guloseima para perto de seu rosto. "Vamos. Você sabe que quer."

Ele se inclina para frente e envolve os dentes e lábios ao redor de um lado, suspirando ligeiramente. "Esqueci o quão bom é isso."

"Mais?" Mordo o lado que ele mordeu e gemo de prazer. "São os melhores donuts que já provei."

"Mais," ele diz e levo o mesmo até a sua boca. Ele morde a metade da rosquinha, onde eu não mordi. "Definitivamente, os melhores."

Estalo minha língua negando. "Espere até provar o meu."

"Você faz donut?"

"Claro, é realmente muito fácil." Digo, mas imediatamente me distraio. "Oooh, olha!"

"É um lança argolas."

"Estou ciente do que é, Sherlock. Vamos."

"Eu odeio lança argolas."

“Isso é porque você sempre perde.”

Ele finge estar insultado. “Não.” Determinação toma conta de suas feições. “Eu garanto que ganho.”

“Você não ganha nem guerra de travesseiro.”

“Por que iria querer?”

Bom ponto. “Lança argolas.”

“Descarte o algodão doce.” Ele me dá a nuvem cor-de-rosa. E eu pego, dou outra mordida e jogo o resto em uma lixeira próxima. “Donut.”

“Não vou jogar os donuts fora,” eu ofego fingindo horror por ele poderia apenas pensar em fazer isso. Os donuts são o alimento base dos parques de diversão. Bem, donuts e cachorros quentes.

“Não.” Ele bate o dedo em sua boca.

“Oh.” Pego outro do saco e seguro em sua boca. Ele dá uma mordida, mirando seus olhos nos meus.

“Obrigado.”

“Sem problema.” Fecho o saco depois de lhe dar mais duas mordidas e enfiar o último pedaço na minha boca. Ele parece estremecer então dou a ele um olhar aguçado. “O que?”

“Minha boca tocou nisso, e você ainda come.”

Encolho os ombros e enfio o saco de donuts no bolso da jaqueta. “Você tem algum tipo de vírus horrível que pode me contaminar?”

“Não.” Ele enruga o rosto para mostrar quão genuinamente repugnado está com o pensamento.

“Então tenho certeza que vou sobreviver. Agora pare de atrasar o inevitável e me veja chutar sua bunda no lança argolas.”

Ele solta um bufo que me faz sorrir e caminhamos em direção ao jogo.

***

“Eu estava em desvantagem,” resmungo, olhando para o chão enquanto ando.

“Oh sim? Qual?” Nathan sorri, parecendo muito orgulhoso de si mesmo.

“A barriga.” Ponho a mão na minha barriga. “Eu não posso balançar meus quadris quando lanço como costumava.”

“Desculpas.”

Minha boca se abre. Eu me recuso a aceitar isso. “É uma desculpa legítima.”

“Em seu mundo eu acredito que seja.” Ele desliza a mão pelo meu braço, parando para circular meu pulso. Isso é estranho. Não desconfortável, mas definitivamente estranho. Esta é a sua versão de mãos dadas? Ou é o seu braço doendo do lançamento de argolas, o que significa que ele não pode sentir dor em segurar o meu bíceps? “Roda gigante?”

“Eles vão me permitir lá?”

Ele encolhe os ombros. “Só há um modo de descobrir.”

Ficamos na fila por quinze minutos antes de chegarmos à frente. O cara olha para mim, olha para a minha barriga e abre a corrente para me deixar passar. Isso!

Nós nos sentamos no assento de metal não muito resistente e colocamos a barra no lugar. Eu rio quando Nathan limpa com um guardanapo depois de esguichar seu desinfetante de mãos no metal.

Com nós dois, o assento fica meio apertado, ou pelo menos é assim que racionalizo seu braço em torno do meu ombro. Começamos a subir lentamente. O frio aumenta quanto mais alto chegamos, mas não me importo. O braço ao redor de meus ombros está servindo a um propósito diferente de me fazer sentir desconfortável.

“Eu gosto da direção que posicionaram a roda gigante. É lindo, mesmo no escuro,” eu comento, olhando para os grandes campos que se curvam no horizonte.

Não é surpreendentemente alto, tem apenas sessenta metros na melhor das hipóteses, mas é alto o suficiente para eu realmente apreciar tudo dentro da distância de visualização.

“Eu me sinto como uma criança aqui em cima,” ele não diz com desdém, mais com temor.

“Eu também. Todo resto simplesmente desapareceu.”

“O que desapareceu?” Ele se vira para olhar para mim quando finalmente chegamos ao topo.

Olho para os bonitos olhos castanhos claros, pela primeira vez não o reconhecendo como Caleb, mas reconhecendo-os como Nathan. “Tudo o que deixamos lá em baixo.”

Seus olhos brilham e seus lábios se contraem. “Você é tão estranha.”

“Cala a boca.” O assento balança ligeiramente quando me ajeito e repouso minha cabeça contra seu ombro. “Vamos ficar aqui por uma hora.”

“Muito tarde, estamos descendo,” ele sussurra e descansa seu queixo em cima da minha cabeça.

“Na verdade, isso não é uma coisa tão ruim. Minha bexiga está explodindo.”

“Lindo.”

“Também acho.”

* *

Ele me ajuda a sair assim que chegamos à plataforma. A esse ponto já estou correndo.

“Eu vou estar aqui,” Nathan diz e aponta para a área principal. O que quer que seja, tenho minha bexiga muito cheia para me importar.

As mulheres da fila me deixaram passar na frente, o que é um alívio. Se eu tivesse demorado mais um minuto para chegar no banheiro teria molhado minhas calças. Isso é certo.

Agora... onde ele está? Ah... o que é que ele está enfiando na jaqueta dele? Onde está meu urso Superman?

“Onde está meu urso?” Franzo o cenho.

“Certo, espere aqui,” ele diz e volta para a roda-gigante. Estou aliviada ao vê-lo voltar com o urso. Eu não me lembro dele deixando isto lá quando foi a nossa vez, mas para ser honesta estava muito animada para prestar atenção. “Aqui.” Ele empurra a coisa novamente em meus braços e aperta meu pulso. Vamos.”

“Mas...”

“Está tarde.”

“Mas nós só estivemos aqui por uma hora.”

Ele aperta a ponta do nariz e sei que ele já teve o suficiente.

“Certo, vamos.”

Seus olhos se tornam suaves e vêm para os meus. “Desculpe. Estou exausto, estou acordado desde a meia-noite.”

“Por que meia-noite?”

“Eu saí.”

Suspiro. “Foi quando você foi embora? Você está louco?”

Ele me dá um olhar que instantaneamente me faz fechar a boca. Não é da minha conta, continuo esquecendo.

“Pronta?” Ele desvia o assunto eu fico grata por ele me levar longe da diversão.

“Aww, cabine de fotos, Caleb amava. Fomos para um lugar chamado *Pleasure Island* uma vez e ele ficou louco em uma cabine de fotos. Acabou com mais tiras de fotos do que paredes para cobrir.” Eu sorrio com carinho com a memória.

“Você quer?” Ele faz um gesto para o pequeno estande com sua mão.

Quero? “Não, tudo bem.” Não seria certo.

“Você tem certeza?”

“Sim.” Eu aceno com a cabeça porque definitivamente tenho certeza. “Estou realmente meio cansada agora que você mencionou.”

Meus olhos fecham e ficam fechados antes mesmo de sairmos do estacionamento.

***

É manhã quando acordo e as cortinas foram puxadas abertas largamente. “Estou queimando.”

“Vamos, levante,” Jeanine diz e puxa as cobertas do meu ‘que poderia estar’ corpo nu. Meu ursinho Superman quase cai da cama. Eu o pego de volta e esfrego o rosto em seu pelo sedoso.

“Por quê?”

“São onze e quinze.” Ela diz em uma voz de melodia. “E o céu já não está cinza. Não pode ficar na cama quando o sol está brilhando querida.”

“Certo,” digo em meio a um bocejo e sento em minhas pernas cruzadas, o urso encaixado nelas. “Eu não posso me trocar com você aqui.”

“Estou saindo.” E ela sai.

Quando decido sobre o que vestir, posso ver que todas as minhas roupas foram cuidadosamente penduradas novamente. Faço uma nota mental para agradecer a Jeanine mais tarde.

Espera...

Estou de camiseta e calcinha.

Suspiro.

Nathan me viu de camiseta e calcinhas. Nathan me despiu!

Fique calma. Está tudo bem. Ele viu muitas mulheres nuas antes... eu acho.

Por que estou obcecada com isso?

Eu me visto enquanto empurro os pensamentos ridículos da minha mente e rapidamente escovo os dentes depois de lavar o rosto. Finalmente me sinto refrescada e meus olhos não estão grudando juntos.

"Toc, toc," Nathan diz em vez de realmente bater. Embora a porta esteja aberta posso entender essa lógica. Eu acho. "Algum plano para hoje?"

"Eu ia ligar para Paula."

"Você precisa do carro?"

"Humm," encolho os ombros e começo a pentear meu cabelo. "Posso?"

"Sim, eu não vou precisar do carro." Os seus olhos me olham de cima abaixo enquanto me sento à penteadeira. Os seus olhos castanhos claros se demoram em certos pontos, mas finjo não perceber. Eu não deveria notar.

"Obrigada." Prendo meu cabelo para mantê-lo no lugar e viro para ficar de frente para ele, tentando não encontrar seu olhar devido à dificuldade de saber que ele é o segundo homem a me ver em roupa íntima. "Como estou?"

"Grávida," ele brinca. Passo por ele, batendo em seu braço enquanto ando. "Oh e mais uma coisa..." Ele me atira as chaves do carro e as pego desajeitadamente. "Sem comida e bebida no carro."

"Ok." Vou em direção às escadas.

"Outra coisa." Olho por cima do ombro e vejo Nathan caminhando em minha direção, então viro para encará-lo. "Vá às compras de supermercado, compre o que quiser... dentro dos limites. Sem amendoim, sem fígado e nada que seja prejudicial."

"Sério?" Eu sorrio. Oh meu Deus, estou sorrindo. Ele também percebe e os olhos vão para minha boca, seu rosto suaviza.

"Sério." Ele estende a carteira.

"Você quer que eu leve sua carteira?"

"Só tem notas nela," responde com um encolher de ombros.

Meu sorriso fica mais largo. "Eu deveria dizer não, mas estou muito animada por um bolo." O momento melhora quando ele também sorri. "Obrigada, Nathan. Pensei que você quisesse ir?"

"E negar à cozinheira a sua chance de brilhar?" Eu gosto deste Nathan; ele é amigável e provocante. Combina com ele, o que é bastante estranho.

"Se divirta, dirija com segurança."

"Prometo," digo e desço as escadas. "Você quer alguma coisa enquanto estou fora?"

"Não." Eu começo a me mover de novo. Então paro porque ele chama meu nome.

"Sim?" Eu adiciono ênfase extra no S, meus olhos se estreitam suspeitosamente. Ele está me atrasando... mas por quê?

"Você não está apenas grávida." Ele dá um passo, os olhos fixos em mim.

"Não?"

"Não." Ele balança a cabeça, ofegante. "Você está linda."

Também fico ofegante. Eu... é... ele... mas...

"Vejo você em breve." Grito rapidamente quando minha mão se fecha em torno da maçaneta, puxo e fecho a porta atrás de mim. Que diabos foi isso? Talvez não devesse usar essa linguagem, mas dessa vez é um bom motivo para falar um palavrão.

Você está linda.

Você está linda.

Você está linda.

Foi um elogio platônico? Certamente ele não... não poderia sequer pensar em tal coisa. Acabei de perder Caleb. Faz apenas um mês desde o funeral.

Isto é tão confuso.

Estou imaginando coisas. Tudo o que faço é exagerar.

Nathan é indiferente e mesquinho, mas também não é. Na realidade, eu estou me perguntando agora se o Nathan que eu conheci é mesmo o verdadeiro Nathan. O que me leva a me perguntar por que um homem tão doce, gentil, generoso e bonito colocaria uma máscara tão horrível.

Seu desespero por me fazer ficar, claramente se aprofunda nele mais do que percebi. Ou talvez não. Não o conheço bem o suficiente para fazer esse julgamento, mas também vi um homem quebrado nos seus olhos. É por que perdeu o irmão ou é por causa de algo mais profundo?

Por que estou analisando tudo novamente? Minha mente está realmente desesperada para pensar em algo além de Caleb e o que eu perdi?

Estou tentando encontrar alguém mais quebrado que eu?

***

Embora tenha dito a ela que não precisava, Paula me acompanha ao supermercado depois de três horas perambulando sem rumo por toda a vila. O supermercado fica a poucos quilômetros fora da cidade, mas é grande o suficiente e tem tudo o que precisamos. Eu sou grata por ela empurrar o carrinho. Minhas costas estão me matando.

“Então, quais são seus planos agora que você está aqui?” Ela pergunta enquanto coloco uma variedade de molhos no carrinho. Uma casa não é uma casa se você não tem condimentos.

“Ter o bebê. Isso é tudo por ora,” admito e estremeço quando ela sorri com piedade.

“Quanto tempo falta, querida?”

“Aproximadamente dezessete semanas, se o bebê esperar tanto tempo.”

Viro para o corredor da padaria e imediatamente começo a pegar as coisas das prateleiras. Paula continua a conversa leve, perguntando se tenho tudo o que preciso, para o berçário.

Não tenho tudo o que preciso. Eu nem sequer tenho talcos ou fraldas. Droga, realmente preciso organizar minha cabeça. O bebê ficará no meu quarto ou estará em um berçário? Onde ele ou ela vai dormir?

Eu deveria perguntar a Nathan, mas ele já está me dando tanto. Vou apenas ter que usar o pouco dinheiro que tenho para preparar o quarto do bebê. É meu bebê e minha responsabilidade. Parte de mim quer conseguir um emprego, mas não sou estúpida o suficiente para tentar. Ninguém vai me contratar nesta condição e seria uma tola em pensar de outra forma.

Meu telefone começa a tocar, verifico a tela antes de atender. Sua voz e seu tom irritado são imediatos. “Onde você está?”

“Nem mesmo um oi?” Eu zombo.

“Oi.” Ele rosna. “Onde você está?”

“Só estou comprando mantimentos,” explico, afastando-me de Paula para que possa ter alguma sensação de privacidade. “Está tudo bem?”

“São quase cinco.”

“E?” Estou confusa sobre por que isso é um problema.

Eu o ouço exalar uma respiração exasperada. “Logo estará escuro. Você está fora há horas.”

“Ok, estarei ai em cerca de uma hora.” Eu pego dois sacos de farinha e jogo no carrinho, tossindo um pouco quando uma pequena nuvem de pó bate em meu rosto. Não é suficiente para cobrir minha pele, mas o suficiente para fazer meus pulmões contraírem por um momento.

“Você está ficando doente. Estou indo pegar você.”

“Foi um saco de farinha,” eu gemo, quase pisoteando meu pé no chão. “Vou enlouquecer em casa, não tenho comprado comida a uma eternidade. Deixe-me aproveitar.”

Ele desliga sem responder. Ponho minha bunda para se movimentar o mais rápido possível, e pegar as coisas que quero e preciso. Pago por elas e digo adeus a Paula.

Nathan estava certo sobre ficar escuro em breve. Eu estou a meio caminho de casa e está tudo escuro. Felizmente não me importo de dirigir no escuro por isso não é muito difícil. Eu só espero que ele não esteja tendo algum tipo de colapso mental.

Ele não tem o direito de me dar um toque de recolher.

Ou será que tem?

É a casa dele.

Porra, isso é tão confuso e irritante e... Ah. Vou para casa, comer um bolo, e um cappuccino descafeinado e vou me enrolar no meu banco da janela com os fones de ouvido.

Quando estaciono do lado de fora da enorme casa, eu sorrio. Parece com um cartão postal. A maioria das luzes estão acesas no interior fazendo brilhar no meio das árvores.

Minha imagem perfeita é arruinada quando a porta da frente voa aberta e Nathan se apressa a sair. Ele começa a gritar antes mesmo de chegar ao carro. “Você saiu ao meio-dia!” Solto um suspiro.

“Eu estou bem, Nathan.” Abro o porta-malas e começo a pegar as sacolas. Nathan as pega das minhas mãos. “Não pegue peso. Estou extremamente desapontado com você, Guinevere.”

“Por pegar peso?”

Ele me lança um olhar que me faz apertar meus lábios em um esforço para não lhe dar o mesmo olhar. “Por dirigir para casa no meio da escuridão. Você não conhece essas estradas.”

“Eu sou boa motorista.”

“O que Caleb diria?” Ele assobia. Um gemido me escapa. Eu não quero pensar sobre isso, não quero falar sobre isso. “Não estou tentando te deixar triste...”

“Eu não quero mais falar sobre isso,” digo calmamente, com meu tom de advertência.

Eu me movo em direção à casa, meu coração batendo e o rosto queimando com minha raiva. Quem ele pensa que é? Tenho vinte e um anos, não cinco.

Nathan me segue, com as mãos cheias. “Você está agindo como se eu fosse o vilão aqui.”

“Você não é?” Respondo e começo a guardar as compras. “O que diabos há de errado com você? Você parece querer controlar tudo o que eu faço.”

Ele passa a ponta da língua sobre o lábio, seu aborrecimento mal escondido. “Só estou tentando ajudá-la, Guinevere.”

“Ajudar?” Eu bufo e giro para ficar de frente. “Bem, obrigada, Nathan por colocar um teto sobre minha cabeça e me comprar comida, mas isso não significa que você pode começa a controlar o que eu faço. Sou adulta. Você precisa se lembrar disso.”

“E você precisa controlar a si mesma e suas próprias ações antes que acabe se machucando ou ao bebê!”

O encaro de boca aberta. Ele não disse isso.

“Você está de luto. Seus pensamentos não são seus. Especialmente se acha que é aceitável uma mulher grávida, estar carregando coisas pesadas e dirigindo à noite.”

Eu rio. “Você está brincando, certo? Quantas mulheres grávidas no mundo fizeram essas duas coisas e vivem para contar a história? Você está sendo dramático e completamente intolerável.”

“Onde você vai?”

“Para longe de você.” Ando para as escadas.

“Eu não terminei de falar com você.”

“Eu não entendo,” giro com este grito, com minhas mãos em meus quadris. “Honestamente, eu realmente não entendo. Pensei que depois de ontem nós éramos amigos.”

Ele se encolhe. “O que tem sobre ontem?”

“A roda-gigante, os donuts, tudo.” Eu meio que grito, minha raiva borbulhando em níveis intoleráveis.

“Só porque decidi ser gentil não significa que você pode colocar a si mesma ou a esse bebê em perigo desnecessário.”

“Oh meu Deus,” eu rio, não acreditando seriamente nisso. Poderia gritar agora mesmo. “Que diabos está errado com você?”

Ele balança a cabeça, com uma carranca no rosto. “Nada está errado comigo. Você é a noiva do meu irmão; só estou tentando fazer o certo por você.”

“Pare de mencionar Caleb!”

“É a verdade.”

“E completamente irrelevante!”

“Mas ainda é a verdade.”

Jogo minhas mãos para cima e me viro. Já tive o suficiente disso. “Você é impossível.”

“Não dê as costas para mim.”

“Se pudesse correr, eu correria.”

“Nós não terminamos de falar.”

“Oh, acho que sim.” Olho para ele por cima do ombro, meus olhos conectando-se com os dele. Ele parece tão zangado quanto eu me sinto. “Terminamos essa conversa. Quanto antes eu sair daqui, melhor.”

“E para onde você vai? O que vai fazer?” Ele me segue pelas escadas. “Eu lhe fiz uma pergunta.”

Parando do lado de fora da minha porta, coloco a mão na maçaneta bem na minha frente. “Sabe o que é ruim para o bebê? Estresse. E você está acumulando estresse em mim, sinto que estou pisando em cascas de ovos. Claramente não pode decidir se você gosta de mim ou não, é melhor eu partir.”

Algo parece ter tocado uma fibra em seu sistema porque seu rosto se suaviza. “Você está certa. Peço desculpas por te estressar.”

“Suas desculpas não são aceitas. Entendo que ele era seu irmão, mas também era o amor da minha vida.” Um flash de dor passa através de seus olhos castanhos claros, e se vai em um instante e estou me perguntando por qual razão veio em primeiro lugar. Até agora ele nunca demonstrou nenhum sinal de tristeza pela morte de seu irmão. Ele a escondeu? “Só o enterrei há cinco semanas. Ainda deveria estar em luto, mas graças a você, estou mais confortável e tenho tentado me animar um pouco. Por tudo o que aconteceu, não tive tempo de sofrer corretamente. Você, entre todas as pessoas, deveria ser o primeiro a me mostrar compaixão agora.”

“Me desculpe.”

“Fui sincera e de qualquer maneira. Apenas me deixe só.” Abro minha porta e entro, me assegurando de trancá-la atrás de mim.

Descanso minhas costas contra a porta e ouço o seu suspiro. “Não foi uma boa ideia.” O quê? “Isso, você e eu, todas essas coisas de amigos. Fui estúpido tentar.” Ai.

Seus passos desapareceram do alcance do meu ouvido depois de mais um minuto, deixo escapar a respiração que eu não sabia que estava segurando.

* *

Deitada na cama eu toco o rosto do meu doce Caleb, minhas pontas dos dedos odiando a sensação de frio do vidro que protege a foto. Uma lágrima desliza de meu olho.

“Estou com medo, Caleb,” admito e abraço um travesseiro apertado ao meu peito. “Estou com muito medo de fazer isso sozinha.”

Seu sorriso fácil brilha para mim, e pela primeira vez, não me conforta. Quero jogá-lo através do quarto, mas minha consciência me diz que vou me arrepender mais tarde, então me contenho.

14

"Você sabia? Minha mãe sempre dizia que se eu fizesse careta e um vento batesse em meu rosto, eu ficaria assim para sempre." Jeanine comenta, mas sua tentativa de me animar não funciona.

"Talvez isso já aconteceu comigo," digo e movo os livros da estante.

"Você não precisa me ajudar. Sou paga para fazer isso."

"Eu sei. Estou tentando me sentir em casa, eu acho." Sempre funcionava, desde que eu era criança, depois de uma faxina completa. Para não mencionar o fato de que estou terrivelmente entediada e necessito de algo para fazer.

"Bem, obrigada, é bom ter companhia." Ela desliza o sofá e começa a varrer o pó que se reuniu debaixo dele. "Oh, aqueles bolos que você fez no outro dia, pensei que tinha morrido e ido para o céu."

Eu sorrio um pouco. "Obrigada. Acho que Nathan gostou deles. Na manhã seguinte havia apenas um pedaço no prato." Foi muita consideração guardar um pedaço do bolo que eu fiz. Eu não me importava, foi bom ver que tinham gostado. Além disso, nunca teria sido capaz de comer oito fatias de bolo que fiz.

Jeanine ri disso enquanto continuo a empilhar os livros cuidadosamente na cadeira. Estas prateleiras precisam mesmo ser limpas. "Você falou com ele?"

“Não.” Não nas últimas duas semanas desde que tivemos a grande discussão. Eu lhe fiz diariamente o café da manhã, almoço, o jantar e sobremesa, mas não o vi mais. “Ele provavelmente está ocupado.”

“Esse homem sempre me surpreende. Ele é tão...”

“Ele é do jeito que é.” Eu a interrompo, não querendo falar pelas costas, não importa o quanto ele esteja me irritando. “Não vale a pena ficar chateada.”

É neste momento que ouço uma porta no andar de cima bater. Ele me ouviu. Agora me sinto mal, mas vou ser condenada se me desculpar. Talvez ele não me ouviu, talvez só goste de bater portas.

Quase rio do meu último pensamento porque Nathan é o homem mais silencioso que conheço. Ele bateu a porta porque queria que ouvíssemos.

“Acho que a prateleira está brilhando o máximo possível,” Jeanine diz, interrompendo os meus pensamentos. “A próxima precisa de uma boa limpeza.”

“Certo.” Pisco de volta à realidade e começo a colocar os livros de volta na prateleira. Algo toca meu pé. Melhor não ser uma aranha. Ou pior... um rato.

Agacho e pego o pequeno quadrado de papel. É uma nota imagino, talvez um marcador de livro de algum tipo.

Encaixo meu polegar sob a borda dobrada e lentamente começo a virá-lo.

“Tudo bem?” Jeanine pergunta, me lembrando que eu não estou sozinha.

“Sim.” Estou de pé e enfio o pequeno quadrado no meu bolso. “Só caiu um recibo.”

"Sabe, esta casa tem centenas de anos. Não deixe seu interior moderno enganá-la. Aposto que há muitas coisas pequenas deixadas para trás pelos antepassados de Nathan," ela diz, a voz alta e pensativa. Não há como enganar os olhos de Jeanine, com certeza. "Na verdade, durante meu tempo de limpeza já encontrei algumas coisas sozinha. Bilhetes de amor, cartas, retratos velhos e desenhos. É incrível os lugares que apareciam."

Isto alimenta a minha curiosidade ainda mais. "Onde estão agora?"

"Imagino que Nathan os guardou em algum lugar. Dei tudo a ele."

"Ótimo. Se você encontrar mais alguma coisa, por favor, me avise." Fico aliviada quando ela concorda e apressadamente volto a minha limpeza. Agito todos os livros, velhos e novos, mas não encontro nada mais. Embora não saiba o porquê estou interessada. Nem sei se o papel no meu bolso é um bilhete. Definitivamente vou descobrir mais tarde quando estiver longe de olhos curiosos.

Jeanine sai às onze, eu rapidamente começo a preparar o almoço, contente de estar ocupada novamente. Todos os dias preparo algo ainda mais elaborado. Eu juro que estou fazendo isso só para ter algo para fazer.

Nathan não desce, mesmo depois que termino e me sento a mesa escolhendo minha comida. Não que eu o culpe. As coisas estão estranhas entre nós agora.

O tempo não está muito ruim, então pego minhas botas, jaqueta e saio para o ar fresco. Será outono em breve, e mal posso esperar. Eu só posso imaginar como ficarão essas belas árvores quando suas folhas morrerem perdendo suas cores. É uma ideia triste, quando algo morre, mas pelo menos folhas novas vão crescer em seu lugar. Ao contrário de Caleb. Nunca poderei substituir Caleb.

Este bebê nunca poderá preencher o vazio que seu pai deixou. Eu me mantenho leal à minha palavra, a palavra que dei para Caleb, quando ele me fez prometer de nunca o deixar.

Eu nunca o deixarei, nunca.

Nenhum homem jamais o substituirá.

Com um giz na mão, faço um caminho diferente desta vez, meus pés firmes e seguros a medida que avanço, marcando os troncos de árvores. Desta vez estou indo em direção à parte atrás da casa e através das árvores dessa forma, não sei o motivo, mas apenas sinto como se esse fosse o lugar que quero ir dessa vez. As árvores são muito mais finas aqui e há um caminho coberto com pequenos galhos e rochas. Mesmo assim não vou arriscar não marcar as árvores mesmo que haja um caminho fácil a seguir. Eu provavelmente me perderei de qualquer maneira.

Enquanto ando ao longo da trilha puxo o papel dobrado do meu bolso e lentamente começo a abri-lo. Não é um bilhete. É uma foto.

Eu suspiro quando vejo o que é e imediatamente fecho em choque. É Caleb, completamente nu, com pelo menos sete anos. Piscando através do choque eu abro novamente e rio da carranca em seu rosto. Ele não parece feliz sendo fotografado nu, não que eu o culpe.

Ele está parado em frente a uma janela, a luz fazendo brilhar seu cabelo. Eu sorrio. Ele era adorável. Lágrimas enchem meus olhos.

Esta é a única foto que já vi de Caleb criança e nu ou não, eu vou ficar com ela. Redobro e coloco de volta em meu bolso, feliz por ter um pedaço de Caleb comigo enquanto continuo ao longo da trilha.

Minhas costas doem. Eu não deveria ter começado a andar logo depois de comer. Oh bem. Estou quase chegando a algum lugar. Não posso voltar agora.

Quando chego à borda das árvores, quase tropeço em um galho caído, mas consigo me estabilizar no último segundo. O mato aqui é alto, pelo menos até minhas coxas. E se houver ratos?

Quem estou enganando? Definitivamente há ratos, ou raposas ou algum ser da natureza querendo me matar.

Ooh, o que é isso?

Meus olhos pegam um pedaço de madeira carbonizada ao longe, cutucando em cima da alta grama. Agora estou me concentrando nisso, vejo mais pedaços de madeiras carbonizadas. Que estranho.

Realmente quero explorar, mas não ousaria atravessar esta selva. Bufo.

Depois de pensar por um momento, dou um passo adiante, minha perna é imediatamente engolida pela vegetação alta. Eu posso fazer isso. Eu posso. Minha outra perna se move.

O vento bate forte, fazendo a vegetação varrer para o lado como se milhões de mãos minúsculas estivessem acenando para ir adiante.

Foda-se.

Meu coração bate rapidamente, e me empurra para longe. Eu sigo sua advertência e corro de volta pelo caminho que vim. Nunca vou fazer isso de novo. Nunca.

Estremeço.

Volto para casa em tempo recorde devido ao fato de que estou correndo de ratos imaginários que estão beliscando

meus calcanhares. Minha respiração já irregular sai em um longo suspiro quando entro e bato a porta atrás de mim. Coloco a testa contra ela, aliviada por ainda estar viva.

Nunca vou voltar ali novamente.

* *

Uma vez que meu tremor diminuiu me viro, batendo em um peito que me é familiar. Por que ele está tão perto? “Desculpe, não te vi.”

“Estou aqui há três minutos.” Sorrio quando me inclino para olhar para ele. As mãos de Nathan estão segurando meus bíceps firmemente, mas não muito apertados. “Você está bem?”

“Sim, apenas ratos demônios imaginários,” murmuro, fazendo com que ele incline sua cabeça em questionamento. “Nada. Eu estava caminhando... ooh.” Estalo meus dedos. “Encontrei uma clareira lá atrás.”

Seu corpo fico tenso. “Onde?”

“Atrás da casa. E pude ver madeira carbonizada.”

“Oh.” Ele passa a língua sobre seu lábio inferior. “É um antigo celeiro que incendiou não muito tempo depois que meu avô morreu.”

Estremeço e coloco minha mão em seu peito entre nós. “Eu sinto muito por sua perda.”

“Hmm,” ele diz, mas parece que lhe dói dizer isto. Ele deve ter amado muito seu avô. “Fique longe de lá, provavelmente há ratos e outros animais que não me atrevo a nomear.”

“Eu sabia,” sussurro, meus olhos se estreitaram e minha mente imagina imagens de ratos demoníacos ali me esperando para festejar com meu pobre corpo de grávida. “Você almoçou?”

Ele acena com a cabeça. “Sim.”

“Se há algo que você queira em particular, apenas me avise.”

“Você não tem que cozinhar para mim o tempo todo,” ele diz irritado. “Não é por isso que você está aqui.”

“Eu sei.” Dou um encolher de ombros e manobro para passar por ele. “Cozinhar é a minha paixão, eu acho, ou costumava ser antes...” Caleb. “Mas agora é apenas uma maneira de passar o dia.”

“Nós deveríamos começar a montar o quarto do bebê. Quanto tempo ainda falta?”

Minha mente fica em branco por um momento. Eu não esperava que ele mencionasse isso, mas estou feliz. “Menos de dezessete semanas.”

“Tão perto?” Ele estremece um pouco. “Eu espero que você saiba que não tenho nenhuma ideia do que estou fazendo e não tenho nenhuma intenção entrar no lugar de Caleb. Eu nunca tive um bebê por perto. Para ser honesto, eles me assustam e me dão aversão, ao mesmo tempo.”

Oh. “Oh. É isso...”

“Farei o meu melhor para ajudá-la, no que precisar, vamos contratar uma babá ou um profissional de algum tipo.”

“Tenho certeza de que posso dar conta,” minto porque não há nenhum modo que conseguirei bancar isso sozinha. Também não tenho nenhuma ideia do que estou fazendo. Eu nunca segurei um bebê, nunca estive perto de um bebê e

crianças me assustam também. É por isso que não posso culpá-lo ou odiá-lo por sua admissão.

"Caleb era ótimo com crianças pelo que me lembro," diz ele e meu coração se aperta. "Sempre sorrindo, sempre feliz e brincalhão. As crianças sempre estavam ao seu redor." Sua mão chega até meu rosto e o polegar pressiona contra o canto da minha boca. "Então estou supondo que a chave é ser feliz e sorrir sempre na presença de uma pessoa minúscula."

Engulo em seco. "Eu não acho que isso se aplica a recém-nascidos."

Seu polegar permanece por um momento antes dele o retirar. "Nós vamos descobrir." Nós? "Não há muitos lugares nas proximidades que vendem móveis adequados para um bebê. Vou levá-la para a cidade na próxima semana."

"Móveis de berçário são realmente caros, Nathan," digo calmamente.

"Eu tenho dinheiro, além disso, quando conseguir recuperar o fundo fiduciário de Caleb você poderá me pagar de volta." Ele pisca e meu coração vibra de alegria.

"Como você vai fazer isso?"

Ele sorri maliciosamente. "Vou levar meu pai ao tribunal."

Minha boca se abre. "Apenas pelo fundo fiduciário de Caleb?"

"Sim e o meu, eles são o que nosso avô nos deixou, não o que meu pai nos deu. A única razão pela qual podia tocá-los é porque fomos estúpidos o suficiente para mantê-lo em suas contas originais. Meu pai foi colocado como tutor em ambas as contas para supervisioná-las antes de nos tornarmos maiores de idade. Nunca pensei que faria algo tão cruel." Ele se aproxima da pequena mesa onde normalmente deixa suas

chaves e abre uma pequena gaveta embaixo dela. Eu vejo como folheia um monte de envelopes antes de encontrar o correto e enfiá-lo no bolso. “Não é uma grande quantia, mais é alguma coisa.”

“Uau.” Eu não sei o que dizer. “Então, essa casa costumava ser do seu avô?” Ele acena com a cabeça em resposta. “Por que ele deixou para você e não para Caleb?”

“Culpa,” ele diz, com seu tom profundo e perigoso.

“Culpa?”

“Sim.”

Eu espero que ele explique, mas ele não faz. “Ok. Você... humm... quer fazer alguma coisa?”

Ele parece lamentar por um momento. “Eu realmente tenho que ir para a cidade para supervisionar algumas coisas.”

“Oh, tudo bem.” Dou um passo longe da porta. “Bem, dirija com cuidado.”

“Você não vai me perguntar por quanto tempo vou ficar fora?” Ele parece surpreso por um momento, mas sua máscara neutra rapidamente volta ao lugar.

“Você me disse para respeitar sua privacidade,” respondo e giro uma mecha de meu cabelo em torno do meu dedo. “Tenha uma boa viagem.”

Ele agradece e alcança a porta, mas para antes que sua mão toque a maçaneta. “Eu vou voltar tarde da noite.”

“Deixarei seu jantar no forno.”

Os seus olhos me queimam, com uma emoção que não posso ler e não me importo de explorar mais. “Obrigado.”

Eu começo a ir para as escadas quando ele chama meu nome. Estremeço e olho para trás por cima do ombro. O que

ele quer agora? Os seus olhos castanho-claros permanecem em mim pelo que parece ser muito tempo “Você tem uns gravetos em seu cabelo.”

Minha boca se abre enquanto minhas mãos procuram freneticamente pelos ditos gravetos. Quando consegui encontrar o último e soltá-lo, Nathan já foi embora.

Ele não poderia ter me dito isso quando estava parado bem na minha frente? Ou talvez seja por isso que estava tão perto. Talvez ele quisesse tirar.

Não.

Eu corro até meu quarto e imediatamente tiro a foto de Caleb do meu bolso. Pegando uma etiqueta, cubro sua parte nua. Quero ver seu rosto, o resto não me importa.

Ele parece miserável e isso machuca meu coração. Os pais podem ser bastardos. Minha mãe tem fotos de mim nua e eu costumava gritar com ela quando ela mostrava aos meus amigos. Ele também parece adorável, sua íris quase chocolate está brilhando tanto, considerando que esta foto mais provável tenha sido tirada por uma velha máquina fotográfica Polaroid.

“Eu sinto sua falta, querido,” digo suavemente e toco a bochecha gordinha dele. “Eu me pergunto se Caleb Junior se parecerá com você. É errado que eu queira que ele tenha mais traços seus do que meus? Não sei o que vai doer mais, se ele se parecer fisicamente com você ou não. Se for parecido, serei constantemente lembrada do que nós dois perdemos. Se não, não vou conseguir olhar para o seu rosto todos os dias para o resto da minha vida.” Eu dobro a foto e coloco no meu bolso.

Lágrimas enchem meus olhos quando imagino meu falecido noivo atrás de mim, movendo os cabelos do meu pescoço como fez tantas vezes e colocando seus lábios no local que antes tocou. Cada vez que fazia isso eu tremia e minha pele se arrepiava. Minha calcinha se dissolvia em segundos e,

normalmente, sua mão cobria minha cintura e deslizava entre minha calça e minha calcinha.

Só de pensar nisso arrepios me cobrem de maneiras que não deveriam. Minha própria mão segue a trilha que as mãos de Caleb seguiram tantas vezes. É mais difícil com a minha barriga no caminho, então abro o botão do meu jeans e mergulho meus dedos diretamente na umidade que escorre da minha buceta. Uma respiração aguda sai quando imagino a mão de Caleb tocando naquele núcleo sensível. Eu faço exatamente da mesma maneira que ele costumava fazer, circulando lentamente, pegando o ritmo enquanto sua outra mão se aproximava para provocar meu mamilo. Minha mão segue este movimento e aperto meu peito inteiro em uma mão, ainda provocando meu clitóris com a outra.

Uma queimação se espalha através de mim e minha mente transmite como seria ter seus lábios e língua provando meu pescoço, enquanto meus ouvidos seguem ouvindo palavras que uma vez foram faladas, mas não são mais.

Começa no meu clitóris antes de se espalhar em torno de todos os pontos sensíveis do meu corpo. Meus mamilos ficam eretos; neste momento ele pressionava o polegar como um botão antes de rolar gentilmente entre o polegar e o indicador.

Um grito estrangulado escapa enquanto me aproximo do orgasmo, minha mão tocando rapidamente. Eu quero empurrar meus dedos para dentro, mas não posso alcançar, minha barriga não deixa.

“Oh Deus,” suspiro e continuo meus movimentos.

Meus olhos parecem escurecer com o prazer e o formigamento se concentra em um lugar na parte inferior do meu estômago. Eu ofego e esfrego mais forte, disposta a explodir.

Quase caio de joelhos, mas consigo libertar a mão que provoca meu seio e para me apoiar na escrivaninha. “Ah,” grito enquanto minha respiração sai entrecortada e o clímax explosivo me rasga, despedaçando meu corpo em pedaços antes de finalmente juntá-lo de volta com o prazer persistente que dura alguns segundos depois.

Com um último tremor, caio no chão e choro. Meu corpo exausto e saciado, mas meu verdadeiro desejo não está satisfeito e nunca será novamente.

Tem sido um tempo desde que senti vontade de gritar, mas agora a necessidade é quase insuportável.

Em vez disso cambaleio para o banheiro, ligo o chuveiro e entro sob o jato de água fresca sem remover as roupas. Eu nunca deveria ter feito isso, nunca precisei fazer isso antes. Caleb sempre foi quem me acendia e me saciava. Toda vez.

Nem uma única vez durante toda a nossa relação, nunca me masturbei.

Agora me sinto culpada e suja. Por que fiz isso? Eu nem deveria estar me sentindo excitada depois de tudo o que aconteceu. Sou uma idiota.

Idiota e estúpida.

Estou solitária.

Estou solitária e cansada, cansada de ficar sozinha.

15

Eu me lembro quando Sasha me disse que se eu me perdesse na escuridão nunca seria capaz de sair. Ela tinha razão, mas também estava errada. Caleb era minha luz. Claro que há uma escuridão de que eu não posso sair, mas não porque me perdi, mas porque eu perdi Caleb.

A semana se arrasta e nada novo ou emocionante acontece. Eu continuo cozinhando para um homem invisível e ajudando Jeanine com a limpeza. Procuro fotos, bilhetes e outras coisas que possam provar a mim que Caleb uma vez existiu e correu por esta casa.

Infelizmente não encontro nada ainda e estou começando a desejar não ter começado a procurar em primeiro lugar. O nível de desapontamento que sinto cada vez que não encontro nada só me empurra mais para dentro da escuridão.

Na terça-feira fui para a cidade imprimir um monte de fotos do meu telefone, desejando ter feito isso antes. Isso me traz uma pequena quantidade de alegria e uma quantidade ainda maior de frustração, porque não consigo ficar olhando para elas. Elas estão em minha cômoda em um envelope fechado, juntando poeira que não existe nesta casa e perfumando com a água sanitária.

Parte de mim esperava que fôssemos fazer compras para o bebê na semana passada. Não. Ou Nathan esqueceu ou ele mudou de ideia ou talvez tenha estado ocupado. Eu não sei e nem quero perguntar.

Seu humor nunca é estável e não posso pressioná-lo.

Por que é tão recluso? Isso não pode ser saudável.

Não é da minha conta.

Por que critico tudo quando Nathan aparece na minha cabeça? Não faço isso com ninguém mais. O que tem nele que me faz querer protegê-lo e estapeá-lo ao mesmo tempo?

Ele é um enigma.

* *

Eu consigo sair da cama logo depois das nove, às nove e meia estou pronta para descer. Às dez eu tenho o meu café da manhã servido, mas não tenho nenhuma esperança que estarei almoçando com qualquer um hoje. Jeanine não trabalha aos sábados e não vejo Nathan desde a semana passada.

O bebê se agita na minha barriga. É extremamente desconfortável.

Com um suspiro pesado me inclino para trás e puxo para cima minha blusa, revelando a pele esticada. A superfície brilhante se movendo como membros escondidos pressionando para cima.

Isso é realmente estranho.

Eu posso ver. Não claramente, mas definitivamente posso ver.

“CAL...” Eu começo a gritar e mordo minha língua para parar. “NATHAN!” Eu grito em vez disso. Ele não responde então grito mais alto.

“Sim?” Ele grita e ouço seus passos ao longo do primeiro andar.

Eu espero por ele na base da escada. “Você tem que ver isso. É como algo saído do filme Alien.”

“O que é?” Ele parece perplexo, não posso culpá-lo.

Depois de entrar na sala, eu me sento no sofá e levanto lentamente a minha blusa mais uma vez.

“O que você está fazendo?” Nathan parece em pânico.

Eu sorrio e aceno para que ele chegue mais perto “Olhe!” Toco minha barriga e presto atenção enquanto novamente se agita e move-se ligeiramente. “Não é estranho?”

Ele se ajoelha em um joelho entre minhas pernas para olhar mais de perto, com a sobrancelha franzida. “Isso é definitivamente estranho.”

Eu bufo e coloco minha mão no alto da barriga, sorrindo enquanto sinto os chutes e vendo por baixo da minha pele.

“Eu posso?” Ele pergunta, suas sobrancelhas ainda levantadas.

Encolho os ombros. “Claro.”

Ele passa a língua por seu lábio inferior, e estende uma mão enluvada para frente e a coloca em minha barriga. O bebê se contorce novamente e sua mão se move para longe no mesmo segundo. Ele flexiona os dedos e desta vez coloca as duas mãos na minha barriga. “Isso é incrível,” ele diz e acaricia suas mãos revestidas pela luva por toda a barriga. Seus olhos brilham quando encontram com os meus. “Dói?”

“É uma sensação nova, então é um pouco desconfortável,” admito e observo quando Nathan continua a sentir o movimento do bebê. “Seu cabelo precisa de corte,” digo, estendendo a mão para colocar as longas mechas escuras para trás de sua orelha. Que quase imediatamente voltam a cair, está quase no comprimento que Caleb costumava usar. “Você está escondido em seu quarto por muito tempo.”

Os seus dedos deslizam por cima dos meus. Eu inalo uma respiração aguda. O que ele está fazendo?

Ele encaixa nossos dedos em torno da barra da minha blusa e lentamente a desliza sobre a minha barriga. Seus olhos voltam para os meus e me olham intensamente. “Vamos sair.”

“Para onde?”

“Para a cidade. Ficaremos para passar a noite.”

“Certo,” eu exalo, querendo desviar os olhos, mas não tenho força de vontade para fazer. “Por quê?”

“Compras para o bebê, você só tem quatro meses.”

“Quatro meses e duas semanas,” eu o corrijo.

Ele revira os olhos. “Não se apegue a detalhes.”

“Ugh, minha mãe costumava dizer isso para mim,” murmuro e deixo ele me puxar do sofá.

“Fique aqui, eu vou fazer nossa mala.”

“Nossa?”

Ele me dá um aceno rápido antes de deixar a sala. Como ele sabe o que eu preciso? Estou um pouco desconfortável com ele mexendo em minha gaveta de calcinhas.

Com esse pensamento, subo correndo as escadas até o meu quarto, onde há uma mala aberta na cama e Nathan está andando de um lado para o outro, colocando as coisas perfeitamente. “Isso é estranho.”

“Eu disse para você esperar lá embaixo.”

“Eu não pude resistir o desejo de ver você fazer minha mala. É um pouco estranho.”

Ele faz uma carranca para mim, enquanto dobra um vestido. “Caleb nunca fez uma mala para você?”

“Sim, mas...”

“Então por que eu não posso?”

Ele está falando sério? “Você está falado sério?”

“Sim.”

“Porque eu estava... você sabe... com Caleb.”

Os lábios dele se contraem. “Você estava o que com Caleb?”

Eu o vejo colocar uma blusa em minha mala, e minhas bochechas esquentam. “Eu acho que é bastante óbvio, considerando a minha situação.”

Ele solta uma risada, seus olhos chocolate brilhando com humor. “Se você não estivesse grávida, eu pensaria que é virgem.”

Engasgo. “Eu... Esta não é uma conversa normal. Além disso, fomos todos virgens uma vez, não é nada para se envergonhar.”

Sua mão se detém no zíper na metade da mala e um olhar sombrio chega em suas feições. “Sim. Uma vez.”

“Vamos? Ou você gostaria que eu arrumasse sua mala para você?” Estou brincando, obviamente, mas acho que ele não sabe disso, porque sua sobrancelha sobe. “Não há nada que eu deseje mais que ficar remexendo sua gaveta de cueca.”

“Eu estava apenas tentando ser legal, além disso, realmente não olhei. Eu só vi.” Ele suspira e coloca minha mala em seu ombro.

“Isso é o que todos dizem.”

“Quem?” Ele realmente não parece interessado, mais irritado e entediado de minhas provocações.

“Homens sempre são pegos revirando a gaveta de calcinhas,” brinco e bato o cotovelo no seu braço.

Ele suspira de novo e me dá um leve empurrão em direção às escadas. “Depressa antes que eu mude de ideia e lhe dê uma caixa de papelão e uma única fralda para viver.”

“Ai.” Eu sorrio e vou para as escadas. “Vou esperar no carro.” Ele acena com a cabeça e me lança as chaves, suspirando mais uma vez quando não as pego. Elas rolam para baixo das escadas antes de deslizar ao longo do chão alguns centímetros.

“Lançamento ruim,” comento antes que ele possa me dizer que sou péssima em coordenação motora.

O que eu sou, mas ele não precisa esfregar na minha cara.

Ele responde com um zombar de descrença enquanto as recolho do chão e saio correndo da casa. O ar está frio hoje, um sinal que o outono logo estará em cima de nós. Não me importo tanto com o outono, é o inverno que não suporto. Eu sou mais uma menina de dias quentes da praia. Ou costumava ser, pelo menos. Não mais. A emoção de tudo isso parece bobagem agora, quando eu não tenho a minha pessoa favorita no mundo.

Logo terei outra pessoa. Subo no carro acariciando minha barriga. Eu me pergunto se dar à luz, se o bebê, vai tirar a dor. Talvez preencha esse buraco no meu coração.

* *

Nathan entra no carro dez minutos depois e partimos para a cidade. Desta vez, leva apenas uma hora e meia; o tráfego não está muito ruim.

Estou tão animada quando chegamos lá, que mal o deixo parar o carro antes de sair para o lado dele. Isto será uma grande coisa para se concentrar. Além disso, que mulher não quer decorar um berçário?

"Qual será o quarto o do bebê? Nós não discutimos isso," eu pergunto enquanto coloco a mão em seu braço e permito que ele me guie ao longo da rua movimentada.

"Há mais dois quartos no seu andar. Escolha o que quiser."

"Qual quarto era do Caleb?"

Ele olha para mim, seu rosto uma máscara em branco. "Ele não tinha um quarto."

"Não?" Isso parece um pouco estranho. "E você?"

"Eu também não. Estou no quarto que era do meu avô, embora tenha reformado quando me mudei."

Eu mastigo o interior da minha bochecha por um momento, me perguntando se devo ou não pressionar mais. Claro que eu deveria. É da minha natureza pressionar. "Vocês dois eram próximos?"

"Essa é uma forma de dizer," ele murmura conspirativamente. "Aqui."

"Esta é uma loja de marca." Volto meu olhar para cima onde a enorme placa diz 'Baby Dreams' o sonho da mulher grávida e o pesadelo do pai. "Isso é demais."

"Eu posso pagar," ele afirma e me puxa pelas portas automáticas.

Imediatamente sou saudada por um sopro de ar fresco dos ventiladores no teto, mas não é isso que me faz tremer, é a própria loja. Estou no paraíso dos bebês.

“Eu deveria ter feito uma lista,” murmuro enquanto dou alguns passos cautelosos para frente.

“Vamos começar com as coisas grandes e seguir passando para as menores.” Soltando seu braço, caminho em direção à seção onde ficam as decorações em uma única parede atrás de cada coisa.

São todos tão bonitos e aconchegantes. Mal posso esperar para começar a colocar papeis de parede.

“Eu adoro isso,” digo enquanto os meus olhos imediatamente se aproximam de uma parede de cor verde diferente com padrões de árvores brancas chegando ao topo. O mobiliário é marrom escuro e brilhante e estou apaixonada. “Realmente amo isso. É neutro e é... santa... mãe de...” Começo a gaguejar quando vejo o preço. Não é extremamente caro, mas é muito mais dinheiro do que eu considerava gastar apenas na mobília.

“Você tem certeza?” Ele sorri para meu olhar de assombro. “Você tem certeza.”

* *

Três horas depois, meus tornozelos incharam, então vamos a um restaurante próximo para almoçar. Nathan não disse muito, embora tenha insistido em ter mamadeiras de vidro para o bebê, porque tudo o que é feito de plástico é nocivo. Eu nem mesmo tive permissão para comprar fraldas descartáveis, mas não me importo com as laváveis; elas são muito práticas e duram muitos anos. Elas têm pequenos broches de pressão em vez de velcro e podem ser ajustadas conforme o bebê cresce.

Inclusive ele ainda me fez encomendar toalhas umedecidas, completamente livres de toxina e fragrância.

Depois de um tempo o deixei assumir. Eu não estava em qualquer posição para argumentar vendo que ele tinha feito muita pesquisa e eu claramente não tinha. Estava feliz que pelo menos um de nós sabia sobre o que estávamos falando. Ele não quis nem mesmo considerar o uso de leite em pó e insiste que a amamentação é melhor, o que é correto, mas também irritante. Estava decidida a amamentar de qualquer maneira, mas não gosto que me digam o que devo fazer.

Estou feliz com o que compramos, não consigo pensar em nada mais que precisamos agora. Em segundo lugar, não posso esperar até que seja tudo entregue e possa ver tudo montado.

Algo mais que vou esperar com impaciência.

Estamos sentados em uma mesa na parte de trás do restaurante, fora da vista dos outros. É uma cabine, e eu tenho que empurrar a mesa para caber no interior, que é irritante, mas logo me animo quando vejo o cardápio. É muito diverso e estou morrendo de fome.

“Pediu comida suficiente?” Ele brinca, deslizando mais perto de mim.

Nego. “Eu quero sobremesa também.”

“Peça o que você quiser.” Sorri e olha para a minha barriga. “É a única vez de sua vida que você tem uma desculpa para comer como um homem muito grande.”

Eu rio disso e repouso minha testa em seu ombro. “Sabe? Eu nem consigo lembrar do porquê estava brava com você antes.”

Sua bochecha esfrega contra meu cabelo e eu instantaneamente me lembro de nosso tempo na roda-gigante. “Bom, eu não gosto quando você está brava.”

“Então pare de me irritar.” Inclino a cabeça para trás e olho para ele através dos meus cílios. “Você pode lidar com isso por mais de algumas horas?”

“Eu tentarei,” ele responde calmamente e pressiona os lábios contra minha testa. “Você sempre cheira a baunilha.”

Humm... “É o xampu que eu uso, e a loção para o corpo.”

“É bom,” ele murmura. Eu sinto sua mão deslizar sobre o banco almofadado entre nós, seu dedo mindinho chegando tão perto do meu que posso sentir o couro fazer cócegas nos pelos minúsculos. Minha mão se aproxima, apenas ligeiramente.

A garçonete vem e por alguma razão eu me afasto depois de sentir uma pontada de culpa por estar tão perto de outro homem. O que há de errado comigo?

Ficamos em silêncio depois de fazer nossos pedidos. Nathan olha algo em seu telefone e eu torço os polegares esperando a comida chegar.

“Oh meu Deus, Nathan?” Um grito agudo vem de uma mulher desconhecida com cabelos ondulados escuros e um sorriso mais amplo do que o próprio mundo. “Quando Tracey ligou...”

Nathan olha para a mulher por um momento. “Diane?”

“Humm... sim.” Ela põe as mãos nos quadris e bate o pé como uma criança. “Você se lembra de mim, não é?”

“Lembra?” O provoco e ele me dá um olhar sombrio.

Os olhos dela imediatamente vêm em minha direção e o seu sorriso desaparece. Eu sou quase invisível. “Quem é sua amiga?”

“Não é da sua conta,” ele rosna e se inclina para frente. “Posso te ajudar com alguma coisa, Diane?”

Eu me encolho em meu assento. Isto é constrangedor.

Ela hesita por um momento. “Não, eu só queria dizer oi.”

“E quem foi que te disse que eu estava aqui?” Ele está definitivamente irritado.

A garçonete escolhe este momento para trazer a nossa comida, eu agradeço em um sussurro. Ela sente a atmosfera tensa e silenciosamente se afasta. Não a culpo. Eu sinto vontade de me esconder debaixo da mesa agora.

“Tracy me ligou; ela viu você entrar. Embora não tenha mencionado a garota.” Ela acena para mim e faz uma carranca. Levanto os dedos cumprimentando-a com o símbolo da paz e amor, e volto a olhar para a minha comida. Devo começar a comer sem ele? Sim, eu devo.

“Certo, bem oi, Diane.” Ele lhe dá um olhar aguçado. Ela simplesmente não entende. “Adeus, Diane.”

Finalmente ela parece sair de seu estupor. “Me ligue.”

“Sério?” Eu posso sentir a raiva dele. Ooh, a garçonete me trouxe molhos em pequenas panelas atraentes. “Eu poderia estar sentado aqui com minha esposa.”

Ela olha para mim. “Você é a esposa dele?”

Abro minha boca para responder, mas penso melhor e continuo provando os molhos com as batatas temperadas.

“Você precisa ir.” Nathan adverte, seus olhos se estreitam. “E da próxima vez que você me vir, não me cumprimente.” Ai, isso deve doer.

A boca dela cai aberta e dor cintila em seus olhos. “Uau. Que idiota. Eu estava apenas dizendo olá.”

“E então você me disse para ligar para você na frente da minha esposa grávida.” Espera... o quê?

Ela olha para mim, suas sobrancelhas levantadas. “Você é a sua esposa grávida?”

Eu abro minha boca para responder, mas Nathan me interrompe. “Pare de falar com ela.”

“Vou falar com quem eu quiser. Só porque nós fodemos não significa que você tem qualquer tipo de autoridade sobre mim.”

Nathan fecha os olhos brevemente e deixa sair uma respiração.

Levanto uma asa de frango na frente de Nathan. “Quer um pouco?”

“Em um segundo.” A mão dele vai para o meu pulso e lentamente abaixa de volta para a mesa. “Você terminou?”

“Definitivamente,” Diane resmunga e se vira em seus calcanhares. “Você não era tão bom de qualquer maneira.” Então ela olha para mim. “Boa sorte tendo uma vida sem oral.”

Então ela sai e não posso me segurar mais. Eu rio e rio. Eu rio mais do que há muito tempo e, pela primeira vez, não me sinto culpada por isso. “Uma vida sem oral, hein?”

“Cale-se.” Ele rosna.

“Vou ter que me divorciar de você por essa razão,” eu deixo escapar através do meu riso e deslizo para baixo do meu assento um pouco.

Ele balança a cabeça, mas vejo seus lábios se esticarem em um sorriso. “Isso não é engraçado.”

“Oh, é totalmente,” eu ofego e continuo rindo. “Melhor almoço que tive há muito tempo.”

“Estou quase certo de que não gosto mais de você,” ele acrescenta, mas seu corpo começa a tremer ao lado do meu. “Pare de rir, é contagioso.”

Eu finalmente me acalmo, um sorriso ainda permanece no meu rosto. “Você é adorável, Nathan.”

Ele rola os olhos. “O que todo homem deseja ouvir. Coma suas asinhas.”

“Quer uma?”

“Não, obrigado,” ele diz depois de um momento. Nós comemos em silêncio. Ofereço minhas asas ocasionalmente, que eu tanto desejava misturada com mais comida. Então fico chocada quando ele de repente diz, “Se ela odiou tanto por que iria me dizer para ligar?”

“Na frente de sua esposa grávida,” acrescento e começo a rir novamente.

Ele ri por um tempo antes de ficar sério. “Bem, pode ser verdade. Essa mulher não tem modos.”

“Quem era ela?”

Ele encolhe os ombros e vira para mim. “Apenas uma garota com quem saí há meio ano.”

“Quantas vezes?”

“Uma,” ele admite. “Eu acho.”

“Você é repugnante,” rio e termino a minha última mordida em minha comida.

“Não tanto quanto Caleb.” Ele imediatamente lamenta suas palavras, vejo isso, mas não faz nada para aliviar a dor aguda que corta meu coração. Seu rosto fica sério e suas mãos

vêm ao meu rosto. “Me desculpe, eu só estava brincando. Eu não queria...”

“Está tudo bem,” o interrompo e abaixo o meu rosto para que ele não veja as lágrimas ali. “Deveríamos ser capazes de falar sobre ele. Não podemos continuar fingindo que ele nunca existiu.”

Os seus olhos varrem meu rosto e sua língua atravessa seu lábio inferior. “Sobremesa?”

“Passo,” respondo e empurro meu prato quase vazio para longe. “Estou cheia.”

“Eu também. Vamos.”

* *

Espero que ele deslize para fora antes de me juntar a ele, que estende a mão e eu imediatamente dou-lhe o meu pulso.

Espere... “Quem é Tracy?”

“Desculpe?” Ele olha para mim, uma expressão confusa em seu rosto.

“Essa mulher, Diane, disse que Tracey lhe disse que você estava aqui. Quem é Tracey?”

Ele pensa nisso por um momento, seus dedos enluvados coçam seu pescoço.

Eu rio outra vez. “Você não sabe, não é?”

“Não.”

“Sua memória é pior do que a minha.”

“Eu só me lembro de pessoas e coisas que eu quero lembrar.” Seus olhos pousam em mim e não posso evitar, mas

sinto que ele está tentando me dizer algo com aquilo. Seus olhos ficam nublados com alguma memória que vem à sua mente. Eu me pergunto o que é, mas não questiono. Isso é algo que não vou cutucar. Seus pensamentos são seus. “Vamos ter aquele passeio pela cidade como prometi, mas nunca consegui cumprir.”

“Eu gostaria muito.” Sorrio suavemente para ele.

16

"Acho que meus amigos Tommy e Sasha querem vir visitar. Durante os feriados, talvez." Passo os dedos sobre o ursinho de pelúcia do Toy World. "Isso seria um problema?"

"Durante o dia?"

"Durante o dia e noite." Pego um de girafa e coloco na cesta que Nathan está carregando.

"Não vejo como seria um problema, nós temos espaço. Contanto que seja apenas por uma noite. Eu ainda estou me acostumando a ter você por perto."

Pego um chocalho estranho com uma bolha de plástico cheio de água. Nathan tira de mim e coloca de volta na prateleira. É então me dou conta que a girafa se foi também. "Sério?"

"São perigosos, risco de asfixia."

"São para os dentes e pelúcia, maníaco por controle." Rolo os olhos. "E obrigada, vou dizer a eles que podem vir. Vai ser bom vê-los. Devo muito a eles depois de tudo o que fizeram desde que Caleb morreu."

Ele coloca o braço ao redor dos meus ombros. "Eu não consigo imaginar o que você passou, o encontrando daquela maneira."

"Eu não o encontrei," murmuro, disposta a dizer as palavras. "Ele morreu em meus braços. Eu estava esparramada em seu peito como costumava fazer, quando

acordei. Isso não é encontrá-lo. Se eu o encontrasse, teria sido muito mais difícil."

"O que você quer dizer?"

"Os seus últimos momentos foram comigo e nosso bebê, confortáveis na nossa cama. Se eu fosse morrer, gostaria que fosse assim, abraçando o homem que eu amo, enquanto dorme pacificamente."

Ele pega a girafa e volta a colocá-la na cesta. Eu quase sorrio da sua tentativa de me animar. Foi sutil, mas ainda uma tentativa e sou grata por isso. "Você acha que vai se apaixonar de novo?"

Uau. "Não. Eu não posso dar uma parte de mim que ele levou com ele."

"Talvez um dia." Sua cabeça está abaixada, olhando para algum brinquedo de banho para crianças, então não posso ver seu rosto para compreender o motivo de estar me fazendo essa pergunta. Talvez ele esteja preocupado em trair seu irmão antes que suas cinzas tenham uma chance de esfriar.

"Eu prometi a ele que nunca o deixaria..."

Desta vez, sua cabeça se levanta. "Você prometeu isso?"

"Sim."

"Eu tenho certeza que essa promessa se tornou inválida quando ele faleceu, Gwen."

Eu encolho os ombros. "Ainda é válida para mim."

Ele pisca, seu rosto com uma carranca. "Vamos, esse lugar cheira a suor e crianças."

"Eu sei, certo? É um alívio em comparação ao habitual cheiro de cloro da casa," eu brinco.

"Você vai se acostumar."

"Curiosamente, Jeanine disse isso quando eu cheguei pela primeira vez."

***

Ficamos no mesmo hotel de quando visitamos a cidade na última vez, ele deve ter feito reservas antes de chegarmos, porque quando entramos duas chaves nos são entregues e subimos direto. Comemos e tomamos banho. Este último sendo separados, obviamente. Eu faço sua cama no sofá enquanto ele está no chuveiro e subo na cama enorme, tamanho King, sentindo-me um pouco culpada por usar a cama, mas me recupero depois ficar sobre ela, afundar no colchão e gemer com prazer.

Meus olhos se fecham e desta vez adormeço antes dele sair do banheiro.

* *

"Guinevere?" Ele me chama com a voz baixa enquanto derivo entre dormir e acordar. Seus passos se aproximam. "Gwen?"

Surpreendo-me quando a cama abaixa bem ao meu lado, mas consigo manter meu rosto relaxado. Não sei qual o motivo, mas não olho para ele, minha curiosidade sempre foi uma falha. Agora estou curiosa sobre o que ele quer, mas por alguma razão sei que não vou ter a verdadeira resposta se estiver acordada.

“Gwen?” Sua voz é quase silenciosa e muito mais perto do que um momento atrás. Seu calor penetra através da espessa colcha e dentro de mim, meu estômago vibra. Sinto o couro liso que cobre as pontas do seu dedo trilhar acima de meu braço e descer pelo cotovelo até o interior do meu pulso. Meu braço sente um formigamento e surgem arrepios sobre a pele que ele toca.

Ele se inclina para frente, desta vez meu fôlego se agita. Seu rosto se aproxima do meu. Posso sentir seu hálito de hortelã em toda a bochecha. Meu coração corre mais rápido do que antes, eu me pergunto se ele pode ouvi-lo.

Meus pensamentos são uma confusa bagunça.

E meu mundo inteiro para quando sinto seu nariz sobre o meu, ele se move suavemente até a ponta antes de lentamente voltar para baixo. Um toque apenas lá, mas senti. Sinto em todos os lugares.

Não consigo lidar com isso. Não deveria estar acontecendo e não sei por qual motivo está. Sua mão sobe e desliza entre minha bochecha e o travesseiro. Ele levanta meu rosto tão ligeiramente, seu nariz agora contra a lateral do meu rosto.

“Gwen?” Ele sussurra, sua voz soa dolorida.

O que ele está fazendo?

O pânico me invade quando sinto seu lábio superior roçar no meu.

Sua própria respiração acelera quando sinto seu lábio inferior tocar o meu.

“Não,” imploro, e agora abertos, meus olhos queimando.

Seus olhos se arregalam em uma fração enquanto encaram atentamente os meus. Minha mão sobe e pega seu

pulso e enquanto lentamente me empurro para a posição sentada, movo seu pulso para longe.

"O que você está fazendo?" Eu digo, mantendo minha voz baixa.

Depois de puxar seu pulso livre, ele se levanta e se vira. "Volte a dormir."

"Nathan..."

"Não," ele implora e caminha até a bolsa junto ao sofá.

Agora eu me sinto uma merda. "Nathan. Por favor..."

"Eu disse que não," ele rosna e o observo puxar uma calça jeans debaixo de uma camiseta. O som de metal clicando contra o metal me permite saber que ele está colocando um cinto.

Com movimentos cautelosos saio da cama e suavemente caminho até ele. Não sei o que vou fazer, tudo o que sei é que não quero que ele se sinta assim. E não tenho certeza do que fiz para fazê-lo se sentir assim em primeiro lugar.

O que ele estava pensando? Cristo eu estou tão brava agora, mas ele não precisa de mim gritando com ele. Nossos fios devem ter se cruzado em algum lugar ao longo do caminho. A melhor coisa que posso fazer agora é apenas tentar compreendê-lo.

"Nathan," eu tento novamente e coloco minha mão no ombro dele. A camiseta suave me impede de sentir sua pele, mas ainda posso sentir o calor se infiltrar. "Eu não entendo."

"Você não entenderia," ele diz entredentes, seu tom claramente dizendo que isso é minha culpa e ele vai guardar ressentimento contra mim.

Eu passo para frente e deslizo meus braços ao redor de sua cintura enquanto pressiono minha testa em seu ombro. “Eu sinto muito. Por favor, não brigue comigo de novo.”

Ele solta um longo suspiro e segura meus pulsos firmemente com ambas as mãos. Virando lentamente em meus braços, ele me abraça e descansa o queixo no topo da minha cabeça enquanto aperta forte.

De repente estou no ar e soltando um grito sufocado quando ele se curva e me levanta em seus braços. Ele me leva para a cama e lentamente me abaixa sobre ela. “Vá dormir,” ele sussurra e pressiona os lábios contra minha testa.

“Nós estamos bem?”

Ele não responde, só se afasta da cama. Cinco minutos depois ouço a porta fechar.

* *

Alguém aperta meu braço. Não. Eu quero dormir. “Levante, o café está servido.”

“Não me importo,” resmungo e puxo o cobertor sobre minha cabeça, sorrindo para mim mesma.

“Vamos.” Ele diz e tenta puxar o cobertor para longe.

“Não. Coma você.”

Ele ri. Como senti falta dessa gargalhada. “Então vou entrar ai com você e então nenhum de nós vai comer o café da manhã que fiz. Apenas para você.”

“Vá embora, Caleb.” Eu lamento e o deslizar na cama atrás de mim. “Você provavelmente só fez cereais de qualquer maneira.”

Ele bufa, fingindo estar ofendido. “Não.”

“Torradas então.”

“Droga, você me conhece muito bem.” Ele corre os lábios sobre a curva do meu pescoço, sua mão descansando contra minha barriga, movendo-se. “Eu sinto falta disso.”

“Eu também,” digo calmamente e me viro para encará-lo. Os seus olhos castanhos claros brilham no escuro, trazendo lágrimas para o meu. “Eu te amo.”

“Eu te amo também, Gwenny.” Ele envolve seus braços apertados em torno de mim, sua face pressionada contra a minha. Eu amo a sensação de sua respiração contra minha orelha, faz meu corpo vibrar da maneira mais deliciosa. “Você é perfeita como é. Não mude nunca. Nunca me deixe. Nunca. Eu sei que é egoísta, mas eu...”

Meu coração começa a martelar quando o rosto saudável de Caleb se distorce por um momento, e de repente estou olhando para os olhos de um homem doente.

“Nunca vou deixar você,” prometo. “Apenas faça o mesmo. Não me deixe.”

“Eu te amo,” ele diz, os olhos se enchendo de lágrimas. Elas caem quando ele pressiona sua boca na a minha. “Tanto.”

“Então por que você me deixou?”

“Eu quase esqueci.” Ele sorri e acaricia meu corpo. Eu sinto seus lábios pressionando contra minha barriga crescida. “Amo você, bebê Weston.”

“Caleb.” Eu alcanço para puxá-lo para mim. Minhas mãos não encontram nada além de ar. “Caleb!” Eu tento me sentar, mas algo pesando. *Não, eu quero ir com ele. Deixe-me ir com ele!*

* *

Meu corpo se sacode, como uma corrente elétrica através das minhas pernas e coração. Sento-me, encarando um quarto escuro com o suor pingando da minha testa. O espaço na cama ao meu lado está vazio e minha dor retorna dez vezes. Sinto que acabei de perdê-lo novamente.

Nathan dorme pacificamente no sofá enquanto ainda está escuro. Eu não quero acordá-lo, mas não posso ficar nesta cama, então levanto e vou para o banheiro para respingar um pouco de água no meu rosto. Não me refresca muito.

Sento-me na tampa do vaso e descanso a cabeça em minhas mãos, o cabelo cai em torno de mim em uma cortina preta, fechando o mundo lá fora e prendendo a dor. Lágrimas agrupam em meus olhos e quando pisco, a primeira lágrima cai e depois outra. Elas picam meu rosto fresco. Outro lembrete de que sou uma bagunça solitária com sérios problemas. Minha dor é maior que qualquer momento que senti durante os últimos dois meses, embora isso não é muito vendo o quão mal eu me senti.

A maçaneta da porta é puxada para baixo e a porta se abre. “Gwen?” Nathan diz e se agacha diante de mim. Suas mãos vão para meus pulsos, estou cega pela luz quando ele puxa minhas mãos longe de meu rosto. “O que há de errado?”

“Nada.” Eu inalo uma respiração profunda, esperando que minhas emoções se acalmem. “Eu só preciso de um minuto.”

“Isso é por causa de antes?” Ele parece chateado. “Porque eu sinto muitíssimo por...”

Eu nem quero pensar nisso agora. “Não. É... não é por isso que estou chorando.”

“Então por que você está chorando?”

“Estou sempre chorando, Nathan,” eu admito e enxugo meus olhos com um pedaço de papel.

De pé, afasto-me dele e paro em frente a pia, descansando meu peso sobre as mãos que agarram a borda.

“Fale comigo,” ele implora e está atrás de mim. Olho para ele através do espelho, através dos meus olhos inchados.

“Eu sinto falta dele.”

Ele dá um passo mais perto e corre os dedos pelo meu cabelo. Está relaxando, acalmando, mas não é as mãos dele que quero. “Eu também.”

“Por que ele morreu?” Sussurro, meus olhos ainda sobre os dele. “Você acha que ele lutou para manter-se vivo?”

“Eu acho que sim. Caleb não queria deixá-la.”

“Mas ele deixou.”

Nathan encolhe os ombros. “Eu sei e um dia você também vai embora. E eu também. Isso acontece todos os dias.”

“Eu sei disso, eu sei que isso acontece. Eu só... nunca aconteceu comigo antes. Eu nunca perdi ninguém que amasse.” Toco a madeira. “E então eu o perdi, perdi a única pessoa que me fez sentir como... ele só me fez sentir. Ele era perfeito.”

“Ele não era perfeito, Guinevere.”

Eu faço uma carranca. “Para mim ele era e sempre será. É assim que o amor é.”

“Cego?”

Ele simplesmente não entende. “Quando você está apaixonado, aprende a aceitar tudo sobre essa pessoa que você

ama, então mesmo que pequenas coisas o incomodem, você sabe que é uma das muitas coisas que a torna quem ela é. E quando você ama tão profundamente que possa sentir em seus ossos. Que os torna perfeitos. Porque você aprecia tudo o que é e tudo o que faz."

"Acho que você é um pouco ingênua. Se isso fosse verdade, então não haveria tantas pessoas lá fora lutando contra o alcoolismo e os vícios do jogo e coisas a mais."

Eu pisco com a cegueira dele. "Isso é diferente."

"Mas você acabou de dizer..."

"Eu sei o que disse, mas não foi o que eu quis dizer. Essas são condições, doenças. Podem moldar uma pessoa, mas não são quem elas são."

"Por exemplo," ele limpa a garganta. "Se eu tivesse deixado o assento do vaso sanitário levantado, hipoteticamente, e você estivesse apaixonado por mim, você não se importaria?"

"Não."

"Mas, se eu usasse narcóticos e perdesse dinheiro em jogo você se importaria?"

"Sim."

"Por quê?"

"Porque as pequenas coisas não podem te fazer mal. Os pequenos aborrecimentos não podem feri-lo ou dificultar a sua capacidade de viver uma vida normal e, com sorte, pacífica."

Ele lambe o lábio inferior dele. "E sobre a minha condição?"

"Isso é parte de quem você é, se você decidir falar com alguém sobre isso, é sua escolha e eu lhe daria apoio, mas

nunca o forçaria a fazer. É uma parte de você e se fosse loucamente apaixonada por você, eu estaria apaixonada por sua peculiaridade também."

Ele franze o cenho, e seus olhos se estreitam. "Eu certamente não sou peculiar."

"Seja o que for," aceno com a mão, limpando as últimas lágrimas de meus olhos. "Agora você entende o que quero dizer?"

"Sim, se eu alguma vez me apaixonar, espero sentir isso, em vez de apenas ter uma noção de compreensão básica disso."

Aquilo faz meu coração doer. "Você nunca se apaixonou?"

"Não de forma recíproca, não há um monte de pessoas que apreciam a minha *'peculiaridade'*." Seus lábios se contorcem com a última palavra.

Reviro os olhos. "Acho isso difícil de acreditar."

"Você ouviu o que disse à desagradável moça." Ele sorri meus olhos vão direto para a sua boca onde os dentes brancos perfeitos brilham para mim. "Eu não faço oral."

Eu coro. Golpeio seu braço e recuo, minhas costas descansam contra seu peito. "Por que você tentou me beijar, Nathan?"

Em um segundo seu corpo vai de relaxado a tenso e seus olhos se ampliam brevemente. "Eu não deveria. Peço desculpa."

"Não foi isso que eu perguntei."

"É a única resposta que estou disposto a dar," ele responde, com um tom ríspido. Ele se afasta de mim. "Você deveria dormir."

Eu não estou cansada, mas concordo depois de me desculpar por acordá-lo. Ele diz que não importa e se retira para o sofá depois de ter certeza que estou na cama.

Minha mente é uma confusão de pensamentos. Eu não quero nada mais do que desligar meu cérebro e sua obsessão estúpida em refletir sobre tudo, mas não posso.

Eu sou realmente ingênua?

***

Decidi que o quarto em frente ao meu será o do bebê. É do mesmo tamanho que meu quarto, mas é mais estreito. Também tem um recuo na parede onde o berço deve se encaixar perfeitamente.

Agora, o quarto está em farrapos. Nathan contratou alguns caras para virem e tirar as paredes e decorá-lo da maneira exata como decorado na loja. Estou zumbindo de emoção. Uma vez que vir o quarto tudo será real. Mal posso esperar para ir para longas caminhadas com o bebê no carrinho. Mal posso esperar para trocar sua fralda e alimentá-lo. Mas principalmente, não posso esperar para voltar a ter um pedaço de Caleb, com esperanças de que vai aliviar o meu sofrimento.

“E se o médico tiver razão?” Digo a Jeanine quando abrimos as janelas, tentando nos livrar do cheiro da tinta.

“Sobre?” Ela pergunta, me dando um olhar inquisitivo.

“E se eu odiar o bebê?”

Ela solta uma risada assustadora. “Tenho certeza que ele não disse isso.”

“Não com essas palavras exatas.”

Ela solta um longo suspiro e me vira para encará-la. “Minha doce menina, não acho que você seja capaz de odiar alguém. Você é muito gentil. É uma falha, bem como uma bênção muito doce.” Seu sorriso é quente e compreensivo. “Eu tive depressão pós-parto com Julie, a minha primeira. Foi difícil, mas superei. Se acontecer, aconteceu. Não vai durar para sempre. Apenas não espere milagres.”

“O que você quer dizer?”

“Este bebê não vai trazer o Caleb de volta.” Eu odeio que ela tenha razão. “Esse bebê também não será Caleb. Se você se lembrar disso, então você deve ficar bem.”

Agora isso é algo que não tenho certeza. “Gostaria de ir à cidade pegar um café? Esse cheiro está me fazendo querer vomitar.”

“Definitivamente,” ela ri e vamos pegar nossos casacos. “Seus amigos vêm no próximo mês, não?”

Eu aceno com a cabeça. “Não posso esperar. Eu sinto falta deles.”

“Eu aposto que sim.” Ela olha para mim de lado. “Como você está? Você parece ter se animado um pouco mais do que o normal nesta semana, embora Nathan pareça estar em seu mau humor habitual.”

Voltamos da cidade pouco mais de uma semana atrás e ela está certa, o humor de Nathan tem sido horrível. Embora ele não tenha dirigido a mim, ainda sinto a intensidade de sua fúria apenas ao sentar perto dele. Eu não sei o que o está incomodando; tudo que sei é que ele atendeu algumas ligações que não terminaram bem. Sua tela de telefone tem uma grande rachadura, acredito que seja por ele jogá-lo no chão, presumo.

Sua voz vinha do seu escritório o dia inteiro. Eu não conseguia entender o que ele estava dizendo, porque era muito abafado, mas eu posso dizer que ele não era um coelhinho

feliz. Parte de mim queria ir para consolá-lo, mas sabia por seu silêncio na mesa de jantar que ele não queria compaixão.

Nathan estacionou mais adiante na calçada ontem, paranoico de que os decoradores arranhariam seu carro. Eu gostaria que ele tivesse estacionado um pouco mais perto. Eu posso ver o carro a cerca de dez metros de distância, mas é um bom metro que eu poderia evitar andar.

"Eu te encontro lá," Jeanine diz e sobe em seu próprio carro.

* *

Enquanto estamos na vila nós paramos em uma livraria. Há muito para escolher, mas nada que me interessa. Jeanine vai à loucura, empilhando livros em sua cesta antes de passar vinte minutos conversando com a menina atrás do balcão. Algo brilha do canto do meu olho, e eu imediatamente me dirijo para a prateleira e pego um diário de couro lindo com uma fivela de bronze que o mantém fechado.

"O que é isso?" Pergunto, efetivamente interrompendo a conversa delas.

"Um diário de couro que já tenho em estoque há algum tempo. Apenas vendi alguns. Acho que é o último," ela diz através da loja.

Minha mão atravessa o diário de tamanho A4; o couro é formosamente padronizado. "Quanto é?"

"Cinquenta," ela responde e eu quase engasgo.

"Cinquenta?"

"Sim, deveria ser sessenta."

Bem eu gosto de uma pechincha. Com um suspiro pesado, levo o diário ao balcão e entrego o meu cartão. Introduzindo a senha na máquina depois de uma deliberação de um longo momento, finalmente relaxo. Cinquenta libras é muito dinheiro. Há um monte de coisas que eu poderia comprar com isso.

Nathan merece isso. Ele fez muito por mim e algo me diz que vai adorar.

Ela embrulha e coloca em uma sacola para mim. Eu a levo com um obrigada e sigo Jeanine para fora da loja.

Nós nos separamos e vou para casa me sentindo um pouco melhor.

* *

Arrumando o diário de couro em algum lugar seguro no meu quarto, deito-me na minha cama e olho para o teto, minha barriga pesada saltando ao redor. Caleb nunca ficava parado, sempre se movendo. Talvez o bebê puxe isso dele.

Toc, toc, toc.

“Entre,” eu digo, ainda esparramada em minhas costas com minhas pernas ao lado da cama.

“Onde você esteve?” Nathan pergunta e fecha a porta. O cheiro da tinta parece incomodá-lo também.

“Eu só fui à cidade por uma hora,” digo em um bocejo, erguendo-me sobre os cotovelos. “Você não precisou do carro, não é?”

Ele nega balançando a cabeça. Bato levemente na cama ao lado de mim e recuo. Estou chocada quando ele se junta a mim. Sua cabeça gira em minha direção apenas a

centímetros de mim. Nós compartilhamos um sorriso, mas se desvanece quando eu gemo um pouco de dor na parte traseira de minhas costas. “O que está errado?”

“Dor nas costas,” admito e me contorço um pouco. “Está tudo bem, vai passar logo.”

Eu ouço um baque quando Nathan desliza de joelhos junto à cama. Um guincho me escapa enquanto suas mãos agarram no ponto atrás de meus joelhos e me puxam para fora da cama. Meu corpo gira até que só meu peito esteja descansando na cama e meus joelhos pousados no chão.

O que ele está fazendo? “Nath...”

“Relaxe,” ordena enquanto seus dedos cobertos erguem minha blusa nas costas.

Eu tento olhar atrás para ele, mas sua mão pressiona meu rosto de volta para a cama. Logo seus dedos começam a acariciar minha pele. Eu enrijeço momentaneamente até que eles cavam fundo na base da minha espinha e lentamente trabalham aquela área. Oh Deus, isso é ótimo.

Mal registro quando ele desliza uma almofada sob meus joelhos, porque a mão nunca para a massagem que está tirando a dor de minhas costas.

“Não pare de fazer o que quer que esteja fazendo,” eu gemo.

Eu estou babando? Acho que estou babando.

Ele se ajoelha diretamente atrás de mim para alcançar todos os pontos certos de forma mais eficaz.

Minhas pernas escorregam um pouco no chão quando relaxo mais profundo no colchão, a curva superior da minha barriga tocando o lado dele. Infelizmente Nathan está mais perto do que o previsto e se esta posição é bastante incômoda, minha bunda se conecta com sua virilha.

Ele fica tenso tosse e limpa a garganta, seus dedos ainda nas minhas costas.

“Desculpe,” sussurro e deslizo um pouco para frente.

“Sem problema,” ele parece gaguejar. Então, para piorar as coisas, ele acrescenta. “Sua pele é impecável.”

Eu pisco em choque. “O quê?”

“Sua pele,” ele repete e roça os dedos levemente sobre a curva dos meus quadris, me fazendo tremer. “É impecável.”

“É a gravidez, tem muitos benefícios.” Murmuro e movo meus quadris um pouco mais para frente. “Continue.”

Seus polegares começam a circular mais uma vez. Oh Deus. Isto é tão bom.

“Não,” ele murmura, empurrando mais profundamente em minha carne. “É só você.”

Certo, eu gosto de elogios, mas isso está me deixando desconfortável. A posição, o toque e a maneira como ele está falando... “Eu me sinto melhor agora.”

“Relaxe.” Ele pressiona minhas costas novamente e eu cedo. “O que você fez na cidade?”

“Fui pegar um café e dar uma caminhada.” Eu gemo; isso é incrível. Leva um momento para eu me recompor e continuar. “Então nós entramos na loja de livro.”

“Teve algo que gostou?”

“Sim.”

Ele espera que eu continue, não falo, eu estou intoxicada demais nessa onda de relaxamento que estou afundando; fazendo minha pele queimar e meu sangue ferver. “Fale.”

“Se eu fizer isso eu teria que me mover,” resmungo e sinto-o rir silenciosamente.

“Apenas me diga o nome do livro.”

Eu nem sei o meu próprio nome agora. “Não tem um nome; não tem nada escrito.”

“Agora estou intrigado.”

Eu sorrio no cobertor, saboreando a sensação de seus dedos circulando e arrastando através da pele de minhas costas. Arrepios cobrem cada centímetro da minha pele. Eu sinto suas coxas roçando as minhas, sem querer, eu acho; de qualquer forma, acabo sussurrando um gemido contra o tecido colorido da cama. Meus mamilos se enrijecem quando suas mãos cobrem meus quadris e sua virilha esfrega contra a minha bunda mais uma vez.

“Eu tenho algo para você,” consigo dizer querendo me afastar. Gritos ecoam através da minha mente enquanto eu castigo mentalmente o meu corpo traidor.

Desta vez ele deliberadamente se pressiona em mim, e sinto o inchaço em suas calças e ofego.

Isto está errado.

Ele age normal embora o próprio corpo esteja o traindo. Eu sinto o tremor em suas mãos enquanto explora minha pele. “Por que para mim?”

“Eu apenas vi e pensei que você gostaria. Você provavelmente não vai gostar.”

“Eu vou,” ele exala e os polegares mergulham sob a costura da minha calça, bem acima da minha bunda.

“Nathan,” advirto quando sua respiração se intensifica e ele se pressiona em mim mais uma vez.

Ele solta um gemido silencioso, quase como um lamento contra mim. Calor se acumula na minha barriga, não posso evitar. Tenho quase seis meses de gravidez, meus hormônios

estão em fúria. Eu sei que isso é errado, tão malditamente errado.

Mas por que ainda me sinto tão bem?

“Nathan.” Desta vez minha voz não é um aviso, é uma súplica.

Suas mãos rastejam pela parte externa das minhas coxas, arrastando através do tecido à medida que avançam. Eu me aperto em necessidade. Formigamentos e ardências passam por mim quando sinto um movimento da sua mão no botão da minha calça jeans. Começa a abri-los lentamente, fazendo com que minha respiração pare e o meu coração acelere.

17

Uma voz dispara em minha mente, uma que eu conheço tão bem. Uma que não existe mais.

"Meu irmão não é normal. Fique longe dele, Gwen. Certo?"

Assim como se um balde de água fria tivesse caído sobre mim, grito e pulo fora, os formigamentos e o fogo apagados agora, Nathan instantaneamente me liberta; não que ele tivesse uma chance de me agarrar com a ação súbita. Sento-me no chão, olhando para seu rosto corado e olhos castanhos selvagens. Eles vêm até mim e ele estende a sua mão.

"Não," digo, minha cabeça balançando freneticamente.

Ele se senta para trás, suas pernas dobradas na frente, suas mãos descansando sobre as curvas de seus joelhos. Nós dois olhamos um para o outro por um longo tempo, a respiração acelerada e os movimentos de nossos peitos sincronizados.

O que aconteceu?

Eu não ouso perguntar por que ele está fazendo isso, principalmente porque tenho medo da resposta.

"Gwen," ele diz calmamente diz e ficando de pé lentamente, os olhos nunca deixando os meus. Colocando a mão no ar, ele espera que eu a pegue. Não pego, eu não ouso arriscar agora. Estou sentindo ânsia em lugares que não deveria. Não confio em meu corpo. Eu não confio nele, não com

tudo que estava fazendo ao meu corpo, fazendo eu me sentir tão delirante com a necessidade.

"Aqui." Abaixo os olhos e corro para o meu armário. Escondido sob alguns lençóis dobrados está o diário que comprei para ele. As minhas mãos suavizam o papel do pacote enquanto caminho de volta para ele, mastigando meu lábio nervosamente. "Não é muito, nada em comparação com o que você já fez por mim." Eu não ia entregar a ele ainda, mas parece uma boa distração agora.

Ele me encara com uma carranca. "Você não tem que me dar nada."

"Eu quero, é o que os amigos fazem." Adiciono este último dando-lhe um olhar implorante. Veja a razão, por favor, veja a razão.

Suas pupilas se dilatam e me olham fixamente enquanto eu desvio o olhar, suas mãos tomam o presente da minha mão e ele abre lentamente afastando o papel. Espero que goste de verdade.

O silêncio se estende entre nós quando o diário finalmente chega à vista. Ele olha do livro encadernado em couro e para mim e depois de volta. Suas mãos viram antes de acariciá-lo para sentir os encaixes padronizados que compõem a capa.

"Isso é maravilhoso," ele diz sinceramente. "Você disse que comprou na livraria da cidade?"

"Sim, me chamou a atenção e pensei imediatamente em você."

Ele sorri para mim, suas maçãs do rosto ficando ligeiramente rosadas. "Obrigado."

Eu aceno. "Não me agradeça."

Os dentes dele afundam em seu lábio quando ele olha para mim. “Gwen.”

Nós somos assustados por um estrondo alto que vem do corredor. Ele suspira profundamente e assisto como os lábios dele se movem junto com a frustração.

“Eu deveria ir e verificar os decoradores,” a sua língua brinca no lábio inferior. “Vamos sair para comer, o cheiro de tinta é irritante.”

Eu sorrio com carinho. “Tudo o irrita.”

“Claro.” Ele sorri e toca minha bochecha com o polegar, eu me assusto instantaneamente, mas ele não parece ofendido. “Apronte-se.”

“Certo.” Esfrego minhas meias no chão, rezando para que seu olhar intenso não persista mais em mim.

“Quinze minutos, Guinevere.” Ele diz meu nome em voz baixa, como uma carícia suave em minha pele, antes de sair do quarto completamente.

* *

Os olhos de Caleb me encaram da minha mesa de cabeceira, fico olhando para ele por um longo tempo, imaginando seus olhos olhando para mim com acusações.

“Eu sinto muito,” sussurro, desesperada para ele acreditar que não era nada mais do que um momento de fraqueza e Nathan não é nada mais do que um amigo. Ele não acredita em mim, eu posso sentir.

Mas é verdade.

Caramba, tonta. Estranha.

Deve ser minha pressão baixa. Meus olhos ficam escuros por um momento. Eu preciso parar de ficar estressada sobre coisas pequenas, não é saudável. Caleb não está aqui, ele não vai voltar.

Mesmo que eu saiba que nunca vou deixá-lo, preciso parar de tentar tomar todas as minhas decisões pensando primeiro nele. Ele não está aqui para me responder e estou distorcendo suas respostas em minha mente para me sentir pior.

Eu mereço, mereço me sentir pior.

* *

Nós desfrutamos de um jantar tranquilo em um restaurante fora da cidade. Nathan não diz muito e nem eu. Não há muito para dizer.

Eu gasto o tempo todo olhando para tudo, exceto para ele, isso é muito estranho, então me sinto aliviada quando meu telefone toca.

“Oi?” Eu respondo, afastando-me de Nathan para me dar uma aparente privacidade.

“Eu estraguei tudo.” É a minha mãe. *Que?* “Eu nunca deveria ter expulsado você, estava tão zangada e desapontada.”

“Certo.” Eu me afasto de Nathan, sua mão sai e aperta meu pulso. Colocando minha mão sobre o alto-falante, me viro para ele. “Só um minuto.”

“Quem é?” Ele pergunta, me fazendo levantar uma sobrancelha.

Me afasto sem responder e ando para o ar frio.

“Onde você está?” Ela pergunta em um suspiro.

“Eu viajei para o sul, vou passar o inverno,” respondo e limpo minha garganta. “Eu estou com um amigo.”

Ela solta um longo suspiro. “Eu quero que você volte para casa.”

“Casa?”

“Sim, quero estar ao seu lado no nascimento do meu neto e meu primeiro bebê. Eu sei... Estraguei tudo. Mas quero fazer isso com você.”

Eu me movo nervosamente no local, colocando o dedo na minha outra orelha para impedir o vento de distorcer minha capacidade de ouvi-la. “Por que mudou de opinião?”

“Tive algum tempo para me acalmar e pensar.”

“Você teve algum tempo para se acalmar e pensar nisso?” Eu zombo.

“Eu sei que o que eu fiz foi errado.”

Um riso me escapa. “Você é minha mãe. Você me abandonou quando mais precisei de você.”

“Eu...”

“E de repente você volta atrás? Dois meses depois? Durante os quais não fez nenhum contato?”

Ela permanece calada por um bom tempo. Eu olho ocasionalmente para os carros passando e as pessoas ao redor. “Eu sinto muito. Sei como fui terrível. Apenas nunca quis esta vida para você.”

“Hmm, eu não notei,” digo sarcasticamente.

“Mesmo que a tenha tratado da mesma forma que meus pais me trataram quando estive nessa situação. Eu não quero que você esteja sozinha.”

“Eu não estou...” Olho pela janela e pego um olhar rápido de Nathan. Ele está limpando o telefone dele com a luva de sua mão e um lenço de bolso. Eu sorrio calorosamente. “Sozinha.”

“Bom,” ela funga. “Eu me esforçarei, para você. Eu sinto falta de você. Sinto muito.”

“Eu tenho que ir.”

“Por favor, considere voltar para casa. Sinto sua falta. Eu quero estar ao seu lado. Serei melhor.”

“Bem, estou feliz por você ter me ligado,” digo e olho novamente pela janela, percebendo os olhos de Nathan em mim. “Vou avisá-la se resolver voltar para casa. Eu estou... é complicado.”

“Posso, pelo menos, ver você?”

Ela pode? Eu quero?

Ela é minha mãe. Gah, isto é tão frustrante. Eu quero odiá-la pelo que fez, mas o pensamento de meu bebê tendo uma família estável, a avó amorosa em sua vida, anula minha vontade de odiá-la. Eu só não tenho a capacidade emocional de odiar minha mãe agora mesmo. “Claro. Apenas deixe-me organizar algumas coisas.”

“Você está... humm... está em um albergue ou algo assim?”

Eu sorrio um pouco. “Não, Mãe, juro. Estou em um lugar muito bom e seguro, com um amigo.”

Ela suspira com alívio. “Eu sinto muito pelo que disse. Eu deveria ter estado ao seu lado.”

“Sim,” eu digo, com meus olhos queimando. “Você deveria.”

Eu a ouço fungar e meu coração bate em um ritmo pesado no meu peito. “Eu estarei lá, eu juro. Me ligue. Sinto falta de você.”

“Eu também.” Desligo e mastigo meu lábio por um momento, o telefone apertado firmemente em minha mão.

Depois de tomar uma respiração firme, caminho de volta para o restaurante e para Nathan.

Assim que eu chego perto o suficiente ele pergunta, “Problema?”

“Não,” eu minto. É de certo modo um problema, algo que eu preciso falar, mas não quero aborrecê-lo com meus assuntos. Como lido exatamente com isto? “Era minha mãe.”

“Aquela que te expulsou?”

“A própria.” Deslizo no meu assento e descanso o queixo na mão. “Ela disse que está arrependida, desapontada e nunca deveria ter reagido daquela maneira.”

Ele zomba e passa os dedos por seu cabelo. “Eu não gosto da sua mãe.”

“Ela quer que eu vá para casa.” Minha voz é um baixo sussurro, mas ele me ouve. Eu sei disso porque seu corpo se agita e sua língua desliza por seu lábio inferior.

Ele limpa a garganta e casualmente move o canudo em torno de seu copo. “Você vai?”

“Não sem falar primeiro com você.” Observo Nathan girar um redemoinho com o canudo através do líquido claro.

Seu semblante fica sério. “Você quer ir?”

Eu quero? “Você ia me ter fora do seu caminho. Poderia voltar para a sua vida sem ter que se preocupar comigo.”

Seu rosto suaviza e dá um sorriso triste. “Eu sempre vou me preocupar com você.”

Olho para ele diretamente nos olhos. “Você quer que eu vá?”

Soprando uma respiração, ele passa os dedos pelos cabelos novamente. “Não. Honestamente, não.”

“Eu pensei que você gostasse de sua privacidade? Seu espaço?”

“E até agora você tem respeitado ambos. Eu gosto de sua companhia. É sua escolha, mas pense sobre isso antes de tomar qualquer decisão.” Ele acena para a garçonete. Ela vem e leva os nossos pratos, perguntando se tudo estava bem com a nossa refeição. Ambos acenamos e levantamos da mesa. Nathan pega meu pulso e me guia para fora. Eu não sei exatamente onde estamos, só sei que parece que estamos no meio do nada.

“Ela quer me visitar,” falo enquanto caminhamos em direção ao carro.

A sobrancelha dele sobe. “Ela sabe com quem você está?”

“Não, não disse a ela.” Eu mastigo meu lábio por um momento, olhando para fora das curvas colinas verdes e amarelas que tocam o horizonte. “Posso te perguntar uma coisa?” Ele me ajuda a entrar no carro e corre para seu lado.

“Claro.”

Eu devo?

Sim. “Por que você bateu em Caleb?”

“O quê?”

Oh, como se ele não soubesse do que estou falando.

Ele olha ao redor por um momento, claramente incomodado.

Eu repito minha pergunta. “Por que você bateu em Caleb aquela noite? E então me disse para me livrar do bebê?”

“É uma longa história.”

“É uma longa viagem.” Por que ele está evitando isso?

Ele solta um longo suspiro de frustração. “Não é importante. Aconteceu e me envergonho por ter agido de forma tão bárbara.”

“É importante,” respondo, me sentindo defensiva. “Você só entrou, o golpeou e saiu.”

“Você nunca mencionou isto antes,” ele manobra para sair com o carro. “Por que agora?”

“Porque estive muito ocupada lidando com meu sofrimento para pensar em qualquer outra coisa. Eu gostaria de saber.”

“Meu irmão traiu minha confiança. Eu pedi que fizesse algo para mim e em vez disso ele escolheu me deixar de lado, depois de jurar que me ajudaria,” ele responde criticamente e agora quero saber ainda mais. “Isso é tudo.”

“O que ele jurou que faria?”

“Honestamente, Guinevere, eu realmente não quero falar sobre isto.” Ele parece agitado, eu me sinto agitada.

“Você não confia em mim?”

Seu rosto endurece. “Eu não confio em ninguém.”

Ai. “Ok.”

“Não leve isso para o lado pessoal.” Ele suspira como se eu estivesse sendo ridícula, sentindo-me um pouco triste sobre

isso. “A confiança é conquistada ao longo do tempo, não é dada livremente a pedido.”

Minha boca cai aberta. “E eu não ganhei a sua confiança ainda?” Que idiota.

“Apenas esqueça, está bem?” Ele olha brevemente para mim. “Tudo que aconteceu entre Caleb e eu é assunto meu. Não é para você se preocupar com isso.”

Eu olho para seu perfil quando ele encara a estrada mais uma vez, meus braços cruzados em toda a parte superior da minha barriga. “E o que você disse para mim?”

“Do que você está falando agora?”

“Você disse para eu me livrar do bebê enquanto ainda tinha a chance. Por que você diria isso?”

Ele não responde, apenas olha fixamente para frente, suas mãos segurando o volante firmemente.

“Nathan.” Eu insisto, querendo que ele explique.

“Eu peço desculpas por dizer isso.”

“Obviamente já o perdoei, mas eu gostaria de saber por que você disse isso.”

Como antes, ele não responde, eu descanso a minha testa no vidro. Pelo canto do olho, vejo-o olhar para mim como se quisesse dizer alguma coisa, sacodir a cabeça e olhar para a estrada, os lábios dele em uma linha branca e sua mandíbula tensa. “Eu tenho uma reunião com meu advogado amanhã na cidade. Ficarei ausente até o fim de semana.”

“Não faça isso,” digo, sentindo minha raiva subir. “Toda vez que temos uma discussão acalorada você some. Talvez eu deva ir embora, então não terá que continuar fazendo isso toda vez.”

“Não é por isso que estou partindo.”

“Isso é uma merda.”

“Não xingue; não é atraente.”

Eu rio sem humor. “Sério? Não estou tentando ser atraente.”

“Apenas não use esse linguajar e não vá embora. Não é por isso que estou saindo.”

Reviro os olhos. “Sempre sou a razão de você sair. Faz-me sentir culpada sabendo que estou em sua casa e você se sente forçado a ficar em outro lugar.”

“Você está sendo ridícula.”

“Eu estou? Não me sinto assim. Que seja.”

“Estou falando sério,” ele observa, parando o carro para que possa olhar para mim. “Aquela casa... traz algumas lembranças dolorosas para mim. É por isso que eu saio de vez em quando.”

Eu estou cética. “Por que essas memórias só ressurgem quando você parece estar emputecido comigo?”

“Pare de falar palavrões.”

“Desculpe.” Eu digo isto de forma irreverente e continuo como antes. “Eu não entendo, Nathan. Você quer que eu vá embora? Diga-me honestamente, eu não quero...”

“Pare de ver coisas que não existem.” Ele me corta; o tom é mais alto do que era um momento atrás e isso me assusta.

“Como se você pudesse falar,” eu resmungo e imediatamente me arrependo.

Dor pisca através de suas feições antes de desaparecer atrás de uma máscara endurecida. “Há algo que você gostaria de me dizer?”

Meu peito formiga e meus olhos se alargam ligeiramente. Eu olho para longe e sacudo a cabeça.

“Mesmo? Com certeza parece que sim.”

Eu balanço a cabeça novamente.

“Vamos, eu estou esperando.”

Mordo o interior da minha bochecha. Devo dizer alguma coisa? Desde que ele massageou minhas costas, as coisas foram boas entre nós, mas também incômodas.

Eu devo?

“Você tentou me beijar.” O meu coração começa a bater forte contra meu peito. E lamento pelas minhas palavras no segundo que falo.

“Não acontecerá novamente.”

“Eu sei.” Isso é tão desajeitado. “Por que isso aconteceu?”

Ele encolhe os ombros. “Eu senti vontade.”

“Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi,” eu zombo, quase batendo, minhas costas de volta em meu assento enquanto ele acelera o carro uma vez mais.

Nós dirigimos em silêncio por um tempo, ele tem que me dar mais do que isso. Não pode simplesmente não explicar.

Quando paramos na entrada de carro, pergunto novamente; eu não posso me conter. Ele sai do carro, batendo a porta com um estrondo, nem sequer se incomodando em olhar para mim ou mesmo me ajudar como costuma fazer.

“Nathan.” Digo bruscamente e agarro seu braço. “Não se afaste de mim.”

“O que você quer que eu diga?” Os seus olhos castanhos se estreitam em meu rosto. “Você é como um cão com um osso, basta largar. Eu pedi desculpa. Deixe pra lá.”

“Eu gostaria de entender.”

“Tudo bem,” ele ri uma vez. “Você honestamente quer saber?” Eu aceno com a cabeça lentamente. “Eu estava excitado, você estava disponível. Nada mais e nada menos.”

Uma respiração alta sai de mim e solto seu braço. “Sério?”

“Sim.” Ele começa a virar. “Eu não vou fazer isso de novo, você pode ter certeza.”

“Eu nunca ficaria com você de qualquer maneira,” eu o corto e passo por ele. “Você tem alguma ideia de como isso é errado? Estou grávida do filho do seu irmão. Mas você tentaria me usar só porque estava com tesão? Isso é imperdoável.”

Seus olhos escurecem, ele abaixa o rosto para o meu ouvido, sua presença dominante é um pouco assustadora. “Não quero seu perdão.” Ele se move para trás um pouco. “Não se equivoque se você acredita que a vejo como algo mais do que a puta do meu irmão.”

Minha raiva traz o melhor de mim, me alimenta pelos danos em suas palavras. Minha mão se conecta com sua bochecha, ardendo minha palma e instantaneamente virando de lado seu rosto, em uma sombra profunda de rosa.

“Você me bateu,” ele sussurra, seu rosto uma máscara de choque.

Uma lágrima cai de meu olho. “Você me golpeou primeiro.”

Abrindo a porta, me dirijo para dentro e subo correndo as escadas, querendo colocar tanta distância entre nós quanto possível.

Eu o odeio.

Ele não me segue, pelo que estou grata. Então começo a chorar em paz. Como este dia acabou sendo tão ruim?

A puta do irmão dele.

Eu era a noiva do irmão dele. Caleb amava a mim e esse bebê.

Nunca fui chamada de puta em minha vida! Eu era virgem até conhecer Caleb, e mesmo assim eu o fiz esperar. Não que dormir com múltiplas pessoas faria se alguém uma puta. Eu menosprezo essa palavra. É depreciativo, miserável, desesperador tentar insultar uma pessoa.

Depois de ficar parada por um tempo longo, tomo uma ducha e me refresco. Ligo meu notebook e navego em sites sobre bebês. Realmente deveria pesquisar tudo sobre bebês. Não adianta adiar e ajudará a tirar minha mente do drama que é Nathan.

* *

A campainha toca e me apresso pelas escadas como de costume. Nathan normalmente nunca responde à porta, porque sabe que estou mais próxima do que ele, que sempre está lá em cima, então estou surpresa ao vê-lo puxando-a aberta e saudando uma Lorna muito atraente.

Ela me dá um pequeno aceno e um sorriso enquanto Nathan pega seu casaco. Nathan olha para mim, sua expressão sem emoção e seus olhos maçantes. O marrom neles perdeu seu brilho habitual.

“Ei,” Lorna sorri e para na minha frente. “Como você está, e o bebê?”

“Bem.” Mentira. Tudo mentira. “Você?”

“Estou ótima, deveríamos combinar um café ou algo amanhã. Eu tenho o dia de folga e não há muitas pessoas por aqui que tenham a nossa idade.”

Estou prestes a dizer que sim, mas Nathan me corta. “Ela não pode, está indo embora amanhã.”

“Oh não,” Lorna diz, parecendo tão chocada quanto me sinto. “Onde você está indo?”

“Ela decidiu que a mãe dela é uma melhor opção durante sua gravidez.” E nesse segundo golpe, simplesmente, ele me eviscerou com uma faca sem fio. “Vamos.” Nathan aperta o braço de Lorna e a puxa para as escadas.

Vejo que ele encontrou seu próximo objeto para aliviar sua excitação. Bem, pelo menos ele não vai me beijar em breve.

“Está tudo bem, Nathan, não vou demorar muito para arrumar minhas coisas.” Meus punhos apertam. Como ele pode ser tão cruel e mesquinho? O que eu fiz exatamente, além de questioná-lo sobre suas próprias ações? “Vou partir agora.”

“Eu vou levá-la amanhã,” ele ordena, o tom declarando que eu não estou autorizada a discutir.

“Não, obrigada, vou ligar para minha mãe, não gostaria que você tivesse que passar por uma viagem de três horas de carro, com a puta de seu irmão.” Eu passo por ele. “É bom ver você novamente, Lorna.”

Ela não responde, mas eu a ouço sussurrar. “O que aconteceu?”

“Vá até o quarto; estarei com você em um momento,” ele ordena e ouço seus passos atrás de mim.

Empurro a porta do meu quarto e vou para o armário, meus olhos formigando prestes a liberar lágrimas. “Sabe,” começo a puxar a minha mala para fora, ainda não olhando para a sua figura persistente na porta. “Se você quisesse que eu partisse você não precisava ser tão idiota sobre isso. Eu teria ido se você tivesse pedido.”

Não tenho resposta, entretanto sinto a intensa presença dele ainda demorando na entrada apesar do fato de que estou de costas para ele.

“O que você quer?” Agarro alguns itens, dobrando ordenadamente e colocando na mala aberta.

Ele dá um passo para dentro e fecha a porta. “Nada.”

“Então por que você está me olhando?”

Ele suspira e abre a porta de novo “Quando estiver pronta para se desculpar, estarei esperando.”

Eu? Me desculpar? Estou prestes a gritar com ele quando percebo que ele saiu. Foda-se. Eu quero bater nele novamente.

Preencho a minha mala com o essencial e a puxo pelo corredor. Descer pelas escadas, até o andar de baixo é difícil, mas eu consigo. Minha raiva cresce a cada passo.

Noto as chaves dele na mesa perto da porta e pego sem um pingo de culpa. Chame-me de imatura, mas estou levando seu maldito carro.

Eu me sinto malcriada, meu coração está acelerado e minha adrenalina está bombando. Não consegui entrar em um carro tão depressa durante semanas.

Girando o carro, coloco o meu telefone através do console no meio, enquanto coloco tanta distância entre mim e a casa. Isso é ruim. O que estou fazendo?

Meu telefone toca; é Nathan. Eu ignoro e vou em direção à vila. Vou precisar de um mapa se quiser sair daqui e achar o caminho de casa. O bebê permanece imóvel e fico grata, é irritante quando ele se mexe enquanto estou tentando dirigir.

Eu sei que há um correio por aqui em algum lugar, eles devem ter mapas, com certeza.

* *

Estou a uns trinta quilômetros da cidade quando vejo um maldito carro da polícia atrás de mim. Não! Ele não faria isso.

Ele faria.

Tenho que sentar e ouvir o oficial falar que pegar o carro de outra pessoa sem permissão é roubo, mas, felizmente, Nathan não está prestando queixa.

Felizmente... zombo.

Um carro vermelho para em frente a nós e Nathan desce. Ele dá a volta pelo oficial, mas não faz nenhum movimento para apertar suas mãos. É uma conspiração; eles claramente se conhecem. Eles falam baixinho por alguns minutos. O oficial convida Nathan para jantar. Eu odeio vilas!

“Mova-se.” Nathan exige quando para ao lado do motorista.

Salto do carro e abro a porta traseira.

“Entre na frente,” Nathan ordena.

Eu o ignoro e deslizo para o banco traseiro.

Um músculo pula em sua mandíbula, mas ele não diz nada. Espera até que eu me acomode para subir em seu

assento diretamente na minha frente. Eu escolhi este assento para que não tivesse que olhar para ele.

Eu nunca fui tão humilhada em minha vida.

“Eu sinto muito,” Nathan diz quando começa a dirigir.

“Eu não,” eu sussurro e esfrego minha mão debaixo de meus olhos. “Eu te odeio.”

Sua respiração para. “Você vai superar isso.”

Eu rio uma vez, embora não ache nada engraçado. “Você me humilhou completamente.”

“Você fez isso sozinha. Eu lhe disse para esperar até amanhã.”

Ele é tão irritante. “Eu esperarei então até manhã.”

“Você não está indo,” ele declara firmemente e agora estou frustrada e confusa. Vá embora, não vá embora. O que há de errado com ele? “E não se preocupe em tentar. Eu não vou deixar.”

“Você está, de repente, abrigando putas?”

O carro para no acostamento, e ele acena para Lorna, que estava atrás de nós, para continuar. Ela segue. Eu não estou aliviada. Na verdade, o oposto. Agora não tenho apoio feminino.

A porta do carro se abre e Nathan está meio que me arrastando, meio que carregando meu corpo enquanto grito. Ele me levanta, para meu desgosto e me leva ao redor do carro. Colocando-me no capo, ele fica entre meus joelhos e envolve meu cabelo preto e longo em torno de sua mão. Apertando ligeiramente para que minha cabeça se incline para trás.

“Você não é uma puta,” ele diz, os olhos escuros e furiosos. “Nem nunca será uma puta. Disse algo quando estava

com raiva. Nada mais e nada menos. Quanto a ir embora, eu não quero que você vá. Foi outra coisa estúpida que disse com raiva."

"Saia de cima de mim." Imploro, mas ele só se move mais perto, seu rosto a centímetros do meu.

"Quanto ao motivo pelo qual eu te beijei, não pude resistir, eu sou um homem e você é linda." Minha respiração fica presa às suas palavras.

"Isso é uma desculpa de merda, agora me solte."

Seus olhos ardem, sua intensidade me assustando. "Eu não estava mentindo quando disse a você que aprecio sua companhia. Eu gosto muito. Muito." Seu corpo se aprofunda mais um pouco. "Mais do que deveria."

"Nath..."

"Prometo que não ameaçarei fazer você partir novamente." A sua mão livre repousa na curva do meu pescoço, seus olhos agora amáveis e cheios de... algo que estou claramente imaginando. "Você tem minha palavra. Por favor, aceite minhas desculpas por transtornar você."

"Não." Balanço minha cabeça e olho para meus joelhos entreabertos pressionados levemente contra seus quadris. "Eu não quero."

"Estou arrependido, não acredita? Eu mereço seu perdão." Seus olhos agora brilham com arrependimento, sua mão apertando em meu cabelo. "Por favor."

Meus lábios comprimem juntos, engulo o nó na minha garganta e tento empurrá-lo para longe com uma mão em seu peito entre nós. Ele se move ainda mais perto, sinto todo o seu calor. Faz zumbir lugares que eu não deveria estar zumbindo. "Pare."

“Eu não quero. Não até que diga que me perdoa e me deslumbre com aquele belo sorriso,” ele sussurra, sua respiração soprando contra meus lábios.

“Afaste-se, Nathan,” eu advirto enquanto suas mãos me prendem sob os joelhos e me puxa para a borda, meu corpo quase pressionado contra o dele.

É inútil. Tento empurrar seu peito, mas ele não se move. As suas mãos agarram os meus pulsos e os aperta atrás de minhas costas com uma mão enquanto agarra meu cabelo novamente com a outra. “Me perdoe.” Ele pressiona seus lábios na minha mandíbula, suspiro e um arrepio percorre meu corpo. “Perdoe-me.” Repete e coloca outro beijo suave ao longo da minha mandíbula.

“Não.” Imploro, mas minha voz sai não muito convincente.

Os seus lábios flutuam sobre os meus, seus olhos movendo-se para frente e para trás, examinando meu rosto para ver minha reação. “Me perdoe.”

Ele vai me beijar. Se eu não disser que o perdoo, ele me beijará. Por que não estou dizendo que o perdoo?

Seu rosto se aproxima. Meus olhos se alargam. Meus lábios se contraem em preparação quando ele umedece os seus.

“Está bem,” digo abruptamente, meu corpo tenso. “Eu te perdoo.”

“Você tem minha palavra,” ele sussurra e eu sinto seu lábio superior roçar o meu. “Eu não vou te tocar de novo, não, a menos que você queira que eu toque.”

As suas mãos liberam as minhas e estou sendo puxada para longe de seu corpo. Minha barriga fica no caminho, mas ainda sinto sua virilha contra a minha quando ele me põe no

chão. Meu corpo inteiro tem um espasmo, aquece, e anseia por ele. Eu me afasto abruptamente e mantenho a cabeça baixa.

Que diabos acabou de acontecer?

18

A vida está tranquila há algum tempo, o que é um alívio. Eu estava cansada de andar constantemente em cascas de ovos. Nathan está bem animado, pelo que parece, embora eu rapidamente bata na madeira sempre que penso nisso, porque estou com medo das minhas palavras darem má sorte.

O quarto do bebê está incrível. Eu passei um dia inteiro lavando, secando e passando as roupas de bebê antes de guardá-las. Tudo tem o seu lugar. Parece algo saído de uma revista. Perfeito.

Minha mãe tem me ligado a cada dois dias por atualizações. Eu ainda continuo dizendo a ela que ficarei aqui, e não tenho certeza do porquê estou adiando o inevitável. Não é como se estivesse fazendo algo errado. Eu estou?

Nathan está cada vez mais passando tempo comigo aqui embaixo, seja trabalhando no notebook ou lendo um livro. Estou desfrutando. Ele até me ajudou a cozinhar algumas vezes. Não tenho certeza do motivo da mudança repentina, mas não posso dizer que não gosto.

Não consigo esquecer daquela manhã, quando ele saiu do porão depois de se exercitar. Colidi com ele no corredor, tropecei no meu chinelo e bati contra a parede. Os seus braços vieram protetoramente até mim, e me apoiei nele por um momento, envergonhada por ser desajeitada.

“Desculpe,” murmurei, enquanto me afastei para sorrir timidamente.

Ele nos ergueu, mas manteve as mãos em meus cotovelos. Percebi como ele estava suado, principalmente no peito e braços. Minha boca ficou seca e meus lábios se separaram quando observei cada centímetro seu.

"Você está bem?" Ele perguntou, me virando ligeiramente enquanto verificava.

"Eu estou fazendo muffins," disse, enquanto acenava em direção a cozinha. "Muffins de banana e de aveia."

"Mal posso esperar para prová-los." Ele colocou uma mecha de meu cabelo atrás de minhas orelhas com os dedos revestidos com a luva de couro e me beijou na testa. "Descerei em breve, Gwen." E então correu escadas acima, me deixando ali, me sentindo como uma imbecil e perturbada.

Meus lábios se contraem lembrando isso pela milésima vez desde que aconteceu. A maneira que ele beijou minha testa docemente e disse que desceria com um tom suave. Me derreteu.

Sasha e Tommy devem chegar a qualquer minuto, estou nervosa. Estou com medo de verem o quanto eu mudei. Mas como prometido, fiz para Tommy uma refeição digna de um rei. Para Sasha também, mas foi ideia do Tommy.

A mesa de jantar está cheia, e há vinho servido, embora eu tome apenas suco. Espero que eles não tenham problemas para encontrar a casa. Isso seria uma merda.

"Algo cheira bem," Nathan comenta quando entra na sala de jantar. Ele pega um muffin, mas dou um tapa na sua mão. O sorriso que ele me dá é descarado, é um que eu não tinha visto. E começa a sair da sala, com a mão que não bati atrás das costas.

"Nathan," eu advirto, levantando minha sobrancelha. "Quer me dizer o que você está escondendo?"

“Nada.” Ele balança a cabeça, os lábios ainda se contorcendo.

“Ladrão de comida,” brinco.

A boca dele se abre. “Eu paguei por isso.”

“Detalhes.” Tento pegar novamente, mas ele rapidamente desvia do meu caminho. Eu cedo, minha energia se foi depois de cozinhar por tanto tempo. “Apenas me fale se estão bons.”

Ele traz sua mão enluvada para frente e dá uma grande mordida no muffin de chocolate branco. O gemido que ele solta faz coisas em mim. Eu instantaneamente me sinto culpada e desvio o olhar, esperando que ele não note aquele flash súbito em meus olhos que certamente lhe teria contado meus breves pensamentos impuros. “Incrível.”

“Verdade?” Eu estava um pouco preocupada com a nova receita.

“Melhor do que aqueles de chocolate que você fez duas semanas atrás.”

“Você quer dizer aqueles muffins que estavam lá quando eu fui para a cama, e que haviam desaparecido quando acordei na manhã seguinte?”

Ele encolhe os ombros. “Estavam muito apetitosos.”

Há uma batida na porta. Sorrio e corro em direção a ela, quase jogando Nathan do meu caminho.

Puxo-a aberta, ainda pulando no local, ao ver Sasha nós duas nos agarramos como macacos, como sua mãe sempre dizia.

“Oh meu Deus, você está enorme!” Sasha se afasta e olha para o volume entre nós. “Quanto tempo agora?”

“Dez semanas,” respondo e a tiro para fora do caminho da porta para Tommy entrar. Ele me vê e sorri, seu sorriso iluminando os olhos. “Ei você.”

Braços fortes me envolvem e apertam firmemente. “Você está ótima, Gwen.”

“Você também.” Eu me afasto e olho para os dois. Ambos parecem tão diferentes, mas os mesmos, mais velhos e mais atraentes. O cabelo de Tommy está mais comprido do que era, e o de Sasha um pouco mais curto. Parecem ótimos, parecem felizes. Eu me pergunto o que eles veem quando olham para mim. “Vamos, o jantar está servido.”

“Onde está Nathan?” Sasha sussurra enquanto olha ao redor de maneira intrometida.

“Aqui.” Nathan anuncia sua presença da entrada da cozinha e Sasha e Tommy viram estátua enquanto seus olhos o examinam. Estou supondo que eles estão chocados ao ver o como ele se parece com Caleb.

Vão se acostumar.

“É muito bom conhecê-lo.” Sasha quebra o silêncio e dá um pequeno aceno. Avisei-os sobre a sua condição antes de eles chegarem para que não toquem em suas mãos. Eu sou grata que se lembrem e não se ofenderam por isso, como algumas pessoas fazem. “Obrigada por nos receber.”

“Sim.” Tommy olha em volta. “Bonito lugar.”

“Obrigado,” Nathan diz e nos conduz para a sala de jantar.

Sasha solta um longo gemido e agarra meu braço, seus olhos redondos e dramáticos. “Eu senti saudades da sua comida. Considere-me sua nova inquilina.”

“Digna de um rei, do jeito que eu gosto.” Tommy brinca e puxa uma cadeira para Sasha.

Nathan faz o mesmo comigo, puxa minha cadeira e me empurra praticamente como Tommy acabou de fazer com Sasha. Eu dou um olhar questionador, mas seus olhos estão em meus amigos, mais especificamente em Tommy.

Todos se servem dos pratos na mesa, gemendo com cada mordida. Isso me deixa feliz.

Realmente feliz.

“Então, como está a Universidade?” Pergunto a ambos. Os dois começam a falar um sobre o outro, culpando um ao outro por coisas que eu gostaria de ter visto. Adoro ouvi-los falar, contando histórias que uma vez, já fiz parte.

Depois do jantar nós nos movemos para a sala de estar e sentamos nos sofás confortáveis, música tocando suavemente no fundo.

“Tommy terminou com sua namorada por minha causa.” Sasha pensa que isso é hilário.

Tommy dá de ombros. “Tanya estava com ciúmes. Ela continuava me dando ultimatos. Não foi por causa de Sasha, foi por causa de suas próprias inseguranças.” Tanya? O que aconteceu a Zoe?

“Amigas vem antes das putas.” Sasha ri e me dá um empurrão com seu cotovelo.

“Muito bem,” eu zombo e esfrego minha barriga, um hábito que adquiri sempre que o bebê começa a se mexer. Nathan se junta à conversa às vezes. Acho que superei a estranheza disso agora.

Nathan, sabendo sem eu lhe pedir, me joga um pacote de comprimidos de Gaviscon. Mastigo dois e espero que eles façam efeito.

“Azia?” Tommy pergunta enquanto Sasha coloca ambas as mãos na minha barriga em movimento.

Eu aceno. “Aparentemente significa que o bebê vai ter um monte de cabelo. Espero que seu cabelo valha à pena.”

“Você vai ter um menino?” Sasha grita e levanta minha camisa sem minha permissão para que possa ver o bebê se mexer através da minha pele. Minha amiga é esquisita.

“Eu não sei, acho que sim.” Olho para Nathan. “Eu espero que sim.”

“Nós deveríamos fazer uma aposta,” Tommy sugere e eu fecho a cara alegremente para ele. “A menos que você esteja com medo de perder.”

“Pare com isso.” Sasha dá um tapa no seu braço e se aconchega em meu lado, seus olhos na minha barriga em movimento. Depois de mais alguns momentos, ela geme e bate em sua barriga sarada. Estou com inveja agora. “Estou inchada.”

“Estou inchada há sete meses e só ficou pior desde então,” digo, fazendo os outros rirem. Até mesmo Nathan sorri um pouco. “Por que não vamos dar uma volta?”

“Parece bom.” Tommy sorri enquanto Sasha geme. “Sério?”

“Vamos, Sasha, você deve ver lá fora antes que fique muito escuro,” eu pressiono, mas não funciona.

Ela encolhe os ombros. “Vocês vão; eu vou lavar as louças.”

“Deixe aí.” Olho para Nathan cujos olhos estão em mim. “Vamos lá.”

“Não, eu vou fazer leite com mel pra você também, é sexta-feira.” Ela me dá um piscar de olhos e vai dançando para a cozinha.

Sorrio e olho para Tommy por ajuda, e ele fica de pé e estende a mão. Pegando-a, deixo me puxar do sofá suavemente.

"Não vá muito longe, logo ficará escuro," Nathan me diz quando se levanta também.

Eu faço uma pequena carranca. "Você não vem?"

"Vou ajudar sua amiga na cozinha." Ele sai sem dizer mais nada.

"Eu acho que serei apenas eu, você e sua barriga gorda." Tommy sorri e joga seu braço em volta do meu ombro.

Minha carranca se aprofunda. "Eu não estou tão gorda."

"Claro que não."

Eu o golpeio com meu cotovelo na lateral, o fazendo cambalear em brincadeira. "Estou brincando, você está radiante na verdade."

"Viva."

"Você ainda diz isso?" Ele ri, voltando a meu lado.

Deixo escapar um suspiro. "Não muito."

"Então, pode me contar tudo." Ah ótimo, o tom sério.

"Tudo o quê?"

"Tudo, não se segure, eu posso aguentar."

Mas, será que posso? "Estou bem melhor."

"Não, você não está." O olhar que ele me dá é um que eu já vi em Tommy antes. Mostra descrença, tristeza e piedade. Odeio a piedade, mas não o odeio, eu poderia, então deixo passar. "Quero dizer, você está bem, mas posso ver que você ainda luta."

“Já se passaram quatro meses,” eu respondo calmamente, coloco meu cabelo atrás da orelha. “Dói, todos os dias.”

“E Nathan?”

“Olhar para ele, a princípio fazia doer mais, mas agora, está gradualmente se tornando um conforto. Ele não é nada como Caleb.” Sorrio suavemente lembrando como nos aproximamos no último mês. “Ele não tem o sorriso fácil de Caleb, ou a hiperatividade constante e a excitação pela vida. Ele é isolado, discreto, mas quando sorri isso faz com que todas as coisas ruins desapareçam por um tempo.”

“O quê?” Tommy parece assustado com minhas palavras.

Eu apresso em me defender. “Quero dizer, no começo pensei que ele me odiava. Eu o odiei um pouco, mas agora estou feliz em dizer que somos amigos. Ele é mal-humorado, completamente intolerável, mas uma das pessoas mais legais que conheço.”

“Huh.” Ele olha para o céu.

“Como está a universidade?”

“Está bem, mas você já sabe isso. Está escurecendo, nós deveríamos voltar.”

“Nós só estamos andando há cinco minutos.” Eu rio e inclino minha cabeça para o céu que está se tornando cinza.

“Sim, bem, Sasha está sozinha,” ele mente porque, obviamente, ela não está.

“Tanto faz.” Ele provavelmente está cansado e não quer admitir. “Obrigada por ter vindo, Tommy.”

Ele sorri, seu braço ainda em volta do meu ombro. “Eu senti sua falta.” Uma sombra tremula em seus olhos. “Sinto falta de como as coisas costumavam ser.”

Isso me acerta com força, muito duro. É surpreendente como as coisas podem mudar em apenas alguns meses. “Eu também.”

A casa entra na nossa visão. Eu olho para as janelas brilhantes e penso no meu futuro. Há alguns meses, meu futuro era com Caleb, em nossa pequena casa, terminar a universidade, conseguir um emprego em uma posição decente.

Agora meu futuro está aqui.

Por mais brilhante que isso possa parecer, porque tenho sido muito mais afortunada do que a maioria, ainda me enche de um pavor que não consigo explicar, como uma escuridão iminente que está se aproximando de mim. Esta não é a vida que quero, mas é a vida que eu tenho. Tenho outras opções, mas nenhuma delas parece melhor do que a opção que eu tomei.

Estou sendo egoísta?

Depois de todo esse tempo, agora percebo que estou usando Nathan?

Estou usando Nathan?

Acho que não. Eu realmente gosto dele e tenho certeza que ele gosta de mim. É tudo tão estranho. Depois de ver os meus amigos nesta atmosfera com Nathan em vez de Caleb, nada disso se encaixa direito e sinto que preciso explicar essa situação para eles. Eu sinto que devo defender minhas escolhas, mesmo sabendo que não estão me julgando.

Me sinto culpada.

Culpa bem merecida, que deveria sentir todos os dias por ainda respirar, enquanto Caleb não.

Agora que posso ver meus amigos na minha frente, vejo minha vida antiga. Vejo minha velha vida chocando-se com a nova. Estou assumindo que esta é a razão pela qual estou me sentindo tão fora de tudo. Talvez vá passar.

Espero que passe.

* *

"Onde está o carro de Nathan?" Eu pergunto em voz alta enquanto passamos por sua vaga vazia.

"Como eu deveria saber? Talvez ele tenha ido buscar leite ou algo assim." Tommy sugere e eu bufo. Como se Nathan fosse sair à noite para comprar leite. Não a menos que eu peça. Além disso, temos bastante leite.

Abro a porta e entro antes de Tommy, Sasha olha em volta da porta da cozinha. "Ei, as bebidas estão prontas."

"Onde está Nathan?" Eu pergunto, olhando em volta para confirmar o que já sei; ele não está aqui.

"Ele saiu um minuto depois de vocês, pediu para lhe dizer que ele tinha algumas coisas para fazer."

"Ele mencionou o quê?" Eu pergunto, sabendo muito bem que ele não teria dito nada a Sasha.

Ela dá um encolher de ombros. "Eu não sei. Ele tinha um grande envelope marrom nas mãos."

Um envelope grande? "Provavelmente algo do trabalho."

"Sim."

Como não ouvi o carro? Ou vi? Não estávamos tão longe da casa.

Ele é como um ninja, mesmo em um carro.

“Certo,” eu digo com um sorriso, mas nervosa por dentro. Nathan geralmente só sai inesperadamente quando está chateado com alguma coisa. Além disso, ele sempre me diz quando sai. “Onde está o meu leite?”

“Você ainda faz isso?” Sasha pergunta me entregando o morno copo de leite dourado.

O quê?

Ela nota meu olhar confuso e continua, “O leite e o mel na sexta-feira.”

“Oh.” Isso. “Não muito. Nathan fez isso comigo uma vez, não muito tempo depois que vim morar aqui. É uma tradição familiar aparentemente, uma que ele não se apegou.” Olho para os meus amigos e forço um sorriso. “Vamos lá, quero saber sobre vocês. Digam-me o que eu perdi.”

Sasha se ilumina um pouco. Tommy coloca o queixo sobre as mãos, os cotovelos descansando sobre a mesa. “Estou saindo com alguém.” Sasha começa, com o rosto alegre. “Ele é tão doce.”

Tommy revira os olhos quando ela não está olhando, fazendo-me apertar meus lábios em uma tentativa de sufocar o riso que está subindo pela garganta.

“Ele me comprou flores no primeiro encontro,” ela diz. “E abriu a porta do carro para mim. Foi tão...”

“Doce?” Tommy acrescenta e seu rosto se ilumina ainda mais. “Exatamente!”

“Isso é ótimo.” Sorrio para a minha amiga. “Já era hora de você encontrar alguém decente.”

Tommy bufa e abaixa a cabeça. O sorriso de Sasha logo se transforma em uma carranca. “Qual é o seu problema?”

“Nada.” Ele acena e olha para mim. “Se eu tiver que ouvir mais uma vez sobre o quão doce esse cara é, vou ter cáries.”

Rio silenciosamente e Sasha dispara seu olhar franzido na minha direção. Minhas mãos sobem em rendição, mas meu sorriso ainda está lá. “Eu acho doce. Fale-me mais.”

“Seu pai gerencia de um restaurante na cidade, ele quer elevar o lugar para outro patamar. Começou tarde, mas suas habilidades são impressionantes. Ele cozinhou para mim, e oh, foi como um orgasmo na minha boca.” Ela geme com o prazer da memória. É quase perturbador ver. E isso é apenas sobre a sua comida, imagino como será quando eles estiverem em plena ação.

Espera. “Vocês já dormiram juntos?” Meu tom presunçoso faz suas bochechas ficarem rosadas, ao redor de seu nariz. “Oh, meu Deus, vocês já transaram.”

“Não!” Ela praticamente grita. É como um pássaro berrando, como se alguém estivesse arrancando suas penas.

Tommy esfrega as orelhas quando seu rosto se enruga de dor. “Ai.”

“Ok, então se você não fez isso, então o que você fez?”

“Definitivamente estou indo me deitar, agora mesmo,” Tommy diz e se levanta.

Sasha ri comigo enquanto pedimos que ele se sente com a promessa de que vamos mudar de assunto.

* *

São apenas onze horas e meu humor melhorou. A conversa fluiu facilmente entre nós três, e eu encontrei-me falando sobre Caleb e seu modo pateta. Encontrei-me sorrindo sobre ele também. Quase em lágrimas por causa disso e Sasha também. Tommy é melhor em lidar com sua dor, mas vejo-a em seus olhos. Eles eram bons amigos, apesar de seu início áspero porque Caleb tinha ciúmes do nosso relacionamento.

Bem, não era ciúmes. Ele se sentiu ameaçado. Eu amava isso no entanto, porque o sexo era incrível quando ele estava irritado. Dizendo que eu pertencia a ele, me prometendo que iria ferrar todos os outros caras da minha cabeça. Não que eu tivesse qualquer outro cara na minha cabeça, mas ainda, eu apreciava o esforço que ele colocava nisso.

“O que está acontecendo com Nathan?” Sasha pergunta, me fazendo engasgar com a água que estou tomando. Seus olhos se arregalam. “Querida...”

Eu balanço a cabeça, negando, e a culpa volta. Meu coração martela e, cada golpe parece ricochetear através do meu peito com uma dor queimando que dura até o próximo golpe apenas para iniciar novamente ainda mais forte.

“Não, não nem sequer insinue isso. Nós somos amigos.”

Ela abaixa a voz, é apenas um sussurro. “Ele se parece com Caleb, eu entenderia...”

“Sasha,” Tommy adverte, mas eu o interrompo.

“Não, ele não parece,” digo abruptamente minhas palavras correm. “No começo, sim, a semelhança física, mas agora não. Já o olhei muito. Eu mal reconheço as semelhanças.”

Ela abre a boca para dizer outra coisa, estou chocada quando a voz cortante de Tommy interrompe. “Pare com isso, Sasha. Você está pressionando onde não deveria.”

A boca de Sasha fica aberta. “Eu só ia dizer que ninguém...”

“Como você acha que está fazendo ela se sentir, hein? Honestamente? Não há nada acontecendo entre ela e Nathan, mas você está propagando uma merda que vai ficar em sua mente. Ele é o irmão de Caleb. Ela já se sente fodida o suficiente sobre ficar aqui com ele, e você colocar mais sobre isso, não vai ajudar.” Ele não parece zangado, mas soa algo próximo. Eu estou grata por ele ter me cercado de cuidado, mas gostaria que não tivesse dito nada. Isso ficou um pouco estranho.

“Cristo,” Sasha range, sua mão indo para sua boca. “Você está certo, eu sinto muito, Gwenny.” Gwenny... ai.

Ela me abraça, eu abraço-a de volta o melhor que posso. “Está bem. Esqueça.”

“Então, onde é o meu quarto? Eu ainda não sei onde é.”

Ofego e o meu sorriso retorna com meus pensamentos. “Ainda não mostrei o quarto do bebê.”

* *

Conseguimos finalmente ir para a cama depois da meia-noite. Eu envio um texto para Nathan, perguntando-lhe se chegou, aonde quer que esteja, são e salvo. Não espero que responda. Ele normalmente não responde e dessa vez não foi exceção. Enterro a cabeça no travesseiro e suspiro antes de fechar os olhos e deixar o sono me reivindicar.

* *

Acordo com o sol entrando pelas janelas. Ah quem as abriu? “Bom dia!” *Claro,* Sasha.

“Estou dormindo,” murmuro e enterro meu rosto debaixo das cobertas. Meu ritual matutino.

“Levante. Eu quero explorar.”

“Tudo bem,” cedo e deslizo para fora da cama. “Me arrume, só vou cochilar enquanto fico sentada.” Meus olhos não abrem, eles se recusam.

“A bateria do seu telefone acabou cerca de vinte minutos atrás, tem uma chamada não atendida e uma mensagem de texto de Nathan.”

Para ler eu teria que me mover. Mover seria acordar. Acordar seria... Ugh.

“Está bem.” Bocejo e tateio a mesa cegamente. Meu telefone cai no chão. Maldição. “Vou pegar.”

Sasha ri e o coloca em minha mão. “Talvez você devesse ir lavar o rosto primeiro. Isso pode impedir seus olhos de grudarem.”

“Bom ponto,” digo bocejando, e rastejo para o banheiro. Depois de espirrar água no meu rosto e arrumar meu cabelo em um coque alto, aplico um pouco de rímel. Sasha me observa como um falcão, já vestida e pronta para o dia em uma calça jeans escura azul e um grosso, suéter prateado que chega até sua coxa. “Onde está Tommy?”

Sasha acena para o corredor. “Se preparando.” O que significa ‘dormindo mais cinco minutos antes de levantar e vestir o que puder em dois segundos e fazer parecer que ele já estava pronto’.

“Vou começar o café da manhã.” Me alongo, rindo quando o fundo da minha barriga espreita por debaixo da minha camisa. “Acho que preciso de roupas maiores.”

“Isso é o que vamos fazer esta manhã!” Sasha quica no local, parecendo muito animada, logo cedo.

“Eu não acho que Tommy vai apreciar,” eu murmuro e deslizo o meu polegar sobre o meu telefone.

Nathan: Peço desculpas por ter partido assim de repente. Divirta-se com seus amigos. Há um pouco de dinheiro na gaveta superior da cômoda. Coloquei lá antes de sair. Gaste como quiser. Não incluindo as coisas óbvias pelas quais tenho desgosto claro.

Eu: Obrigada, isso é muito gentil. Está tudo bem? Eu fiquei preocupada.

Nathan: Está tudo bem, Gwen. Vou levar algo bonito pra você.

Eu: Só basta se trazer de volta, a menos que você volte com chocolate também, aí não vou reclamar. Quando posso esperar você em casa?

Nathan: Hoje à noite, por volta das seis. Eu ficaria feliz com aquela massa que você faz.

Eu: Devidamente anotado.

Depois de enfiar meu telefone no bolso, desço as escadas, Sasha foi chamar Tommy.

Faço um café da manhã rápido e fácil, omeletes com cogumelos e queijo. Tenho de manter meu estoque de ovos escondidos. Nathan tem uma coisa muito estranha com ovos. Se ele não pode vê-los, como no bolo ou em massas, então para ele está bem, mas se eu preparo qualquer outra forma de ovos, mexidos, fritos, cozidos, etc., ele pira e os joga fora imediatamente. Eu vou usar sua ausência para desfrutar de uma omelete bem merecida com meus amigos.

* *

"Eu estou tão feliz que vocês estão aqui, só queria que pudessem ficar mais tempo." Eu faço beicinho e coloco seus pratos na frente deles.

Tommy balança as sobrancelhas. "E perder o Halloween, a única noite do ano em que as mulheres se vestem como..."

"Criaturas sexy da noite." Sasha termina sua frase.

Eu olho para a minha barriga. "Eu deveria apenas pintar um olho, ou algo em minha barriga."

"Ou pintá-la parecendo que a pele está sendo rasgada e fazer tentáculos saindo dela." Tommy parece muito animado com essa ideia. "Você sabe. Como Alien *vs* Predador?"

Nós duas olhamos para ele com incredulidade. Sasha fala primeiro. "Você não é apenas estranho, mas também é nojento."

"Eu voto na segunda opção." Levanto a mão, estremecendo quando Tommy bate e joga um pedaço de pepino em Sasha. "A violência não resolve nada."

Ele encolhe os ombros. "Eu achei que muito boa."

"Golpear uma mulher grávida fez você se sentir bem?" Sasha finge horror.

Ele só suspira. "Vou deixar você para trás, se não parar de me molestar."

"Como se isso alguma vez fosse acontecer," Sasha responde de voz baixa, sabendo muito bem que ele pode ouvi-la.

"Quer apostar?" Seu rosto assume uma expressão ousada, torcendo que ela diga sim.

“Crianças,” eu rio e termino meu café da manhã. “Vamos.”

“Sim, vamos comprar roupas novas, para sua grande barriga.”

“Você é uma puta, Sasha.” Mesmo que suas palavras sejam verdadeiras.

Ela só sorri de volta. “Logo ficará magra novamente.”

Estremeço. “Que madura.”

“Ela será mãe,” Tommy acrescenta, o que faz Sasha jogar o mesmo pedaço de pepino de volta para ele.

Eu me levanto antes que eles me envolvam na guerra de comida. “Preciso apenas de um minuto.”

“Tudo bem.” Outro pedaço de pepino voa.

“E limpem essa bagunça,” ordeno e me afasto, ignorando o pequeno pedaço de comida desconhecida que atinge a parte de trás da minha cabeça. Eu não olho. Não vou dar à sua risada tranquila a satisfação de me ver reagir.

* *

De volta ao quarto, pego minha bolsa e abro a gaveta superior da penteadeira. Com certeza há um pequeno rolo de notas. Muito mais do que preciso. Suspiro. Ele precisa parar de fazer isso.

Eu desenrolo as notas e as enfio no meu bolso traseiro. É então eu vejo um envelope dobrado com meu nome na frente.

Eu o pego e viro. No canto tem algo pesado, fazendo o papel dobrar quando eu seguro em um ângulo inclinado.

Depois de abrir, procuro a fonte do peso e pisco de espanto quando vejo um anel. Um magnífico aro de ouro com um conjunto de diamantes que espiralam em torno de um maior no centro. Minhas mãos tremem enquanto pego o bilhete. O que é isso? Por que há um anel aqui?

Meu coração aperta enquanto desdobro a nota, com o anel ainda na minha mão.

Meus olhos escanceiam o curto, mas profundo, parágrafo.

Estive pensando um pouco e eu acredito que neste momento seria melhor se casássemos. Não espero uma resposta imediatamente. Pense nisso. Quero que meu sobrinho tenha uma casa estável e meu sobrenome. Eu também não quero que as pessoas pensem mal de você por causa das circunstâncias. Há muito que posso lhe oferecer. Não há muito em mim para ser um marido, mas vou tentar. Prometo mantê-la feliz e você tem a minha palavra que irei respeitar, cuidar e proteger você e meu sobrinho até o dia em que eu morrer.

Nathan.

Deixo cair o anel como se ele me queimasse, o bilhete também. Meu cérebro força meu corpo a me impulsionar para trás, meus olhos arregalados enquanto o medo e o pânico correm através de mim.

Por que ele me pediria em casamento?

Olho para o anel que já está no meu dedo e percebo como é simples em comparação com o anel que Nathan me deu. O anel de seu irmão. O que Caleb colocou no meu dedo.

Como ele pode até mesmo... por quê... o que há de errado com ele? Ele honestamente pode pensar que eu concordaria com isso?

Casamento significa muitas coisas, sendo o sexo uma delas. Eu nunca poderia fazer isso. Nunca.

Ele não pode, honestamente, querer isso... pode?

Eu me sinto doente.

* *

"Você está pronta?" Sasha grita.

"Estou... indo!" Digo e enfio a nota e o anel dentro do envelope antes de empurrá-lo de volta para a gaveta.

Isso não vai estragar meu dia, não vou deixar. Nathan está apenas sendo nobre, mesmo que tenha uma maneira estranha de demonstrar. Não estamos no século dezoito, ou qualquer século de merda. Nem mesmo seria necessário de qualquer forma. Eu não me importo com o que as pessoas pensam de mim. Caleb foi o amor da minha vida, eles podem ir se foder se acham que eu não era o dele.

Ele me escolheu, morreu ao meu lado. No meu ventre cresce metade dele.

Droga, Nathan! O que você está fazendo?

Por que ele me perguntaria isso hoje de todos os dias? Talvez para que eu pudesse conversar com meus amigos. Dane-se. Eu não estou ansiosa para ver suas reações, isso é algo que eu prefiro perder.

Desço as escadas, abanando meu rosto para livrá-lo do suor nervoso que parece estar gotejando da minha pele. "Vamos." Eu empurro a porta, minha bolsa ao meu lado. "Não há muito para ver na vila. Mas há uma boa loja de roupas. As mulheres de lá são surpreendentes em fazer a roupa caber perfeitamente."

“Uau.” Sasha observa secamente. “Que sorte para você.”

Eu encolho os ombros. “Gosto das pessoas e da cafeteria e dos poucos restaurantes que eles têm, que sim, são todos, bares e restaurantes. Mas são aconchegantes. Como algo saído de um filme.”

“Eu invejo sua vida pacata.” Sasha diz novamente.

Tommy abre a porta do carro para mim, forçando Sasha a entrar na parte traseira. O que sou grata porque uma vez na parte traseira duvido que eu fosse capaz de sair novamente. É um carro de duas portas. Os bancos dianteiros deslizam para frente para o acesso à parte traseira.

Definitivamente não vai acontecer.

Sasha não parece se importar. Ela se inclina para frente entre os nossos assentos e liga o rádio. Boa sorte em conseguir alguma estação aqui.

Ela desiste depois de dez minutos e liga um CD, Tommy dirige para a vila.

Nós paramos primeiro na loja de roupa e Sasha estremece com quase tudo. É muito... formal, eu suponho, mas é aconchegante e confortável.

“Ebay, Cristo. Já ouviu falar disso? Só porque você está grávida e vivendo com um monte de gente idosa, não significa que tem que se vestir como uma.” Sasha sussurra. Eu abafo minha risada e permito que a senhora me guie para a parte de trás da loja para tirar minhas medidas. Ela leva segundos, sua memória claramente melhor que a minha. Depois de apontar para algumas coisas diferentes, pago no balcão e encontro Tommy na calçada do lado de fora.

“Isso foi rápido,” ele comenta, ignorando uma Sasha ainda resmungando. “Bem, agora o quê?”

“Bem-vindo ao inferno.” Sasha olha para o céu. “Como você não fica entediada aqui?”

“Nathan me leva para a cidade com ele às vezes. É divertido. Jeanine, a governanta, está lá todas as manhãs e posso conversar com ela por um tempo. Nathan também me arranjou um notebook, há um monte de livros para ler e tenho vários lugares para explorar.” Não incluindo o mato infestado de ratos que eu tento evitar. “Ele está processando seus pais.” Eu digo isto em um tom calmo, consciente dos ouvidos escutando nas ruas vazias. Provavelmente estou sendo paranoica, mas não quero correr riscos.

“Ele está o quê?” Tommy pisca e olha diretamente para mim, seus olhos cheios de curiosidade.

Eu aceno e mordo o interior da minha bochecha por um momento. “Sim. Não diga nada a ele. Não vai gostar que contei a vocês. Ficaram tão loucos quando perceberam que eu estava com ele, cortaram seu fundo fiduciário, o que eles não tinham direito. Assim como fizeram com Caleb.”

“Ah, bastardos.” Sasha sopra a franja de seus olhos e olha através de uma vitrine, para a loja de bugigangas alinhadas perfeitamente atrás do vidro. “Qual o problema deles?”

“Eu não tenho ideia.” Mas realmente quero descobrir. “Eu não entendo; não faz sentido nenhum. Isso não pode ser apenas sobre o fato de eu não ser de uma família de sua escolha. Acho que isso é algo do passado deles.”

Tommy balança a cabeça. “O que você quer dizer?”

“Talvez seja toda a coisa da rebelião de Caleb. Ou talvez tivessem mulheres em suas mentes para seus filhos. Quem sabe como eles funcionam?”

“Hmm.” Sasha começa a andar de novo, nós começamos a segui-la. “É um pouco estranho, mas acontece. Lembra-se

daquele cara que namorei." Ela olha para cima em pensamento. "Qual era o nome dele?"

"Quem?"

"Aquele com o topete estranho."

Tommy ri. "Reece?"

"Esse." Ela estala os dedos e sorri. "Os seus pais eram muito rígidos. Odiaram quando descobriram que ele estava namorando comigo. Eles queriam que ele se casasse com uma garota com quem cresceu junto."

Ah, me lembro disso. "Aquele cara era um idiota."

"Sim," Tommy intervém e coloca o braço em volta dos seus ombros. "Não que isso importe muito, já que você esqueceu seu nome depois de apenas dois anos."

A mão dela chicoteia para dar um tapa no peito dele, seu sorriso nunca hesita. "Eu o estava usando por causa do seu carro. Quando o verão acabou nós terminamos mutuamente. Ele ficou triste, e eu fingi estar."

"Cadela," rio em choque e chuto uma pequena pedra no chão. "Pensei que eu e Caleb terminaríamos antes do verão e a Universidade começar. Eu estava tão certa de que ele estava mentindo e dizendo coisas bonitas apenas para tomar minha virgindade."

"Agradável."

Eu a acotovelo para se calar e continuo. "Ele continuou me dizendo que ficaria, mas eu não podia compreender a realidade de um homem tão incrível como Caleb, depois de apenas alguns dias, prometendo-me o mundo."

"Ele sempre lhe prometeu o mundo," Sasha suspira melancolicamente, a mão agarrando a minha.

“Eu não acho ele percebeu que já tinha me dado tudo,” resmungo, sentindo a dor familiar no meu peito. “Ele era meu mundo.”

“Muito sentimental.” Tommy finge se atirar na calçada. Muito imaturo?

“Você acha que ele estaria bravo comigo? Eu prometi que ficaria longe de Nathan.”

Tommy encolhe os ombros. “Provavelmente não. Quero dizer, as circunstâncias não foram ideais. Tenho certeza que ele estaria grato ao irmão.” Por que não sinto que isso é verdade?

Sasha balança a cabeça. “Não, ele estaria definitivamente chateado. Caleb era do tipo ciumento, mas também iria entender. Eu não acho que você precisa se preocupar com o que ele poderia pensar, sabendo que você está fazendo o melhor que pode para ter sua vida como você quer.”

“Eu espero que você tenha razão.”

“Nós temos.”

19

Às cinco horas, eu choro quando meus amigos vão embora. Eles prometeram vir me visitar novamente em algumas semanas, por isso a nossa separação não foi muito dura. Foi difícil abraçá-los e agradecer por tudo o que fizeram por mim. Eles trouxeram recordações dolorosas, mas eu precisava.

Quando saíram, subi instantaneamente pelas escadas e puxei o envelope da gaveta.

Já passou meia hora e ainda estou parada batendo-o contra a minha outra mão, me perguntando como vou lidar com isso.

"Gwen?" Nathan grita quando a porta da frente se fecha.

Oh maldição, eu deveria ter feito o jantar. Apressadamente, coloco o envelope de volta na gaveta e corro pelas escadas. "Desculpe, adormeci." Minto. O que eu queria mesmo dizer é, você me perturbou com seu bilhete e o anel eu fiquei olhando para eles, Deus sabe por quanto tempo.

Ele sorri, seus olhos suavizam. "Sem problema. Vá e descanse, farei o jantar."

"Humm, não, tudo bem. Você estava dirigindo e eu só... eu vou e ..." Aponto para a cozinha. "Para lá."

Os lábios dele se contraem. "Está tudo bem?"

"Sim." Eu viro e bato diretamente na pequena mesa que contém um vaso de flores frescas que abasteci apenas dois

dias atrás. Agarro-o antes que ele possa cair, amaldiçoando interiormente do quanto sou desajeitada.

Nathan dá alguns passos para mim. “Você está bem?”

“Sim, só...” Ele me pediu em casamento, em um bilhete, o que eu acho que é melhor que ele me perguntando pessoalmente. Não acho que poderia lidar com isso. “Estou um pouco distraída. E a chaleira? Você ligou a chaleira?” Eu começo a vagar pela cozinha, mas a mão de Nathan envolve a parte de trás da minha camisa me impedindo. “Algum problema?”

“Eu estava prestes a lhe perguntar a mesma coisa.” Ele está parado bem atrás de mim. “Há algo que você queira falar?”

Minha boca abre e fecha. Eu quero? “Eu deveria começar o jantar se nós quisermos comer antes da meia-noite.”

Mesmo que seu peito esteja às minhas costas, eu sei que ele está lambendo seu lábio. “Eu vou ajudar.”

“Não precisa.” Dou um passo para frente, mas ele me puxa para trás, meu coração bate na garganta, posso ouvi-lo em meus ouvidos.

“Eu quero.”

“Tá bom.” Engulo.

Ele finalmente me liberta e me segue até a cozinha, pego os ingredientes necessários e começo a preparar o jantar. Nathan fica ao lado esperando ordens.

“Você poderia me passar o leite?” Pergunto enquanto corto a folha de massa em quadrados menores e começo a recheá-las. Olho por cima do meu ombro enquanto mergulho os pacotes selados no leite e os coloco na água fervente. “Por que você saiu na noite passada?”

“Queria dar alguma privacidade a você e seus amigos,” ele responde e estou chocada com sua honestidade, embora me sinta culpada. “Não me olhe assim, eu não me importei. Tinha trabalho a fazer de qualquer maneira.”

“Bem... obrigada.” Eu olho para ele com um sorriso grato e pego a salada. “Como estão as coisas com seus pais?”

“Meu pai está furioso, mas também está assustado. Minha mãe não está falando comigo e o negócio está sofrendo porque meu pai recusa mudar suas ações e preços.”

“Isso não é bom.” Balanço a cabeça um pouco enquanto minha mão empunha a faca na alface enrolada. “O que você vai fazer?”

“Na verdade...” Seus lábios se contorcem como se ele pensasse sobre se deveria ou não me dizer. “Eu estava pensando em começar o meu próprio negócio.”

Paro de cortar e inclino minha cabeça. “Seu próprio negócio de joias?”

“Sim.”

Minha expressão curiosa lentamente se funde em um sorriso. “Nathan, é uma ideia brilhante.”

Ele pisca como se estivesse surpreso. “Você pensa assim?”

“Claro que sim. Você vai ser genial! As joias que você me mostrou são fantásticas. Melhor do que qualquer coisa que já vi do seu pai.” É verdade, as joias dele são realmente boas, embora eu não fale por todo mundo. Todos temos gostos diferentes. Mas se o negócio de seu pai está falhando, talvez essa seja a direção que ele deve seguir. Eu lhe conto meus pensamentos e seu rosto se estende em um sorriso que não havia visto antes. Isso o faz parecer muito bonito. Tão bonito.

"Você não tem ideia de como..." Ele limpa a garganta e mastiga em seu lábio por um momento. "Você é incrível. Obrigado."

"Eu não fiz nada," eu rio, desfrutando de seu nervosismo que faz parecer ter a sua idade, em vez da idade que ele finge ter.

"Com licença por um momento." Ele deixa a cozinha e sobe correndo as escadas como um garoto procurando seu brinquedo favorito.

Ainda sorrindo, olho para a refeição que estou preparando e continuo. Este foi um dia muito, *muito* bom.

* *

Durante o jantar, Nathan puxa uma grande pasta cheia de folhas de papel laminado. Eu olho através de cada página, que ele usou um marcador, escrevendo notas sobre certos itens das joias e, ocasionalmente, me pergunta o que eu penso das que vejo. Principalmente, se gosto delas. Um par delas eu não gosto, mas não porque não são bonitas, mas porque não são do meu estilo. Minha opinião realmente não importa, entretanto, isso é ótimo porque ele precisa de uma gama diversificada.

Felizmente, sendo experiente no negócio, ele sabe como começar este tipo de coisa. E como não sei nada, apenas lhe prometo que vou mantê-lo bem alimentado e completamente entretido durante toda a experiência. O seu sorriso me diz que aprecia isso.

Depois do jantar ele pega a pasta, e mais duas, e espalha tudo desde da mesa e o chão. Eu observo como ele se debruça sobre todo material espalhado, e começa a cortar imagens

menores de seus desenhos e colocá-los em grupos nas folhas soltas de papel A2.

Sua concentração é hipnotizante. Não sei bem o motivo, mas, observá-lo trabalhando, murmurando para si mesmo e dando voltas para frente e para trás torna impossível manter meus olhos longe dele.

Eventualmente ele tira seu casaco e enrola as mangas de sua camisa.

Eu mantenho sua xícara de café cheia e bebo leite junto à lareira.

“Só um segundo.” Sua voz perturba o silêncio enquanto ele sai da sala.

Eu espero, embora não esteja fazendo muito mais do que isso.

* *

“Aqui.” Ele volta. Maldição seus passos são silenciosos. Eu não o ouvi até que já estivesse entrando. “Levante o cabelo.”

“Por quê?” Eu olho para o braço que está escondido nas suas costas.

“Por favor?” Ele coloca sua mão livre em meu ombro e me dá um aperto reconfortante.

Eu cedo e levanto meu cabelo.

“Feche seus olhos,” ele sussurra, assim eu faço.

Algo plano e frio bate contra meus seios inchados, e uma fina corrente segue enquanto seus dedos passam ao redor do

meu pescoço e fecha na parte de trás. Ele puxa meus pulsos para longe, permitindo que solte meu cabelo.

Não ouso abrir os olhos. Obviamente abro eventualmente e minha mão e olhos imediatamente vão para o pingente singular e plano pendurado no meu pescoço. Minha respiração fica presa. “Nathan...”

“Eu sei que você disse que não podia aceitá-lo, mas eu preciso vê-lo em alguém. Eu quero que você fique com ele.” Ele se ajoelha na minha frente. É uma máquina fotográfica na sua mão? “Isso está... ficou perfeito, de verdade.”

Merda. O que eu digo? Ele já me deu muito. É... lindo e eu adoro, mas como posso aceitar?

“Eu gostaria de tirar uma foto.” Suas mãos enluvadas descansam em meus joelhos. “Se você não se importar.”

“Eu pareço uma louca descabelada.”

“Quieta, você está linda.” Ele se senta sobre a mesa. “É apenas para capturar o colar contra sua pele.”

Nada a ver com meus seios então? “Certo. Como você me quer?”

Ele apenas se contorceu? Não. Estou imaginando coisas, embora suas bochechas estejam ligeiramente coradas. Provavelmente porque desceu as escadas correndo.

“Certo.” Ele levanta a câmera para seu rosto e olha para mim através da lente. “Relaxe.”

Isso é difícil de fazer quando você está de repente sob um foco que nunca quis estar. Eu abaixo a cabeça e enfio meu cabelo atrás da orelha, esperando que ele termine.

“Segure o pingente com apenas o polegar e o indicador,” ele diz, e me ajuda a mover a mão. “Excelente.” Alguns cliques

mais, antes que ele finalmente termine e eu libero a respiração dos meus pulmões. “Obrigado.”

“Quer um biscoito?”

“Você fez biscoitos?”

Eu aceno e me levanto. “Eu vou buscar.”

Assim que entro na cozinha eu jogo água no meu rosto e me sirvo de uma bebida, tentando me livrar da sensação aquecida no estômago, tentando, me livrar de seus olhos quase chocolate, dilatando-se entre cada clic. Há algo horrivelmente errado comigo.

Caleb. Me perdoe.

Estou perdida sem você, incluindo minha mente. Acho que você levou isso contigo.

Você poderia, por favor, enviar de volta minha mente, em algum momento? Se vou viver sem você, vou precisar dela.

* *

“Gwen?”

“Jesus!” Eu grito e derrubo o copo na pia. Não quebra, mas espirra água em mim.

Ele ri e me entrega alguns guardanapos. “Você está agindo de forma estranha hoje à noite”

Minha boca abre, ele está falando sério? “Sim... bem...” Eu olho para seus olhos brilhantes e sua postura relaxada e suspiro. Não vou desanimá-lo hoje à noite. A proposta pode ser abordada outra noite, entretanto espero que ele não pense que por eu estar evitando a assunto é porque estou pensando

nisso. Estou nem mesmo considerando. Deveria dizer agora mesmo que não.

"Estou só cansada."

"Foi uma noite longa. Vá se deitar." Ele inclina cabeça para o lado, me avaliando por um momento. "Há algo que você queira falar?"

"Não, nada." Sou uma mentirosa terrível. "Acho que vou dormir. E você também."

Ele sorri maliciosamente, seus lábios se entreabrindo ligeiramente. "Isso é um convite?" Eu ofego em horror enquanto suas mãos voam para cima em rendição. "Brincadeira. Eu só estou brincando."

"Eu sei," minto e empurro Caleb de minha mente. Seu rosto continua piscando diante dos meus olhos e tanto quanto eu amo vê-lo, ele não deveria estar testemunhando essa conversa.

Estou ficando louca. É oficial.

"Vá para cama." Ele dá um passo para o lado, dando-me espaço para passar. "Boa noite, Gwen."

"Boa noite," eu murmuro em resposta e ando o mais rápido possível para as escadas e depois para o quarto.

* *

Quando me deito, toco o colar descansando no meu peito e admiro a pequena joia vermelha no dedo anelar esquerdo. Envolvo minha mão em volta dela. Aquela que está meu anel de compromisso com Caleb. Um dos únicos lembretes que eu tenho de que Caleb existiu. O aro de

ouro toca levemente o disco de ouro plano e minhas lágrimas de frustração caem.

Preciso me distanciar de Nathan, ele precisa saber que eu nunca poderei ser isso para ele. Sei que ele acha que está sendo nobre ou algo assim, mas não tem que ser. Por que renunciaria uma vida de felicidade para estar com alguém que nunca vai amá-lo?

A partir de amanhã vou deixar claro. Vou ser tão clara como cristal.

Somos apenas amigos.

Talvez eu devesse partir, mas mal consigo compreender o pensamento de voltar para a minha mãe. Eu não confio nela. Isso soa horrível, mas não confio que ela vá manter sua palavra e duvido que vá ser tão feliz com ela, como estou aqui com Nathan.

Além disso... acho que ele precisa de mim.

Acho que precisa de mim quase tanto quanto eu preciso dele.

***

No dia seguinte eu não tenho a chance de insinuar a Nathan sobre nosso status de relacionamento atual, pois ele saiu imediatamente após o café da manhã. Ele parece exausto, mas determinado, então embalo seu almoço, endireito sua gravata e nos despedimos à sua maneira. Então eu me chuto por não me manter à distância.

Quando chega em casa, ele janta rapidamente, quase dormindo na mesa. Envio-o imediatamente para a cama, ficando um pouco preocupada com ele.

* *

Na noite seguinte na hora do jantar, ele ainda está lá em cima. Ele não saiu de seu quarto nenhuma vez. Quero subir e ver se ele está bem, mas não ouso invadir seu espaço.

Ele já me evitou antes, mas sempre desce para comer alguma coisa. Além disso, ele não tem motivos para me evitar agora.

Talvez esteja apenas cansado. Ou talvez esteja acompanhado.

Eu não sei o porquê, mas a última opção me incomoda e lança uma dor em meu peito.

* *

Mais uma hora passa e agora estou realmente preocupada. Olhei a geladeira e nada está faltando. O seu café da manhã está intocado, seu almoço e seu jantar também.

Decisão tomada.

Eu vou até lá.

Por que estou tão amedrontada? É nesse ponto em um filme de terror, quando as pessoas decidem checar o sótão, sabendo que têm que ir até lá, mas não querem realmente. Se fosse eu, provavelmente estaria me borrando.

Eu fico na extremidade da porta, ao longo do corredor que leva ao quarto de Nathan. Minha mão treme enquanto aperto a maçaneta, meu corpo se contrai como se estivesse pronto para um alarme começar a soar. A porta abre sem problemas ou dramatismo.

Ufa. Sem ninjas então.

"Nathan?" Eu chamo e acendo a luz, iluminando uma escada íngreme e estreita, com carpete azul escuro. As paredes são da mesma cor. "Nathan?" Eu chamo mais alto e com uma mão no corrimão eu subo. "Olá?"

Nada.

Merda.

Quando alcanço o topo eu vejo três portas, uma delas está aberta mostrando o interior de um armário, cheio de caixas velhas. Estou supondo que são arquivos de trabalho, então não dou muita atenção e vou para a porta ao lado.

"Nathan?" Eu bato na porta número um e depois na porta número dois. Nenhuma resposta. Maldição.

A porta número um se abre sem fazer ruído, e eu a empurro apenas alguns centímetros e olho para o quarto. É escuro e grande, mas posso ver uma enorme cama de dossel. Há também uma forma imóvel bem no meio da cama.

Abro mais a porta e quase vomito com o cheiro de água sanitária. Nunca me acostumarei a isso. Não importa que digam ou façam, estão mentindo nos comerciais.

Uau, está extremamente limpo aqui.

"Nathan?" Digo, olhando para a forma imóvel na cama escondida sob profundos cobertores azuis. Meu coração começa a martelar. Isso não está acontecendo novamente.

Caleb foi uma fatalidade. Ninguém seria tão azarado.

Mas e se for hereditário?

Meu nariz começa a formigar com as lágrimas, com os sentimentos frescos voltando à memória. Quase não vou até Nathan com medo, mas eu não posso deixar para lá.

Eu silenciosamente caminho em sua direção, cheirando o ar buscando qualquer sinal do doentio cheiro doce que parecia sufocar-me quando acordei ao lado de Caleb. A água sanitária é muito proeminente, não deixando espaço para outro cheiro.

“Nathan?” Eu quase choro, mas seguro e chego até o cobertor com a mão trêmula. Imaginando que ao puxa-lo tudo que poderia encontrar é uma forma sem vida. Estou tão assustada. Não quero fazer isso. “Nathan!”

Eu enrolo os dedos ao redor da ponta do cobertor e arranco rapidamente, descobrindo sua cabeça e seus ombros nus.

Oh Graças a Deus. Eu nunca senti tanto alívio.

Ele está deitado de bruços, o rosto esmagado no colchão, os lábios parcialmente abertos, mas brilhando com a recente umidade da língua e tremendo a cada respiração. Uma de suas mãos aperta o colchão acima de seus cabelos despenteados que parece não ter uma direção clara em mente.

“Nathan,” eu repito e gentilmente coloco minha mão na parte de trás de seu ombro. Ele solta um gemido baixo e se encolhe mais na cama, como se estivesse sentindo um cheiro não muito agradável através de seu nariz. Minha mão pula ao tocar sua pele quente e úmida e meu corpo faz o mesmo.

A última vez que isso aconteceu... não, não posso voltar lá. Só preciso... merda.

“Nathan?” Eu rolo o cobertor mais abaixo pelas suas costas e me sento ao seu lado na cama.

Ele abre o único olho disponível e tenta levantar a cabeça. “Gwen?”

“Eu estava preocupada, você está queimando.” Digo calmamente e com cautela, esperando que ele não fique bravo por eu estar aqui. “O que há de errado?”

Ele tosse, parece que seu peito troveja. “Gripe.”

“Promete?” Escovo seu cabelo longe de sua testa suada. “Me prometa.”

Ele rola para o lado, gemendo lamentavelmente. “Eu prometo.”

“Certo, vou pegar um remédio.”

“Certo,” ele resmunga e fecha os olhos mais uma vez.

Não perco tempo. Chego à cozinha o mais rápido que posso e começo a vasculhar a caixa de remédios. Acho os analgésicos habituais e sprays nasais, assim eu volto com uma garrafa de água. Minhas mãos tremem o tempo todo que estou correndo ao redor.

Honestamente. Estou apavorada.

Quem pode me culpar?

Ele ainda está na mesma posição quando volto, enrolado, fungando através de seu nariz entupido.

“Ei,” digo suavemente e acendo a lâmpada do lado de sua cama. Ele geme alto e enterra a cabeça sob o cobertor. “Beba.”

“O que você quer?”

“Eu trouxe remédio, água e alguns biscoitos estranhos que você gosta.”

“Não estou com fome,” ele murmura, soando infantil e realmente bonito.

“Você não pode tomar analgésicos com o estômago vazio,” digo firmemente, avisando que não haveria espaço para discussão. Não vou correr riscos. “Por favor.”

“Argh,” ele diz e senta lentamente. Eu afofo os travesseiros atrás dele e lhe entrego um comprimido.

“Você não deveria estar perto de mim; você ficará doente,” ele diz, com os olhos pesados e enevoados. Círculos escuros sob seus olhos o fazem parecer tão doente como provavelmente sente. “Ou o bebê.”

Eu balanço a cabeça. “Tomei vacina contra a gripe há algumas semanas. Eles as distribuem com os folhetos quando se está grávida.” Eu lhe dou o pacote de biscoitos e seguro um guardanapo sob seu queixo enquanto ele come, para recolher as migalhas.

“Eu não quero comer mais,” ele declara depois de ter dado só duas mordidas. “Minha garganta dói.”

“Pare de fazer birra.” Eu sorrio suavemente e coloco as bolachas na bandeja. “Aqui,” coloco duas pílulas em sua mão, quase suspirando quando vejo as luvas. Ele nem sequer as tira para dormir. Isso é estranho.

Depois de vê-lo engolir, ele se deita e tenta puxar o cobertor sobre a cabeça. “Volte para o andar de baixo.”

“Mais uma coisa.” Balanço o longo e fino termômetro digital com um sorriso.

Ele empalidece. “Sem, porra, de chance.”

Bufo. “Relaxe, é para debaixo de seu braço.”

“Esse termômetro é do bebê.”

“Tenho certeza que ele não vai se importar.” Eu tento tocar o seu braço e ele recua. Certo, a coisa da mão, mas ele não se incomodou quando afastei o cabelo de sua testa. Que

estranho. De alguma forma consegui contorcê-lo no vinco onde seu braço está pressionado em seu peito. Depois de alguns momentos, o termômetro emite um sinal sonoro alto.

Quarenta e um... QUARENTA E UM!

“Aonde você vai?” Nathan chama quando pego a bandeja e saio correndo do quarto.

Eu tenho que abaixar sua febre. Isso é muito familiar, está se repetindo.

“O que agora?” Nathan suspira, seu R soa mais como um D. “Você não pode simplesmente me deixar em paz?”

“Você está nu?” Pergunto e puxo o cobertor pelas suas costas.

“Por quê? Você quer que eu esteja?” Ele tenta sorrir, mas parece mais uma careta.

“Fiquei quieto.” Eu coloco duas toalhas grossas e limpas na cama, ele me observa através de uma pequena fenda entre suas pálpebras. Ele não parece impressionado, apenas irritado. Eu realmente não me importo. “Deite-se aqui, de costas.”

“Por quê?”

“Agora, ou tentarei mover você e você parece pesado. Não é uma boa ideia.”

Ele arrasta seus membros lentamente na toalha, estou contente de ver que ele está fazendo o que eu disse. Seus olhos ficam fixos nos meus enquanto pego uma toalha dobrada úmida e coloco em sua testa, tendo o cuidado de não tocar sua pele com minhas mãos. “Como você está sentindo?”

“Pior do que eu pareço.” Se encolhe enquanto eu coloco outra toalha úmida sobre seu pescoço. “Por que você está fazendo isso?”

“Você não parece tão ruim.” Ignoro a pergunta e fico olhando para sua pele enquanto ela se contrai instantaneamente, pequenos calafrios se formam ao longo da superfície.

“Você já terminou?”

Minha cabeça balança para frente e para trás. Não. Eu não vou terminar. Não até sua febre baixar, e eu estar convencida que seu coração continuará batendo. “Tente dormir.”

“Saia do meu quarto e eu vou.”

A ignorância é uma benção. Bem... é neste momento.

“Eu disse para você ir embora.”

“Não.”

Sua sobrancelha se franze, desaparecendo sob a toalha. “Não? Este é o meu quarto.”

“Durma, Nathan,” sussurro, e removo as toalhas depois de mais dez minutos.

Ele rola fora da toalha e puxa a do seu rosto e pescoço, tornando a cobrir a cabeça com o cobertor. Meu corpo inteiro está tremendo. Meu íntimo está gritando comigo. Talvez eu devesse levá-lo ao hospital, por via das dúvidas.

“Você está me encarando.” Ele está deitado de costas. “É uma distração.”

Reviro os olhos. “Você está mal, apenas feche os olhos.” Ou não, talvez eu possa mantê-lo acordado. Isso seria egoísta, entretanto.

“Pare de me olhar.”

Eu me recuso, porque quero ter certeza que ele ainda está respirando.

"Desculpe," eu murmuro e reponho os travesseiros onde as toalhas estavam momentos antes. Eu me inclino contra eles, encolhendo-me com o calor vindo dele. Ele está doente, sem dúvida. "Talvez eu devesse chamar um médico?"

Ele não responde. Por que não está respondendo?

Certo, posso ouvi-lo respirando. Ele está dormindo, só isso.

Minha mente retorcida fica aliviada quando ele começa a tremer após vinte minutos ou algo assim. É um sinal de que está bem. Doente como um cão, mas ainda vivo. Isso é bom.

Eu deveria sair. Por que estou sentada aqui? Simplesmente não consigo sair.

Só mais meia hora. Estou exagerando, ele vai ficar bem.

* *

Sua respiração curta torna-se lenta e constante após quarenta minutos. Eu relaxo minuciosamente até que ouço-o tomar um suspiro profundo. O que há de errado comigo? Ele está bem!

Mas no caso de ele não estar, eu deveria verificar seu pulso.

Meus dois dedos tateiam contra sua pele, que está tão quente. A sensação de sua artéria bombeando contra meus dedos faz pouco para acalmar meu tumulto interior.

Eu deveria chamar um médico.

Farei isso pela manhã.

Mas e se ele não estiver vivo de manhã? Vou me arrepender pelo resto da vida.

Eu olho para seu rosto pacífico na escuridão e gentilmente removo o cabelo de sua testa. Seu cabelo é incrivelmente macio, não como o de Caleb. O dele era muito legal, mas lembrava a sensação de uma seda áspera. Com Nathan, meus dedos apenas deslizam diretamente. Ele usa condicionador.

Movo minha mão até seu peito e saboreio a sensação de seu batimento cardíaco. Quero ouvi-lo. Isso é estranho? Provavelmente.

Ele também está inconsciente demais para se importar.

Arrastando pela cama, movo meu cabelo pelo ombro oposto e coloco minha bochecha em seu peito. Seu peito é sólido, mas suave, com apenas um pouco de pelos. É um peito agradável. Ele não se move e sua respiração permanece estável, então eu sei que não o incomodo.

Tum, tum, tum, tum.

Soltando um suave suspiro de tristeza e alívio, enrolo minhas pernas e apoio meu braço em seu abdômen, minha mão formando um punho na minha boca.

Eu não quero ir embora. Eu vou em um segundo.

Só um minuto ou dois.

20

Que calor. Muito quente.

Por que minhas costas estão úmidas?

Um hálito quente faz cócegas em meu pescoço enquanto eu afasto o sono dos meus olhos e tento me localizar o ambiente. Este não é meu quarto.

Um braço aperta ao redor da minha cintura e um suave gemido masculino acompanha o movimento. O ar corre de meus pulmões quando percebo onde estou e o que estou fazendo. Estou aconchegada em Nathan.

Estou de conchinha com Nathan que está quente e coberto por uma fina camada de suor. Por que isso não me irrita? Talvez porque estou aliviada ao ver que ele está vivo.

“Nathan?” Digo e tento rolar de costas, mas seu braço me segura ainda mais apertado. Eu sinto seu nariz no meu pescoço e sua testa contra minha orelha. Sua perna travando a minha, sua coxa deslizando tão alto que posso sentir o calor contra um lugar que eu não deveria. “Nathan?”

“Humm,” ele zumbe contra meu pescoço, enviando um tremor pelo meu corpo inteiro.

“Você está bem?”

Sua única resposta é correr o nariz para cima e para baixo na parte de trás do meu pescoço. Seus dedos enrolam em torno de minhas costelas, e trilham sobre o volume da minha barriga antes de irem diretamente para baixo. Suspiro. Sua mão está muito perto da minha... Oh Deus.

"Gwen," ele resmunga e eu o sinto investindo contra minha bunda. Minha boca abre. Estou congelada no lugar. O que está acontecendo? Bem, o que quer que esteja acontecendo, agora, está solidamente pressionado contra a minha bunda.

"Oh meu Deus," eu balbucio sem fazer barulho, quando na realidade eu deveria estar correndo e gritando.

Eu o sinto tenso atrás de mim e aperto meus olhos bem fechados. É preciso tudo em mim para relaxar minha respiração, e meu rosto.

"Gwen?" Estou chocada quando ele não se move instantaneamente seu pulsante, e claramente bem-dotado comprimento, nas minhas costas. Em vez disso, ele move seu braço de volta para o seu lugar original acima da minha barriga e relaxa novamente no travesseiro com um gemido. "Eu sei que você está acordada."

Oh merda. Eu ainda finjo dormir.

"Eu deveria me afastar, mas..." Ele se aconchega ainda mais perto. Suspiro. "Seu calor está me confortando."

E o seu calor está me desorientando e me fazendo ferver.

Ele levanta a cabeça e se inclina sobre mim, me pressionando mais no colchão. Sua virilha ainda na minha bunda. Ele pressiona mais forte quando se estica para alcançar a garrafa de água na mesa de cabeceira.

Arqueio quando ele se aproxima mais uma vez, então duas vezes e rapidamente se afasta, viro o rosto, apenas para encontrar um sorriso juvenil que nunca vi em seu rosto antes. "O que está errado, Gwen?"

"Você é um porco," comento e tiro o cobertor de cima de mim.

“Não ganho um beijo de bom dia?” Ele bate no queixo com o dedo.

Minha boca se abre de espanto. “Você está claramente, delirando. Tome seu remédio.” Eu atiro as caixas para ele e recolho as toalhas úmidas e secas que dobrei e coloquei no chão ontem à noite.

“Eu só estou brincando.” Ele começa a tossir e cai de volta na cama.

“Onde você guarda os lençóis de cama?”

“Lá.” Ele aponta para a porta atrás de mim, seus olhos estreitos. “Por quê?”

“Assim posso trocar esses e botar pra lavar. Estão úmidos e ficar imerso em sua própria doença, não vai te ajudar a melhorar.”

“Obrigado.” Ele rola e puxa o cobertor sobre sua cabeça.

“Por que você não vai tomar um banho quente, ou algo assim?” Bato meu pé impacientemente e coloco as toalhas junto à porta.

“Não.”

“Por quê?”

“Ainda vou dormir,” ele murmura, mal posso ouvi-lo.

Meus lábios beliscam juntos, mas não é suficiente; uma risadinha borbulha para cima no meu peito e acaba escapando. Retiro o cobertor de seu corpo, revelando sua apertada boxer preta que se encaixa muito bem em seu corpo.

“Está frio.”

Ignorando-o, me preparo para puxar o cobertor. Ele resmunga e puxa seu corpo em uma posição sentada na lateral da cama. “Eu vou tomar banho.” Ele agita as pernas e levanta

de costas para mim. Aproveito este momento para tirar o lençol da cama, em vez de encarar suas costas.

Pare com isso, Gwen. Pare!

Então ele se vira. “Puta...” Eu cubro meus olhos e me viro, ignorando seu riso, enquanto ele caminha em direção à porta que eu sei agora que é o banheiro.

“Eu avisei.”

Espreito entre os meus olhos e quando escuto a porta fechar, olho em direção ao banheiro. Mas ele ainda está lá. Boxer e tudo. Cristo, ele é grande... quero dizer... olhe para outro lado, droga!

“Saia,” eu grito e me viro.

Eu não posso vê-lo, mas sei que ele está lá, com um sorriso presunçoso no rosto. Idiota. Porque ele está brincando?

Rapidamente refaço sua cama e recolho as toalhas e lençóis antes de sair do seu quarto.

* *

Assim que as coloco na máquina de lavar, faço sopa. Ele precisa e eu gosto de sopa, então está tudo bem, embora provavelmente demore um pouco. Tenho certeza que ele vai ficar bem durante a próxima hora mais ou menos.

Devo ir ver se ele está bem? E se ele cair no chuveiro?

Não. Vou deixá-lo descansar antes de incomodá-lo novamente.

O frango ferve na panela, quase pronto, aqueço o pão no forno, enchendo a casa com um aroma delicioso que faz minha boca salivar. Jeanine chegou não muito tempo depois que eu comecei a cozinhar. Não percebi como era cedo. Ela assumiu a sopa por um momento enquanto tomei um banho e me vesti. Não há necessidade de passear de pijama o dia todo, cheirando ao suor de Nathan.

Não que o suor dele cheirasse mal ou qualquer coisa, só que... bem... é Nathan.

* *

Eu sirvo a sopa em duas tigelas enquanto o pão esfria e coloco em uma bandeja com dois copos de água e um frasco de remédio para a tosse para o homem lá em cima. Jeanine limpa em torno de mim enquanto corto o pão e coloco as fatias na bandeja. Eu também pego um pano de prato e vou para lá, alegre.

Minhas bochechas queimam, assim que entro no quarto. Ele está meio adormecido, parecendo pálido e fraco. “Nathan?” Eu sussurro no silêncio e coloco a bandeja na mesinha ao lado dele.

“Sim?” Ele se senta e olha para a bandeja de prata. “Sopa? O que sou, uma criança?”

“Eu ainda estou me questionando sobre isso,” eu murmuro e afofo os travesseiros atrás de suas costas, que faz com que ele franza as sobrancelhas.

“Eu posso fazer isso sozinho.”

Suspiro. “Você não deveria estar fazendo muita coisa.”

“Eu não faria se você me deixasse sozinho.”

Touché. “Certo, ranzinza, apenas coma e vou deixar você sozinho.”

Eu abro o pano de prato e forro sobre a cama. Nathan alisa para baixo com as mãos. Sento ao seu lado, e estendo a mão e pego cuidadosamente a bandeja antes de colocá-la em seu colo. Pego minha própria tigela e imediatamente afundo um canto do pão nela.

Nathan faz uma careta quando engole sua primeira colherada. “Não sinto o gosto.”

“Está fabulosa,” eu elogio com um sorriso. “E cheia de proteínas e vitaminas.”

“Sobrou alguma coisa?”

“Sim, bastante.”

Ele acena. “Deixe esfriar um pouco, vou tentar comer, quando minha língua não estiver tão grossa quanto um calcanhar e tão seca como areia.”

“Claro.” Realmente está boa. “Tem alguma coisa que você precisa que eu faça enquanto você está descansando?”

Ele pensa por um momento, engolindo a comida, fazendo seu pescoço se alongar, meus olhos se arregalando naquela área. Minha boca fica seca. “Não, mas obrigado por oferecer, Guinevere.”

“Sinto muito por ter entrado em seu quarto sem sua permissão,” eu revelo, amaldiçoando minha consciência. “Eu fiquei realmente preocupada quando não te vi o dia todo.”

Ele balança a cabeça negando, antes de deslizar a bandeja para o meu colo. “Obrigado pela comida, estou cheio.”

“Está bem.” Olho para baixo em sua tigela quase cheia e franzo a testa. Nathan pode comer como um cavalo faminto. Ele vai perder peso se passar por outro dia como

este. Ele já é magro e obviamente musculoso, mas se não se alimentar suas costelas vão aparecer. “Vou levar tudo e deixá-lo descansar.”

Ele acena, seus olhos me observando enquanto recolho tudo, com cuidado para manter as migalhas dentro da bandeja. Eu desligo a luz com meu cotovelo e uso a barriga para equilibrar a bandeja com uma mão enquanto fecho a porta atrás de mim.

Agora o que poderia fazer?

Eu não quero sair da casa apenas por precaução. Oh merda, eu deveria ter me assegurado de que ele tivesse o telefone por perto e totalmente carregado. Duvido que possa ouvi-lo gritar lá de baixo. Embora provavelmente possa ouvir algo se eu estiver no meu quarto.

Isso é o que eu vou fazer. Vou montar outro quebra-cabeça no chão do meu quarto. Há alguns no armário no quarto ao lado do meu. Pego um ao acaso e volto para o meu quarto. Deixo as peças no chão depois de sentar em um travesseiro.

Isso vai me manter ocupada até a hora do jantar.

* *

“Mais sopa?” Nathan soa terrível. Nós sentamos na cama como fizemos anteriormente no almoço. “Legumes?”

“Alho-poró e batata.”

Comemos em silêncio por um tempo. Estou satisfeita quando ele termina e come até o último pedaço do pão. Retiro a bandeja e saio silenciosamente.

Nathan me manda uma mensagem de texto para eu ir lá em cima não muito tempo depois de eu ir para o meu quarto, e me preparar para a cama. Não hesito em correr para ele, como uma leoa para seu filhote. Provavelmente uma comparação estranha.

"O que está errado?" Estou apenas um pouco sem fôlego e o bebê não aprecia o empurrão ao redor. Se seus chutes persistentes em meus órgãos internos forem qualquer coisa, eu diria que ele está muito irritado por ter sido perturbado.

Vejo a mão de Nathan na escuridão coberta de couro preto e ela acaricia a cama ao lado dele, onde o cobertor está puxado para trás, ao seu lado.

Minha mente me diz para não sentar, então não sento, olho para ele a apenas alguns centímetros da cama. "O quê?"

"Sente," ele resmunga, com os olhos fechados.

"Por quê?"

Os olhos dele se abrem, o marrom claro quase brilhando na escuridão. "Sente."

"Está bem." Eu sento. Não me sinto confortável, porque por alguma razão me sinto muito confortável. Parte de mim está se apertando por dentro, sussurrando coisas para o meu cérebro, me dizendo para preenchê-lo com um boboca proibido.

Eu sou uma puta.

Seu braço me encaixa pela cintura, me forçando no travesseiro. Meu corpo enrijece. "O que você está fazendo, Nathan?"

"Usando você como meu radiador," ele mente e sei que ele está mentindo porque não está tentando esconder o fato de que está duro.

“Nós não deveríamos estar fazendo isso.” É errado, tão errado.

“Eu sei.” Mas não parece se importar. “Eu gosto de ficar você assim.”

“Nathan...” Eu advirto.

Ele continua, ignorando meu tom. “Só enquanto estou doente. Só essa noite. Não terei coragem de pedir de novo.”

“É uma péssima ideia.” Suspiro, mas relaxo ao seu lado. “Mas é bom também.”

“Sim.” Ele acaricia meu pescoço, fazendo-me ficar tensa. “Relaxe.”

“Sua coisa está entre minhas pernas, Nathan.” Eu tento franzir a testa, mas não vem, especialmente quando sinto que ele se contrai. Um ataque de risos nervoso brota de dentro. O corpo de Nathan começa a tremer com o meu, seu riso é silencioso. “Pare com isso, não é engraçado.”

“Minha cabeça dói,” ele geme e parece enterrar o rosto no meu cabelo.

“Você já tomou os analgésicos?”

“Sim, mamãe.”

Eu estremeço. “Me chamar assim, neste momento, torna tudo ainda mais sórdido.”

“Sim, senhora.”

“Vá dormir, Nathan.” Eu coloco minha mão no travesseiro em cima da cabeça e deixo sair uma respiração longa. “Nathan?” Chamo calmamente na escuridão, minha cabeça nadando em pensamentos.

Ele não responde. O único som dele que pode ser ouvido é sua respiração suave.

Uma linha foi cruzada. Uma linha que nunca deveria ter sido ultrapassada.

* *

Sento-me na minha penteadeira depois de sair do banho e me preparo para o dia, a escova do rímel é mantida firmemente entre meus dedos enquanto aplico ao longo de meus longos cílios. Olhos verdes me encaram no espelho. Olhos preocupados e com um milhão de segredos e emoções escondidos atrás sua íris clara.

Guardo o rímel e mordo o lábio enquanto organizo meus pensamentos.

Esta manhã eu saí da cama antes de Nathan acordar, agora são apenas sete e quinze e duvido que ele se levante em breve. Senti a necessidade de fugir antes que ele acordasse. Pelo menos tenho um plano sobre como lidar com esta situação, embora não seja muito bom.

Minhas esperanças são quebradas quando a porta do meu quarto se abre e ele entra, olhando para mim, de banho recém-tomado e pronto para o dia. Estou aborrecida por ele não bater primeiro. “Nós precisamos conversar.”

“Sim,” eu concordo, porque nós realmente precisamos conversar, embora eu não queira abordar qualquer coisa que tenha acontecido entre nós ultimamente.

Suas longas pernas chegam até mim em três passos rápidos, sua mão alcança a gaveta da mesa. Eu o vejo puxar o envelope que tem sido a causa de meus pesadelos, nos últimos dias. “Você não falou sobre isso, mas posso ver que você leu.”

Meus olhos se encontram com os dele no espelho, minha boca se abre. Não tenho palavras para explicar por que não disse nada. Além do fato de eu simplesmente não querer. Por isso e por ele ter estado doente.

"Só posso presumir que isso significa que você está pensando sobre o assunto?" Sua sentença é uma pergunta, eu percebo seu nervosismo. Nathan está nervoso. Percebo um lado dele que não sabia que existia. Nunca me olhou tão vulnerável como agora, apesar de manter a aparência séria. Ele deixa escapar uma risada. "Ou pelo olhar em pânico e mãos trêmulas, eu diria que você já tem uma resposta, e acho que não é a resposta que quero ouvir."

Minha boca fecha, então abre e depois fecha novamente. Solto um suspiro e deixo minha cabeça cair para frente, o meu cabelo segue, criando uma cortina entre mim e o quarto.

"Você não vai nem mesmo considerar?" Meus olhos são mais uma vez atraídos para ele quando ouço a tristeza no seu tom.

Honestamente? "Eu não posso."

Ele fica de pé em silêncio, com o olhar fixo sem vacilar. "Muito bem."

"Nathan." Estendo a mão, girando na cadeira para que eu possa agarrar seu pulso. "Não é você."

"Não," ele rosna e puxa o seu pulso. "É Caleb."

Que diabos ele quer dizer com isso? "Eu amo Caleb. Eu sou a noiva dele, Nathan." Sigo-o para fora do meu quarto e praticamente persigo-o descendo as escadas e entrando na sala de estar. Ele para na janela, suas mãos agarrando a moldura enquanto olha através da chuva salpicada no vidro.

“Está na hora de seguir adiante, Guinevere.” Não ouso abrir minha boca por medo de chorar ou atacá-lo verbalmente. “Lamento que ele tenha partido, realmente sinto muito, mas você precisa deixá-lo ir.”

“Eu não quero falar sobre isso,” digo para o chão, desejando poder enrolar minhas pernas contra meu peito. Estúpida barriga gorda.

“Você precisa falar sobre isso mais cedo ou mais tarde.”

Eu balanço a cabeça lentamente, fechando meus olhos por um momento. “Sim e quando isso acontecer, não será com você.”

“O que quer dizer?” Ele soa genuinamente ofendido. “Ele era meu irmão. Se você vai falar com alguém, deveria ser comigo.”

“Você não tem nenhum tato.” Eu olho em seus olhos. “Você não tem tato, nem compaixão. Eu sou sua noiva, é minha decisão. Quando estiver pronta para deixá-lo ir, vou deixá-lo ir.”

“Ai está o seu problema.” Por que ele está falando assim comigo? “Você disse ‘eu sou sua noiva’. Você *era* sua noiva. Passado.”

“Cristo, você é um idiota,” eu rosno e imediatamente percebo meu erro.

Ele se afasta da janela e em segundos está na minha frente. Eu me encolho sob seu olhar severo e me afasto dele. Dirigindo-me para a sala, nem sequer consigo atravessar a porta quando um braço envolve minha cintura diretamente acima da minha barriga. Não dói e ele não é áspero, mas é forte o suficiente para me fazer parar.

Sinto o couro fresco de sua mão enluvada quando ele move o cabelo do meu ombro. Seu peito está pressionado

contra minhas costas e seus lábios ligeiramente tocam a concha de minha orelha.

"Que esta seja sua última advertência," ele sussurra perigosamente em meu ouvido. "Se você me desobedecer novamente, eu vou colocá-la sobre o meu joelho, grávida ou não."

"Isso nem mesmo seria possível. Você viu o tamanho da minha barriga?"

Eu o sinto tenso.

"Não sou uma criança. Se você me bater, eu vou te denunciar."

Ele fica mais tenso.

Meu corpo está tremendo, não consigo parar. Eu nunca estive tão assustada em minha vida.

Sinto seu peito tremendo e por um momento eu acho que ele está chorando. Estou errada, ele está rindo. O que há de errado com esse cara? "Se você diz, Gwen."

"Isso não é engraçado."

Ele para de rir e seu corpo ainda treme. "Não, não é engraçado, você está certa."

"Precisamos superar isso e precisamos fazê-lo para ontem." Afastando-me dele eu ando alguns passos antes de virar, meu corpo tenso em preparação à discussão que nós sem dúvida vamos ter. "Eu não sei o que está passando por sua mente e não sei como você racionalizou isso, mas não faz sentido."

"Faz todo o sentido," ele responde, seu tom alto e um pouco presunçoso.

Ok, vamos tentar de outra maneira. “Você é o irmão dele. Estamos no século vinte e um. Coisas como essas não acontecem mais e se acontecem, não são bem aceitas.”

“Você realmente se importa com o que as pessoas pensam?”

Eu faço uma carranca, meu aborrecimento se transformando em raiva. “Eu me importo com o que Caleb pensa.”

“Caleb está morto.” Por que ele tem que ser tão frio? “Não me dê esse olhar, é a verdade.”

“E um dia eu estarei morta e terei que lidar com a dor que ele sentiu ao saber que depois que sua vida terminou tão rapidamente, alguns meses depois eu estava compartilhando a cama com seu irmão.”

Ele revira os olhos. “Você está romantizando a realidade. Ele se foi, e eu estou aqui. É simples.”

“Você está manchando a memória de seu irmão, apenas sugerindo que me case com você.” Grito, minhas mãos em punhos ao meu lado. Meu rosto está quente. “Eu não vou fazer isso.”

Os olhos dele escurecem. “E por que não? Só por causa de meu irmão?”

“Porque eu não penso em você dessa maneira!”

Ele ri cruelmente. “Eu acreditaria em você se seus olhos não estivessem piscando por todo o lugar, Guinevere. Você não mente muito bem. Você é muito honesta para mentir.”

Um rosnado me escapa. “Você é inacreditável! E louco.”

“Sou realista, uma mulher atraente e um homem atraente passam tempo em casa sozinhos, compartilhando as refeições e conversas. Eu não tenho amigas. Tenho

companhias femininas.” Ele se aproxima de mim, com seus olhos no meu. “E tenho mulheres que eu fodo.”

“Oh, então você tem permissão para dizer palavrões? Eu já estou cheia dessa conversa.” Tento dar um passo ao redor dele, mas ele domina meu espaço, seus braços vêm para cima e me prendem. Sinto os músculos duros de seu estômago apertando contra minha barriga. “Cristo, você está realmente me deixando louca. Sério, estou pronta para... Para... Gah.” Minhas mãos pressionam contra seu peito, mas ele não se move. “Eu vou voltar a morar com a minha mãe.”

O sorriso dele se torna arrogante. “Não, você não vai.”

“Sim, eu vou.”

Ele se inclina perto, posso cheirar a limpeza de sua pele. Sabão e Nathan. “Você não vai.”

“Por favor, mova-se.” Olho por cima do seu ombro, recusando-me a fazer contato visual. “Eu não sei por que você está fazendo isso comigo, mas não é justo. Eu não fiz nada para você.” Agora olho para ele, nos olhos, em uma tentativa de fazê-lo me entender. “Eu só queria ser sua amiga, mas agora nem isso eu quero.”

“Vou deixar as coisas amigáveis por enquanto, mas as coisas vão mudar.” Meu lábio desaparece atrás dos meus dentes, seus olhos aquecidos escurecem e encaram minha boca . “Talvez eu devesse te beijar agora. Nós dois sabemos que você não iria resistir.”

Quero discutir, mas eu não posso. Eu sou como uma mosca atraída pela luz.

“Mas não vou. Eu não vou te beijar até que você esteja pronta.” Seus dedos dobram meu cabelo atrás de minha orelha e o seu polegar desliza através da minha maçã do rosto. “Mas não se engane, eu não quero ser seu amigo, Gwen. Você sabe disso agora, você sabe das minhas intenções. Um dia eu

vou te beijar e um dia você será minha." Seu sorriso suaviza. "Até lá, então, eu vou fazer o seu jogo."

"Eu te odeio agora." Sussurro, cansada deste jogo e dessa conversa.

"O ódio é uma emoção com a qual posso viver." Ele sorri maliciosamente e endireita seus braços agora por seus lados. "Há uma linha muito tênue entre o amor e o ódio, e o oposto ao amor é a indiferença. Então..." Lábios macios tocam minha testa por um momento interminável. "Você ainda pode me amar e me odiar ao mesmo tempo."

"Ingênuo." Minhas pernas finalmente fazem o seu trabalho e caminham passando por ele. "Estou indo embora."

"Você não vai." Grr. Ele está realmente me irritando agora. "Se você tentar, vou arrastá-la de volta chutando e gritando se for preciso."

"Você precisa de ajuda. Ajuda psicológica."

Seu sorriso satisfeito aparece. "Talvez."

Eu deixo o quarto e mantenho meus braços juntos ao redor da minha barriga. Não me impede de tremer, mas me ajuda a me sentir um pouco mais segura.

Estou prestes a pegar as chaves em seu lugar habitual, quando as memórias da última vez que eu fiz isso parecem através do meu cérebro como ondas intermináveis de raiva batendo contra um penhasco. Não há como eu passar por aquilo de novo.

Enquanto pondero sobre o que vou fazer, chegando a nenhuma resposta, há uma batida na porta. Talvez Jeanine tenha esquecido de trazer as suas chaves.

Antes que eu tenha a chance de abrir mais que dois centímetros, a porta é empurrada com uma força que a envia voando contra a parede. Se não houvesse um peso na base, a

maçaneta teria deixado um buraco no gesso da parede. “NATHAN!” Eu grito quando seu pai passa por mim e sobe as escadas. “NATHAN!”

Seu pai não está interessado em mim, ele me ignora completamente. Devo chamar a polícia? Eu não sei o que fazer.

O Sr. Weston chega ao topo da escada, mas Nathan está lá parado. “Seu imbecil.”

As palavras de seu pai me chocam, mas Nathan não parece afetado. “Vá embora.”

“Completo imbecil, não é suficiente que você esteja me processando, mas agora você está tentando tomar meus negócios também?”

O corpo de Nathan congela. “Eu te asseguro que não estou tentando tomar o negócio da família. Estou começando o meu próprio.”

“É a mesma maldita coisa!” Seu pai se enfurece, seu rosto roxo com raiva, cuspindo pela boca.

Nathan fica firme. Eu queria que eles se afastassem das escadas, isso está me deixando nervosa. Tudo o que posso imaginar é um deles caindo. “Nathan,” digo calmamente, mas seus olhos não me olham.

“Você está bêbado,” ele diz ao pai.

“Os Peterson têm sido parte da minha empresa há anos... então imagine meu constrangimento quando eles me disseram que estavam encerrando nosso contrato.”

Nathan encolhe os ombros. “Eles vieram até mim depois que falei com Harrison.” Não tenho nenhuma ideia de quem são qualquer uma dessas pessoas. “Ele está me vendendo uma de suas lojas menores.”

Bem, isso é bom.

“Não vai dar certo.” Seu pai balança ligeiramente enquanto levanta seu braço para apontar um dedo para Nathan. “Suas joias são amadoras.”

“Melhor do que antiquadas,” eu murmuro, e o bêbado irritado zomba de mim.

“Ninguém respeita a opinião de uma prostituta,” o Sr. Weston rosna para mim, seu tom cheio de malícia e ódio. Totalmente imerecido.

O corpo de Nathan fica tenso, eu sinto o espaço ao nosso redor se encher com sua raiva, sua fúria. É tão potente que quase consigo ver. Eu realmente não gostaria de ser seu pai agora, que está agora olhando fixamente para mim.

“Ela ainda está aqui.” Seus olhos estão em mim, mas suas palavras são destinadas a Nathan. “Tínhamos um acordo.”

“Quando você recebeu os papéis do meu advogado eu deveria ter dito que não tinha interesse em fazer qualquer acordo com você. Eu realmente não tenho nenhum interesse em você.”

Vamos Nathan!

O seu pai começa a descer as escadas. Nathan corta sua frente e se põe entre nós. “Você sempre foi um fracasso, Nathan. Falhou como um filho, falhou na escola, na universidade, falhou nisto também.” O quê?

“Eu não me importo. Estou cansado de ouvir você dizer isso.” Nathan suspira e aperta a ponte de seu nariz. “Você precisa sair antes que se ridicularize mais.”

O Sr. Weston inclina-se em torno de seu filho. “Ele vai falhar com você também.” Seus olhos frios vão para seu filho, seu corpo ainda balançando dos efeitos de qualquer álcool que

tenha consumido. “Como ele falhou comigo e com o irmão dele.”

Suspiro.

Nathan dá um passo para ele, mas minha mão dispara e agarra seu braço. “Nathan.”

Ele olha para mim, seus olhos tristes e mostrando seu controle vacilante. Seu pai não para. “Este negócio vai falhar. Você não tem o que é preciso. Você é preguiçoso, incompetente e estúpido.”

“Eu me pergunto de quem ele herdou isso,” observo secamente.

“Fique fora disso, Gwen,” Nathan adverte e passa uma mão pelo cabelo. “Deixe-nos.”

Ele está me pedindo para sair? Não, não pedindo, mandando. “O quê?”

“Pegue as chaves do carro e saia por uma hora. Há coisas que eu preciso falar com meu pai.”

“Não vou deixar você. Não com ele.” Meu rosto se contorce em desgosto.

Nathan gira e inclina a cabeça para olhar em meus olhos. “Estou pedindo que me dê licença. Você é minha convidada, você vai fazer o que eu disser. Meu pai e eu temos coisas de que precisamos conversar sem você estar presente. Ligue para Jeanine, diga-lhe para não vir.”

Eu quero estar irritada, mas a dor em seus olhos afasta minha irritação em instantes. Eu falo em um tom baixo. “Você vai ficar bem?”

Seus olhos suavizam e seu corpo murcha. “Sim. Por favor. Eu não quero que você esteja aqui enquanto ele

está. Deixe-me conversar com ele para que nunca mais tenha uma razão para voltar."

"Eu não gosto disso," eu admito, mas sinto que minha decisão anterior começa a vacilar. "Ligue-me se você precisar de mim."

Nathan enfia a mão em seu bolso e puxa um monte de notas, eu me afasto, mas ele as empurra no meu bolso de trás e empurra minha testa com seu nariz. Acho que a estranha demonstração de afeto é reconfortante, embora eu não devesse.

"Você a paga por seus serviços?" Seu pai diz, mas eu o ignoro. Nathan não, entretanto, ele se vira e agarra seu pai pela garganta. Eu guincho e aperto minhas costas contra a parede enquanto Nathan sussurra na orelha de seu pai. Eu não consigo ouvir o que ele está dizendo, e não tenho certeza se o Sr. Weston também pode. Seu rosto está quase roxo.

"Vá. Eu não vou dar fôlego a ele para falar até que você tenha ido." Ou seja, se eu não sair agora, seu pai sufocará em cerca de vinte segundos. Eu abaixo a cabeça e fujo da casa, agarrando as chaves do carro no caminho.

Jeanine está chegando enquanto estou saindo da casa, imediatamente corro em sua direção e digo a primeira mentira que vem a minha mente. "Nathan quer ficar sozinho agora. Ele têm algumas... um ... más notícias da sua família que ele precisa lidar."

Ela não acredita em mim, no mínimo. Ela promete me seguir em seu carro para a vila, para uma bebida. Eu preciso de um café. Descafeinado ou não, ainda preciso disto.

O Sr. Weston é repugnante. NOJENTO! Grr, eu só quero chutá-lo nos olhos.

Quem diria isso a seu filho? É nojento. Nathan não é um fracasso. É talentoso, inteligente e pode ser realmente divertido às vezes.

***

"Seja lá o que for não é da nossa conta." Jeanine diz suavemente, sua mão deposita nossos copos sobre a mesa. Minha mão livre pega meu café e trás para perto do meu peito. "Você tem refletido sobre o que quer que esteja em sua mente, por muito tempo. Não é assunto seu e não é meu."

"Eu sei."

"Sim? Nathan é um homem complexo. Há segredos na casa dos Weston que até mesmo eu temo em pensar. Se você quer ajuda-lo, só esteja lá para ele."

Eu concordo rapidamente e mastigo meu lábio. "Eu acho que não gosto mais daqui."

"Você gostou alguma vez?" Ela parece estar brincando, mas eu posso dizer que é para suavizar o tom de sua sinceridade.

Eu aceno com a cabeça novamente. "Sim. Nathan realmente parece ter uma alegria às vezes."

"Ele não é Caleb," ela comenta, fazendo-me estremecer. "Ele nunca será Caleb."

"Eu sei." Por que as pessoas acham que não sei disso? "Eu não quero que ele seja Caleb. Caleb nem sequer entra na minha mente quando estou com Nathan." Oh merda. Escolha errada de palavras. "Quero dizer... ele entra, mas não é um tipo de comparação de forma... Você sabe o que quero dizer, Jeanine."

Ela sorri, me mostrando seus dentes brancos brilhantes. “Sim. Eu sei.” Seu corpo se inclina mais perto enquanto seus olhos examinam as pessoas ao nosso redor. “Não tente descobrir.”

“Descobrir o quê?”

“Por que Caleb era amado e Nathan não. Ele...” Ela suspira pesadamente e se inclina para trás. “Esqueça que eu disse qualquer coisa.”

Oh não, ela não pode me deixar assim. “O que quer dizer com Caleb foi amado?”

“Já disse demais.”

“Então diga mais, qual é a diferença?”

Jeanine franze o cenho, seus olhos se obscurecendo com lembranças que eu estou ansiosa para saber. “Eu assinei algo. Se eu disser qualquer coisa a qualquer um, Nathan terá o prazer de me destruir.”

“Você não pode me dar uma pista?”

Ela olha para fora da janela e se ajeita em seu assento. Quero sacudi-la, gritar com ela, faze-la me dizer o que eu quero saber. “Minha filha é só um ano mais velha que Nathan, como sabe você. Ela estava brincando em um velho celeiro,” o celeiro que agora é apenas madeira carbonizada, deduzo, “quando viu algumas coisas que... Bem, vamos apenas dizer que ela precisou de um pouco de terapia para ajudá-la a superar.”

“Que coisas?”

“Eu não estou dizendo isso para alimentar sua curiosidade, eu estou dizendo que qualquer segredo que Nathan tenha, ele quer mantê-lo assim. Toda a família é um enigma enorme e confie em mim quando eu digo, eles são um enigma que você não quer compreender. Nathan e Caleb são bons homens, ele cuidará de você. Isso é tudo que você precisa

saber. Fora isso... não se envolva." Seu tom é severo e firme, alto o suficiente para eu ouvir. Sobre o que ela está falando? Eu preciso saber. "Não tente desenterrar qualquer coisa e se mantenha fora do caminho de Nathan."

"Eu não entendo."

Ela esfrega seus olhos cansados e se arruma na cadeira novamente, seu desconforto é óbvio. "Você não precisa entender. Só não crie vínculos."

"Por quê?" Não que eu esteja pensando nisso, por razões óbvias. "Ele não vai me machucar." Por que estou discutindo este ponto? Eu não quero ficar presa da maneira que ela está presumindo de qualquer maneira.

Ela ri com tristeza, seus olhos ainda encarando a janela. "Isso não é o que me preocupa, querida. Estou preocupada que *você* o machuque."

Minha respiração me deixa. Jeanine fica de pé, me agradece pelo café e sai com a cabeça inclinada. Eu penso sobre suas palavras repetidamente até que não lembro mais exatamente da conversa. Apenas suas palavras de despedida se mantêm em minha mente.

Como eu poderia machucá-lo? Nathan é... impenetrável. Ele é sua própria fortaleza, nada parece afetá-lo. Eu nunca o machucaria intencionalmente, tenho sido clara sobre os meus sentimentos desde o início. Eu acho.

Embora ele insista que seremos mais do que amigos.

Talvez ele esteja brincando comigo, testando minha lealdade a seu irmão. Ainda sou leal a Caleb? Com certeza não parece. Eu o traí várias vezes desde que ele morreu.

21

Saí já faz três horas e não tive notícias de Nathan. Vinte minutos atrás eu decidi que não ficaria mais longe. Agora estou sentada no carro, do lado de fora da casa de Nathan, torcendo minhas mãos no volante enquanto olho para a porta da frente através do para-brisa.

A porta da frente abre e Nathan permanece ali, me pede para entrar. Eu saio do carro e caminho em sua direção, percebendo duas malas no chão atrás dele.

“O que é isso?” Pergunto, minhas sobrancelhas franzidas e minhas preocupações aumentam. Ele está me expulsando?

“Nós vamos para a cidade,” ele responde. “Verifique a sua mala, certifique-se que tem tudo que precisa.”

Eu faço o que ele diz, escondendo meu aborrecimento por mais uma vez ele mexer nas minhas coisas. “Tudo está aqui. Por que nós vamos para a cidade?”

“Você vai ver.” Gah, uma surpresa. Eu odeio surpresas.

Bem, na verdade eu amo, apenas sou impaciente com elas. “Nenhuma pista?”

“Eu preciso...” Ele faz um barulho com a boca. “Eu preciso de sua ajuda com uma coisa.”

“Contanto que não envolva dança do ventre ou paraquedismo, acho que posso fazer o meu melhor.” Ele me ajuda a entrar no carro, seus olhos distantes. Sua mente

claramente incomodada com coisas desconhecidas. Nem mesmo um sorriso? “Era uma piada.”

“Desculpe,” ele murmura e fecha a porta do lado do passageiro.

“Vamos jogar um jogo,” eu sugiro depois que ele está sentado.

Ele olha para mim com uma sobrancelha arqueada e dou um tapa no braço dele. “Bem, bem. Que jogo?”

“Bem, não é realmente um jogo.” Torço meus dedos no colo e olho para fora da janela, para a paisagem passando.

“Então o que é?”

“Eu faço uma pergunta, depois você faz uma pergunta.”

Eu não preciso olhar para saber que ele está franzindo a testa. “Isso não soa divertido.”

“Qual é a sua cor favorita?”

Ele ri. “Muito bem. É azul escuro. E a sua?”

“Isso conta como sua pergunta. A minha é rosa escuro.” Eu reviso minhas perguntas compiladas. “Qual é a lembrança mais feliz que você tem?”

Ele congela, seus olhos se arregalam antes de suas pálpebras fecharem brevemente. “Passo.”

“Você não pode passar.”

“Eu posso.”

Oh... uma razão me ocorre. OH. É algo sexual. OK. Mudo de tema. “Qual é a memória mais triste que você tem?”

“Passo.”

“Você é péssimo,” eu rosno e passo para outra pergunta. “Você tem que responder a esta.”

Ele sorri maliciosamente, seus olhos iluminados com humor. “Tenho? De verdade?”

“Sim.” Aceno. “Já se apaixonou?”

O sorriso dele enfraquece por um momento. “Você é terrível. Sabe disso?”

“Sim.”

“Tudo bem, sim, eu já me apaixonei.”

Ponto. “Por quem?”

Suas sobrancelhas batem em seu cabelo, o que não é difícil considerando o comprimento dele no momento. A parte de trás toca no seu pescoço. Eu gosto, combina com ele. “É a minha vez agora.” Oh, certo. “Qual é a lembrança mais feliz que você tem?”

Merda! “Você não pode esperar que eu responda isso!” Não é justo.

“Claro que posso.”

Rosno. “Quando conheci Caleb, foi o melhor dia da minha vida.”

Seu rosto está em branco, não consigo ver o que ele está sentindo e não tenho certeza por que eu quero. “Então, não foi quando ele te pediu em casamento?”

Hmm... “Não, essa é a número dois na minha lista de lembranças favoritas.” Eu viro meu corpo em direção a ele. “Minha vez. Por quem você se apaixonou?”

“Foi há um tempo,” ele diz com um encolher de ombros. “Eu não sabia o nome dela.”

Como isso é possível?

“Eu costumava vê-la andando muito, em torno da cidade. Eu nunca tive coragem de falar com ela.” Seus

olhos vidrados por um momento, eu me pergunto se ele ainda é apaixonado pela memória dessa garota. “É estúpido, eu deveria ter ido falar com ela ao menos uma vez. Eu tenho me arrependido desde então.”

“Por quê?” Eu sei que não é minha vez, mas eu preciso saber mais.

Sua língua passa por seu lábio inferior. “Porque eu poderia ter tido o que você e Caleb tinham. Eu perdi isso.”

“Você ainda é jovem; você pode ter isso.”

Os lábios dele se contraem. “Possivelmente. Minha vez, tenho duas perguntas.”

“Vá em frente,” o estimulo enquanto olho para seu perfil.

“Ok,” seus dedos enluvados correm por seus longos cabelos. “Conte-me sobre seus pais.”

Hmm, por onde começar. “Eu não tenho ideia de quem é meu pai. Minha mãe diz que ele sabe que eu existo, que me viu uma vez e nunca mais voltou.” Ele está prestes a se desculpar, eu o interrompo porque não é realmente um grande negócio. “Minha mãe, ela me ama, da sua maneira, e sempre me apoiou em tudo, menos nesse noivado. Ela queria que eu tivesse a vida que ela não teve.”

“Isso eu posso entender.”

“Hmm.” Aposto que ele pode. Pobre Nathan. “Eu sempre fui um inconveniente mais do que tudo. Ela nunca foi má e eu sempre estava bem vestida e nunca fiquei com fome, era mais dever do que amor.” Nós compartilhamos um momento de silêncio, estou me perguntando se ele pode entender isso também. “Caleb disse que seus pais foram excelentes para ele enquanto crescia, mas seu pai esperava coisas dele, que ele não queria.”

“Sim, ele era luz dos seus olhos.”

Ouso perguntar mais? “Por que eles não foram assim com você?” Sim, claramente estou ousando.

“Honestamente?” Ele suspira, seu braço esquerdo deslizando o indicador para baixo. “Eu não tenho ideia.”

“Você não é um fracassado, Nathan,” digo a ele, mas posso ver que ele não acredita em mim. Eu não espero que acredite. Ele foi maltratado toda a sua vida por seus pais. Por que acreditaria na minha palavra sobre algo que foi repetido tantas vezes a ele, Deus sabe por quanto tempo?

“Caleb foi seu primeiro?”

Minha mente ainda está girando com pensamentos quando ele pergunta isso assim, então não entendo imediatamente. Quando entendo engasgo com o ar. “Isso é uma pergunta pessoal.”

“É a pergunta que escolhi.”

“Suas perguntas não são perguntas agradáveis.” Eu encolho os ombros um pouco. Seja como for, não tenho vergonha. “Sim, ele foi o meu primeiro.” E eu gostaria que ele pudesse ser meu último, mas não sou estúpida o suficiente para fazer essa promessa. O tempo passa e por mais que o pensamento de dormir com outra pessoa me repugne, provavelmente acontecerá eventualmente.

Afastando-me dos meus pensamentos, olho para Nathan, principalmente porque suas luvas de couro estão rangendo no volante. Ele faz isso quando está frustrado. Por que ele está frustrado? “Sua pergunta.”

“Certo, quantos anos você tinha quando perdeu sua virgindade?” Meu sorriso é arrogante, dois podem jogar neste jogo.

“Jovem, não me lembro.” Oh ele está mentindo.

“Você também é um mentiroso terrível.”

“Eu não quero mais jogar este jogo.”

“Chato.”

“Estou entediado,” ele replica e levanta o queixo desafiadoramente. “Vamos ouvir rádio.”

Ele é tão misterioso, isso me deixa louca. Talvez seja porque cresci com apenas minha mãe, e por isso tenha essa ansiedade em ver o quanto mais verde é a grama do outro lado da cerca. Ou o oposto.

* *

Não demora muito para chegarmos à cidade, embora tenhamos parado para almoçar no caminho. Quando chegamos, paramos em frente de uma loja vazia em uma rua movimentada. Nathan me ajuda a sair do carro e puxa um molho de chaves do bolso interno do casaco.

Ele primeiro abre as persianas, e ao lado das persianas, acende as luzes lentamente, revelando duas grandes janelas com uma porta no meio. Em seguida, entramos e sinto-me aliviada ao ver que não está empoeirado. Poeira me irrita pra caramba.

Pelo que posso ver há janelas no piso superior com madeira escura, distribuídas pelo espaço em torno da sala. As prateleiras de vidro estão alinhadas nas paredes. Até mesmo no balcão, há uma longa caixa de exibição.

“O que você acha?” Ele pergunta, mordendo seu lábio entre os dentes. “Acredita que este é um bom lugar para começar?”

Eu aceno lentamente, observando o local. “Eu acho que é ótimo. Um pouco sem charme embora.”

“Concordo, nós precisamos arrumá-lo.” Nós? “Com sorte, abriremos em poucos meses, espero, estou apenas esperando algumas coisas, e vou expandir minha seleção de joias e encontrar um fornecedor.”

“Você vai se sair bem, Nathan.” Digo honestamente porque eu sei que vai. “Suas joias são incríveis.”

Suas bochechas ficam cor de rosa, pela segunda vez desde que o conheci, cheguei a ver essa doce vulnerabilidade nele. Que não parece existir em um homem como Nathan. “Eu estou nervoso.”

“Você é humano.” Coloco a mão em seu ombro enquanto ele se inclina para frente na vitrine do balcão. “Você vai ficar bem, e se não, você ainda vai me ter como sua fã número um.”

Ele olha para mim, com um sorriso bonito no rosto. “Você é uma pessoa adorável, Guinevere.”

“E você também, Nathan.”

“Você extrai isso de mim.” Seus lábios se contorcem ligeiramente. Eu posso ver que ele está lutando consigo mesmo sobre se deve ou não dizer qualquer coisa. “Alguns meses atrás eu queria fazer isso para destruir os negócios do meu pai, uma missão de vingança, por assim dizer. Por causa do nome da minha família, sei que isso ia chamar a atenção... o filho de um homem de negócios bem conhecido crescendo por conta própria, no mesmo ramo que meu pai. Eu queria deixá-lo de joelhos, fazê-lo pesar o dia em que me chamou de fracasso.” Eu escuto atentamente, perguntando onde está indo com isso. “E agora...” Ele faz uma pausa e olha para mim, suas mãos sobem e cobrem meu pescoço. “Agora eu só quero ter sucesso para provar que valho a pena.”

“Você vale a pena.” Eu afirmo, meu olhar no dele. “Você é digno de tudo.” Não tenho certeza se isso faz sentido, mas sei do que estou falando.

“Não.” Ele se aproxima. “Quero dizer... com você.”

“Você vale muito para mim.”

“Não tanto quanto meu irmão,” ele range os dentes.

Minha mão se levanta e segura seu pulso. Eu o encaro. “É o mesmo. Você vale o mesmo para mim que ele valia. É apenas um valor diferente.”

“Não,” ele suspira e aperta a testa dele contra a minha. “Não me dê falsa esperança.”

Engulo em seco. “Esperança de quê?”

“Espero que talvez um dia você vá olhar para mim da maneira que você olhava para ele.”

Meu coração acelera. “Como você sabe o jeito que eu olhava para ele?”

Seu telefone toca, perturbando nosso momento íntimo. Eu quero esmagá-lo, mas em vez disso me afasto para dar alguma privacidade. Ele olha para mim, em tom de desculpas, e coloca seu telefone na orelha.

“Vou esperar no carro.” Tenho palavras para apagar da minha mente.

“Nós conversaremos mais tarde.”

Ou nunca. Nunca também está bom.

* *

Nathan não me leva de volta ao hotel, ele me leva para uma longa caminhada em torno do Piccadilly Circus. Ele tira algumas fotos quando peço e algumas quando não peço. É ótimo, eu amo a cidade. Gostaria de passar mais tempo aqui

antes que o bebê chegue. Não acho que empurrar um carrinho aqui seja uma boa ideia.

Eu até consigo tirar algumas fotos dele o que é ótimo porque eu não tenho nenhuma. Mesmo sem ele sorrir, ainda as aprecio.

Não quero que isso termine, o que temos agora. Talvez seja egoísmo meu. É verdade, é egoísmo de minha parte. Nathan está certo, eu nunca vou olhar para ele da maneira que olhei para Caleb, nunca vou amá-lo da maneira que amei Caleb. Mas eu o amo da minha maneira. Ele é meu melhor amigo, possivelmente meu único amigo agora.

Bem, o único amigo que tenho por perto.

Eu me preocupo com ele mais do que deveria, e não estou pronta para desistir dele ainda.

Sou egoísta. Eu não posso discutir com isso. Claro que não estou o usando, mas preciso dele e o pensamento de sua atenção ir para outra pessoa me deixa enjoada. Talvez sejam os hormônios da gravidez.

Assim, ando através da rua de braço dado com Nathan, um sorriso em meu rosto e uma decisão na minha mente. Agora eu não vou deixá-lo ir. Agora ele é meu e vou desfrutar disso enquanto durar.

Chegamos em casa quando o céu escurece. Nós vamos para nossos próprios quartos e me atiro na cama e tento dormir, perdendo seu calor contra minhas costas e odiando-me por isso.

Só existe um pensamento que penetra em minha mente antes que entre na terra do sono. Nós não terminamos nossa conversa e por alguma razão, isso me deixa triste.

***

As semanas passam, a data para o nascimento se aproxima e minha barriga fica maior. Tudo está saudável e bem no meu ventre e meu corpo... na medida em que não está sob qualquer estresse. Embora me sinta como uma baleia.

Bato na porta do quarto de Nathan, são onze horas e ele ainda não desceu. Espero que não esteja doente novamente.

“Entre,” ele chama, então entro.

Coloco seu café na mesa no final da cama e me sento. Ele está de pé em frente ao espelho de corpo inteiro abotoando as mangas de sua camisa listrada branca e azul.

“Você está bonito,” eu comento, sustentando minha caneca entre as mãos, na parte inferior da minha barriga. Nathan odeia quando eu equilibro as coisas na barriga, especialmente quentes. Ele está um pouco estressado nesse momento quando se trata da minha gravidez. Se não soubesse, diria que ele está nervoso. “A propósito, está nevando.”

“Sério?” Ele não parece feliz com isso e imediatamente vai até a janela. Posso ver os grandes flocos brancos de onde estou sentada. “Ótimo. Não estava previsto até a próxima semana.”

“Sim, calcularam no mínimo de trinta centímetros nesta área.” Sorrio ao pensar. Eu amo a neve. “Nós podemos construir um boneco de neve.”

“Não, não podemos.”

Eu olho para minha barriga e suspiro. “Sim, você está certo. Você pode construir um boneco de neve e posso assistir e ajudá-lo a decorá-lo no final.”

“Não.” Ele levanta o queixo, a garganta esticando enquanto abotoa seu colarinho. Eu levanto e ando para ele. “Você parece adorável enquanto caminha.”

Eu o olho, franzindo o cenho. “Pareço uma baleia buscando equilíbrio sobre dois palitos.”

O sorriso dele se alarga. “Pelo menos você é uma baleia bonita.”

“Você não é engraçado. Nem um pouco.”

“E uma baleia brava com os olhos brilhando de diversão.”

“Eu vou sentar em você,” eu ameaço e puxo a gravata em torno do seu pescoço. “Então, o querido e velho médico me ligou esta manhã. Ele quer vir na quarta-feira para verificar minhas partes femininas. Disse que vem aqui, quer verificar o nosso berçário suponho.”

“O que quer dizer ‘verificar as suas partes femininas’?”

Eu encolho os ombros; inferno se eu sei. “Talvez ver se estou dilatada ou algo assim.”

“Isso soa desconfortável.” Nós dois contorcemos o rosto. Parece desconfortável. Muito. “Você está nervosa?” Eu mastigo o interior da minha bochecha e aceno com a cabeça. Ele solta um longo suspiro depois de eu fazer a mesma pergunta a ele. “Petrificado.”

“Por quê? Você disse que não queria nada com o bebê.” Estou brincando. Quero dizer, ele disse isso, mas não acho que seja verdade.

Ele confirma meus pensamentos. “As coisas mudam. Eu não quero que você faça isso sozinha.”

Aww, meu coração acabou de derreter. “Obrigada, Nathan.”

“Eu também não quero que sua mãe fique aqui por mais de algumas noites. Não gosto dela.” Bem, isso não é segredo. Eles se conheceram há um mês quando a minha mãe

veio visitar. Ela estava chocada com toda a situação, não que eu a culpe. Ainda que agisse de forma tranquila, ela foi rude com Nathan em mais de uma ocasião, lhe perguntando sobre namoradas e sobre sua vida privada, tentando me convencer de que ele iria atirar a mim e ao bebê para fora, quando tiver uma nova namorada. Posso ver sua lógica e entendo sua maneira de pensar. Essas mesmas suspeitas têm atormentado minha mente por um tempo agora.

Se acontecer de Nathan seguir em frente com a sua vida, tenho certeza que a namorada não ficaria contente sobre a situação que vivemos.

“Eu estou ciente de sua opinião sobre minha mãe. Se seus dois dias de gemidos e resmungos, depois que ela se foi, deram uma pista, eu diria que você a odeia.”

“O ódio é uma emoção forte e sua mãe não é digna dela,” ele responde de modo satisfeito e alisa a gravata agora com nó. “Obrigado.”

“Apenas me fazendo útil.” Volto para a cama e me sento. “Eu pareço estar carregando gêmeos.”

“Você parece brilhar. Pare de se lamentar sobre sua aparência.”

Descansando para trás em meus cotovelos eu o vejo puxar o paletó e alisar as lapelas com as mãos. “Fique aqui dentro. Não fique vagando com este tempo. Estarei de volta à noite.”

“Eu não posso ir?” Faço beicinho, inclinando minha cabeça para trás para implorar a ele, olho no olho.

“Não.”

“Por quê?”

Ele sorri cruelmente. “É uma surpresa.”

“Eu odeio surpresas,” resmungo, balançando minhas pernas de um lado para o outro.

Nathan se aproxima e cai de joelhos na minha frente, empurrando minhas pernas para fora do caminho para que o topo de sua coxa se conecte com o lado do meu quadril esquerdo. “Você ama surpresas, você odeia esperar por elas.” Seu dedo toca meu lábio inferior. “E pare de fazer beicinho.”

“Não.” Eu forço meus lábios em um biquinho, mas logo se transforma em um guincho quando ele se move para frente e sinto seus dentes travar em meu lábio inferior. Ele me solta após alguns segundos torturantes e beija minha testa. “Você mordeu meu lábio.”

“Não faça beicinho.” Quero fazer beicinho por não ter permissão para fazer beicinho. Em vez disso eu rastejo para trás na cama, encolhendo quando o bebê se alonga em minha barriga. Nathan levanta minha blusa e observa com a cabeça ligeiramente inclinada. “Ele está ficando sem espaço.”

“Sim.” Fecho meus olhos e permaneço relaxada quando Nathan agarra a lateral da minha barriga e sacode de leve. Ele ri para si mesmo, seus dedos agarrando meus pés e joelhos. “Você está fazendo o bebê ficar mais agitado.”

“Sua barriga parece ter pouco espaço,” ele observa e eu gemo em resposta. Ele está certo e não tenho ideia de por que estou fazendo isso. Na quarta-feira vou pedir ao médico uma data precisa. Nathan volta a sacudir minha barriga, e sinto o bebê se agitar. Meus olhos fecham, vou mantê-los fechados por um momento. Só um momento.

* *

Meu corpo inteiro enrijece quando sinto seus lábios macios e sem barba ao longo da curva mais baixa da minha

barriga. Ele não para por aí, ele beija ainda mais, mandando um formigamento ao longo da minha espinha e continua subindo. Seus beijos demoram, cada um uma carícia suave. Os dedos vestidos de couro seguem a lateral do meu corpo descoberto, seu polegar escorrega pelo inchaço do meu peito. Um estremecimento me atravessa com um leve gemido.

Minha pele aquece, meu ventre formiga e eu ofego quando sinto o mergulho na cama. Sua mão toca meu queixo, puxando-o para o lado. Com os olhos fechados, tento fingir que isso não está acontecendo, tento fingir que depois de dois meses sem o toque de Nathan, ele não está fazendo isso agora. Eu não posso empurrá-lo para longe, eu quero, mas meu corpo está em chamas. Estou surpresa que não esteja tremendo de necessidade.

Ele sobe ao meu lado.

Um suspiro alto sai da minha garganta enquanto ele beija o lado do meu pescoço. Sua língua sai para provar minha pele enquanto sua mão segura meu queixo, impedindo-me de girar para ele e de fazer a pele menos tensa e sensível onde beija.

Como ele pode querer fazer isso comigo? Meu corpo está horrível agora.

“Nathan,” consigo dizer através da respiração ofegante. Estou dizendo para ele parar? Eu não sei.

“Você tem alguma ideia de como é bonita?” Ele sussurra em meu ouvido e morde o lóbulo. “Você é a única mulher que eu já senti a necessidade de tocar, a necessidade de provar.” Sua língua toca em meu pescoço, no ponto abaixo da minha orelha que me faz ronronar.

“Pare,” digo, minha mente em uma guerra de emoções. “Você... nós... pare...”

Por que ele está me sacudindo? Por que meu cérebro está tão nublado? Pisco e abro os olhos, percebendo a forte sensação de sono pressionando contra minhas pálpebras. “Hã?”

Nathan olha para mim, seus lábios se contorcendo com um sorriso de satisfação. “Hei, você apagou por um momento.” Nós não estávamos beijando? “Parecia um sonho divertido.”

“O quê?”

“Você está bem? Você está cochilando em momentos aleatórios, isso é estranho. Não parece que tem dormido. Parece um pouco desorientada.”

“Eu... Nós...” Esfrego meus olhos com as palmas e lentamente me sento. “Quanto tempo eu cochilei?”

Ele encolhe os ombros. “Eu estava tentando agarrar seus pés. Dois segundos depois você apagou.”

“Oh.” Então ele não me beijou. Minha culpa se dissipa em um murmúrio baixo no meu peito e mente. Permanece porque eu tive um sonho com outro homem, mas é maçante, porque eu não posso controlar quem ou o que eu sonho, especialmente agora. O último mês foi um inferno. Eu nunca estive tão excitada e não consigo chegar lá para lidar com isso sozinha.

Tive inclusive que procurar uma depiladora no outro dia. Que fodidamente doeu! Muito!

De jeito nenhum no inferno eu permitiria que meu bebê passasse por uma selva em seu caminho para fora.

“Vá dormir, vou estar de volta em poucas horas.” Nathan me puxa mais para cima da cama e puxa o cobertor sobre meu corpo. Ele até fecha as cortinas para mim e belisca meu o nariz. “Vou acordá-la quando chegar em casa.”

“Uh-huh,” eu resmungo e fecho meus olhos. Eu amo este colchão. Eu quero este colchão. “Dirija com cuidado.”

“Prometo.” Ele sai do quarto depois de pairar na porta por um tempo. Eu o imagino olhando com nostalgia para a cama, desejando que pudesse escalar e esquecer o mundo como eu estou fazendo. Estou sendo ridícula, porém, sei disso. Ou talvez seja um pensamento ilusório. Há um pensamento pesado que eu não quero abordar.

* *

“Ei.” Parece que apenas fechei os olhos por uma hora quando Nathan me acorda de novo. Verifico o relógio. Já passa da seis, Cristo, meu cochilo se transformou em um estado de coma.

Sim, feijão, eu te culpo.

“O quê?” Eu esfrego meus olhos e balanço um pouco depois de me sentar. “O que é?”

Nathan pega meu cotovelo e me puxa da cama. Eu realmente não quero nem preciso estar acordada agora. “Eu fiz uma coisa.”

“Uh-oh,” eu finjo horror. “Você cozinhou novamente?”

“São quase seis da noite, você não me alimentou.” Nós entramos no corredor escuro. Por que as luzes não estão acesas? Eu odeio a escuridão.

“Você está me tirando da cama para que eu possa alimentá-lo?” Pergunto, meu tom incrédulo e impaciente. Eu não sou a pessoa mais legal quando acordo. “Peça pizza.”

A resposta dele é me puxar para as escadas enquanto ri.

Oh, a sala está brilhando. Meu Deus.

Luzes de Natal!

Elas pendem frouxamente ao longo da parte superior e os lados da arcada, cintilando roxo e branco em nenhum padrão particular. O soalho de madeira prende o reflexo de outras luzes, eu observo isto, dando o último passo. Nathan para atrás de mim e cobre meus olhos com uma mão enquanto me guia pelo cotovelo com a outra.

“Ok, então, eu nunca fiz isso e provavelmente está horrível.” Ele está nervoso. Eu amo quando ele fica nervoso. Isso me lembra de que ele é humano e não um robô.

Eu sei o que ele fez, ele decorou para mim. Mas a expectativa e emoção de ver tudo de verdade é forte.

“Pronta?” Ele pergunta e o ouço suspirar.

“Como nunca estarei.” A mão dele se afasta e eu ofego. “Tem uma árvore!” Eu grito e aplaudo com minhas mãos antes de virar para olhar a sala grande corretamente. Meus pés me levam até a lareira onde pendem duas meias, eu rio e toco a pelúcia vermelha entre meus dedos.

Não há uma superfície sem algo natalino, é incrível!

“Nathan,” eu fungo, meus olhos chorando com emoção. “Eu não posso acreditar que você fez isso.” Ele dá de ombros, sua cabeça abaixada, aparentemente tímido de repente. Vou até ele e envolvo meus braços em sua cintura. “Isso é incrível. Você... é incrível.” Seus braços vêm ao meu redor e nós ficamos no centro da sala, luzes multicoloridas dançando em nossos corpos. O cheiro de madeira de pinho e canela enche o ar.

É quase Natal.

***

Nós passamos o dia de Natal só nós dois, por razões óbvias eu cozinhando e Nathan limpando. Não falamos muito, principalmente porque não sabemos o que falar. Nathan me presenteou com uma pulseira nova que ele fez, para combinar com o meu colar e um novo telefone que é muito extravagante e complicado para mim, mas amei de qualquer forma. Eu lhe dei dez novos pares de luvas e uma jaqueta nova que custou metade das minhas economias. Ele afirma que amou e usa-a orgulhosamente, mas secretamente, eu acho que ele odiou, mas é muito gentil para dizer qualquer coisa.

O jantar está divino como eu sabia que seria e cozinhei muito. Não importa, porque teremos sanduíches de peru pelo resto da semana. Não conheço nada melhor que sanduíches de peru.

Principalmente assistimos filmes de Natal na TV e jogamos jogos de tabuleiro antigos que têm mais poeira do que peças. Nós tentamos mesmo jogar twister, mas eu não posso me inclinar, então, foi um fracasso.

Quando o relógio marca meia-noite eu já bebi meu peso em Ponche sem álcool e estou entupida até a borda de comida. A exaustão se infiltra em mim, fazendo-me sentir pesada e letárgica. Nathan vê meus olhos caírem e me leva para a cama.

Eu deveria sentir culpa de adormecer na noite de Natal com um homem diferente do qual afirmo amar tão profundamente, mas não sinto. Se há algum sentimento, é apenas que felicidade, apesar do que aconteceu, há um homem cuidando de mim, e que quer me abraçar firmemente durante toda noite.

Sou egoísta, é verdade, mas não me atrevo a acabar com isso... seja lá o que for... entre mim e Nathan.

* *

A véspera de Ano Novo passa sem problemas, não me incomodo com fogos de artifício, porque eles me assustam. Digo a Nathan para sair e se divertir, mas ele insiste que prefere ficar em casa lendo. Fica em casa comigo, mas não lê. Ainda há um monte de comida. Agora Nathan sabe fazer scones com sucesso, o que é realmente mais difícil do que parece.

Estou a apenas oito dias da data prevista para o parto, e sinto com medo.

* *

A neve está grossa no chão. Quando vou para fora eu tenho que usar botas de cano alto, já que a neve chega até meus tornozelos. Eu quero construir um boneco de neve, mas Nathan não vai me ajudar. Ele odeia a neve e tem evitado sair de casa enquanto a enorme manta branca cobre o chão, como ele dramaticamente a chama.

Estraga prazeres.

Cruzo os dedos para que a neve derreta até amanhã. Tenho sentido um leve desconforto todo o dia e estou preocupada que eu vá entrar em trabalho de parto, durante este tempo estúpido. Embora a previsão meteorológica diga que vai parar de nevar esta noite, agora é uma da tarde e,

embora tenha parado não confio na previsão. Eles já mentiram para mim muitas vezes.

Por enquanto não digo a Nathan que tenho sentido algumas pontadas, a última vez que fiz isso, ele me fez ir para o hospital e fazer uma série de exames, o que resultou serem apenas gases. Foi humilhante e ele ainda ri sobre isso de vez em quando. Principalmente porque a enfermeira se inclinou sobre mim, seus dedos tateando meu canal, em uma tentativa de ver se eu estava com dilatação ou não, e deve ter empurrado o botão errado porque eu peidei tão alto e não parei por cerca de sete segundos.

A sala ficou silenciosa e imóvel, exceto pelo meu peido alto e estridente, sem fim. Então Nathan explodiu em risos, com lágrimas escorrendo de seus olhos, ficou vermelho de não poder respirar. O que foi pior é que cheirou muito mal, realmente, *muito*. Isso só o fez rir mais. Pensei que morreria de vergonha.

Ele riu todo o caminho para casa, e também todo o dia seguinte. Mesmo agora, às vezes ele olha para mim e seu corpo começa a tremer enquanto tenta conter o divertimento.

As pontadas parecem parar no momento em que estou pronta para ir para a cama, o que eu sou severamente grata. Subo sob as cobertas sem nenhum cuidado, Nathan sobe atrás de mim e me segura apertado como todas as noites.

Eu não me sinto sozinha. Eu me sinto bem, não ótima, mas bem.

Meu sorriso permanece no rosto enquanto adormeço ansiosa para ver o que este ano vai trazer.

* *

Não tenho certeza de que horas são quando eu acordo com uma dor terrível bem baixo na minha barriga, que rivaliza com a de cólicas menstruais, só que mais forte. Um braço ao redor da minha cintura me impede de sentar. Esfrego minha barriga. Provavelmente são apenas gases como da última vez, o que seria embaraçoso devido a Nathan estar dormindo ao meu lado. Que horas são?

São apenas dez e meia da noite. Estive dormindo por hora ou mais.

Deito de costas, meu pescoço em cima do braço estendido de Nathan, sua respiração em minha bochecha. Outra onda de dor retumba na parte inferior da minha barriga, fazendo todos os meus membros quererem se contrair. Eu trago meus joelhos para cima tão alto quanto posso e rolo de lado. Minha respiração me deixa enquanto a dor corre pelo meu corpo. Nada, mais uma dor maçante pulsante permanece.

O que diabos está acontecendo?

Oh. Merda.

Não, isso não, é um alarme falso.

Eu preciso fazer xixi.

“Nathan,” eu resmungo e o toco no peito.

Ele desperta e piscando os olhos abertos, parecendo cansado. “O que está errado?”

“Está doendo,” eu gemo, rolando de costas.

Nathan olha para mim em pânico. “O quê?”

“As minhas costas e minha barriga.” Me sento, e ele faz o mesmo. “Eu preciso ir ao banheiro.”

“Certo.” Ele se sacode fora de seu estupor e sobe na cama. Suas mãos agarram-me debaixo dos braços e me ajuda. “Você está bem?”

“Sim,” eu minto porque não estou. Estou apavorada.

Outra dor cresce dentro de mim, começando na parte inferior da barriga e irradiando através das minhas costas. Meu corpo se inclina para frente e minha mão aperta o bíceps de Nathan. A pele toda sobre minha barriga se contrai e sinto uma pressão horrível lá embaixo.

“Oh Deus,” Nathan murmura, esfregando minhas costas suavemente. “Você está em trabalho de parto. Eu preciso ligar para o médico.”

“Eu preciso ir para o hospital.” Digo calmamente uma vez que a dor desaparece. “Vou ao banheiro, se precisar de você, te chamo.”

“Você não deveria ir sozinha.” Nathan diz suavemente e me ajuda a ir ao banheiro. “Eu vou te dar privacidade, mas deixe a porta aberta.”

Reviro os olhos. “Não vou deixar a porta aberta.”

“E se você...”

“Nathan, estou em trabalho de parto. Estarei... Ah merda.” Meu corpo se dobra mais uma vez, Nathan me segura enquanto uma dor terrível revira minhas entranhas. “Está bem. Ok, eu vou...” Respiro. “Deixar a porta aberta.”

Ele espera que eu termine de fazer xixi, aproveito esse momento para lavar o rosto rapidamente e escovar os dentes. “Sente-se aqui. Vou colocar a sua mala no carro e chamar o médico.” Diz suavemente e me guia para a cama. Puxando para trás o cobertor, ele me abaixa para o colchão com um braço. “Não se mova.”

“Certo.” Como se eu fosse estúpida o suficiente para tentar me mover agora. Puta merda, que dor.

“Você vai ficar bem?” Ele esfrega minha parte inferior das costas depois que rolo de lado.

“Vá.” Minha mão acena freneticamente. “Você pode me trazer uma bebida também, por favor?” Minha boca está mais seca do que areia agora.

“Claro.” Ele beija minha testa e sai correndo.

Eu conto os intervalos das minhas contrações, usando o telefone para registrá-las. Dói muito, eu duvido que tenha muito tempo. As contrações são a cada quatro minutos, são tão fortes que preciso gritar.

É o desconforto que está me incapacitando.

Eu me sento depois de colocar travesseiros atrás de minhas costas, em seguida, trago minhas pernas para o peito. Dói muito, minhas costas doem e eu me sinto um pouco enjoada. Eu também estou morrendo de fome. É uma combinação estranha.

Onde está Nathan? Ele saiu há vinte e cinco minutos.

* *

Mais cinco minutos antes que ele volte, parecendo corado e um pouco apavorado. “Nós vamos agora para o hospital?” Pergunto, percebendo que ele está no telefone.

Ele balança a cabeça negando. “Qual o intervalo das contrações?”

“Quatro minutos ou menos agora.”

Ele repete minha resposta para quem está do outro lado da linha.

“E em uma escala de um a dez, quão doloroso é?”

Pergunta boa. “Cerca de seis.”

Ele sai do quarto novamente o que me irrita. Ele não pode ver que preciso dele comigo agora? Pego meu telefone e seleciono os contatos para enviar uma mensagem de texto para minha mãe, Sasha e Tommy, eles precisam saber que chegou a hora. Nathan escolhe este momento para entrar, pegar meu telefone e me dar uma bebida. “Eu vou lidar com isso, você descansa. Tente dormir um pouco, o médico disse que devemos esperar um pouco. Ele está a caminho.”

“Pode pegar um analgésico?” Esfrego minha barriga e rolo para o lado novamente. “Para mim e minha bola.”

“Claro.” Ele esfrega minhas costas distraidamente com uma mão enquanto toca em meu telefone com o outro. “Você quer que eu ligue a TV?”

Eu balanço a cabeça e bebo a água, inspirando profundamente para ajudar com a dor. “Não, obrigada. Seja rápido, eu não quero ficar sozinha.”

* *

Ele é rápido. Estou feliz quando ele traz meu notebook e o conecta na TV, para que possamos assistir um filme. Embora meus pensamentos não estejam no filme, e sim na dor cada vez maior em minha barriga. Nathan está sendo ótimo. Sua massagem nas minhas costas está ajudando e sua fachada calma é relaxante. Se ele entrar em pânico, acho que vou perder o controle e começar a chorar.

Estou aterrorizada, e só quero acabar logo com isso.

“Que dor,” eu gemo, deito minha cabeça no colo de Nathan. Deveria estar envergonhada que minha bunda está suspensa no ar, estou agora de quatro com as pernas o mais

afastadas que posso, mas essa parece ser a única posição confortável agora.

"Aposto que sim." Ele esfrega minhas costas com uma mão, e com a outra segue mandando mensagens de texto.

"Acho que precisamos ir para o hospital agora." Um longo gemido rasga minha garganta quando o aperto na minha barriga persiste com uma vingança. A pressão está piorando e as contrações estão mais próximas e me matando. Outra segue quase imediatamente após a última. Eu grito alto de dor, não posso evitar. Dói demais.

Nathan desliza para debaixo de mim e fica atrás de mim, seus polegares pressionam minhas costas. Por que não vamos a algum lugar? Pergunto-lhe isso e o ouço suspirar. "Nós estamos... droga." Ele respira. "Estamos bloqueados pela neve."

"Isso é muito engraçado, mas não é apropriado fazer piadas agora." Eu enterro o meu rosto no travesseiro. "Podemos simplesmente ir?"

Nathan fica em silêncio e suas palavras afundam em meu cérebro embaçado de dor. Oh não. Não, não, não, não, não. "Eu liguei para uma ambulância, mas ela está tendo problemas para chegar aqui. Estamos em um penhasco; a neve está cobrindo toda esta área, e tem cerca de trinta centímetros de altura, mais profundo do que em qualquer outro lugar. Possivelmente chegando a um metro."

"Oh meu Deus." Lamento, meu corpo agora bombeando em pânico descontrolado. "E o médico? Ele não tem esquis ou algo assim?"

"Ele está... preso na cidade." Onde fica o hospital mais próximo.

“Então me encontre outro!” Eu grito e não me sinto culpada por isso. A tensão é muito grande e preciso de libertação.

Eu rolo e deslizo sobre a cama ainda sobre minha bola de exercício. “Nós vamos resolver isso.” Nathan sussurra suavemente depois de se agachar ao meu lado. Sua mão continua esfregando círculos nas minhas costas. “Nós temos tempo.”

Há uma sensação estralando dentro de mim, quando giro meus quadris um pouco. Sinto minha calça molhada. “Não, nós não temos.”

“Temos sim...”

“Nathan,” agarro a camisa sob o seu queixo e puxo-o para mim. “Minha bolsa acabou de romper. Você precisa buscar o médico.”

Seu rosto fica pálido e seu polegar bate freneticamente na tela do telefone. Ele chama muitas pessoas, o hospital, de novo, de novo o médico, a ambulância. Ele tenta todos, mas ninguém pode chegar até nós.

“Jeanine teve filhos.”

Ele acena e liga. Eu não escuto a conversa deles, estou com muita dor e nunca vou perdoar a neve por isso.

De repente a realidade da situação toma conta de mim. “Oh meu Deus. Eu vou ser...” Outra dor me rasga, choro tensa, meus dentes rangendo em uma tentativa de ajudar aquilo a passar. “Uma daquelas mulheres que tem um bebê no chão da sala!”

“Nós precisamos ir lá para baixo,” ele diz apavorado. “Se... quero dizer...”

E de repente estou no ar, o que é uma coisa boa porque não há nenhuma maneira de poder andar agora. Mas

uma coisa ruim porque minha calça está encharcada e eu sei que Nathan deve estar enlouquecendo com isso. Felizmente, ele não parece notar e eu não vou avisá-lo.

"Eu não tenho ideia do que fazer." Nathan está em pânico.

"Não se atreva," grito para ele enquanto ele me coloca no sofá. "Não comece a surtar agora. Preciso que você me impeça de ficar maluca... maldito inferno, isso dói tanto." Eu caio de joelhos e rolo em minhas costas, colocando as pernas no sofá para que elas fiquem elevadas. Traz pouco ou quase nada de alívio. "Por favor, me traga uma calça limpa."

Nathan faz o que eu peço, e uso esse momento de privacidade para chorar. Estou em trabalho de parto por horas, e minha bolsa rompeu. Isso significa alguma coisa. Algo me diz que terei sorte se este bebê nascer logo, eu gostando ou não.

Ligo a TV e olho para a notícia. A previsão do tempo aparece depois de alguns minutos. Pior nevasca que já viram na Inglaterra em quatro anos. Ótimo. Fodidamente genial.

Estou apenas um pouco consciente de Nathan ajoelhado ao meu lado e puxando minhas calças. Estou com muita dor para me importar. Eu me sinto embriagada.

"Você não precisa empurrar certo?" Ele me pergunta, depois que paro de gritar através de outra contração brutal, enquanto puxa um de short bem soltinho pelas minhas pernas.

Eu tremo minha cabeça. "Eu acho que não." Mas a pressão está lá. "Estão a caminho?"

"Eles estão todos tentando." Sua mão trabalha nas minhas costas, mas agora é apenas irritante para mim. Eu me empurro para o sofá.

Com minha bunda em exercício, cruzo meus braços em seus joelhos e tento relaxar, seus dedos esfregam a parte de trás do meu pescoço e ao longo da minha espinha. “Dói. Eu não quero mais fazer isso.”

“Você está indo bem,” ele me tranquiliza e passa os dedos pelo meu cabelo. “Honestamente, você está sendo tão valente agora. Desculpe por estarmos presos aqui.”

“Não é culpa sua.” Minhas mãos espremem suas coxas enquanto a dor torce e retorce dentro de mim, e finalmente para. “Eu estou assustada. E se...”

Nathan coloca uma mão em cima de minha boca. “Não. Estou me segurando aqui. Por favor, não coloque coisas em minha mente que não estão lá agora. Nós vamos superar isso.”

“Mas não quero que você faça o parto do meu bebê.” Lágrimas fluem de meus olhos, meu corpo cansado afunda em seu colo.

“Não está na minha lista também,” ele brinca e enxuga minhas lágrimas com os polegares. “Vai ficar tudo bem.”

“AI!” Eu grito e aperto meus dedos em torno de suas coxas. “Deveríamos nos preparar se for...” Puta merda.

“Boa ideia.” Nathan acena e me levanta, deslizando minha cabeça e braços no sofá momentos depois. “Volto em um segundo.”

“Eu vou ressuscitar seu irmão,” arquejo através da minha respiração irregular. “E então eu vou matá-lo novamente.”

Nathan ri e trás minha mala. “E vou te ajudar.”

“Ótimo. Precisamos de toalhas ou algo assim.”

“Água quente?”

Eu balanço minha cabeça. “Não. Só toalhas, velhas, porque elas...” Ai, aaaaai, ai. “Merda.” Estremeço com minhas próprias palavras e imediatamente me desculpo. “Procure um vídeo no YouTube ou algo assim! Não fique aí parado.”

“Certo.” E ele se foi novamente.

Isso é uma merda. Isso realmente... Oh, graças a Deus. Jeanine está aqui!

Eu a abraço quando ela chega perto e a seguro por um tempo. Quase quebrando seu pescoço quando minha barriga se contrai. “Nathan!” Ela grita e Nathan parece aliviado ao vê-la como eu. “Eu preciso trocar de roupa e lavar minhas mãos. Fique com ela. Vou lidar com isso.”

Nathan concorda com um gesto, mas não antes de perguntar, “Como você chegou aqui?”

“Com dificuldade, tem cerca de meio metro de profundidade de neve lá fora. Eu tive que colocar sacos de lixo sobre minha calça para manter-me seca.”

“Isso tudo é muito bom, mas eu tenho um melão dentro mim querendo sair. Podemos compartilhar histórias de sobrevivência mais tarde?” Rosno.

Jeanine desaparece durante alguns minutos. Eu ouço as torneiras e passos correndo rápido antes de ela retornar.

* *

“Mova-a, vou pegar essas almofadas.” Não sei o que eles estão fazendo, tudo que sei é que em um minuto estou enrolada como uma bola e depois inclinada contra as pernas abertas de Nathan e, sem meu shorts.

A dor irradia em todo o meu corpo antes de se concentrar em um ponto. A pressão é insuportável.

Eles continuam falando comigo, continuam dizendo coisas, mas eu não posso ouvir. Não posso me concentrar neles. A dor é demais.

“Preciso empurrar,” grito e estou em movimento novamente. Minhas costas estão contra algo macio, as almofadas do sofá foram colocadas no chão. É mais confortável do que era.

Posso ouvir gritos, posso ouvir rosnados e maldições. Depois de um momento eu percebo que estão vindo de mim. Todo o sentido de tempo se foi. Eu não tenho ideia de quanto tempo essa dor está acontecendo, tudo que eu sei é que quero que pare.

Felizmente meu corpo parece saber o que está fazendo e está empurrando, me trazendo uma pequena quantidade de alívio. A pressão é insuportável, queima demais. Eu quero escapar, não posso manter minhas pernas paradas.

Nathan está segurando uma, até meu peito, eu acho. Posso vê-lo, mas não consigo me concentrar em nada. Tudo o que está acontecendo, está passando por meus olhos não registrando como realidade.

Tanta dor.

Estou rasgando e, queimando. “Já se vê a cabeça,” ouço Jeanine dizer excitadamente. “Vamos, Gwen, você está sendo maravilhosa.”

Nathan beija minha têmpora e segura minha mão, suas palavras são encorajadoras e o tom da sua voz é de medo e emoção.

Ele está vindo. Está quase acabando.

Outro estouro parece acontecer e sinto água entre as minhas pernas.

“Puta Merda.” Nathan exclama no meu ouvido. “Posso ver a cabeça.”

Jeanine grita com prazer e manda empurrar mais forte, assim que eu estiver pronta. Bem... não é como se eu tivesse outros planos.

* *

Parece uma eternidade, antes que eu ouça um grito bonito que poderia perfurar um tímpano frágil. Algo cai sobre meu peito e minha atenção se concentra ali.

“Bem, definitivamente é um garoto.” Nathan ri e descansa o queixo no meu ombro.

Ele é perfeito, tão perfeito. Sua cabeça úmida e pegajosa tem uma camada grossa de cabelo escuro. Meu cabelo.

Seu rosto é todo Caleb, a forma dos olhos, os lábios sensuais, o nariz. Quebra meu coração e o conserta ao mesmo tempo.

“Muito bem.” Jeanine funga e esfrega os olhos com um lenço. “Você foi muito bem.”

“Por que ele não para de chorar?” Pergunto, meu cansaço se mostra na lentidão da minha voz.

“Ele está com fome.” Jeanine ri e começa a enxugá-lo com uma toalha. “Deixarei o cordão umbilical preso até que a ambulância chegue aqui. É melhor não mexer nisso.” Eu nem sequer percebi.

Ele está com fome? Oh Deus.

Há uma batida forte na porta alguns minutos mais tarde. Bem na hora. Jeanine vai atender, não acho que Nathan quer se mover agora. Eu não quero que ele se mova agora.

Dois paramédicos entram alguns momentos mais tarde, estou aliviada ao ver o meu médico com eles.

“Doutor Meadows.” Nathan lhe dá um aceno de cortesia.

O homem mais velho, de cabelos levemente grisalhos, ajoelha-se e estende as mãos. “Posso?”

Eu aceno com a cabeça e lhe entrego meu bebê, que ainda não acredito que é meu. Ele o coloca em um cobertor branco para envolvê-lo e o deposita em algo que parece um tipo de balança de cozinha. “3.6,” ele diz e um dos paramédicos rabisca. Ele limpa o nariz e a boca do bebê e empurra certas partes de seu corpo com as mãos. Eu o vejo tomar sua temperatura e verificar seus sinais vitais antes de cortar o cordão e entregá-lo a Nathan.

Nathan não teve tempo para dizer não e agora tem meu filho em seus braços. Ele olha para bebê de forma assustada e cheio de admiração. Como se estivesse hipnotizado. Eu não acho que tenha notado que o bebê está viscoso, nu e está se esfregando em seus braços.

“Temos que expulsar a placenta.” Dr. Meadows diz suavemente, seus olhos sorrindo para mim. Ele pega um papel, com a forma de um chapéu e coloca sob o meu queixo a tempo de pegar o meu vômito. Nojento.

* *

Os próximos minutos são um borrão, estou vagamente consciente quando Nathan, com a ajuda de Jeanine, coloca uma fralda no bebê e a veste. Estou sendo costurada

e limpa. Eu, infelizmente, tenho que levar pontos, que é uma merda, porque vou ter dor extra por alguns dias.

"Precisamos tentar alimentá-lo agora." Diz o Dr. Meadows e Nathan entrega o bebê para Jeanine antes de me levantar no sofá. Isso é melhor, muito mais confortável.

Amamentar é uma experiência interessante, não agradável, mas também não é insuportável. Felizmente o pequeno pacote pega o jeito imediatamente. Eu o amo. Ele é perfeito.

Deveria estar envergonhada por estar sentada quase nua, em nada além de um vestido, na frente de estranhos com um dos meus seios pendurados para fora. Mas depois dessa provação, eu não me importo.

"Ainda não temos um nome para ele." Gemo e repouso minha cabeça contra o ombro de Nathan.

"Realmente não discutimos sobre isso." Nathan diz pensativamente. "Eu pensei que você já tinha escolhido um." Eu balanço a cabeça em resposta. "Você não dará o nome do pai?"

Pergunta boa. "Eu... eu não quero chamá-lo de Caleb."

"Vamos encontrar um nome, não há pressa," Nathan beija a curva do meu pescoço. "Você foi incrível."

"Você foi barulhenta." Jeanine brinca, lhe dou uma carranca brincalhona e olho para o meu filho.

Caleb deveria estar aqui para isso. Ele o amaria. Posso apenas imaginar o quão animado estaria se estivesse aqui. Mas ele não está e esse garotinho nunca vai conhecer seu pai.

Meu coração se parte e sinto que meu filho não vá tê-lo por perto. Meus dedos acariciam sua bochecha gordinha e

rosada. Eu nunca senti um amor tão intenso antes. Posso sentir no centro de minha alma.

"Deixe-me com ele." Diz Jeanine quando meu filho termina de se alimentar. "Nathan vá e dê um banho nela."

"Eu não vou para o hospital?" Pisco em choque e olho para meu médico.

"Não," ele responde com um sorriso. "Ambos estão saudáveis e bem, não é necessário. Vou ficar na vila de qualquer maneira, e estou apenas um telefonema de distância."

"Você precisará comprar um conjunto de esquis. Não me sinto confortável em deixá-la ficar em casa depois dessa terrível experiência. E se ela tiver hemorragias ou febre ou algo pior?"

O Dr. Meadows coloca a mão no ombro de Nathan. "Eu te asseguro, ela vai ficar bem. Estamos classificando isso como um parto domiciliar. Não tenho preocupações."

"Eu estou bem, Nathan." Digo enquanto entrego o bebê para Jeanine. "Estou apenas cansada."

Ele parece ceder, mas não parece feliz com isso. "Bom. Jeanine, você pode acompanhá-los?" Me levanto com cuidado, então passo meus braços em torno do pescoço de Nathan e seguro firme enquanto ele me leva até as escadas.

Eu sorrio e repouso minha cabeça contra seu pescoço. "Desculpe a bagunça."

"Não, não é culpa sua."

Um bocejo rasga seu caminho até minha garganta. Nathan me coloca no banheiro, o banheiro que eu uso, e se agacha ao lado da banheira. O vapor enche o local enquanto a torneira despeja água quente na grande banheira.

“Você está bem?” Nathan me pergunta pela vigésima vez desde que eu dei à luz. “Isso pareceu dolorido.”

Eu dou-lhe um olhar, meus olhos pesados com exaustão. “Sim.”

“Seremos rápidos, temo que Jeanine possa sequestrar nosso filho.” Ele ri.

Nosso? “Nosso?”

“O quê?” Ele olha para mim por cima do ombro, seus olhos cansados e cheios de emoção.

Eu pisco e pergunto cautelosamente “Você disse nosso.”

“Do que você está falando?” Ele parece completamente inconsciente. Talvez não quisesse dizer isso.

“Você disse nosso filho.”

“Não, eu não disse.” Ele faz uma carranca e sacode a cabeça. “Eu disse seu filho.”

“Eu o ouvi...”

“Você está cansada,” aponta. “Não coloque palavras na minha boca. Eu sei que ele não é meu e agora não é o momento de discutir sobre isso.”

Talvez ele esteja certo. Provavelmente ouvi mal. Suspiro. “Desculpe.”

“Tudo bem.” Ele está diante de mim e lentamente começa a deslizar o vestido de meus ombros. “Está quente o suficiente agora.”

Dou-lhe um olhar aguçado e com a minha mão, aponto para a porta.

“Eu não vou deixá-la sozinha agora, já vi você nua.”

Levanto as sobrancelhas. “Isso é diferente.”

“Não, não é, não vou sair. Eu me recuso.”

“Por favor?” A súplica em meu tom o faz ceder.

Ele suspira, balança a cabeça e dá um passo para trás. “Tudo bem, mas eu vou estar sentado aqui. Ok?”

Agradeço e cuidadosamente entro no banho uma vez que ele se foi. A água faz arder meu núcleo, mas também é uma sensação incrível.

* *

Eu acabei de ter um bebê.

Acabo de ter o bebê de Caleb.

Emoções me dominam, emoções que eu deveria ter sentido no momento em que meu filho foi colocado em meus braços. Tristeza, perda, dor, frustração, raiva. Tantas emoções. Estou cansada demais para peneirar tudo corretamente.

Trago meus joelhos até o peito, feliz que posso finalmente fazer isso pela primeira vez em meses, e chorar em cima deles. As lágrimas derramam e se misturam com a umidade em minhas bochechas, os soluços me rasgam. Eu quero gritar, quero berrar, mas não faço.

Meu corpo se sente vazio e não me refiro apenas à súbita falta do bebê. Quero dizer tudo. Há amor lá, um laço instantâneo que formei com meu filho com o primeiro vislumbre, mas aquele buraco que Caleb deixou para trás só parece ter esticado ainda mais.

Há uma batida na porta. “Tudo bem aí dentro?”

“Sim,” eu minto. Não estou bem. Eu nunca vou ficar bem novamente.

Rapidamente me limpo, odiando a maneira como a água fica rosada. Eu saio e seco meu corpo cuidadosamente. Em seguida, enrolo uma toalha em torno de mim depois de colocar um absorvente em minha calcinha.

Nathan ouve meus movimentos, abre a porta e entra. “Pronta?”

Eu aceno e estico meu corpo. “Me sinto muito mais leve.”

“Ele é um bebê grande, não me surpreende.” Nathan olha fixamente para mim, seus olhos demonstrando um carinho em que nunca vi vindo dele. “Eu sei que as mulheres dão à luz todos os dias, mas quero que você saiba que agora mesmo, eu estou totalmente admirado com você.”

“Estou completamente assombrada por mim mesma.” Me alongo e esfrego uma mão em meus seios pesados e doloridos. Ai.

“Aqui.” Nathan me entrega um sutiã de amamentação que tem uma sustentação perfeita. Noto que ele não usa suas luvas. Que estranho. Eu não chamo a atenção para este fato, ainda que queira torná-lo consciente disso, apenas no caso.

“Estou preocupada com o quão confortável você fica manipulando minha lingerie.” Eu tomo dele o sutiã e me viro.

Depois de alguns momentos ouço o som do meu filho gritando, meus peitos formigam. “Bem, isso é novo.”

“O quê?”

Eu balanço minha cabeça, minhas bochechas ruborizam. “Nada.” Só o fato de meus seios parecerem saber que meu filho está com fome.

Jeanine está sentada na poltrona junto à janela, com meu filho em seus braços vestido com macacão cor de limão, e um pequeno gorro amarelo com luvas da mesma cor. Eu me aproximo do sofá e enrolo minhas pernas para o lado.

Choque me supera por um momento, quando Nathan, com um brilhante sorriso no rosto, toma o bebê de Jeanine com as próprias mãos e o segura diante dele. Uma mão atrás da sua pequena cabeça e o outro braço sustentando seu corpo.

Tiro uma foto com meu telefone, não posso resistir.

Ele o traz para mim e o coloca em meu peito.

“Vou fazer um chá, espero que você não se importe se eu ficar pelo resto da noite, pois duvido que serei capaz de voltar para a casa em minhas pernas velhas.” Jeanine diz e alisa sua calça.

“Claro que pode ficar, Jeanine.” Nathan não tira os olhos de nós. “Obrigado. Acho que não poderia ter feito isso sem sua ajuda.”

“Doce menino,” ela ri, e me dá uma piscadela quando passa. “Eu acho que ele está com fome novamente.” Ela quer dizer o bebê.

Ela está certa. Eu olho para baixo para o meu filho e sorrio da sua tentativa de encontrar leite na minha clavícula. “Ele vai me dar uma mordida de amor se não parar.”

Nathan senta-se ao nosso lado, seu braço descansa ao longo da parte de trás do sofá e seus dedos acariciam meu cabelo. Inclinando minha cabeça para trás ligeiramente aprecio a sensação dos dedos gentis de Nathan calmante em mim enquanto meu filho suga como um maluco o peito.

“Ele precisa de um nome.” Fecho o rosto enquanto penso. “Estou pensando em alguns.”

“Contanto que não seja algo horrível.” Inclina a cabeça para trás e fecha os olhos por um minuto ou mais. “George?”

“Não.”

“Travis?”

“Não.”

“Dillan.” Ele dá um pequeno encolher de ombros quando vê meu olhar de descrença. “Eu gosto de Dillan.”

“Dillan.” Eu repito o nome algumas vezes. “Eu gosto.” *Sim. Dillan*. Eu amo. “Dillan é ótimo.”

O sorriso de Nathan me cega, se eu não estivesse tão cansada, poderia sorrir de volta. “É sério?”

“Sim, Dillan é perfeito.” Eu bocejo, é alto e sem atrativos. “Obrigada por manter-se calmo hoje e por ser minha rocha.”

Ele não diz nada, mas compartilhamos um olhar de respeito mútuo.

Depois de fazer meu filho arrotar, eu passo ele de volta para Nathan que parece ansioso para ficar com ele no colo. Por mais que eu queira segurar meu filho, não ouso fazê-lo por mais um segundo, meus olhos não permanecerão abertos.

22

Toda essa coisa de mãe é difícil. Eu não me lembro de muito depois de adormecer no sofá, tudo o que sei é que agora estou na cama e essa é a terceira vez que eu me levanto para cuidar de Dillan.

Dillan. O nome combina tão bem.

Olho para o bebê conforto que repousa sobre um suporte a meio metro da cama. Nathan deve tê-lo trazido, obviamente não se sentindo confortável de ficar tão longe de seu sobrinho.

Levantando, lentamente, me inclino sobre a cesta e recolho meu filho com ambas as mãos. Ele se estende daquela forma linda que só os bebês podem fazer ao se esticar e solta um pequeno grito. Nada feliz por ser movimentado. Menino mal-humorado.

Cuidadosamente, volto para a cama e apoio os travesseiros atrás de mim, que Nathan está dormindo à minha direita, instantaneamente rola e envolve seu braço em torno da minha cintura.

Sua mão nua agarra minha carne como se estivesse com medo, de eu me mexer novamente.

Por mais que eu queira estar irritada com a suposição de que quero compartilhar uma cama com ele, eu não posso porque sua suposição é verdadeira. Eu não quero ficar sozinha agora.

Na verdade... ele provavelmente não se importa se o quero aqui ou não. Esta é sua maneira de dizer que quer estar na minha cama e então vai ficar na minha cama.

Ainda assim, não posso me forçar a ficar com raiva.

Quando Dillan termina de se alimentar, deito-o na cama entre mim e Nathan e rolo para o meu lado. Meu rosto está no nível de Nathan, ele parece tão tranquilo enquanto dorme. Ele realmente tem sido meu porto seguro.

Eu nunca vou ser capaz de agradecer o suficiente por tudo o que fez por mim.

Inclinando-me ligeiramente para frente, pressiono meus lábios no canto de sua boca. Seus olhos se abrem imediatamente e seus lábios se separam. Ele me olha com curiosidade por um momento, como se estivesse tentando entender minhas intenções.

Então sua mão sobe e descansa em minha bochecha, e ouço inalar uma respiração trêmula enquanto seu polegar desliza sobre meu lábio inferior. Algo entre nós se conecta. Sem tirar o olhar dos meus olhos, ele se inclina para frente e passa a ponta do seu nariz ao longo do meu.

Sua mão acaricia minha bochecha e pescoço, sua outra mão acaricia meu pulso com seu polegar. Ele olha para mim como se não pudesse acreditar que eu sou real. Eu o olho e tento dizer a ele como estou grata com meus olhos. Quanto ele vale para mim e quanto merece ser feliz.

“Vá dormir, Gwen,” ele sussurra, sua voz mentolada e doce.

Ele levanta Dillan em seu peito. Que resmunga suavemente, e pressiona os lábios contra sua testa. Dillan solta um grito quando Nathan o coloca de volta no bebê conforto, e volta ao meu lado.

Eu me viro para ele, e faço algo que nunca fiz antes enrolo meu braço em torno de seu peito nu. Ele me aperta e solta um suspiro de contentamento.

Não acordo novamente até às oito da manhã do dia seguinte e tanto meu filho quanto Nathan desapareceram, só para serem encontrados vagando ao redor na sala tendo uma conversa unilateral que eu não consigo ouvir.

Olhando para eles juntos, olhando para Nathan com Dillan, não posso deixar de estar aliviada e admitir que meus medos se foram. Caleb pode não estar aqui, mas agora, não estamos sozinhos.

***

"Posso te perguntar uma coisa?" Digo calmamente depois de entrar no quarto do bebê e observar Nathan com Dillan em seu peito. Ele não usa suas luvas e Dillan está babando na pele de Nathan. No entanto, nunca vi Nathan tão satisfeito. Mas algo me incomoda, desde Dillan nasceu. Nathan tem problemas com germes, mas recentemente, ele está usando as luvas cada vez menos.

Nathan pisca para mim, parecendo lentamente sair de um transe. "O que está errado?" A cadeira em que ele se senta continua balançando lentamente. Seu tornozelo está descansando na parte superior de sua outra perna, que empurra delicadamente a cadeira para frente e para trás.

Caminho até ele e me sento no braço acolchoado, olhando para ambos, meu coração cantando de felicidade ao vê-los. Por mais que doa por Caleb não poder estar aqui para isso, fico feliz em ver que meu sofrimento não foi completamente desperdiçado. Ver Nathan tão pacífico e feliz enche um pouco esse buraco no meu peito. O suficiente para fazer os dias passarem mais fácil.

"Você raramente usa suas luvas agora," eu sussurro, meus dedos acariciando a parte de trás de seu cabelo. Ele se

inclina para trás e fecha os olhos, como se estivesse procurando o meu toque. “Eu estive me perguntando se devia mencionar ou não. Fiquei preocupada em trazer sua atenção a isso, e causar a necessidade ou algo assim.”

Suas íris crescem. “Eu não sei o porquê.” Um pequeno sorriso aparece em seus lábios, e quero trilha-lo com o meu polegar, mas não faço. “Quando você o teve, eu fiquei coberto com mais fluidos do que eu gostaria, tenho que admitir.” Rio. Isso é verdade. Eu me encolho um pouco. “Acho que o pânico superou meus medos no momento, porque não me incomodei. Eu estava muito preocupado com você.” Sua mão deixa as costas de Dillan e descansa em minha coxa. “Antes dele nascer eu estava preocupado com as fraldas sujas, vômitos e eventos desagradáveis que provavelmente aconteceriam no futuro. Mas vendo-o nascer,” seu sorriso se amplia e seu lábio alarga, mostrando todos seus dentes brancos brilhantes enquanto seus olhos olham fixamente em meu filho, “eu nunca vi nada tão repugnante.” Minha boca se abre, finjo ofensa. Ele ri e continua. “Ou incrível em toda a minha vida. Nada que ele possa produzir me incomoda.” Seus olhos voltam para os meus, minha respiração falha. “Ou você. Eu não sei se é porque passamos tanto tempo juntos ou porque eu já estive coberto com seus fluidos corporais.” Que lindo elogio. Um olhar suave toma conta dos seus olhos e mais uma vez, me é mostrado um flash de vulnerabilidade que faz Nathan parecer muito mais jovem do que é. “Eu não me importo mais de te tocar. Na verdade... desfruto do contato.”

Meus olhos queimam sabendo que de alguma maneira eu o ajudei com o processo de cura. Mesmo que por enquanto só se aplique a mim e Dillan, estou feliz por ter ajudado de alguma forma. “Você é uma pessoa surpreendente, Nathan.”

Sua língua corre o lábio inferior, seus olhos voltam para a janela onde eles estavam pousados quando eu entrei pela primeira vez. “Eu nunca vou machucá-la intencionalmente. Você sabe, certo?”

Bem, isso é uma conversa estranha. “Eu sei.” E eu sei. Confio nele mais do que em qualquer outra pessoa no mundo.

O mistério desta conversa não termina. “Cometo muitos erros quando estou com raiva. Eu não...” Ele faz uma pausa, pensando em suas palavras por um momento. “Eu não tive uma infância boa. Isso não quer dizer que quero que você se sinta obrigada a mim de qualquer maneira. Eu só quero que você saiba que eu não estou acostumado a ficar tão próximo de alguém. Mesmo Caleb. Eu sempre fui isolado.” Ele ri friamente, os lábios dele uma fina. “Eu nem sequer tenho amigos.”

“Eu sou sua amiga.”

“Sim.” Os olhos dele ficam distantes por um momento. “Você é. Mas apenas saiba que o que eu faço, se alguma vez machucar você não é intencional. Eu simplesmente não sei como fazer isso.”

“Do que você está falando?” Por que eu tenho a sensação de que ele está me alertando de algo que ainda está por vir?

“Nada, só estou apontando uma grande falha na minha personalidade.” Ele suspira profundamente, as linhas ao redor dos olhos mostram quantas preocupações ele tem em sua mente.

Eu não digo nada. Eu não sei o que dizer. Em vez disso, deslizo sobre seu colo, consciente do bebê em seu peito e descanso minha cabeça contra seu pescoço. Ele pressiona seus lábios no meu cabelo e acaricia meu braço com sua mão livre.

***

“Oh, meu Deus, olhe para ele!” Minha mãe cheira e balança Dillan em seu peito.

Nathan mantém seus olhos no jornal, mas a maneira como ele folheia é um pouco mais agressiva do que o normal, seus braços empurram para jogá-lo no ar, impedindo-o de dobrar. Ele realmente não gosta da minha mãe e ela só está aqui há uma hora.

“E olhe para você, queria que o meu corpo voltasse ao normal tão rápido.” Ela me dá um beicinho enquanto me olha para cima e para baixo. Seu olhar é amigável, embora eu não me importe. “E eu amei o nome. Dillan combina com ele.”

“Nathan escolheu,” digo, sentindo a necessidade de dar-lhe o crédito que merece. “Seu nome do meio é Caleb.” Eu o escolhi por razões óbvias.

“Lindo.” Ela sorri e coloca seu dedo na mão de Dillan. Ele aperta seus olhos agora abertos e sem foco. Estou ansiosa para ver de quem ele puxou a cor dos olhos. “Estou tão orgulhosa de você.” Ela olha para Nathan. “E de você, por assumir algo que não era sua responsabilidade. Seus pais devem estar orgulhosos.”

Nathan parece surpreso com suas palavras e seu comportamento em relação à minha mãe se suaviza depois disso.

Estou exausta, não durmo bem há três semanas, desde que Dillan nasceu. Tiro cochilos quando o bebê cochila é a melhor maneira de evitar desmaiar de sono durante o dia. Minha mãe também fica aqui por alguns dias, que é ótimo. Ela vai me ensinar tirar e estocar o leite. Eu não posso olhar para a bomba de leite sem compará-la a um objeto de tortura medieval.

Achava que seria fácil e tinha esta imagem na minha cabeça de ser ordenhada como uma vaca e ter leite

esguichando em um fluxo, o suficiente para encher pelo menos seis mamadeiras. Esse não é o caso. Alguns dias eu produzo mais leite do que outros, mas normalmente produzo apenas um pouco.

Pelo menos agora estou pegando o jeito. E posso congelá-lo também o que é ainda melhor.

* *

Nathan tem que sair logo, sua loja deve abrir em um par de meses. Ele tem muito para fazer até finalizá-la, mas acho que está tendo problemas para nos deixar.

As coisas ficaram um pouco tensas com ele ultimamente. Não com a gente, mas com algo que ele não vai discutir comigo. Quase todas as manhãs durante as últimas semanas tem havido um pacote na porta. Eu não sei o que é, mas sei que está causando estresse a Nathan. Eu perguntei a ele, mas ele só me disse para me preocupar com as minhas coisas. Não da maneira desagradável como costumava dizer, mas o tom severo ainda estava lá, então eu não ouso perguntar novamente.

Estou preocupada com ele.

Parte de mim se pergunta se ele está sendo chantageado, com tudo o que estava acontecendo com o seu pai. Eu não sei o que está acontecendo, tudo que sei é que ele tem uma audiência no tribunal em breve. Nathan não me diz nada sobre nada. Em sua mente ele está me protegendo de tensões desnecessárias. Ele não entende que se tem algo o perturbando, então para mim é um estresse necessário.

Eu quase peguei em um pacote há cinco dias, mas Nathan chegou e fez algumas ligações. Desde então, não houve

outro. Sei que, seja lá o que for, alguém quer que eu veja. Ou pelo menos essa é a minha teoria. Minha natureza curiosa me leva ao limite, queria poder ignorar minha mente, mas não posso. O que tem deixado Nathan tão tenso, por que ele não confia em mim?

O que tem que esconder?

* *

Minha mãe está aqui, então tenho que superar isso, por agora. Faz um tempo desde que a vi e sinceramente... senti a sua falta. Ela me perguntou como estavam as coisas, e eu disse que está tudo bem comigo e com Nathan. Eu sei que ela não aprova a nossa situação atual, mas não podia dizer nada.

Contanto que eu esteja feliz e Dillan esteja feliz, isso é tudo que importa.

* *

Nathan não me deixa dormir sozinha. E dizer que ele se tornou pegajoso seria um eufemismo. O problema é, não quero dormir sozinha e gosto de ter ele me abraçando enquanto durmo todas as noites.

Estou extremamente satisfeita por ver que Nathan ainda não tem nenhum problema comigo e com Dillan, no que diz a respeito às suas mãos nuas. Os potenciais germes de Dillan não parecem incomodá-lo. Ele tem sido incrível; se Dillan precisa trocar a fralda, ele apenas se levanta e faz isso. Claro que eu faço isso tanto quanto ele, mas nunca sequer tenho que pedir.

Não que eu iria me importar. Dillan é minha responsabilidade, mas é bom ter ajuda.

As coisas estão mudando por aqui e não sei como ou por quê. Eu não estou totalmente convencida de que não gosto das alterações.

“Podemos ter uma palavra?” Pergunta Nathan e acena com a cabeça para a porta.

Concordo e beijo a cabeça do meu querido bebê, deixando-o com a minha mãe.

“O que há de errado?” Minhas mãos esfregam meus braços enquanto me inclino contra a parede da cozinha.

Ele raspa os dentes ao longo de seu lábio inferior. “Eu realmente não quero ir, mas preciso. Minha audiência no tribunal é em breve, e também tenho a loja e eu realmente preciso desse patrocinador.”

Por que ele parece achar que eu vou ficar com raiva? “Eu sei. Eu entendo.”

“Eu não quero ir,” ele suspira e se inclina contra a parede ao meu lado. Nós dois olhamos para a parede distante como se ela tivesse todas as respostas para os nossos sentimentos conflituosos. Ou pelo menos, isso é o que eu estou esperando.

“Eu também não quero que você vá, mas você precisa.”

Ele solta um longo suspiro. “Vocês dois não podem vir comigo?”

Pisco. “O quê?”

“Estou falando sério, venha comigo. São apenas três dias na cidade. Apenas eu, você e Dillan. Vai ser divertido.”

“Minha mãe está aqui.” É a melhor desculpa que tenho?

“Ela vai embora na terça-feira. Junte-se a mim, então.”

“Pensarei sobre isso.” Respondo e beijo sua bochecha. “Vá conquistar o mundo, Nathan.”

Ele me dá um sorriso que poderia parar mil mulheres em um protesto feminista. Meu coração fraqueja. “Eu sentirei sua falta.”

“Nós sentiremos mais a sua falta.” Me afasto e o vejo caminhar pelo corredor. Seus olhos me pegam por cima do ombro enquanto segura a maçaneta e puxa. “Dirija com cuidado.”

“Sempre.” Com um último olhar, ele finalmente sai.

Solto a respiração que tenho segurado e volto para onde está minha mãe. Ela me dá um olhar interrogativo. Eu rolo os olhos e me sento na poltrona junto à lareira.

“Bem, não ouvi muito, mas pelo aspecto das coisas esse rapaz é...”

“Não,” imploro, balançando a minha cabeça.

“Ele é irmão de Caleb.” A forma como ela diz isso me diz que está aborrecida. “Imagine se os seus papéis fossem invertidos e Caleb estivesse apaixonado por sua irmã.”

“Eu não tenho uma irmã.”

Ela revira os olhos. “Hipoteticamente.”

“Eu não estou apaixonada por Nathan.”

“Se você diz.” Ela franze os lábios. “É sua vida. Mas lembre. Eu não concordo com isso. Há algo de errado com ele.”

É a minha vez de revirar os olhos. “Não o insulte mãe, eu nunca vou perdoá-la.”

Sua boca se abre.

“Eu me preocupo com ele. Ele fez muito por mim.”

“Só estou dizendo que acho que você deve ter cuidado. Ele não é normal. Ele tem problemas.”

Ela pode dizer isso novamente. “Ele está trabalhando neles.”

“Eu vou ficar fora disso, eu juro. Apenas... tenha cuidado. Não quero ver você se machucar.” Ela levanta seus ombros. Claramente seus braços estão doendo por segurar o bebê por tanto tempo.

“Você quer que eu o pegue?”

“Não.” Ela se afasta um pouco. “Eu o segurarei até que meus braços caiam. Quem sabe quanto tempo levará até que eu consiga te ver?”

“Você pode me visitar tantas vezes quanto quiser.” Ela é minha mãe. Mesmo que seja uma cadela às vezes, isso não significa que eu quero excluí-la. “Eu quero você em na vida dele.”

“Não tanto quanto eu quero estar.” Ela me dá um sorriso com lágrimas. “Não vou decepcioná-la novamente.”

Eu dou um sorriso divertido. “E eu não vou engravidar novamente.”

Uma almofada bate no meu rosto. Bufo e coloco atrás de minha cabeça. “Com fome?”

“Faminta.”

“Eu vou fazer o jantar, me diga o que está acontecendo com você. Como estão as coisas em casa?” Me levanto e entro na cozinha. Puxando as coisas da geladeira, sorrio quando ela coloca Dillan em sua cadeira perto da porta. É longe de tudo, mas eu sempre o coloco lá quando estou na cozinha.

A conversa flui facilmente durante o jantar, me encontro rindo mais em uma noite com minha mãe do que eu já fiz em toda a minha vida, vivendo com ela.

* *

Quando chega a hora dela ir, eu me sinto um pouco triste. Dillan, que é docilmente alheio a tudo, exceto a sua alimentação, banho e sono, parece até chorar quando ela vai.

Ela me abraça, sem jeito, mas está tentando.

Pela primeira vez desde que Dillan nasceu, estou sozinha em casa. Tenho saudades do Nathan.

Eu sinto muita falta dele.

* *

Sasha e Tommy vieram visitar uma semana depois da minha mãe, ambos querem voltar em breve. Estou ansiosa por isso, mas por enquanto eu só quero um pouco de silêncio com meu filho e meu... quero dizer, Nathan.

Dillan já tem quase um mês de idade, ele está levantando a cabeça e sua alimentação se estabeleceu. Mal posso esperar para ver seu primeiro sorriso. Tanto, que estou constantemente brincando com ele, tentando arrancar mais do que vômito de bebê.

* *

Colocando Dillan em seu berço, eu ligo a babá eletrônica e desço as escadas, acendendo todas as luzes no meu caminho. Gostaria de saber quando Nathan vai estar de volta, está ficando tarde e eu sei que ele não gosta de dirigir na escuridão.

Hmm, quero leite quente.

Enquanto fervo o leite, a porta da frente se abre e fecha. Ouço os sinais de Nathan tirando sua jaqueta e pendurando-a.

Meu rosto imediatamente se ilumina com um sorriso e minhas pernas me levam para o hall a uma velocidade recorde.

“Opa.” Nathan retrocede quando me choco com ele, colocando os braços ao redor de seu pescoço. “Sentiu minha falta?”

“Como foi?” Eu inclino a cabeça para trás e olho para ele. “Eu quero saber tudo!”

Uh-oh, seu rosto fica sério e meu coração cai com ele. Ele estava confiando nessa pessoa. Eu não sei exatamente como funciona, mas sei que Nathan não será capaz de seguir em frente até que encontre alguém para ajudá-lo a criar suas joias.

“Ei,” eu digo suavemente. “Tudo bem.”

“Sim,” ele acena, suas mãos envolvem meus quadris. “Estou bem.” Fico cega por seu sorriso repentino e radiante cheio de alegria e emoção. “Eu consegui.”

“De jeito nenhum,” engasgo. “Você está brincando?”

“Não, eu consegui. Nós começamos segunda-feira.”

“Oh meu Deus,” eu grito e mantenho-o mais apertado, meu rosto indo para seu pescoço. “Estou tão feliz por você.”

“Onde está Dillan?” Ele se afasta um pouco, seus olhos varrem a área em torno, procurando o bebê.

“Dormindo no andar de cima.” Bato no monitor de bebê que está no bolso da minha calça jeans. “Nós temos que celebrar... Oh merda!” Eu me afasto dele e corro de volta para a cozinha.

Bem... O leite está quente, com certeza.

“Oops,” eu resmungo e pego a panela do fogão onde o leite borbulhado se derramou em toda parte.

“Eu cuido disso,” Nathan diz enquanto pego um pano.

Eu aceno. “Você tem trabalhado duro, vá e sente-se. Você está com fome?”

“Na verdade, comi antes de sair da cidade.”

Eu dou um sorriso provocante. “Oh, então eu acho que você não quer os cookies que fiz.”

Ele instantaneamente se anima. “Cookies?”

“Sim,” eu rio quando ele como um raio vai para o forno e tira a forma cheia de chocolate. “Compartilhe,” abro minha boca e espero que ele deposite um pequeno bocado.

Ele sorri, e coloca um na frente da minha boca, assim que eu vou fechar a boca em torno dele, ele coloca sua própria boca e engole com um gemido. “Muito bom para compartilhar.”

“Eu os preparei.” Discuto, ainda limpando os cantos da minha boca.

“Eu comprei os ingredientes.” Desta vez ele coloca um pedaço em minha boca.

Ele está tão certo. Muito bom para compartilhar. Arranco a forma de sua mão e corro.

“Ei,” eu o ouço lamentar antes de seus passos seguirem os meus, me impedindo de continuar e agarrando minha cintura e me puxando para o seu peito. “Eles são meus biscoitos de celebração!”

“Na verdade, eles são seus biscoitos de ‘bem-vindo de volta a casa’. Seu bolo de celebração está na geladeira.”

Ele imediatamente esquece os biscoitos e ronda de volta para a cozinha.

O grande bolo de chocolate branco, coberto com chantilly azul escuro, está orgulhosamente colocado na prateleira no meio. Colocando os biscoitos de lado, puxo o bolo para fora, para mostrar a decoração cor de prata que soletra, “PARABÉNS!”

“E se eu não conseguisse? Este bolo seria como um pontapé nos dentes.” Diz calmamente e olha para o bolo surpreendentemente decorado, modéstia à parte.

Eu coloco o bolo no balcão e envolvo meus braços em sua cintura. “Eu sabia que você conseguiria.”

“Gwen, realmente pensei que não daria certo. Como você pode ter tanta fé em mim?”

“Porque você é talentoso e incrível.” Inclino minha cabeça para trás e pisco para ele. “Você deve ter fé em si mesmo.”

“Você me estraga.” Ele sorri, seus dedos apertando minhas costas por um momento. “Dê-me isso.”

Eu sirvo duas fatias e entrego uma a ele, nos sentamos na sala de jantar. “Me conte tudo,” eu exijo.

“Bem, eu tenho outras notícias. Boas e más.”

Hmm... Eu não gosto de notícias ruins. “Primeiro as más para que as boas possam me animar depois.”

"Certo." Ele engole seu bocado de bolo e coloca os dedos debaixo do meu queixo. "Você não receberá o Fundo Fiduciário de Caleb. Infelizmente, como você não foi casada com ele no momento de sua morte, o dinheiro dele foi para o seu parente mais próximo. Que é meu pai e minha mãe. Embora, meu advogado tenha me informado que podemos ser capazes de transferir o fundo fiduciário para Dillan. Só precisamos de provas de que ele é de Caleb."

Bem, isso é uma merda. Meu rosto fica sério quando percebo que não parece que vou sair daqui logo. Não que eu queira, mas seria bom, andar com meus próprios pés agora. Embora seja ótimo que Dillan possa ficar com o dinheiro. Eu nunca vou ter que me preocupar com suas despesas escolares.

"Qual é a boa notícia?" Por favor, seja brilhante, seja notícia que muda vidas.

"A loja vai abrir em duas semanas e eu recebi meu fundo fiduciário, mais os juros." Ele pausa por um momento, mordo o desejo de gritar com prazer. "Então... tenho um presente para você."

O quê? "Isso é ótimo, mas você já me deu o suficiente."

"É porque eu estarei viajando muito de novo, quero abrir um segundo local, se esta loja for bem." Ele passa a língua por seu lábio inferior e puxa para fora de seu bolso uma única chave preta com uma corrente presa a um chaveiro de BMW. "Eu tenho um carro para você. É perfeito para famílias e tem um assento para bebê para que você não tenha que tirar o assento do carro em cada momento. Você vai precisar dele se eu estiver fora."

Encaro as chaves na mesa entre nós. "Eu não posso aceitar isso."

“Nem sequer pense nisso. Apenas diga ‘obrigada, Nathan’, beije-me e experimente-o amanhã.”

Eu rio e me levanto. Dando um passo na direção dele e me inclino e pressiono meus lábios em sua orelha. “Obrigada, Nathan.”

Ele agarra meu braço antes que eu possa me afastar e me puxa para seu colo, me fazendo gritar. “Você não me beijou.”

Ele tem razão, eu não beijei. Rolo meus olhos e movo minha boca para sua bochecha, plantando um beijo extremamente babado em sua maçã do rosto.

“Você é nojenta.” Ele se encolhe de brincadeira e enxuga a bochecha na manga.

Os gritos de Dillan soam através do monitor de bebê, eu me levanto, pronta para lidar com ele, mas Nathan me guia de volta e me diz para sentar e que vai cuidar de Dillan. Agradeço e limpo a mesa assim que ele sai da sala de jantar.

Quando termino de limpar eu me sento no meu lugar habitual, no sofá na sala, e escuto Nathan falar com Dillan através do monitor de bebê.

“Você realmente precisa começar a sorrir em breve, se eu tiver que ouvir a sua mamãe fazendo macaquices mais uma vez, eu vou amordaçá-la.” Bufo com seu tom doce de conversa de bebê. Suas palavras ameaçadoras soando sem nenhuma ameaça e alegre. “Embora provavelmente só vá piorar se você sorrir para aquilo. Então, faça-nos um favor, sorria para algo que eu goste.” Eu ouço um gargarejo vindo de Dillan e rio com Nathan, embora ele não me possa ouvir. “Bom menino.” Há uma pausa, ouço o suspiro de Nathan antes que seu tom fique baixo e triste. “Você parece muito com seu pai, tanto que é quase doloroso.” Pausa. Minha respiração trava. Nathan raramente fala sobre Caleb e, quando o faz, é geralmente

apenas algumas palavras de acordo sobre algo que eu disse. “Mamãe amava muito seu papai. O tio amava muito seu pai. Lamento que você nunca vá conhecê-lo, ele teria te amado mais do que qualquer um e qualquer coisa.”

Eu engasgo um soluço e desligo o monitor. Esta conversa não é para eu ouvir. É particular, é um momento deles.

Limpando meus olhos, rapidamente ligo meu notebook e tento me distrair. Em vez disso tudo que eu vejo é Caleb olhando de volta para mim a partir da imagem, de fundo do notebook. Toco seu rosto com a ponta do meu dedo e bato a tela para baixo depois de um momento de silêncio. Eu não posso quebrar agora, Dillan precisa de mim.

Por que é tão difícil?

* *

Nathan se junta a mim meia hora mais tarde, ele está um pouco distante e solene, mas de qualquer forma bem. Nós assistimos televisão em um silêncio sociável, minha cabeça descansando em seu ombro e minha mão em seu peito. Ele não brinca com as pontas do meu cabelo como costuma fazer.

Quando olho para cima, eu percebo que é porque ele está adormecido com a cabeça pendurada na parte de trás do sofá. Eu rio silenciosamente e passo minhas pontas do dedo sobre sua testa, alisando o cabelo de seu rosto. Ele teve um dia agitado pelo jeito, não admira que ele esteja exausto.

* *

“Você está encarando.” Os lábios de Nathan se contorcem e seus olhos fechados se abrem, apenas para confirmar suas suspeitas.

“Como você sabe quando eu estou olhando?” Murmuro, sentindo o calor nas minhas bochechas.

Ele encolhe os ombros. “Eu não sei. É meio estranho, na verdade.”

“Sim,” concordo completamente com esse comentário. “Cama?”

“Sim.” Cambaleando ligeiramente enquanto se levanta, ele estende a mão. Dou-lhe o meu pulso, como de hábito. Estou chocada quando seus dedos deslizam de meu pulso e empurram entre meus dedos até que estão entrelaçados juntos.

Eu me troquei no banheiro depois de escovar meus dentes e lavar o rosto. Nathan se troca no andar de cima em seu quarto. Quando ele volta, já estou na cama.

É estranho nós irmos para a cama juntos, eu sei que é errado, mas não posso evitar. Eu gosto dos nossos abraços noturnos, muito mais do que deveria.

Ele desliza em volta de mim, normalmente depois que estou dormindo e não se envolve em torno de mim até que esteja na terra dos sonos. Desta vez, ele imediatamente pressiona seu peito nas minhas costas e enrola suas pernas com as minhas.

“Eu nunca pensei que gostaria de dormir com alguém.” Admite calmamente, sua respiração soprando os cabelos sobre minha orelha e meu pescoço. “Mas agora eu não posso imaginar uma noite sem o calor do seu corpo.”

Isso é porque minha bunda parece ser o lugar perfeito para seu pau. Falando do diabo...

Isto acontece muito. Normalmente eu não noto até de manhã. Não digo nada e nem ele, embora eu só o sinta um pouco tenso como se estivesse esperando por minha reação. Nas manhãs, se eu acordo antes dele, fico perfeitamente imóvel e espero que ele note, então geralmente rola longe de mim ou desce da cama e se prepara para o dia.

Agora é como se houvesse um elefante no quarto. Eu deveria dizer algo, mas o que há para dizer? A última vez que isso aconteceu nós dois estávamos acordados, foi estranho e engraçado. Desta vez não é engraçado, é apenas estranho e um pouco de outra coisa. Excitante.

Ambos ficamos perfeitamente imóveis, como se estivéssemos esperando que o outro dissesse algo ou se movesse. Eu mordo forte no meu lábio inferior, um pouco nervosa sobre o que fazer.

Minha perna começa a ter cãibra, assim relaxo para trás, estremecendo quando seu pijama xadrez aperta seu membro ereto enquanto desliza entre minhas coxas. Seu suspiro me diz que definitivamente ele sentiu isso também.

Os dedos macios seguem meu antebraço, fazendo-me estremecer. Eles viajam até meu bíceps, depois apertando meu ombro e se movendo para baixo nas minhas costelas. Uma mão quente vem descansar no meu quadril, meu coração bate forte, antes de bater em um ritmo pesado no peito. Tudo formiga e eu sinto arrepios subirem por toda a minha carne aquecida.

Um flash de prazer desenrola em meu estômago, quando sua mão puxa meu quadril de volta para ele. Minha mão aperta firmemente ao redor da fronha do travesseiro perto do meu nariz. Um gemido escapa de mim e eu o ouço soltar um gemido ofegante.

Seus quadris empurram, e eu sei que ele não está usando nada por baixo de seu pijama porque posso sentir a pele quente de seu comprimento sólido, sob o algodão fino. Por

alguma razão isso me faz tremer e desejar. Meus olhos se fecham quando deixo seu movimento lento me torturar, provocando com algo que eu nunca vou poder ter.

Ele empurra para trás entre minhas coxas lentamente, desajeitado. Um gemido silencioso escapa, seu peito vibra contra minhas costas e seus lábios entram em contato com a curva do meu pescoço.

O sangue ferve por baixo da superfície de minha pele, me sobrecarregando com um sufoco quente do calor que não se dissipa. A necessidade se espalha no meu ventre e viaja pelo comprimento de minha espinha enquanto seus dentes mordem delicadamente na pele debaixo da minha orelha.

Isso é tão errado, mas não consigo parar. A cabeça do seu pau empurra entre os lábios de minha boceta, forçando o tecido do meu calção de pijama de maneira mais deliciosa. Ele roça contra meu clitóris, um grito me escapa e Nathan toma isso como permissão para me dar mais.

Sua mão aperta meu quadril e sua pélvis empurra em mim novamente. Não deveríamos fazer isso. Eu não deveria estar desfrutando, mas eu não posso evitar. Sou só humana.

Sinto sua respiração agora contra a minha orelha, o som mesclando com a minha. O calor segue meu fluxo sanguíneo, atingindo cada membro cada nervo do meu corpo. Eu gemo, minha mão envolvendo a de Nathan, meus quadris empurrando para trás para encontrar o dele. Oh Deus.

Não consigo respirar.

As luzes se espalham pelos meus olhos quando ouço um grito rouco rasgando sua garganta. Eu preciso de mais, estou me sufocando com desejo e prazer.

Dillan chora e nós dois congelamos.

A realidade parece atingir ambos ao mesmo tempo.

"Eu vou," gaguejo, em segundos estou fora da cama e correndo através do corredor, minhas mãos tremendo, minhas pernas como gelatinas. Pego Dillan com uma força que eu não deveria ter agora e rapidamente o coloco em meu peito. O desconforto dele me ajuda a organizar meus pensamentos.

O que diabos há de errado comigo?

* *

Eu estou acariciando Dillan e balançando, e apenas dez minutos depois ele está dormindo novamente. Preciso falar com Nathan, precisamos parar com isso. Não podemos deixar isso continuar. Está errado e... Errado.

Caleb... eu toco na foto do seu lindo rosto que pendurei no móbile do berço de Dillan apenas uma semana atrás. Seu sorriso me faz sentir tão malditamente culpada por tudo o que eu estou fazendo.

A foto gira com a melodia suave tilintar que toca do móbile que gira lentamente. Pequenos animais de pelúcia bege a rodeiam. Como se estivesse em transe, eu olho para o objeto que se move lentamente e me perco por um momento, imaginando o que poderia ter sido.

Lágrimas caem dos meus olhos enquanto penso no que fiz. Eu nem sequer pensaria em fazer isso, se Caleb estivesse vivo. Seria tão moralmente errado e tabu. Nathan é seu irmão! Essas coisas acontecem na TV e com outras pessoas. Programas onde têm testes de paternidade para determinar o pai da criança.

No entanto, está acontecendo comigo.

Meu coração está tão confuso. Minha cabeça me diz que isso está errado, mas sempre que estou com Nathan, meu

coração está em conflito. Uma parte grita por Caleb, a outra metade, me diz o quanto eu gosto estar perto de Nathan, como ele me faz sentir bem. Como ele me faz sentir amada. E protegida.

Tragando o meu medo, o enterro e lentamente volto para o meu quarto.

Onde está o Nathan?

Dou uns passos para fora e noto a porta no final do corredor está aberta, a que leva ao quarto de Nathan. Eu deveria deixá-lo sozinho, talvez ele não queira dormir comigo agora. Isso não é uma coisa ruim. Levamos tudo muito longe.

Por alguma razão, não posso deixá-lo. Começo a avançar para a porta, meu pulso martelando a cada passo, meu nervosismo crescendo. A última coisa que quero é machucá-lo ou afastá-lo; mas ele precisa entender que isso, o que quer que esteja rolando entre nós, não pode acontecer.

Subo lenta e silenciosamente as escadas. Não há luz vindo por debaixo da porta do seu quarto.

Está fechada, eu deveria bater, mas por alguma estranha razão não bato. Talvez eu esteja preocupada em acordá-lo. Pelo menos... é o que digo a mim mesma.

A porta abre um centímetro de cada vez com a ajuda da minha mão.

Ouço sua respiração, pesada entrecortada. Outro ruído sai dele. Minha cabeça grita comigo para desviar o olhar, mas não consigo.

Instantaneamente minha boca seca, enquanto eu olho para o perfil de Nathan através da fenda na porta. Ele está de pé, com uma mão apoiando-se na cômoda ao lado da cama, e a outra... em volta do seu comprimento inchado e

ereto. Suas calças de pijama azuis e brancas estão levantadas, então estou presumindo que ele só puxou a frente para baixo.

Lentamente sua mão acaricia para cima e para baixo, com uma luva de couro. Isso é estranho. Talvez ele goste da sensação.

Seus ombros ficam tensos destacando seus músculos enquanto ele continua o movimento. É uma visão incrível, uma que eu não deveria estar apreciando.

“Droga,” ele sussurra, seus olhos em algo sobre a cômoda na frente dele. Não consigo ver o que é, o quarto está muito escuro e estou muito longe.

Os músculos de seu braço se contraem e flexionam quando ele pega o ritmo, sua mão agora acariciando quase furiosamente sobre si mesmo. Meu estômago aperta, me sinto molhada enquanto assisto à cena diante de mim.

Engulo. E ele movimenta mais rápido e mais forte. Parece quase doloroso. Tão cru, tão... desesperado.

Eu me inclino mais perto da porta. Grande erro.

Minhas pernas meio bambas se curvam ligeiramente quando eu me inclino, e pego na maçaneta da porta fazendo com que faça um clique.

Meu coração para, e começo a tremer. Oh merda.

Ele congela, seus olhos se fecham, os brancos não brilham mais na luz fraca que vem através das cortinas abertas.

Eu penso em correr, mas simplesmente sou como um bicho acuado. Inferno, eu estou apavorada.

Gotas brilhantes de suor cintilam em sua testa como diamantes minúsculos, e tenho o desejo de limpá-las de sua

testa. Eu não me movimento. Em vez disso fico na porta, minha boca aberta em choque.

Ele vai ficar bravo, sei disso.

"Você vai ficar parada aí?" Sua voz é profunda e rouca, eu nunca ouvi soar assim antes. Sua voz soa como uma carícia me aquecendo em certos lugares como uma mão. "Como você já invadiu minha privacidade, mais alguns passos não vão doer."

Engulo.

Ele se vira, enfiando seu membro de volta no pijama, formando uma tenda na frente dele com sua ereção reta e impressionante.

"Eu... eu sinto muito... Eu vim para..." Meus pensamentos não fazem sentido, minha boca está muito seca, meus olhos não deixam seu comprimento latejante. "Para falar."

"Falar?" Ele sorri maliciosamente no escuro. "Sobre o quê?"

"Sobre..." Algo a ver com alguma coisa. "Algo." Olho para minhas mãos. "No andar de baixo, na cama."

O sorriso se alarga. "Quer detalhar?"

"Eu..." Oh, merda. "Sinto muito, eu não deveria ter... Eu só..." Eu sou uma idiota. "Sinto muito."

Em quatro passos longos ele está me agarrando e pressionando contra a parede, seu rosto a centímetros do meu. "Você gostou de me assistir?"

Oh meu Deus. "Eu deveria voltar para o meu quarto." Balançando a cabeça freneticamente tento me espremer entre ele e a parede.

“Não há nada de errado em se sentir excitada.” Ele me prende pressionando seu corpo contra o meu, sua espessura subindo entre nós, descansando entre os nossos ossos pélvicos. “Se eu te tocar, você estará molhada?”

Sim. Deus, sim. “Nathan,” não sei se estou implorando ou estou advertindo.

“Eu tomarei isso como um sim,” ele ri, mordiscando meu pescoço, me fazendo querer arquear as costas e empurrar meus seios doloridos contra seu peito.

Não. Eu não subi aqui para isto. “Eu devo ir.”

“Você não quer.”

Coloco mãos em seu peito entre nós e o empurro de volta um passo, lento e suavemente. “Eu preciso.”

Ele olha para mim por um longo momento antes de falar, e o que ele me diz choca tanto que minha mente fica em branco. Todos os pensamentos anteriores fogem. “Eu sei que você ainda não está pronta. Não espero que você esteja. Eu também não me importo quanto tempo vai levar.” Ele enrola uma mecha de meus cabelos em torno de seu dedo enluvado, me lembrando de onde aquela mão estava há poucos momentos. Deus. “Eu não vou parar de tentar.”

“T... Tentar o quê?” Gaguejo e lambo meus lábios secos.

“Fazer você minha.” Bum. Meu coração explode em minha caixa torácica em uma tentativa de correr gritando. Eu pisco em choque. “Isso é mais do que apenas uma obrigação com você e Dillan. Eu não posso mais esconder, não posso continuar fingindo que não somos perfeitos um para o outro quando claramente... nós somos.” A arrogância em seu tom deveria me fazer enojar, as coisas que ele está insinuando deveriam me deixar realmente irritada, mas não deixam. Eu só tenho uma coisa na mente agora. Começa com SE e termina em XO. Suas palavras só alimentam meu desejo e preciso de

todas as minhas forças para me impedir de pular em torno dele como um coala agarrando-o como um salva-vidas. “Mas eu não vou te pressionar. Quero que você venha até mim quando estiver pronta.” Sua confissão me traz de volta à terra, um lampejo de um segundo e a culpa que eu sinto perfura meu estado de luxúria.

“E se eu não quiser?” Pergunto, porque duvido que eu vá querer. Não importa o quanto parece que ele está me afetando, eu nunca poderia trair Caleb assim.

A dor cintila em seus olhos por um momento. “Então eu vou ter que me acostumar a tê-la de qualquer maneira que posso.”

“E se eu quiser?” Por que perguntei isso? Apenas saiu.

Abro a boca para dizer-lhe para não responder, mas estou muito atrasada. Suas palavras são firmes e seguras. Seu sorriso suave ainda arrogante. “Então eu pretendo me casar com você e ficar com você por um tempo muito longo.”

Minha boca forma um O, como *Bridget Jones*, quando entra na festa vestida de coelho. “Oh.”

23

Estou parada ao lado do meu carro no lado de fora do supermercado, empilhando minhas compras, quando um homem alto e não muito bonito se aproxima de mim. “Com licença, querida.” Ele passa os dedos pelos cabelos grisalhos e sopra um longo suspiro. “Desculpe incomodá-la, eu sou Carl.”

Eu não respondo. Não sou fã de ser abordada por estranhos, não importa quão amigável possam parecer. Onde diabos está Nathan? Ele só foi trocar Dillan enquanto eu colocava as compras no carro. Ele deveria estar aqui agora.

Ele percebe minha falta de resposta, mas não parece ofendido. “Sou uma espécie de mensageiro.”

“Ok.” Aonde ele quer chegar com isso?

“Pediram-me para entregar isso diretamente a você.” Segura um grande envelope marrom que está inchado pelo volume.

Eu olho para o envelope, meus olhos piscando estupidamente. Devo pegá-lo? Talvez eu deva...

Dillan é empurrado para os meus braços, eu mal consigo pegá-lo antes de Nathan estar em cima Carl. Eu solto um grito quando Nathan traz seu punho para trás e balança, e se conecta com o rosto de Carl, mas ele rapidamente devolve.

O golpe nem sequer atordoou Nathan, e foi um golpe forte.

“Você fica longe dela!” Nathan grita, enquanto bloqueia o próximo golpe de Carl e o agarra pela garganta. “Entre com Dillan no carro, Gwen.”

Não é preciso dizer duas vezes. Eu rapidamente subo na parte de trás e prendo Dillan em seu assento do carro. Ele solta um grito de bebê, mas logo se acalma, o que eu sou grata.

Durante este tempo Nathan tem Carl pressionado contra a parte de trás do carro. Eu saio convencida de que Dillan ficará bem por um momento. Nathan precisa de mim.

Dois homens se aproximam e separam a luta, não que isso possa ser chamado assim. Nathan estava dando uma surra até que eles apareceram. Algumas pessoas se aproximam, mas apenas olham. Eu realmente me sinto mal por Carl, seu nariz quebrado e seu lábio sangrando tão profusamente do lado, que tenho uma terrível sensação de que vai precisar de pontos.

Nathan tira o envelope do chão e o coloca dentro do casaco. Sua mão treme quando segura meu braço, me guia para o lado do passageiro e me força a entrar.

Seus olhos castanhos irritados olham para Carl, que ainda está no chão gritando e ordenando que alguém chame a polícia. Todo mundo parece um pouco atordoado com os eventos. Esta é uma cidade pequena, isso simplesmente não acontece aqui.

“Você está bem?” Pergunto suavemente, sem saber o que mais dizer. Seus lábios são uma fina linha e uma veia se projeta na testa. Ele liga a ignição e sai de ré do estacionamento, fazendo com que duas pessoas pulem para fora do caminho. Cristo. Ele está louco? “Acalme-se.”

Ele me ignora e corre para fora do estacionamento, bem acima do limite de velocidade. Sua raiva é tão óbvia, que estou

surpresa que ele não esteja vermelho. Na verdade, ele parece algo do tipo.

"Você quer me dizer o que está acontecendo?" Eu grito e olho por cima do meu ombro para Dillan acenando seus braços gordinhos ao redor. Nathan finalmente desacelera quando chegamos ao final da rua, meu corpo relaxa uma fração, mas não muito. "Nathan. O que há no envelope?"

"Não pergunte." Não soa irritado ou até mesmo enojado, ele parece desesperado. "Por favor. Só... não pergunte."

"Por quê?"

"Porque você vai me odiar." Ele diz isso de forma dolorosa, como se fosse pior do que qualquer outra possibilidade.

"Eu duvido disso." Coloco minha mão no braço dele. "Me fale."

"Eu me recuso!"

Gah. "Bem. Eu não vou perguntar." Pelo menos não por enquanto, posso ver como ele está claramente chateado.

Dirigimos para casa em silêncio, é tenso e desconfortável e traz de volta memórias de nossos primeiros dois meses juntos.

"Nathan?" Eu chamo enquanto ele segue para dentro da casa. Ele destranca a porta antes de voltar para me ajudar a descarregar as compras.

"Pegue Dillan e o leve para dentro," ele exige. "Ah, e da próxima vez que eu deixá-la sozinha por cinco minutos, não fale com ninguém. Nem mesmo Paula ou Jeanine."

Minha boca se abre. "O quê?"

"Você me ouviu."

"Você espera que eu ignore meus amigos por causa de algo que você não vai me contar? Algo que claramente me afeta."

Seu olhar quebrado implorando vem a mim. Seu tom combina. "Sim."

"Isto é..." Eu pego Dillan e seguro apertado a mim. Seus olhos me encaram enquanto eu o aperto contra meu peito. "Ridículo. Só me diga o que é, eu não sou estúpida. Sei que você está sendo chantageado, isso é óbvio. Especialmente agora."

"Leve Dillan para dentro," ele sussurra, seu tom me dizendo que não deve ser confrontado.

"Eu vou levá-lo para dentro, e então iremos conversar."

"Não, nós não vamos."

Dou a ele o mesmo olhar que ele me deu apenas alguns momentos atrás. "Oh, nós vamos."

Seu rosto registra o choque. Eu nunca falei deste modo com ele antes. Se não o conhecesse, diria que ele se divertiu por um momento antes de perceber que desta vez, não vou ceder.

Estou confiante de que Nathan não vai tentar parar de me evitar, não quando obviamente está tentando esconder alguma coisa e tem alguém tentando entregá-lo, e sendo implacável sobre isso.

* *

O jantar é tão silencioso e tão tenso quanto a viagem de carro para casa. Sempre que eu tento falar com ele, Nathan me

ignora completamente como se eu não estivesse aqui. Dizer que estou frustrada seria um eufemismo.

"Vejo que ainda estou falando sozinha," murmuro e sigo Nathan subindo as escadas. Ele continua até o seu quarto e até tem a habilidade de bater à porta no meu rosto. "Você não pode ficar escondendo de mim, você vai ter que falar comigo eventualmente."

Tento abrir a porta, mas está trancada por dentro.

"Nathan, por favor."

"Vá embora, Gwen." Abre a porta, seu rosto agora a centímetros do meu. "Estou falando sério. Vá embora."

"Imbecil," eu xingo, procurando uma reação. Sua mandíbula fica tensa. "Otário. Merda. Idiota. Mas que merda." Uma mão bate sobre minha boca e um olhar muito bravo de Nathan para mim. Eu continuo com minhas grosserias, mesmo que seja abafado pela palma da mão dele.

"Você vai continuar, não é?" Ele suspira sua mão ainda cobrindo minha boca agora silenciosa. "Eu não vou te dizer, então, por favor, basta deixar isso de lado."

"Está claro para mim," eu começo quando ele tira a mão da minha boca. "Eu vou descobrir, eventualmente. Talvez você devesse confiar em mim, me dizer antes que alguém o faça."

Seu rosto fica pálido, seus olhos brilham de tristeza. "Eu não posso."

Meu coração se encolhe e minha mão imediatamente se levanta e aperta a parte de trás de seu cabelo. "Eu posso ver que está sofrendo. Confie em mim."

Ele parece pensar nisso por um momento, então muda totalmente, escondendo toda emoção de mim. "Não."

Segundos depois ele se foi e a porta bate e novamente é trancada. Estou meio tentada a ir lá fora e esperar por outro mensageiro, mas não vou.

Em vez disso vou direto para o berçário brincar com o meu bebê. Ele ainda não sorriu e agora tem oficialmente cinco semanas de idade. O tempo voa. Eu não posso acreditar o quão bem já está sustentando a sua cabeça. É uma loucura.

"Cadê o bebê!?" Nada. Nada além de um piscar de olhos. Eu acho que ele não gosta de brincar mais do que o seu tio gosta.

* *

Toda esta situação é tão frustrante, odeio ser mantida no escuro. Eu não estou acostumada a segredos. Não tenho muitos amigos e os que tenho me contam praticamente tudo. Minha mãe não tinha quaisquer amigos ou família enquanto eu crescia, assim não havia segredos lá tampouco. Quanto a Caleb, ele nunca escondeu nada de mim. Não havia um ponto no nosso relacionamento onde eu sentia como se estivesse escondendo alguma coisa. Não que possa me lembrar de qualquer maneira.

Caleb, se você estiver aí em cima, por favor, me dê uma pista. Eu não tenho ideia do que estou fazendo e estou assustada. O medo é uma das minhas rápidas reações emocionais. Geralmente é a primeira coisa que sinto diante de uma situação difícil. Embora eu não seja covarde, tendo a enfrentar meus medos. E odeio sentir medo.

Preciso que isso pare. Eu preciso conseguir Nathan de volta ao seu normal.

Por que eu tenho uma terrível sensação de que isso nunca vai acontecer? Por que eu tenho a terrível sensação de que estou prestes a perder outra parte de mim?

* *

Uma semana passa. Nathan saiu na primeira manhã após o incidente. Eu não sei onde ele está ou porque ousou me deixar. Tudo o que sei é que saí de casa com Dillan, esperando alguém vir até mim com um desses envelopes que claramente escondem algo. Mas não apareceu ninguém.

O que significa que Nathan tratou disso.

Esse pensamento me traz uma pequena quantidade de alívio. Pelo menos o meu mundo não está a ponto de virar de cabeça para baixo. Estive dependente demais de Nathan e desde a semana passada tem sido difícil. Mais difícil do que deveria ser.

Eu só queria que ele voltasse para casa. Ou, pelo menos, atendesse o telefone quando eu ligo.

Pelo menos eu tenho Dillan para me fazer companhia. O que é um alívio.

Claro que tentei também procurar o envelope. Eu não apenas esperei que fosse entregue. Infelizmente, o escritório e o quarto de Nathan estavam trancados e eu não consegui encontrar um traço daquele envelope em nenhum outro lugar.

* *

Sou acordada pelo som de palavras suaves que estão sendo faladas através do monitor de bebê. Eu não consigo

entender o que está sendo dito, mas posso dizer que é Nathan. Verificando o relógio, vejo que é apenas meia-noite. Alívio me enche quando eu registro completamente o fato de que eu não estou sonhando e Nathan está de fato em casa. Então eu fujo da minha cama e silenciosamente rastejo para o quarto de Dillan.

A porta está aberta e Nathan está sentado na cadeira de balanço de costas para mim. Eu posso ver o topo da cabeça de Dillan descansando na curva do braço dele enquanto balança para trás e para frente.

“Ei, eu não ouvi Dillan acordar,” eu digo suavemente, percebendo que o corpo de Nathan fica tenso enquanto me aproximo.

Meu garotinho lindo está adormecido, envolto em um cobertor bege. Nathan o levanta, e beija a bochecha gorducha antes de colocá-lo em seu berço. Ele está de costas para mim, suas mãos segurando a grade de madeira.

“Você está bem?” Eu não sei o que dizer, isso parece o mais diplomático a se perguntar, considerando as circunstâncias.

Nathan nega sacudindo a cabeça. “Só estou me despedindo.”

“Você está partindo de novo?” Minha voz sai ofegante e cheia de pânico e descrença. “Se isto é...”

“Aqui não.” Seus olhos castanhos estão frios, calmos e sem emoção. Um golpe bate meu corpo enquanto ele passa, fazendo-me tremer ligeiramente. Ou talvez seja a sua atitude fria me fazendo sentir calafrios.

Eu o sigo até o escritório e me sento na cadeira ao lado de sua mesa. Ele olha para algumas folhas de papel à sua frente, sua língua atravessa seu lábio inferior. Por favor, não esteja partindo. Não nos deixe.

Digo isso em voz alta, meu tom implorando, quase suplicando. Inferno, estou implorando. Vou implorar se for preciso.

"Eu não vou embora," ele calmamente diz e olha para mim, seus olhos brilhando. "Você vai."

Pum... meu coração apenas afundou no meu estômago. "O quê?"

"É hora de você voltar a morar com a sua mãe."

Eu... eu estou indo embora? "O quê?"

"Você me ouviu." Ele olha para os papéis novamente e os expõe ao longo da mesa. "Você pode sair agora."

Eu olho para ele, meu corpo congelado no lugar, meu coração bate inexistente.

"Eu disse que você pode ir."

"Eu ouvi você, eu só... não posso me mover." Murmuro, meu corpo ainda em choque. "Você está me expulsando." Esta é uma declaração, não uma pergunta.

"Sabíamos que esse momento chegaria eventualmente."

"Mas... você prometeu que não faria isso, então não, de fato eu não sabia que viria," eu argumento. "E quanto a Dillan?"

Sua expressão calma e indiferente não muda. "Eu o verei quando puder." E a promessa? Não recebo nenhuma desculpa por ele ter quebrado isso?

"Você está brincando," eu suspiro, agarrando meu estômago como se acabasse de ser perfurado. "Por favor, me diga que você está brincando."

"Eu pareço estar brincando com você?" Ele resmunga e acena com a mão, fazendo um gesto para que eu vá embora.

“Isso é por causa do que aconteceu?” De repente, eu percebo. “Você está fazendo isso de propósito. Empurrando-me para longe para me impedir de descobrir o que quer que seja que está acontecendo de errado.”

“Não,” ele suspira e esfrega a face com as mãos. “Isto é porque eu estou entediado de brincar de papai e o marido amoroso com uma mulher que...” A mandíbula dele aperta e suas palavras param.

“Olhe,” eu me inclino sobre a mesa. “Se isso é porque eu... É apenas... Ah. Quero dizer... Não perguntarei novamente. Você é mais importante para mim do que o inferno que está arruinando nossa bolha agora. Não voltarei a falar sobre aquele envelope, juro. Apenas me deixe ficar aqui ao seu lado.”

“Não se trata disso,” ele diz, quase soando entediado. “Eu não estou preocupado com isso, fiz um julgamento errado e eu não vou fazer isso de novo. O envelope foi resolvido.”

“Eu não acredito em você.” Declaro desafiadoramente. Isto é estupidez, uma completa estupidez. Eu não vou sair e não vou deixá-lo me expulsar para longe.

“Guinevere...”

“Não.” Ando em volta da mesa e me ajoelho no chão diante dele. Meu corpo está doendo com uma dor que eu não reconheço. Dói, muito, e preciso que pare. Agarro seus joelhos e olho para ele através dos meus cílios. “Eu prometo que não vou perguntar e se descobrir, você tem a minha palavra de que...”

“Não faça promessas que você não pode cumprir.” Ele rosna suas mãos enluvadas puxando meus pulsos em uma tentativa de me fazer soltar suas pernas. Por que ele está usando suas luvas novamente?

Eu paro imediatamente e dou um grande passo para trás, ele precisa de espaço. “Está bem.” Minha mão vai para o meu peito latejante em uma tentativa de impedir meu coração de esmagar a caixa torácica e atirar-se para fora da janela mais próxima. Eu tento uma nova tática. “Eu sei o que você está fazendo, e você sabe que eu sei o que você está fazendo. Não vai funcionar. Faça o seu pior. Se você acha que vou te deixar quando está claramente passando por algo que está te puxando para baixo, você está errado.” Dou-lhe o rosto mais corajoso que posso reunir. “Você é meu melhor amigo. Além disso, o que aconteceu com o nunca parar de tentar até que eu fosse sua? Isso não conta mais?”

“Não.” Ele limpa a garganta e me afasta. “Isso foi um erro. Eu pensei que deveríamos ter sido mais, mas na realidade só me privou de sexo por muito tempo.”

Por que isso dói? Por que eu quero esmagar alguma coisa? “Oh.”

“Eu estou vendo alguém.”

Reviro os olhos. “Oh sim? Quem?”

Ele continua como se eu nem tivesse falado. “Então, vou precisar que você vá embora, foi inconveniente quando Lorna esteve me visitando e enquanto você permaneceu aqui e ela não significava nada para mim.” Seus olhos escurecem e seus lábios curvam com um sorriso arrogante enquanto ele olha me olha de cima a baixo como se eu fosse um bife. “Aisha é uma mulher de... Classe.” Ai. Eu estou supondo que ela é o bife então. “Não nos convém ter outra mulher por perto. Especialmente a noiva do meu irmão e...” Ele hesita por um momento, seus olhos se afastando dos meus. “Seu filho bastardo.” Ouço suas palavras, lágrimas ferozes me atravessam.

Ele está fazendo de propósito, mas isso não faz doer menos.

Mas e se ele estiver falando sério? E se eu estiver errada?

Não. Não estou errada. Eu posso ver em seus olhos, ele está me pressionando. Ele está me forçando.

Por que então?

“Não vai dar certo,” sussurro furiosamente, meus punhos apertando meus lados. “Eu entendo o que você está fazendo e estou dizendo a você agora. Não vai funcionar.”

“Eu não estou brincando, Guinevere!” Nathan grita e cuidadosamente coloca os papéis em uma pasta. Vejo que são apenas fotos de suas joias, nada importante. Eu acho que ele está usando isso como uma distração para limitar o contato visual comigo, outra razão pela qual sei que ele está mentindo. “Aceite e siga o seu caminho. Seja grata por eu não estar cobrando a quantia de dinheiro que você gastou desde que chegou.”

Meu temperamento atinge picos, o peito formiga e o estômago retorce, minha cabeça nubla com o que quer que seja essa porra.

“Como você ousa.” Grito. “Eu nunca pedi nada, você ofereceu tudo de bom grado. Pare de fazer isso. Eu não vou embora, você está apenas me causando uma dor desnecessária!”

“Como você quiser.” Ele ri arrogantemente. “Mas quando você encontrar Aisha, não diga que não avisei.”

Minha cabeça balança para trás e para frente com nojo. “Se ela existir.”

Seus olhos escurecem. “Ela existe.”

“Então vou calmamente explicar a ela que eu não acredito em uma palavra que você está dizendo!”

"Acredite."

"O que diabos está de errado com você?" Gemo meus olhos queimando. "Vou voltar para a cama."

Ele dá de ombros e coloca a pasta na gaveta. Agora ele tem que olhar para mim e odeio o seu olhar frio. "Eu não estou sendo cruel. Estou sendo honesto."

"Mais uma mentira. Não vou aceitar. Eu não aceito nenhuma das merdas que você acabou de dizer."

"Então não aceite," ele grita, seu rosto ficando vermelho de raiva. "Mas se você realmente sabe o que é bom para você e Dillan, você irá embora."

"Vai se foder, Nathan."

"Cuidado com a língua."

"Você não pode mais me dizer o que fazer," eu rio incredulamente. "Você acabou de perder esse direito. E se você honestamente pensa que vou ser empurrada para fora da minha casa por causa de algum segredo estúpido, então você está errado. Você não acha isso um pouco atrasado? Você está me afastando, tentando se proteger dessa coisa que você está tentando evitar?"

Nathan deixa sair uma respiração exasperada. "Agora você está sendo ridícula. Ouça o que acabou de dizer. Por que eu iria afastá-la para me proteger de seu ódio?" Ele tem um ponto. Ele está falando sério sobre tudo isso? Eu não posso mais ter certeza.

Não. Não vou me convencer a acreditar nele.

Não a menos que ele esteja se sacrificando e me forçando a odiá-lo de forma protetora. Mas por quê? Eu preciso saber.

Apenas saia do quarto, Gwen, apenas saia e fale com ele amanhã.

“Eu não quero ouvir mais nada.” Enxugo as lágrimas sob meus olhos com as costas da mão. “Eu vou voltar para a cama.”

“Eu não quero mais você aqui, Guinevere.” Sua voz soa rouca, com uma ponta de dor? “Leve o carro e eu pagarei uma escola particular para Dillan quando ele for mais velho.”

Eu rio sem humor e vou em direção à porta. “Não, obrigada.”

“Guinevere...”

“O quê?” Eu suspiro, meu cansaço penetrando em cada célula do meu corpo. Já não tenho forças para isso. “O que você quer agora?”

“Não lute comigo sobre isso. Tudo que eu estou dizendo é a verdade.”

“Eu não vou mais discutir com você sobre qualquer coisa.” Eu olho para ele diretamente nos olhos. “Mas não vou embora.”

Nada, nem mesmo um flash de emoção. A única coisa que ele faz é apertar a mandíbula e os punhos.

Um soluço escapa por minha garganta, enquanto abro a porta e a fecho delicadamente atrás de mim. Claro, eu adoraria matá-lo, mas isso seria infantil. Nathan não me abandonou quando precisei de alguém. Ele ficou perto de mim. Eu não posso deixá-lo agora, não quando claramente precisa de mim.

Isso é estúpido. A quem estou enganando? Isso não faz sentido.

* *

Nathan não vem atrás de mim e eu não vou mentir, metade de mim esperava isso. A outra metade queria que ele viesse.

Isso é tão confuso. Nathan está certo.

Oh meu Deus.

Ele realmente está vendo outra pessoa? Por que esse pensamento me magoa mais do que o resto? Talvez porque eu esteja tão acostumada a Nathan dando voltas ao meu redor por tanto tempo. Eu mentalmente o transformei em minha propriedade de alguma maneira?

Não, estou chateada. Eu não me importo com quem ele dorme.

Ficarei ainda mais chateada se ele a escolher. Se ele voluntariamente nos jogar fora por causa de uma nova aventura.

Não tenho certeza do que fazer. Não tenho certeza se estou certa ou não. Eu tenho que me apegar a isso. Não posso deixá-lo.

Dillan acorda três vezes durante a noite, embora não me incomode demais, porque não durmo nada. Nathan sai às sete, mais cedo do que o normal. Ele está me evitando porque não pode se incomodar em discutir? Ou ele falou sério sobre tudo isso e não pode suportar a minha presença?

Eu o odeio tanto por me fazer sentir assim. Minha raiva está borbulhando sob a superfície da minha pele, fazendo com que meu sangue ferva. Ir embora parece ser uma ótima ideia agora, mas por algum motivo eu simplesmente não posso. Por mais que eu queira jogar coisas nele, no fundo sei que ele não merece isso. Ele tem sido muito bom para mim e Dillan. Como posso odiá-lo por querer sua vida de volta?

Se há alguém que eu deveria odiar é Caleb por me deixar em primeiro lugar.

Mas qual é a verdade? Alguém pode me dar as respostas antes que eu enlouqueça.

24

"Você precisa de um descanso." Jeanine me diz e ela está certa. "Você perdeu peso, parece exausta."

Eu bocejo alto, praticamente provando suas palavras. "As coisas não estão bem agora."

"Eu posso ver," ela murmura e solta um longo suspiro. "Você quer falar sobre isso?"

Nego com minha cabeça. "Não, realmente. Simplesmente tenho muito em minha mente." E Nathan ainda não está falando comigo. Depois de nossa discussão ontem à noite eu realmente esperava que tudo fosse se acalmar. Em vez disso, ele desceu as escadas, me viu sentada na sala de jantar com Dillan e perguntou, "Ainda aqui?" Ele não esperou por uma resposta, seu tom declarou que não gostava do fato de eu estar aqui ainda. Soube com certeza. Depois de pegar a comida que eu fiz, ele desapareceu. Ouvi sua porta do escritório fechar e soltei a respiração que estava segurando.

Eu preciso encontrar uma maneira de me aproximar dele.

"Por que não vem jantar comigo esta noite? Traga Dillan, obviamente." Isso realmente não soa muito ruim.

"Jeanine uma palavra, por favor." Grita Nathan. Estremeço, rezando para não tê-la metido em problemas. Ela rola os olhos e me dá uma piscadela antes de seguir para fora do quarto e descer as escadas.

Claro que eu a sigo, como não? Eles não precisam saber disso, entretanto.

“Sim, estou falando sério.” Ouço Nathan dizer.

Minha orelha está pressionada contra a porta, sinto que estou em um filme.

Jeanine ri como se ele dissesse a coisa mais engraçada do mundo. Eu não tenho que esperar muito tempo para uma explicação. “Oh, Nathan. Você sabe que eu não tenho que trabalhar. A única razão pela qual trabalho é porque eu sou a única pessoa que mantém sua casa da maneira que você gosta.” Ela ri novamente. “Mas de todos os modos, mesmo que você me demita, isso não vai me impedir de falar com Gwen. Ela se tornou uma amiga e não trato meus amigos com tal desrespeito.”

Nathan não responde, mas posso sentir sua irritação escorrendo pela porta de madeira.

“Isso é tudo?” Jeanine pergunta e rapidamente fujo. Eles provavelmente sabem que eu estava lá, mas para ser honesta, não me importo.

Eu não posso acreditar que ele ameaçou demiti-la se continuasse falando comigo. Ou pelo menos, isso é o que eu entendi da curta conversa. Que idiota.

Ele está realmente desesperado para eu ir embora?

* *

Minha resposta é sim. Recebo essa afirmação sofrendo mais dois dias com ele.

“Eu não queria lasanha. Se você vai ficar na minha casa mesmo que eu tendo pedido para ir embora, você poderia pelo menos preparar a comida que eu realmente quero comer.” Vi

Nathan pegar o prato e raspar o alimento intocado na lata de lixo. Isso foi ontem no jantar.

"Este quarto está horrível. Fede a fraldas sujas." Ele me diz de manhã depois de eu ter trocado a fralda de Dillan. Ele sabia muito bem que eu tinha acabado de fazer isso.

Cerca de meia hora mais tarde eu estava tentando me conectar à internet. Não deu certo. Nathan ficou na porta e explicou duramente "A internet não é grátis, você sabe. Tenha algum respeito próprio. Pague pelas suas próprias coisas."

Eu não respondi. Voltei ao meu quebra-cabeça, enquanto Dillan ficou ao meu lado no bebe conforto. Só posso orar para que isso melhore.

O que nos traz a este momento.

Nem mesmo vinte minutos depois Nathan retorna, pega meu notebook e o leva embora. Ele volta com o meu telefone antigo, e tira meu novo do meu bolso, troca os cartões SIM e coloca meu telefone velho de volta no meu bolso.

"Você pagou pelo quarto de Dillan, vai tirar isso de mim também?" Comento secamente, meus olhos se estreitam.

"Não, eu vou precisar daquele quarto vazio e duvido que receba meu dinheiro de volta com os móveis tão mal cuidados."

Solto uma gargalhada. "Considerando que você usou os móveis tanto quanto eu, isso é um insulto a si mesmo."

Ele só sai do quarto. Eu me sento e giro meus polegares, minha irritação em um novo nível. Estou achando difícil continuar tranquila e só se passou um dia.

* *

Oh Deus. O que agora? Ele voltou. Não faz quinze minutos desde que saiu.

Oh, espera, está tudo bem, ele está indo para o meu carro com minha... por que diabos ele tem minha bolsa de fralda? Eu o vejo caminhar de volta para a casa através do vidro da janela. Seu rosto uma máscara dura.

Ele entra na sala e joga o casaco de Dillan para mim. Eu o pego antes que acerte minha cara. “Pegue Dillan e saia por algumas horas. Sua bolsa de fraldas está cheia com a quantidade certa de tudo.”

“O quê?” Ele está nos chutando durante todo o dia?

“Você me ouviu, eu tenho que me concentrar. Entre no seu carro e vá.”

Ele vai me deixar voltar se eu fizer isso?

Ele suspira com minha falta de ação e arranca o casaco das minhas mãos. “Honestamente, você é a mãe dele. O mínimo que poderia fazer é tê-lo pronto para sair. Isso é tudo o que estou pedindo.” Vou dar um soco nele.

Eu o vejo vestir Dillan rapidamente e eficientemente. Maldito seja. Agora está saindo de casa.

Eu rapidamente persigo Nathan e meu filho. Ele coloca Dillan suavemente no assento de carro na parte de trás do meu carro e atira as chaves para mim. Agarro-as como eu fiz com o casaco, a apenas um centímetro do meu rosto, aperto meus dentes e subo no banco do motorista.

“Você esqueceu seu casaco, está frio,” Nathan grita, com sua mão na porta.

Um pensamento vem à mente. Eu salto para fora do carro e entro furiosa na casa.

Pego meu casaco, mas assim que chego perto dele eu estalo meus dedos. “Oh, espere. Eu esqueci completamente.” Levanto minha camisa sobre minha cabeça e atiro-a para ele.

“O que você está fazendo?” Seus olhos se arregalam enquanto ele me observa ficar apenas de sutiã e calças.

Eu tiro meus sapatos e puxo minhas calças para baixo, ignorando a sensação horrível da terra molhada sob minhas meias.

“O que você acha que está fazendo?” Nathan sibila enquanto eu chuto as calças jeans para ele.

Deslizo meus pés de volta em meus sapatos e pego meu casaco de suas mãos. Encolhendo os ombros dou-lhe um sorriso amigável. “Você comprou tudo isso.”

“Você pode ficar com as roupas.” Ele fala com descrença em sua cara.

“Não, obrigada, eu não quero nada de você. Não, a menos que seja para Dillan.” Eu abotoo meu casaco na frente, ignorando o fato de que nem sequer cobre minhas coxas e me inclino na parte de trás do carro para pegar Dillan. Provavelmente estou lhe dando uma visão espetacular da minha calcinha de renda agora.

“Agora o que você está fazendo?” Ele grita, enquanto agarro o assento do meu filho no meu peito e casualmente ando até o porta mala. Com uma das mãos, retiro seu carrinho e desdobro-o com a ajuda do meu pé. Coloco Dillan dentro e o embrulho firmemente em seu cobertor. Eu uso a capa de chuva para evitar que o ar frio o ataque. “Guinevere!”

“Sim?” Pergunto docemente, parando a poucos metros do carro.

“Você já esclareceu seu ponto.”

Eu finjo estar confusa, quase rindo maliciosamente com o olhar de derrota em seu rosto. “Ponto? Que ponto? Eu pensei que você quisesse de volta tudo o que comprou para mim!”

“Gwen,” ele suspira, parecendo exausto. “Pare com isso.”

“Não. Se você quiser ser um idiota, então vou ser idiota de volta.” Eu estalo meus dedos novamente. “Agora pensando sobre isso,” solto uma pequena risada e balanço a cabeça como se dizendo a mim mesma que sou estúpida. “Você me comprou essa lingerie também.”

Suas pálpebras se abrem até onde fisicamente possível, sua boca escancarada. “Você não faria isso. Alguém pode te ver. Você vai ficar doente.”

“Eu não sabia que você se importava com isso, Nathan.” Pisco docemente e levanto a bainha do casaco. Meus polegares se encaixam nas bordas da minha calcinha.

Ele engole, seus olhos quase me desafiando a ir até o fim. “Basta!”

Deixo escapar um grito, que é uma reação ao ser surpreendida devido ao fato de estar agora sobre seu ombro, mas é meio triunfante o jeito como o derrubei.

Seu ombro pressiona meu estômago enquanto ele me leva de volta para a casa. Nathan usa a outra mão para empurrar o carrinho. Eu sorrio. Ponto para mim.

“A única razão...”

Ele começa, mas eu fecho a cara profundamente para ele e o repreendendo, “Guarde qualquer merda que você está prestes a tentar me fazer engolir. Você se importa. Você acabou de provar isso. Eu venci esse round.”

Seu telefone toca, ele levanta o dedo para me dizer para ficar quieta. Vou respeitar.

Nenhuma palavra sai de sua boca durante toda a chamada, ele só ouve calmamente, seu corpo tenso. Eu não consigo ouvir o que está sendo dito, mas posso ouvir uma voz masculina irritada. Nathan desliga o telefone e me empurra para a escada. “Se vista e faça as malas. Estou falando sério.”

“Não.” Eu volto firmemente, dando-lhe um sorriso que sei que o irrita profundamente. “Mas obrigada. Está com fome? O que você gostaria de comer?”

Ele se aproxima de mim, seus olhos uma chama ardente de fúria e algo mais. Eu não sei o que a outra coisa é, mas tenho um pressentimento que estou prestes a descobrir. “Arrume suas malas.” Sua voz é ameaçadora, quase cruel. Seu rosto a apenas uma polegada do meu, quase me encolho. Quase, mas não completamente. Embora engula a seco. “E saia.”

“Não.”

“Tudo bem,” ele diz e move a cabeça de lado a lado, fazendo com que seu pescoço estale. “Como quiser.”

“De acordo,” eu dou-lhe outro sorriso e subo correndo as escadas. “Seja gentil e olhe Dillan para mim.”

“Eu tenho coisas...” Não ouço o resto do que ele está dizendo, porque estou no meu quarto procurando através de meu armário para algo usar que ele não tenha comprado.

Não acredito que acabei de me despir na calçada na frente de Nathan. Oficialmente perdi a cabeça.

* *

Os próximos dias são iguais. Nathan me ignora ou me insulta. Se ele me insulta, eu o ignoro. É um ciclo sem fim. Também está me deixando miserável.

Nada do que eu digo ou faço ameniza as coisas.

Preciso encontrar uma maneira de trazer de volta o velho Nathan. Eu tenho que fazer alguma coisa.

Com este pensamento em mente deixo Dillan com Jeanine por um tempo e vou para o supermercado, como ela sugeriu. Ela acha que eu deveria tentar lembrá-lo dos bons momentos que compartilhávamos, então é isso que eu vou fazer. Nathan livrou-se de todos os meus ovos e vou precisar de alguns se eu quiser agradar seu lado bom com comida. Esta é a única arma em meu arsenal. Podemos superar tudo com comida. Estou mantendo meus dedos cruzados, mas também não estou tão segura.

Se ao menos ele me dissesse. Se ele simplesmente me contasse, poderíamos passar por isso. O que é tão ruim que ele tem que fingir que me odeia?

Eu não quero que ele saiba o que estou fazendo, então passo a manhã cozinhando bolo após bolo, biscoitos após biscoitos e qualquer prato favorito de Nathan, usando a cozinha de Jeanine. Quando termino tenho doze caixas.

Jeanine insiste que eu deixe Dillan com ela enquanto faço isso. Agradeço-lhe profundamente e depois de carregar os produtos assados no meu carro, parto para casa. De todas as maneiras eu imploro os céus por força e ajuda.

Agora eu só preciso descobrir o que dizer.

* *

Recolho tantos pequenos bolos e coisas quanto possível e passo para dentro da casa, aliviada que a porta não está trancada.

“Nathan?” Eu grito enquanto coloco a última caixa na cozinha.

Meu telefone me alerta para uma mensagem, eu abro.

Nathan: Eu estou no quarto de Dillan.

Bem, isso já é uma melhora. Talvez ele tenha sentido o cheiro da minha surpresa e decidiu ser civilizado.

A única coisa que eu levo comigo é o pequeno saco de donuts caseiros, que tem um gosto muito melhor do que qualquer coisa que você vai encontrar em um parque de diversões. Na minha mente, esta foi a noite que Nathan e eu nos conectamos, essa foi a noite em que nos tornamos amigos e agora eu só tenho de lembrá-lo disso.

“Certo,” eu começo a gritar enquanto subo as escadas. “Então eu exagerei um pouco na cozinha, mas pensei que poderia...”

Os olhos de Nathan encontram os meus, ele estremece com a dor que vê neles.

É desgosto que ele vê. Meu coração quebra em fragmentos tão minúsculos que não podem ser vistos sem um microscópio.

Meu telefone apita enquanto olho para o quarto vazio. Nenhum móvel de bebê à vista.

Ele está me expulsando.

* *

Mamãe: Você gostaria de explicar por que um caminhão cheio das suas coisas e as de Dillan acabou de chegar à minha porta? Você está voltando para casa?

Parece que sim.

"Eu lhe disse que queria que você fosse embora." Ele diz, mas não há emoção em seu tom. Suas mãos tremem ao lado dele.

Não sei o que dizer. Estou atordoada, totalmente e completamente atordoada. Acho que perdi a cabeça.

"E quanto a Dillan?" Esta é a única pergunta que posso fazer. Eu não quero uma resposta para nenhuma das outras.

Ele encolhe os ombros, sem se abalar. "Eu o verei quando puder. Se você permitir."

Aceno rapidamente e um pouco freneticamente, meu corpo tenso enquanto luta para manter minhas emoções engarrafadas. Eu não vou lhe dar essa satisfação. "Claro. Você é o tio dele."

"Eu aprecio isso." Ele mastiga sua bochecha. "Eu avisei..."

Minha mão dispara, silenciando-o imediatamente. "Eu sei. Eu deveria ter ouvido. Não achei que você estava falando sério. Meu erro."

Seus olhos me observam cautelosamente por um momento. "Você está bem?"

Minha garganta formiga, lutando contra a erupção que ferve em meu peito. Eu engulo tudo. "Tudo bem. Tem certeza de que eles embalaram tudo nosso?"

Ele olha nos meus olhos, seu rosto agora preocupado. "Tem certeza de que você está bem?"

Eu estou? Eu me sinto bem. Surpresa, talvez um pouco triste, mas estou bem. “Sim.”

“Eu lamento...”

Ergo minha mão novamente. “Você não me deve uma explicação, Nathan.”

“Eu...”

“Não.” Atiro o saco de donuts para ele, que os pega, com facilidade. Abrindo o saco, observo sua reação. Seus olhos brilham com a memória daquela noite.

“Uma das melhores noites da minha vida,” ele diz calmamente e olha para mim, seu olhar inseguro. “Obrigado por isso.”

Ignoro seu olhar estranho. “Eu tenho uma bolsa com coisas minhas em seu quarto, você se lembrou de despachá-la também?”

Ele se encolhe. “Não. Desculpe, esqueci o tempo em que você ficou lá em cima comigo.” Sim, certo. Parece mais como se ele quisesse uma desculpa para eu voltar aqui. Que jogo está jogando? Eu me importo mesmo?

Como devo me sentir?

“Vou pegar agora.” Minha voz soa estranha. Por que soa tão... vazia?

Ele me segue pelas escadas e entra em seu quarto. Infelizmente não permanece em silêncio. “Esperava que você ficasse com raiva.” Sim, eu também. “Eu não gosto disso.”

“Você não gosta de quê?” Murmuro e acendo a luz. Minha bolsa está debaixo da mesa no canto, puxo para fora pela alça e coloco em minhas costas.

“Essa calma...” ele acena uma mão para mim, como se referindo a tudo de mim, em vez de apenas a minha expressão.

Eu lhe dou um encolher de ombros. “Obrigada por tudo. Honestamente. Você fez muito por mim. Acho que não consigo culpá-lo por querer sua vida de volta.”

“Não tem nada a ver com isso.” Ele dá um passo na minha direção, quase como se quisesse me tocar, mas pensa melhor e se inclina contra a parede.

“Então o que é?”

Ele abre a boca, fecha, abre, solta um grunhido frustrado e passa a mão pelo cabelo.

Sinto um disco familiar nas curvas de meus seios. Eu estou tão acostumada a usá-lo, que esqueci que estava lá. Envolvo minha mão em torno do pendente circular e o puxo do meu pescoço. A corrente se parte, se isso acontecesse ontem, eu ficaria devastada. Agora, não me importo. “Aqui.” Eu estendo para ele pegar.

A dor em seus olhos não me comove. Ele balança a cabeça, parecendo que acabei de matar o seu filhote de cachorro. “Eu não quero isso de volta. A fiz para você.”

“Exatamente.” Atiro nele, ele não faz nenhum movimento para agarrar a joia. Ambos observamos como o colar voa, passado por seu braço e desliza ao longo do chão para a escuridão de seu armário. Eu não sinto nada. “Há doze caixas na cozinha, todas cheias de seus pratos favoritos. Você pode congelar tudo porque duvido que até mesmo você seja capaz de comer em dois dias.”

“Gwen,” ele sussurra suavemente.

“Não,” digo e esfrego meus olhos. “Vou chamar um táxi.”

“Leve o seu carro,” ele implora, me seguindo pelas escadas até o primeiro andar onde está meu quarto. “Isso é mais para Dillan do que para você. Você disse que iria aceitaria as coisas para Dillan, certo?”

Eu pisco. Como ele é estúpido. Inferno, ele é muito estúpido. “Nathan, como diabos você espera que eu o possa manter aquele carro? O valor do seguro é ridículo, e ele bebe combustível como se respirasse ar.” Ele abre a boca para falar, mas eu não deixo. “Eu não tenho emprego, não tenho dinheiro e minha mãe não vai me deixar ficar por mais de um mês.” Ele abre a boca novamente, mas como antes, eu o interrompo. “Isso não é para que se sinta culpado. É a verdade. Eu não quero nada de você.”

“Eu vou sustentar vocês dois até que você volte a se estabilizar.” Sua voz está ali, e posso ver um lampejo de emoção em seus olhos. É remorso? “Vou alugar um apartamento para você. Há um realmente legal no...”

“Você pode me chamar um táxi? Eu preciso ir e pegar meu filho.” Mostro a ele meu telefone que apenas nesse segundo morreu, pois não pude carregá-lo na noite passada. “Não tenho bateria.”

“Só se você me prometer que vai deixar que eu pague o táxi,” ele exige, escondendo o telefone atrás das costas. “Ou melhor, ainda, deixe-me levá-la até a sua mãe.”

“Não,” eu recuso inflexivelmente e verifico em torno de meu quarto, procurando qualquer coisa que ele pode ter deixado para trás. “Obrigada, mas você já fez o suficiente por mim.”

“Então me deixe fazer algo mais.”

Uma pequena ira perfura através da minha bolha de dormência. “Não. Não quero mais nada de você. Você expressou seus sentimentos sobre nós alto e claro.”

“Nós?” Ele pisca em surpresa. “O que quer dizer com nós?”

“Eu quis dizer a mim.” Corrijo, amaldiçoando por meu deslize idiota, que ele sem dúvida ia perceber.

"Você disse nós."

"Bem, desculpe se estou um pouco confusa e de mau humor, Nathan." Sibilo e cutuco no peito. "Eu não sei se você percebeu, mas acabei de perder toda a minha vida... Mais uma vez."

Sua pele se torna um estranho tom de amarelo. "Não é isso o que está acontecendo. Você tem a oportunidade de voltar a ver seus amigos. Você terá a oportunidade de..."

"Esta é minha casa. Não... desculpe. Esta *era* a minha casa." Meu coração para, sua batida não existe mais. "Você era meu lar."

Ele dá um passo atrás, sua mão segurando a escrivaninha. "Caleb era seu lar."

"Sim," eu rio friamente. "Ele era. Mas ele está morto e eu perdi tudo." Então percebo algo e choro mentalmente por não ter percebido mais cedo. "Você me deu isso de volta. Só que de uma maneira diferente."

"Eu não sabia que você se sentia assim. Eu pensava..."

"Pare de pensar, não combina com você."

"Talvez possamos conversar sobre isso. Talvez eu tenha apressado minha decisão."

"Talvez você deva chamar um táxi para que eu possa pegar meu filho e encontrar uma maneira de chegar à minha mãe. Uma maneira que não envolva você. Além disso, isso não vai mudar nada, não é?"

Ele solta um grunhido de frustração, enquanto respondo minha pergunta sem palavras. Ao invés disso ele diz, "pelo menos me deixe te dar uma carona até Jeanine." Eu tento passar por ele, mas sua mão envolve meu bíceps. "Por favor."

Suspiro. “Bem. Dê-me um minuto, eu preciso ligar para a minha mãe.”

Ele acena com a cabeça e sai do quarto depois que aceno com a cabeça para a porta.

“Explique,” minha mãe diz, soando curiosa ao invés de irritada.

“Eu estou voltando para casa.”

“Bem, acho que é uma boa ideia, então, já posso desembalar suas coisas?” Posso ouvir o sorriso em sua voz. “Estou ansiosa para vê-lo. Envie-me uma mensagem quando você estiver chegando.”

“Farei isso. Obrigada mãe.” Eu desligo o telefone e olho para o meu quarto vazio.

Eu falhei.

* *

Nathan não diz nada enquanto me leva até Jeanine. Eu também não digo nada. Não estou inteiramente certa de que haja algo que possamos dizer. Ele deixou seus sentimentos claros e não tenho certeza de quais são os meus agora.

Ele para em frente à casa de Jeanine que não é muito longe da casa de Nathan, mas é suficientemente longe para eu querer vir caminhando até lá.

Antes que eu possa alcançar a maçaneta da porta, Nathan trava as portas fazendo o barulho das travas acionadas me assustarem. Dou um puxão, suspiro e me acomodo novamente. “Algum problema, Nathan?”

Ele acena com a cabeça, sua língua rastejando para umedecer seu lábio inferior. “Eu prometi que nunca iria machucá-la propositalmente.”

“Sim.” Aonde ele quer chegar com isso?

“Eu não estou fazendo isso para intencionalmente machucá-la também.” Ele murmura conspirativamente. Realmente não tenho cabeça para isso agora.

“Olha...” Eu coloco minha mão sobre a dele que descansa em sua coxa e dou-lhe um olhar suave. “Eu não culpo você. Você não precisa se sentir culpado. Dillan e eu não somos problemas seu e nunca fomos. Obrigada pela carona.”

O olhar que ele me dá mostra muito mais pesar que qualquer pessoa deveria ter que lidar. “Tudo o que fiz, eu fiz por você.”

“É por isso que não estou culpando você agora.”

Com um último olhar demorado em mim, ele finalmente desbloqueia as portas. “Eu sentirei sua falta, Gwen.”

Meu coração bate pesado. “Porque você está dizendo isso como se nunca mais fosse nos ver?” O pânico segue, não gosto disso. “E quanto a Dillan?”

Ele não responde, só torce as mãos no volante e olha para frente.

“Nathan?” Eu insisto, com minha voz fraca. “E quanto ao Dillan?”

“Eu...” Ele olha para longe de mim. “Eu não sei.”

“Não faça isso,” eu sussurro, cheia de dor e desespero. “Você me prometeu uma casa.”

“Eu lhe dei uma.”

“E agora você está tomando de volta.” Eu fungo, enquanto tento tão duro não chorar. “Você é meu melhor amigo.”

“Saia do carro, Guinevere,” ele diz grosseiramente.

“Não.”

Ele se inclina, enquanto mantém o rosto virado para longe de mim e empurra a porta aberta com a mão. A brisa fresca seca as lágrimas ardentes em minhas bochechas. “Saia do carro.”

Sacudindo a cabeça com decepção, eu me inclino e pressiono meus lábios contra sua bochecha antes de sair do carro. Ele inala uma respiração trêmula enquanto fecho a porta e aceno através do para-brisa.

Eu sou grata que ele não tenha partido até que estou dentro da casa de Jeanine, escutar o motor lentamente deixar a entrada é duro bastante. Ver, provavelmente me quebraria.

* *

“Não foi bem então?” Jeanine diz quando entro em sua casa. Ela está parada perto da janela e perto da porta. Assim, suponho que ela estava prestando atenção. Tiro Dillan de seus braços e o seguro nos meus.

“Você sentiu minha falta, querido? Sentiu?” Eu arrulho em uma voz de bebê. Olho para Jeanine e encolho os ombros. “Infelizmente, não.”

“Ele vai voltar.” Ela me tranquiliza, mas não preciso ser consolada. Agora estou muito zangada com Nathan para sequer considerar lutar por sua amizade. “O que ele disse?”

"Não muito. Você sabia que ele iria retirar todas as minhas coisas da casa?"

Ela balança a cabeça. "Ele me disse que tinha algum negócio familiar para lidar e precisava da casa livre, então disse a ele que eu iria convidá-la para passar a manhã comigo."

Quero ficar brava com sua traição, mas eu não posso; ela estava apenas cuidando de alguém que conhece desde que era uma criança. Eu não posso culpá-la por sua lealdade a ele e não comigo.

"Se eu soubesse que Nathan faria isso, eu teria dito a você." Seus olhos mantêm a sinceridade e eu acredito em suas palavras. Isso me traz uma pequena quantidade de alívio. "O que você vai fazer agora?"

Sopro um suspiro que acidentalmente pega Dillan no rosto e o faz empurrar ao redor com as pálpebras vibrando. Rindo, eu o levo para a sala e deito no tapete. Ele olha para as luzes piscando que pairam sobre sua cabeça e chuta suas pequenas pernas. "Vou ligar para minha mãe ou Sasha e ver se alguém pode me pegar."

"Bem, se não puderem, eu vou te levar."

Balanço cabeça. "Eu sei o quanto você odeia dirigir por longos períodos. Nós vamos ficar bem."

"Onde está o seu colar?" Ela pergunta e eu estremeço em resposta. "Oh, querida."

"Eu tive um momento de raiva," sussurro, sentindo vergonha de mim mesma. Meus dedos procuram o colar que não está mais lá. "Já volto. Vou fazer algumas ligações."

* *

Infelizmente, Sasha não pode me pegar até amanhã e o carro da minha mãe está na oficina. Isso me deixa sem opções. Talvez eu devesse aceitar aquela carona de Nathan.

Isso nos daria uma chance de conversar.

Enterrando meu orgulho, pego meu telefone, tendo que me inclinar sobre o sofá como o cabo do carregador conectado a ele, espero ter bateria suficiente para poder ligar sem ele desligar novamente.

Nathan atende depois de alguns toques. “Esqueceu algo?”

Sim. Você.

“Não... Humm... Ninguém pode me pegar até amanhã.” Admito e mordo o interior da minha bochecha. “Eu iria amanhã, Jeanine ofereceu para eu ficar, mas só tenho fraldas suficientes para até hoje à noite.” Eu ainda estou amamentando então comida não é um problema. “E não tem pijamas nem um lugar para dormir aqui.”

Ele não fala por um longo momento. “Eu vou te levar, mas não será até mais tarde. Na verdade, estou lidando com algumas coisas.”

“Eu também não devolvi as chaves da sua casa.” Digo a ele e dou um tapinha no meu bolso para confirmar.

“Vou pegá-las quando buscar você.” Ele faz uma pausa por um momento. “Lamento que tenha chegado a isso, Guinevere.”

O que digo? “Eu também.”

* *

Quanto mais eu penso sobre minhas ações de hoje cedo, mais envergonhada me sinto. Meu pescoço parece nu e mais do que qualquer coisa quero o meu colar de volta e apagar a dor que fluiu através dos olhos de Nathan quando o arranquei do meu pescoço.

Eu agi de forma irracional e, apesar de minha necessidade de ficar brava e minha necessidade de gritar, eu não posso. Ele está passando por algo e não sei se está tentando me proteger ou a si mesmo.

A indecisão nubla meu cérebro. Quero lutar por ele, mais do que tudo. Eu não posso suportar a ideia de perdê-lo, mas também não suporto ser o alvo de sua raiva sempre que algo fica difícil.

E se essa pessoa, que claramente está chantageando Nathan for perigosa? Isso me preocupa. Não tenho apenas a mim para pensar, tenho Dillan agora. Talvez eu só tenha que colocar minha fé em Nathan e confiar que ele lidou com tudo.

Ou talvez eu deva entrar em pânico e ligar para a polícia. Mas o que diria a eles?

* *

Tomo uma decisão finalmente. Não é uma decisão enorme e não vai mudar muito, mas vai ajudar a minha consciência um pouco. “Você pode cuidar de Dillan para mim de novo?” Pergunto a Jeanine, esperando que eu não esteja abusando da minha sorte.

Ela me joga as chaves do carro e acena para ir. Ótimo.

25

A casa está escura e vazia quando eu chego. O único carro na entrada é a minha BMW. Deslizo para fora do carro de Jeanine e pego minhas chaves.

Tudo que eu quero é o meu colar de volta. Nunca deveria tê-lo arrancado e a minha consciência está me deixando louca. Uma vez que o pegar, vou consertá-lo e enviá-lo de volta para ele. Ou vou guardar a joia comigo. Ainda não decidi.

Ando na ponta do pé para cima pelas escadas, me sentindo como uma criminosa e rezando para que Nathan não tenha pensado em trancar a porta do quarto dele.

Ele não trancou. Graças a Deus.

Não acendo a luz, o quarto está iluminado pelas luzes de sua cabeceira, mas posso ver onde estou indo.

Usando a luz do celular, me ajoelho em seu armário e procuro o colar de ouro.

Quase imediatamente, no canto mais distante, a minúscula joia vermelha cintila para mim. Eu sorrio e me arrasto para frente antes de agarrá-lo com uma mão. Pego, mas a corrente fica presa em algo, fazendo-me soltar. Deve ser um prego solto. Há roupas penduradas acima, escurecendo o local, puxo e sinto o final da corrente presa.

Uso o meu telefone novamente e mordo meus lábios quando vejo a corrente presa entre o rodapé e o assoalho. Quais são as chances?

Eu dou outro puxão, mas não chego a lugar nenhum. Além disso, estou preocupada em quebrar a corrente ainda mais.

Deslizando de barriga, rezo para que não haja aranhas e encosto meu telefone contra um sapato para que ele ilumine diretamente onde a corrente está presa. Dou outro puxão. Nada.

Droga.

Está realmente presa lá. Acho que o fecho deslizou e torceu.

Levanto-me e vou até uma gaveta de Nathan, perto da cama. Eu o vi pegar canetas e coisas daqui, estou esperando que haja algo que eu possa usar.

Que porra? Quando...? Meu Deus.

Pego a foto e pisco com espanto. Somos Nathan e eu na roda-gigante, estou grávida, minha cabeça está descansando contra seu ombro e seu queixo está em cima de minha cabeça.

Recordando daquele dia e de repente me ocorre que isso é o que ele deve ter ido comprar quando fui ao banheiro naquela noite na feira. Minha boca se estica em um sorriso suave, toco a foto afetuosamente com a ponta do meu dedo e coloco de volta na gaveta.

Acho que Nathan sente algo mais por mim do que percebi. De que outra forma posso explicar essa foto secreta? Ele claramente não queria que eu soubesse que a tinha, ou por que a esconderia. Ou isso ou ele teria pelo menos me mostrado.

Então, quanto tempo se sentiu assim? Eu pensei que ele não gostava de mim naquela época.

Minha mente volta para o meu colar e pego uma régua (por que diabos ele tem uma régua ali eu não tenho ideia) e volto para afrouxar o colar do rodapé.

A régua desliza entre o assoalho e a corrente. Eu deslizo-a ao longo da fenda até que estou alguns centímetros de distância de minha joia.

Clique. Uh-oh. O rodapé apenas deslocou da parede. Isso não é bom.

Minha atenção agora está no pequeno espaço escuro, tenho certeza que posso ver alguma coisa. Como uma caixa. Usando a luz do meu telefone eu ilumino o buraco, com medo de que vou encontrar qualquer criatura. Em vez disso, acho um espaço muito pequeno, limpo, cheio de caixas de DVD perfeitamente alinhadas.

O que é isso?

A coleção de pornô de Nathan? Não posso evitar, minha curiosidade não vai me deixar deixá-los para trás. Se for pornô ou possivelmente até mesmo Nathan fazendo coisas obscenas eu vou apenas colocar tudo no lugar de volta.

Eu tenho tanta sorte. Caleb sempre disse que eu tinha sorte e ele estava certo. Parece que estava destinada a encontrar isso. Quais são as chances de que isso aconteceria porque joguei meu colar aqui?

Passo o dedo pelas capas lisas e pretas com rótulos ao longo da borda estreita. Meus olhos imediatamente se concentram em uma que parece separada de todas as outras. É a única que está rotulada.

Primeira vez
(Inc --- Stephan)

Não é o nome do Sr. Weston? Tenho certeza que sim.

Eu puxo três dos DVDs não etiquetados e volto para o quarto de Nathan. Eu deveria ter prestado mais atenção a respeito de onde tudo estava, ele provavelmente perceberá que mexi neles – sendo o perfeccionista que ele é.

Eu gostaria de ter uma TV no meu quarto, menos chance de ser pega, mas sei que ele não vai voltar por um tempo. Mesmo assim, minhas mãos tremem com o pensamento.

* *

Quando abro o DVD o título me confunde.

Eu não hesito em colocar o disco no aparelho de DVD, conectado atrás da TV e aperto o play.

Ele sabia.

Que tipo de título é esse para um pornô caseiro? Supondo que seja um filme pornô.

Empurro o DVD no aparelho e me sento de joelhos. A tela fica tremida por alguns minutos e com ruídos. A qualidade não é boa. Huh parece ser algum tipo de... Oh meu Deus. Isso é aqui, eu reconheceria aquela porta da frente em qualquer lugar.

“Onde ele está?” Um homem que não reconheço fala por trás da câmera. “Onde meu grande garoto está hoje?”

Oh, é algum tipo de vídeo caseiro familiar.

“Aqui, Vovô, aqui!” Eu solto uma risada surpresa, com um garoto de cabelos escuros que não pode ter mais de seis

anos, ele vem correndo pela porta e desaparece da câmera, enquanto sem dúvida abraça seu avô. Espere... Eu vi esse garoto antes. A foto que eu encontrei. É Caleb!

Meu coração se eleva.

“Olhe o que o Vovô tem aqui, Nathan.”

Uau. É o Nathan? Ele tem certeza? Ele deve ter, ele é o avô deles. A semelhança é incrível.

“Legal.” O vídeo treme muito e crepita enquanto o avô do menino lhe mostra a câmera.

Nathan agora está de volta à vista, seu rosto só parece estar a poucos centímetros de distância da câmera. Meu Deus. Conheço aqueles olhos, aqueles lábios e aquelas sardas. É o Nathan. É Nathan! Agora que estou ficando mais atenta, posso dizer que é ele.

“E quantos anos você tem agora?” Pergunta o avô enquanto tira a câmera do menino feliz. Tão despreocupado, tão feliz. É estranho ver Nathan assim.

O garoto sorri e o sorriso é tão fácil, isso me lembra tanto de Caleb. “Eu fiz seis anos ontem!”

“Eu estou supondo que você vai querer um presente?”

O pequeno rapazinho salta no local, sua apertada camiseta branca com uma gravata azul é a única coisa a vista enquanto ele pula. Ele pode saltar bem alto, para um garoto de sua idade. “Por favor, por favor, por favor.” Aww, ele disse por favor. Ele é tão adorável.

“Venha então.” Seu Avô leva-o para fora. “Para o celeiro.”

“Sim!” Nathan grita, seu pequeno punho bate no ar. “Para o celeiro!” Ele diz isso como um super-herói e voa para frente através da grama. Não posso reprimir meu sorriso com seu comportamento brincalhão.

Aí eu consigo ver o celeiro que foi queimado ao chão.

Minhas suspeitas logo são confirmadas quando eles chegam ao enorme celeiro branco, quase tão grande quanto a casa. Vejo a mão levemente envelhecida do avô abrindo uma porta lateral e empurrando-a aberta. Esse balanço da câmera está me deixando um pouco enjoada.

"Onde está? Onde está?" Nathan salta para cima e para baixo agitado no local apenas poucos passos da porta. As luzes se acedem, mostrando como era terrível a qualidade da câmera de vídeo de dezoito anos atrás. E esta câmera de vídeo é provavelmente uma das melhores da sua época. Quem fez esses vídeos deve ter tido um monte de problemas para converter as gravações em um DVD.

"Você verá, mas primeiro..." ouço a porta ser fechada e trancada "...eu preciso lhe contar um segredo. Você pode guardar um segredo?" A câmera focaliza o rosto do menino, que de repente fica sério enquanto balança a cabeça ansiosamente. Por que estou de repente me sentindo desconfortável? Onde estão os animais deste celeiro? "Bom. Você é muito especial para mim, Nathan. Você é meu neto primogênito. Isso significa que quando eu morrer, tudo isto será seu."

"Tudo isso o quê?" Nathan pergunta, seu nariz bonito franzido.

"Minha casa, este celeiro, meus carros." Carros? Eu não vi nenhum carro. Talvez Nathan os tenha vendido.

"Legal! Eu posso ganhar meu presente agora?"

Eles entram no que parece ser outro cômodo no celeiro, eu não sei muito sobre celeiros, mas sei que eles devem ter mais espaço do que isso. Este cômodo é um pouco maior do que o último e estou querendo saber por que há uma cama no canto. Talvez seja onde os funcionários da fazenda

descansassem ou passassem a noite. Há uma pia também, mas não parece estar em muito bom estado.

O avô liga outra luz, mas não é muito boa. Eu mal consigo ver o rosto de Nathan, mas posso ver sua camiseta branca perfeitamente. Parece um marinheiro.

O avô se move ao redor e fica ao lado da cama, a câmera ainda apontando para um curioso Nathan.

"Pronto para seu presente?" O Avô pergunta a Nathan que sorri. "Você o terá com uma condição."

"Qual?"

Oh meu Deus.

* *

Minha mão voa para a boca e lágrimas queimam meus olhos. Eu assisto, mas eu não consigo. Eu grito, mas não posso. Eu soluço, mas não sai nada. Não consigo olhar para longe e antes que seja tarde demais corro para o banheiro e vomito.

"Por que seu pipi está de fora vovô?"

Meu Deus. Meu corpo não vai parar de tremer.

"Bem, para pegar seu presente você tem que ser um menino muito bonzinho. Nós vamos jogar um jogo muito divertido."

"Que jogo?"

"Eu preciso que você faça algo para mim."

"Eu acho não que quero."

Meu estômago se agita novamente, mas minha mente não se move para outra coisa.

Meu corpo está em choque Só sei disso. Oh. Aquele pobre rapaz. Aquele pobre menino.

"Pare! Pare! Isso dói! Por favor, pare! PAPAI! MAMÃE!"

Os gritos, os choros, a misericórdia. Bile me sobe novamente.

Eu vejo tudo. Quero desviar o olhar, mas preciso ver, para absorver a dor dele. Saber o que ele sentiu.

"TOME!"

Corro pelo quarto e apressadamente pego o DVD da TV. Parece fogo em minhas mãos. Eu coloco de volta em sua capa e coloco em meu casaco. Eu não sei o que vou fazer com isso, mas sei que não posso simplesmente não fazer nada.

Oh meu Deus. Lágrimas derramam, a minha visão borra. Não acredito nisso.

Nathan.

Oh Deus. Nathan. *Eu sinto muito que isso tenha acontecido com você.*

Eu não deveria fazer isso... não deveria, mas preciso saber se há mais. Se todas as gravações são de abuso?

Verifico todos os DVDs, um pouco cada, um por um, apenas um vislumbre para confirmar.

Levo alguns minutos, mas consigo passar a pilha inteira deles que estavam escondidos atrás do rodapé. Apenas olhando para alguns e soluçando quando percebo que o último é de Nathan quando parece ter onze anos.

O vômito sobe novamente, mal chego ao banheiro dessa vez. O som do horror vindo da TV só me faz sentir pior.

Minha respiração está fora de controle, minha mente quer desligar e bloquear tudo. As coisas que acabei de testemunhar são muito dolorosas para suportar. Como Nathan pôde viver com isso? Por que ele nunca disse nada?

Como pode morar aqui depois de passar por isso?

Eu lavo minha boca depois de escovar meus dentes com uma escova disponível debaixo da pia e encaro meu reflexo no espelho. Nathan. Oh meu Deus. Nathan.

Pobre Nathan.

Isto explica tudo. Oh Deus.

Soluço.

Meu rosto arde das minhas lágrimas salgadas, elas não vão parar.

"TOME!"

É por isso que Nathan tem problemas com as mãos... Não é? O que eu vou fazer?

"Que merda você fez?" Eu giro minhas costas batendo na pia enquanto meus olhos pousam em um Nathan furioso, suas mãos apertando o batente da porta como se o ancorassem. "O QUE VOCÊ FEZ?"

"Nathan," eu tento, mas ele me cala quando agarra meu cabelo, em sua mão. Não é doloroso, nem um pouco, mas

poderia dizer que ele apenas puxou um pouco mais forte. O medo se mistura com o arrependimento e meu corpo já fraco começa a tremer. “Eu...”

O tom dourado de sua pele agora está vermelho, uma veia lateja furiosamente em sua testa. “Eu disse para você ficar fora do meu quarto!”

“Eu...”

Sou arrastada pelo corredor e jogada grosseiramente contra a parede. Novamente, não me machuca, mas me apavora. Meus ossos chocalham e meu medo cresce. “EU DISSE A VOCÊ!”

“Eu sei... Eu não quis...” Grito e cubro meu rosto quando seu punho sobe; ele não me bate, ele bate na parede ao lado da minha cabeça. Meu instinto de fuga se ativa, passo por debaixo do seu braço e tento escapar.

Não dou três passos, um braço envolve meu torso, me puxando de volta em seu peito. “Deixe-me ir!” Eu imploro minhas lágrimas agora de medo. O que ele vai fazer? “Por favor, Nathan, deixe-me explicar.”

Eu me debato, tentando livrar meus braços, mas ele segura meus pulsos, prendendo-os contra os meus seios. “Onde você os achou?”

“No... no armário.” Gaguejo e solto um soluço. “Eu voltei por que queria o meu colar, ele ficou preso. Quando tentei tirá-lo, o rodapé saiu.” Sua respiração pesada bate na minha orelha, ele soa como estivesse prestes a hiperventilar. “Eu pensei que eram vídeos caseiros da família. Eu juro... Mas então... Eu chequei os outros.”

Choramingo quando ele me gira em seus braços e me bate contra a parede. Sua mão agarra meu pescoço enquanto Nathan move seu rosto para minha orelha. “Se você alguma vez você contar a alguém sobre isso...”

"Eu..."

Ele aperta a parte de trás do meu pescoço, efetivamente me silenciando. "Eu vou acabar com você." A maneira como ele diz isso é tão ameaçadora, tão fria, que mal reconheço o Nathan que eu pensei que conhecia.

Meus olhos se arregalam com medo e meu corpo treme ainda mais do que antes. "Nathan." Deslizo a mão para cima em seu braço e toco sua bochecha, ele desvia o olhar, a vergonha nublando seus traços. Do que ele se envergonha? "Eu sinto muito que isso tenha acontecido com você."

Seu corpo se contrai, seus músculos agora duros sob sua pele. "Saia daqui." Ele se afasta e me olha com uma raiva tão poderosa, eu me encolho. O casaco é arremessado para mim. "Não volte, Gwen."

"Nathan..." Eu tento, minha testa franzida com simpatia e preocupação. "Eu..."

"Eu disse para sair!" Ele berra e aperta meu braço. Eu sou puxada escada a baixo, tropeçando ligeiramente enquanto minhas pernas lentas tentam acompanhar seus passos rápidos e furiosos.

"Por favor, não..."

"Não." Ele balança a cabeça e põe uma mão sobre a minha boca. "Eu nunca mais quero vê-la, eu nunca quero ouvir falar de você novamente." Sou conduzida pelo último conjunto de escadas, lágrimas ardem em minhas bochechas.

"Nathan, por favor."

"Cale a boca!" Ele rosna, arrastando-me para a porta. "Eu falo sério, Guinevere." A porta se abre e sou empurrada para fora no frio. Olhos frios e sem emoção castanhos atacam os meus. "Você está morta para mim." A porta se fecha, deixando-me petrificada no local.

“Oh meu Deus,” eu murmuro, meus dentes batendo. As lágrimas que caíam antes de agora correm dos meus olhos em dois riachos sem fim. Eu mantenho meu casaco apertado e corro para o carro de Jeanine. Tenho que sair, e tenho que sair agora. Qualquer demônio que Nathan tem dentro de si não é algo que quero enfrentar. Ele claramente não quer compartilhá-lo e não posso culpa-lo. Só consigo imaginar o que é ter um segredo tão poderoso.

Vou fazer o que ele quer.

* *

Eu tento não quebrar quando chego à casa de Jeanine.

Sim. Eu quebro tão feio, que nem consigo respirar enquanto choro.

Jeanine imediatamente se ajoelha ao meu lado e me puxa em seus braços. Ela tenta me tranquilizar que tudo vai ficar bem. Não é como se eu não soubesse que tudo ficaria bem. Claro que vai ficar tudo bem, se há uma coisa que aprendi ao longo destes últimos meses, desde que perdi Caleb, é que a vida continua. Eu vou ficar bem, mas nunca serei a mesma.

Não depois do que eu acabei de ver.

Nathan... meu pobre Nathan. Como lidar com isso? Quero tirar a dor dele, mas não acho que ele quer isso.

Outro homem Weston entrou em minha vida, me fez sentir viva e depois saiu sem olhar para trás. Para Caleb, foi a natureza que o tirou de seu corpo, com Nathan foi a natureza tirando-o de mim. Diferentes tipos de natureza, forçada em ambos. Caleb foi uma natural, Nathan foi uma tão antinatural, que me assusta até mesmo pensar.

Eu vou vomitar novamente.

Nathan nunca seria assim se não fosse pelo avô. Se o homem ainda estivesse vivo, provavelmente o mataria eu mesma. O diabo o sentenciaria à prisão no inferno.

Caleb também foi abusado? Não... algo me diz que isso nunca aconteceu com Caleb.

Mas por quê?

Será que alguma vez saberei as respostas? Quero mesmo saber?

Não. Acho que não. Quero pegar meu filho e ficar longe daqui.

Então é isso que farei. É o que tenho que fazer.

E dói tanto, saber que ele está sofrendo...

Continua...